UNIVERSIDADE DE CAXIAS DO SUL
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM TURISMO E HOSPITALIDADE

CRISTIANE MESQUITA GOMES ALBUQUERQUE MARTINS

DOS JOAQUIMITAS, FRANCISCANOS E ARAGONESES AOS AÇORIANOS: A HOSPITALIDADE NA TEIA DA COMENSALIDADE NA FESTA DO DIVINO ESPÍRITO SANTO EM ALCÂNTARA (MA) E DISTRITO DE CRIÚVA (CAXIAS DO SUL-RS)

CAXIAS DO SUL
2019

CRISTIANE MESQUITA GOMES ALBUQUERQUE MARTINS

DOS JOAQUIMITAS, FRANCISCANOS E ARAGONESES AOS AÇORIANOS: A HOSPITALIDADE NA TEIA DA COMENSALIDADE NA FESTA DO DIVINO ESPÍRITO SANTO EM ALCÂNTARA (MA) E DISTRITO DE CRIÚVA (CAXIAS DO SUL-RS)

Tese de Doutorado submetida à Banca Examinadora designada pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação em Turismo e Hospitalidade, da Universidade de Caxias do Sul, como parte dos requisitos necessários para a obtenção do título de Doutora em Turismo e Hospitalidade. Linha de Pesquisa: Turismo, Cultura e Educação.

Orientadora: Prof.ª Dr.ª Susana de Araújo Gastal.

CAXIAS DO SUL

2019

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Universidade de Caxias do Sul Sistema de Bibliotecas UCS - Processamento Técnico

M386d Martins, Cristiane Mesquita Gomes Albuquerque
Dos joaquimitas, franciscanos e aragoneses aos açorianos : a hospitalidade na teia da comensalidade na festa do Divino Espírito Santo em Alcântara (MA) e Distrito de Criúva (Caxias do Sul-RS) / Cristiane Mesquita Gomes Albuquerque Martins. – 2019.
309 f. : il. ; 30 cm

Tese (Doutorado) - Universidade de Caxias do Sul, Programa de Pós-Graduação em Turismo e Hospitalidade, 2019.
Orientação: Susana de Araújo Gastal.

1. Festa do Divino - Alcântara (MA). 2. Festa do Divino - Criúva (Caxias do Sul). 3. Hospitalidade. I. Gastal, Susana de Araújo, orient. II. Título.

CDU 2. ed.: 394.2

Catalogação na fonte elaborada pela(o) bibliotecária(o)
Paula Fernanda Fedatto Leal - CRB 10/2291

CRISTIANE MESQUITA GOMES ALBUQUERQUE MARTINS

DOS JOAQUIMITAS, FRANCISCANOS E ARAGONESES AOS AÇORIANOS: A HOSPITALIDADE NA TEIA DA COMENSALIDADE NA FESTA DO DIVINO ESPÍRITO SANTO EM ALCÂNTARA (MA) E DISTRITO DE CRIÚVA (CAXIAS DO SUL-RS)

Tese de Doutorado submetida à Banca Examinadora designada pelo Colegiado do Programa de Pós-graduação em Turismo e Hospitalidade, da Universidade de Caxias do Sul, como parte dos requisitos necessários para a obtenção do título de Doutora em Turismo e Hospitalidade. Linha de Pesquisa: Turismo, Cultura e Educação.

Aprovado(a) em 04/04/2019

Banca Examinadora

_____
Prof.ª Dr.ª Susana de Araújo Gastal (Orientadora)
Universidade de Caxias do Sul – UCS

_____
Prof.ª Dr.ª Marcia Maria Cappellano dos Santos
Universidade de Caxias do Sul – UCS

_____
Prof.ª Dr.ª Vania Beatriz Merlotti Herédia
Universidade de Caxias do Sul – UCS

_____
Prof. Dr. Paulo César Nodari
Universidade de Caxias do Sul – UCS

_____
Prof. Dr. Francisco Agileu de Lima Gadelha
Universidade Estadual do Ceará – UECE

Dedico esta pesquisa à minha família, Alberto Mauro Albuquerque Martins e Lucas Gomes Martins, pelo incentivo, parceria e compreensão durante o tempo que estivemos separados.

AGRADECIMENTOS

Agradeço à minha família, meus pais e irmãs, filho e marido por terem suportado a distância e por não me deixarem desistir.

À Prof. Susana Gastal, por tudo que me ensinou, pela paciência e parceria, pela construção da pesquisa e construção uma da outra. À ti meu carinho, respeito e amizade, eternos.

Ao Padre Paulo Cesar Nodari, meu confessor, amigo e professor, responsável por abrir todas as portas para a pesquisa em Criúva.

A todos que participaram, em Alcântara e Criúva, me recebendo com paciência e carinho.

Ao Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia do Maranhão, por ter me mantido no quadro funcional e incentivado a formação.

A todos os professores do PPGTURH – Universidade Caxias do Sul.

À Regina Mantesso, por ter me ofertado um sorriso e um ombro amigo a cada momento difícil.

À CAPES pela bolsa concedida, condição *sine qua non* para a viabilidade e realização deste trabalho.

Aos amigos que conquistei na UCS: Renato, Simone, Helena, Juliana, Marcela, Maicon, Duda e Mateus, agradeço a boa escuta, a cumplicidade e a parceria.

Aos colegas da primeira turma do Doutorado em Turismo e Hospitalidade da UCS: Helena, Marcela, Silvana e Eduardo, pela troca e aprendizado constante.

Numa sociedade de egoísmo, onde não há comunhão suficiente para humanizar as relações, nem são respeitadas as diferenças, é indicado partir das relações iguais, amorosas e unitivas entre as três Pessoas. Então aparece claro que a Santíssima Trindade é a melhor comunidade [...].

Leonardo Boff

RESUMO

A pesquisa intitulada Dos joaquimitas, franciscanos e aragoneses aos açorianos: A Hospitalidade na teia da Comensalidade na Festa do Divino Espírito Santo em Alcântara (MA) e Distrito de Criúva (Caxias do Sul-RS), tem como objeto as práticas de Comensalidade nas comemorações do Divino Espírito Santo em Alcântara-MA e no Distrito de Criúva, Caxias do Sul-RS, nas suas interligações com a Hospitalidade. O objetivo é o de estabelecer relações das práticas de Comensalidade e as interligações com a Hospitalidade, nas Festas do Divino Espírito Santo como comemoradas em Alcântara e Distrito de Criúva como expressão de diferenças culturais (Sul/Nordeste), culturalmente distintos, mas aproximados pela festa. Atende às questões de pesquisa: como se dá a Hospitalidade nos rituais das festas do Divino Espirito Santo? As festas do Norte e do Sul apresentam diferenças substanciais nos seus rituais? A estratégia metodológica, de caráter qualitativo, seguiu os pressupostos da observação participante, envolvendo além da observação em espaços festivos como casas de fiéis, mais propriamente; entrevistas abertas com pessoas da comunidade envolvida, visitantes e gestores religiosos; registros fotográficos e gravações de procissões, missas, banquetes e jantas. Para tratamento dos dados houve uso do software Max QDA. Para compreensão da Santíssima Trindade, especialmente na dimensão do catolicismo popular, o resgate histórico reportou à Baixa Idade Média e à exaltação do Espírito Santo por Joaquim De Fiore, abade cisterciense, defendia que o Tempo do Espírito Santo seria de equidade e justiça social. As ideias do monge influenciaram, entre outros, a rainha Isabel de Aragão, que passa a incentivar a exaltação e os festejos em homenagem ao Divino. Em tempos seguintes, a devoção será especialmente forte nos Açores, de onde chega ao Brasil pelas mãos dos imigrantes açorianos. A digressão histórica priorizou a compreensão da Hospitalidade, imbricada nas formas de festejar o Divino Espírito Santo, na atualidade comemorado em muitos estados brasileiros, mas com contornos diferenciados em cada região. Em Alcântara-MA, hibridizando-se tradições indígenas, africanas e europeias, a Festa reporta a cultura quilombola expressa especialmente nos alimentos e bebidas servidos, de maneira farta e gratuita, a todos que se fizerem presentes. Os festejos centram-se a partir da tutela das Caixeiras do Divino, com fortes marcas quilombolas. Em Caxias do Sul-RS, o Distrito de Criúva tem história própria, não necessariamente associada à da sede municipal, onde se misturam tradições portuguesas e heranças tropeiras, depois hibridizadas com a presença de outras etnias europeias. A Festa é comandada por casais da comunidade, em relação direta com a Igreja Católica. Em ambos os casos, as tradições associadas à festividade ancoram-se na família, que as repassa entre gerações. Em termos teóricos, a pesquisa associa a festividade à Hospitalidade e à Comensalidade. Ambas se sedimentam na religião católica, mantendo-se fiéis aos predicados do catolicismo popular às tradições das culturas locais. Em Alcântara, com renda per capta três vezes menor do que a de Criúva, a distribuição de alimentos é gratuita e permeia quase todo o período de Festa. Já na festa sulista, a oferta de alimentos gratuitamente se dá apenas durante as louvações; nos demais dias há venda de ingressos para os jantares e almoços, para garantir o financiamento da Festa. As personagens constituintes do legado, a exemplo dos Açores, são basicamente as mesmas, variando os papéis que

desempenham nas festividades. Denotaram Hospitalidade com as práticas de Comensalidade, ainda que a Hospitalidade em sentido de alteridade se instaure no período de Pentecostes e, depois, os conflitos sociais voltam a imperar.

Palavras-chave: Hospitalidade. Comensalidade. Festa do Divino Espírito Santo. Maranhão e Rio Grande do Sul.

ABSTRACT

The research titled Dos joaquimitas, Franciscan and Aragonese to the Azoreans: The Hospitality in the web of Commensality in the Feast of the Divine Holy Spirit in Alcântara (MA) and District of Criúva (Caxias do Sul-RS), has as its object the practices of Commensality in the celebrations of the Divine Holy Spirit in Alcântara-MA and in the District of Criúva, Caxias do Sul-RS, in their interconnections with Hospitality. The objective is to establish relations of the practices of Commensality and the interconnections with Hospitality, in the Festivities of Divino Espírito Santo as celebrated in Alcântara and District of Criúva as an expression of cultural differences (South / Northeast), culturally distinct, but approximated by the party. It answers the questions of research: how does Hospitality in the rituals of the feasts of Divine Holy Spirit? Do the feasts of the North and the South present substantial differences in their rituals? The methodological strategy, of a qualitative nature, followed the presuppositions of the participant observation, involving besides the observation in festive spaces like houses of the faithful, more properly; open interviews with people from the community involved, visitors and religious managers; photographic records and recordings of processions, masses, banquets and dinners. For data treatment, the Max QDA software was used. For the understanding of the Holy Trinity, especially in the dimension of popular Catholicism, the historical rescue reported to the Low Middle Ages and the exaltation of the Holy Spirit by Joachim De Fiore, a Cistercian abbot, argued that the Holy Spirit's time would be of equity and social justice. The ideas of the monk influenced, among others, the queen Isabel de Aragão, that starts to encourage the exaltation and the festivities in homage to the Divine. In later times, devotion will be especially strong in the Azores, from where it arrives in Brazil at the hands of the Azorean immigrants. The historical digression prioritized the understanding of Hospitality, imbricated in the ways of celebrating Divino Espirito Santo, currently celebrated in many Brazilian states, but with different contours in each region. In Alcântara-MA, hybridizing to indigenous, African and European traditions, the Festival reports the quilombola culture expressed especially in the food and beverages served, in a rich and gratuitous way, to all who make themselves present. The festivities are centered on the tutelage of the Caixeiras do Divino, with strong quilombola marks. In Caxias do Sul-RS, the District of Criúva has its own history, not necessarily associated with that of the municipal headquarters, where Portuguese traditions and tropean heritages are mixed, later hybridized with the presence of other European ethnicities. The Feast is led by couples in the community, in direct relationship with the Catholic Church. In both cases, the traditions associated with the festival are anchored in the family, which passes them between generations. In theoretical terms, research associates festivity with Hospitality and Commensality. As a result, it is pointed out that the feasts resemble the emphasis on Commensality, meaning a large distribution of food in the name of the Holy Spirit, in the gathering and receiving of devotees and in recognizing them as the legitimate Other who places in the Holy Spirit faith and gratitude. Both settle in the Catholic religion, remaining faithful to the predicates of popular Catholicism to the traditions of local cultures. In Alcântara, with a per capita income three times lower than that of Criúva, the distribution of food is free and pervades almost the entire period of Festa. Already in the southern party, the offer of

food gratuitous occurs only during the praises; in the other days there is sale of tickets for the dinners and lunches, to guarantee the financing of the Festa. The constituent characters of the legacy, like the Azores, are basically the same, varying the roles they play in the festivities. They denoted Hospitality with the practices of Commensality, although Hospitality in the sense of alterity is established in the period of Pentecost and then, the social conflicts return to rule.

Keywords: Hospitality. Commensality. Feast of the Divine Holy Spirit. Maranhão and Rio Grande do Sul.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – Mapa do Brasil destacando os Estados do Maranhão (Alcântara) e Rio Grande do Sul (Caxias do Sul – Distrito de Criúva) 27

Figura 2 – Representação geográfica da cidade de Alcântara no Estado do Maranhão 74

Figura 3 – Ruína da Praça da Matriz na cidade alcantarense 80

Figura 4 – Lateral da Praça da Matriz 81

Figura 5 – Ladeira do Jacaré 82

Figura 6 – Capela das Mercês 83

Figura 7 – Mulheres, artesãs de Itamatatiua 85

Figura 8 – Artesanato produzido pelas mulheres da comunidade quilombola de Itamatatiua 86

Figura 9 – Conjunto de práticas da Festa do Divino Espírito Santo de Alcântara de meados do Século XX 87

Figura 10 – Ponte dos Korff (sobre o Rio das Antas) 102

Figura 11 – Igreja Matriz – Distrito de Criúva 105

Figura 12 – Referente a Decima Ilha Açoriana, Revista Semestral, ano 4-n.9 Revista Semestral da Presença Açoriana-Porto Alegre-RS-Brasil 2014 120

Figura 13 – CAPA DO DVD Divino Espírito Santo – RTP 121

Figura 14 – Rainha Santa Isabel, no interior da Igreja do Espírito Santo em Alenquer 122

Figura 15 – Igreja do Espírito Santo, em Alenquer, fundada pela Rainha Isabel .. 123

Figura 16 – Igreja do Espírito Santo fundada pela Rainha Isabel em Alenquer 123

Figura 17 – Cartaz em expositor de ferro, produzido pela Prefeitura alcantarense, “canto solitário da caixeira-mor-2017” 134

Figura 18 – Caixeiras em meados do séc. XX 135

Figura 19 – Cortejo do Divino Espírito Santo pelas ruas de Alcântara em meados do séc. XX 135

Figura 20 – Prato de doces de espécie, servido aos visitantes em Alcântara 136

Figura 21 – Império no entorno da mesa de doces na Casa do Divino de Alcântara 137

Figura 22 – Ano de Imperatriz – Alcântara – MA 138

Figura 23 – Atual imagem das Caixeiras do Divino em Alcântara 140

Figura 24 – Alimento em acolhimento aos visitantes em casa de festeiro alcantarense durante Festa do Divino Espírito Santo 140

Figura 25 – Quilombo Itamatatiua – Alcântara – MA 141
Figura 26 – Distrito de Criúva 142
Figura 27 – Município de Caxias do Sul-RS, destacando Distrito de Criúva 143
Figura 28 – Registro do Livro Tombo da Paróquia de Criúva 145
Figura 29 – Descrição das personagens da Festa de Criúva e hinos tradicionais 146
Figura 30 – Envio da Bandeira, visita do cortejo do Divino às casas dos criuvenses 148
Figura 31 – Queijo gigante – atração na Festa de Criúva, produzido com doações 149
Figura 32 – Partilha dos alimentos na janta de Criúva 151
Figura 33 – Fartura e cultura na Festa do Divino do Distrito de Criúva 151
Figura 34 – Depoimento do Pe. Osmar falando da Festa citando o Padre Pedro e a Hospitalidade e Divino Espírito Santo 153
Figura 35 – Imagem do primeiro dia de Festa em Criúva – Comensalidade em frente à Igreja 164
Figura 36 – Imagem dos principais códigos analisados no Software Max QDA ... 169
Figura 37 – Códigos e subcódigos com estatística entre Alcântara e Criúva 170
Figura 38 – Mapa da Hospitalidade interseccionada nos códigos extraídos dos discursos em Alcântara e Criúva 172
Figura 39 – Modelo com caso único – Alcântara 174
Figura 40 – Modelo de caso único – Criúva 175
Figura 41 – Modelo com dois casos – Alcântara e Criúva – Hospitalidade e Comensalidade 176
Figura 42 – Banquete na Casa do Divino de Alcântara – Mordomo Baixo – Bruno David 180
Figura 43 – Preparação dos alimentos para a festa do Divino em Criúva 184
Figura 44 – Jorge Boca de Sino, um dos últimos companheiros do Padre Pedro 185
Figura 45 – Confraternização e acolhimento em casa de alcantarense durante festa do Divino Espírito Santo 188
Figura 46 – Mordoma 2016 da Festa do Divino de Alcântara 189
Figura 47 – Casal Alves ao lado da Bandeira do Divino 193
Figura 48 – D. Glória com as referências do Divino Espírito Santo que protegem seu lar 196
Figura 49 – Imperatriz do Trono 2018 201
Figura 50 – Padre Osmar celebrando missa Crioula, 1971 204
Figura 51 – Cortejo com lanternas artesanais durante a festa do Divino alcantarenses 206

Figura 52 – Casal Grisan com a própria Bandeira do Divino 212
Figura 53 – Claudia e Guadalupe Traslatti ao lado da Bandeira do Divino 213
Figura 54 – Casal de Capitães do Mastro 216
Figura 55 – Equipe de organização da Festa de Criúva 218
Figura 56 – Festa do Divino Espírito Santo em Caxias do Sul, 1905 223

SUMÁRIO

1	**INTRODUÇÃO**	**16**
1.1	A PESQUISA	20
1.1.1	**A coleta de dados**	**23**
1.1.1.1	Os sujeitos e as falas	24
1.1.1.1.1	*Recorte Espacial*	*26*
1.2	O OBJETO DE ESTUDO	26
2	**HOSPITALIDADE E ACOLHIMENTOS, DÁDIVA E COMENSALIDADE**	**29**
2.1	HOSPITALIDADE	29
2.1.1	**Hospitalidade: um pouco de história**	**30**
2.2	ACOLHIMENTO	40
2.3	A DÁDIVA	48
2.4	COMENSALIDADE	53
2.4.1	**Um dos rituais da Hospitalidade**	**56**
2.4.2	**O ritual da Comensalidade oferece Hospitalidade**	**60**
2.4.3	**Comensalidade**	**64**
3	**MARANHÃO E RIO GRANDE DO SUL**	**72**
3.1	O ESTADO DO MARANHÃO E AS MARCAS DA RELIGIÃO NORDESTE	73
3.1.1	**Histórico**	**75**
3.1.2	**A cidade de Alcântara**	**79**
3.2	O ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL E A MARCA DOS IMIGRANTES EUROPEUS	88
3.2.1	**Contexto Histórico**	**89**
3.2.2	**Significando Caxias do Sul**	**92**
3.2.3	**Distrito de Criúva**	**99**
4	**ESPÍRITO SANTO – PENTECOSTES**	**108**
4.1	PRELIMINARES MÍTICAS	108

4.2	O JOAQUIMISMO E O QUINTO IMPÉRIO	113
4.3	A RAINHA ISABEL EM ILAÇÕES FRANCISCANAS E JOAQUIMITAS	122
4.4	A FESTA DO DIVINO ESPÍRITO SANTO SINGRANDO	128
4.5	ALCÂNTARA: A FESTA COMO LEGADO	133
4.6	CRIÚVA: O DIVINO COMO TRADIÇÃO	142
4.7	FESTA DIVINO: A MÍTICA E AS PRÁTICAS	154
5	**O DIVINO EM ALCÂNTARA E CRIÚVA E SEUS CÓDIGOS .....**	**167**
5.1	ANÁLISES	168
5.2	HOSPITALIDADE	177
5.3	COMENSALIDADE	187
5.4	VISITAS NAS CASAS, FAMÍLIA	194
5.5	DIVINO ESPÍRITO SANTO – SENTIDO DE VIDA	198
5.6	DOAÇÃO, CARIDADE E PARTILHA	200
5.7	TRADIÇÃO	203
5.8	RELIGIOSIDADE	205
5.9	AÇORES, RAINHA, DE FIORE	209
5.10	ALEGRIA E AMOR	211
5.11	CULTURA E TURISMO	214
6	**CONCLUSÃO .....**	**224**
	REFERÊNCIAS	**234**
	APÊNDICE A	**247**
	APÊNDICE B	**248**
	APÊNDICE C	**306**
	ANEXO A – LETRA DA MÚSICA “MINHA CRIÚVA”, DE JORGE BOCA DE SINO	**308**

1 INTRODUÇÃO

Esta pesquisa intitulada “Dos Joaquimitas, Franciscanos e Aragoneses aos Açorianos: a hospitalidade na teia da Comensalidade na festa do Divino Espírito Santo em Alcântara (MA) e Distrito de Criúva (RS)”, tem lugar nas relações de Hospitalidade com a Comensalidade dessa manifestação cultural. Objetiva estabelecer relações entre as práticas comensais e as relações com a Hospitalidade em ambas, como expressão de diferenças culturais (Sul/Nordeste), culturalmente distintos, aproximados pela manifestação.

Ainda que as comparações entre as duas manifestações culturais sejam inevitáveis, a prioridade é o estabelecimento das relações entre a Comensalidade e a Hospitalidade presentes na Festa. Considerei que as duas Festas se dão em contextos culturais e configurações históricas diferenciadas, já que em Alcântara as marcas da cultura africana são indeléveis na prática do legado e em Criúva limita-se à influência da cultura europeia, em nada contempla a cultura africana.

Para a construção e desenvolvimento da pesquisa, parti de estudos sobre o Acolhimento levinasiano e a Hospitalidade derridiana ao evidenciar que a essência do humano está na capacidade de acolher o Outro, existem em sociedades com enlaces que carecem de reforço constante percebidos nas práticas sociais que anelam os laços fraternos, também reafirmados pela Hospitalidade, contido aí o acolhimento do Outro pelas práticas de sociabilidade do comer junto. Sobre a Comensalidade, ou o comer e beber em conjunto, que é um rito de agregação ou sacramento de comunhão, existem trocas relacionais e um vínculo reforçado, originado na ótica de Van Gennep (1977), e dimensões de dádiva, como sugere Mauss (2008), que traçou caminho ao encontro de concepções entre o dar, receber e retribuir, relacionados à Hospitalidade nas formas da Comensalidade intrínseca a esse objeto de estudo.

A primeira aproximação ao tema ocorreu quando ainda da pesquisa de Mestrado, em 2013, quando abordei as comemorações da Festa do Divino Espírito Santo realizada em Alcântara, no Maranhão. Tal pesquisa constatou vasta diversidade cultural e social naquele Estado, sendo Alcântara um expoente, mesmo quando as pessoas envolvidas estavam submetidas a extrema precariedade, a exemplo das Caixeiras do Divino. Tal contexto não as impedia de receber e alimentar todos quantos chegassem para festejar.

Da pesquisa em Alcântara, algumas questões ficaram em aberto, intrigou e instigou novas aproximações ao tema, como embrião futuro para Tese de Doutorado, em termos de sua ampliação e aprofundamento.

A escolha para o objeto de Tese, buscou estabelecer aproximações entre a Comensalidade e a Hospitalidade da Festa alcantarense com a mesma manifestação no Distrito de Criúva, Caxias do Sul (RS), suas especificidades em geografias extremas do País. A Comensalidade associada ao festejo, especialmente parecia organizar e reafirmar os laços sociais e atualizar o modelo festivo do Divino Espírito Santo instaurado a partir de Portugal. Me senti convidada a encetar investidas científicas para alicerçar novas questões ao considerar a memória repassada durante as procissões, na Comensalidade hospitaleira que se instaura em torno dos almoços e jantas referentes às festas ao Divino.

As relações sociais entre sujeitos se desenham também pelo lúdico e práticas culturais como Festas em que as diferenças entre constituintes de determinado ambiente social caem por terra. Para Del Priore (2000, p. 27), Festa é “espaço de múltiplas trocas de olhares, de tantas leituras e de tantas funções políticas e religiosas, a Festa e o seu calendário transformaram-se, no período colonial, na ponte simbólica entre o mundo profano e o mundo sagrado”. A autora acrescenta que as relações da sociedade no ambiente eclesial “era uma oportunidade para socializar afetos ou desafetos, interesses ou negócios, poder ou subserviência” (DEL PRIORE, 2000, p. 96).

A Festa do Divino Espírito Santo é uma manifestação do catolicismo popular, comumente difundida no Brasil, tem, no Estado do Maranhão expoente em Alcântara e, no Rio Grande do Sul, destaque para o Distrito de Criúva. Chegou ao Brasil na bagagem cultural dos açorianos. Plenamente difundida pela Rainha D. Isabel (1323) em Portugal, influenciada pelas ideias franciscanas e joaquimitas, com doação de alimentos aos pobres, participação de crianças nos papéis de Imperador ou Imperatriz (caso de Alcântara) e farta distribuição de alimentos associados ao bem receber e ao cuidado com o Outro que comunga da fé no Divino.

Os festejos duram de 13 a 15 dias, estruturados em torno de um Império, como a Casa do Divino, em Alcântara, e a Igreja Matriz Nossa Senhora do Carmo, em Criúva, onde se realizam os cultos, novenas e outras práticas que também acontecem nas casas dos devotos. Os membros do Império são: Imperador, Imperatriz,

Mordomos, Capitães do Mastro, Festeiros, Aias, que podem variar de um lugar para o outro, é uma Festa familiar, herdada entre gerações.

A Festa, inicia-se cinquenta dias após a Páscoa (de acordo com o calendário cristão) a exemplo da Festa em Alcântara (MA), mas sofre variações nas manifestações religiosas, como ocorre no Distrito de Criúva (RS) com data predeterminada para o terceiro domingo de maio. Principiada pelo levantamento do mastro e cortejo pelas ruas da cidade. Nos dias vindouros ocorrem alvoradas, ladainhas, louvações com visitas da Bandeira do Divino nas casas dos devotos e missas solenes. Durante a primeira missa, no período da Festa, Imperadores, Imperatrizes, Festeiros, Alferes e outras personagens tomam posse, e no último dia de Festa, repassam os cargos para os próximos responsáveis por estes papéis.

Ladainhas, missas e visitas da Bandeira às casas dos festeiros ou devotos, ocorrem no período da Festa com distribuição de donativos aos mais velhos, ou aos pobres (Alcântara) ou a um grupo de pessoas expropriada da Festa por algum motivo (Criúva) em determinados dias da Festa. Durante a visita às casas pela comitiva do Divino, é servida mesa farta em comida e bebidas, oportunidade em que todos os cômodos da casa são abençoados com a presença da Bandeira do Divino acompanhada de preces. A fartura estará também em jantares e almoços especiais (em ambos os locais pesquisados) que variam em data, atende ao calendário específico de cada Festa.

Para o exercício cultural secular que representa a Festa do Divino Espírito Santo, alguns elementos são utilizados como identificadores dessa prática religiosa, como a Pomba Branca, a Bandeira, o Cetro, o Capote, a Coroa e o Mastro, com algumas variações. Comumente a Festa apresenta-se como manifestação religiosa. Parte das práticas socioculturais do lugar, representam a ancestralidade e a miscigenação em formato de cultura híbrida, com rituais de recolhimento e oferta de alimento em ambiente de acolhimento e congraçamento.

As Festas desenvolvem-se como prática socioeconômica, ao considerarmos arrecadação de alimentos e joias, em Alcântara, também revertidos em consumo alimentar aos feitores da Festa alcantarense. Em Criúva, é forma de arrecadação financeira para a igreja católica na venda dos ingressos para os almoços e jantares. Desenvolvem-se também como fenômeno sociocultural, ao manter viva antigas tradições como as práticas quilombolas replicadas em Alcântara e modo de vida

europeu em Criúva. Assim como ligações com instituições sociais, a família, a religião e a comunidade.

São representações sociais que permitem a manutenção de horizontes de pertencimento, pois a reconstrução das identidades resulta de antigo confronto “num processo constantes de reelaboração dos critérios de auto avaliação pública dos indivíduos, dos critérios de sua situação social, das transformações conjunturais, do cotidiano vivido por indivíduos e grupos sociais” (TEDESCO; ROSSETO, 2007, p. 31).

Nas conversas prévias em Criúva, percebi o sentido de responsabilidade das famílias que comemoram a Festa tal em Alcântara, na mesma medida em que se assimilavam práticas de Hospitalidade relacionadas à Comensalidade durante o período. Foram as aproximações e singularidades que incitaram veia investigativa. Busquei revelá-las entre universos festivos distintos. Chegava ao objeto de investigação: A Festa do Divino Espírito Santo, como comemorada em Alcântara-MA e Distrito de Criúva, Caxias do Sul-RS, ao enfocar as práticas de Comensalidade como indissociadas da Hospitalidade. Alcântara e o Distrito de Criúva, são localidades similares em densidade demográfica e proximidade com o mundo rural. As duas Festas guardam legado açoriano e são abundantes na oferta de alimentos, o que levou a um recorte sobre a Comensalidade associada a Hospitalidade no viés das trocas, durante a partilha dos alimentos associadas ao período de louvação do Divino Espírito Santo.

A revisão bibliográfica indicou que a adoração ao Divino Espírito Santo, nos moldes do catolicismo popular, embora amplamente investigadas não apresentam maior ênfase nem na Hospitalidade, nem na Comensalidade, nem tampouco as relaciona, o que apontou uma lacuna que me predispus a preencher.

A revisão histórica percorreu caminhos igualmente complexos. A origem da Festa é pela maioria reconhecida como portuguesa, em que Alenquer (nas cercanias de Lisboa-Portugal) desempenhou papel muito importante, razão porque a visitei em 2017. Ali o ‘fio de Ariadne’, pois a partir desta visita, outros caminhos se apresentaram como legítimos para explicar o fenômeno da Festa do Divino Espírito Santo, ligado ao período da Baixa Idade Média, e as ideias de Di Fiori que inspiraram futuras ordens religiosas e associações misericordiosas.

Na maioria dos construtos teóricos brasileiros sobre a origem da Festa, raras são as relações com Joaquim Di Fiori. Coube apenas à Rainha Isabel as honras de

tê-la instituído. Aqui, um marco teórico estruturante se refez para (ré) construir as reminiscências da Festa, o que deu, ao meu ver, maior densidade à pesquisa.

1.1 A PESQUISA

A pesquisa se fez necessária mediante as seguintes considerações: Considerei que a Festa escolhida como objeto de estudo tem reconhecimento como manifestação cultural identitária nas diferentes formas de fazê-la no Brasil, constantemente referenciada em pesquisas como legado cultural e meio de reafirmação e resistência de vários núcleos sociais, consta no calendário oficial da Igreja Católica e em boa parte dos calendários culturais dos Estados brasileiros. Por ser também reconhecida e citada em construtos científicos nas mais diferentes áreas do conhecimento, tais preditas sustentaram a teoria aqui ofertada na pretensa de criar novas discussões, junto à comunidade científica, sobre o fenômeno Festa do Divino, agora interligado à Comensalidade e Hospitalidade.

Considerei o significado cultural da Festa do Divino Espírito Santo em Alcântara e Criúva, seus entrelaçamentos de sociabilidade que denotam um partilhar hospitaleiro e acolhedor;

Considerei que anfitriões da Festa, colocam-se no lugar do Outro movidos pelo Espírito Santo em um dar, receber e retribuir cíclico;

Considerei que na Festa predomina uma Comensalidade religiosa;

Considerei a presença dos temas que cruzam Hospitalidade, Comensalidade e Religiosidade, para o Programa de Pós-Graduação em Turismo e Hospitalidade da Universidade Caxias do Sul;

Considerei, portanto a junção desses elementos, para a escolha do estudo do objeto Festa do Divino com enfoque na Hospitalidade e na Comensalidade. Com isso justifico teorizar sobre a Comensalidade mediante a reafirmação dos laços sociais em realidades tão distintas, e por isso coloco como questão de pesquisa: Como se dá a Hospitalidade nos rituais das festas do Divino Espirito Santo? As festas do Norte e do Sul apresentam diferenças substanciais nos seus rituais?

Decorrente, coloco como objetivo geral: estabelecer relações das práticas de Comensalidade e as interligações com a Hospitalidade, nas Festas do Divino Espírito Santo como comemoradas em Alcântara e Distrito de Criúva como expressão de

diferenças culturais (Sul/Nordeste), culturalmente distintos, mas aproximados pela festa.

São objetivos específicos:

a) Aproximar teoricamente os conceitos de Hospitalidade e Comensalidade para a partir deles analisar as duas Festas;
b) Resgatar a origem portuguesa da Festa do Divino Espírito Santo;
c) Descrever as raízes históricas das comemorações do objeto de estudo-Festa do Divino Espírito Santo em Alcântara (MA) e Distrito de Criúva (RS);
d) Associar a festa ao conceito de Hospitalidade, Acolhimento e história;
e) Relacionar as práticas contemporâneas de Comensalidade associadas à Hospitalidade nas Festas do Divino Espírito Santo em Alcântara e Criúva, segundo os sujeitos locais responsáveis pelas mesmas.

Postos os objetivos diante da singularidade que envolve as questões da Comensalidade e da Hospitalidade, optei pela Observação Participante como método que melhor poderia qualificar a coleta de dados. Segundo Da Matta (1974, p. 1), sobre a observação imersa no universo de pesquisa é:

> Aquela caracterizada pelo uso e até abuso da cabeça, quando ainda não temos nenhum contato com os seres humanos que, vivendo em grupos, constituem-se nos nossos objetos de trabalho. É a fase ou plano que denomino de teórico-intelectual, marcada pelo divórcio entre o futuro pesquisador e a tribo, a classe social, o mito, o grupo, a categoria cognitiva [...].

É calcada em Da Matta (1974), que considero que a Observação Participante proporciona um diálogo entre teorias e realidade presenciada no campo de investigação em um momento específico, em que o mergulho no cotidiano dos sujeitos resulta em vivência, conhecimento tácito, o fazer-fazendo, o saber-fazendo, o viver-fazendo. A transcrição, *a posteriori,* revive as cenas cotidianas, os dilemas, os dramas, as histórias da própria história contada na fala de cada um. É hora, portanto, de levar a sério a linguagem que, afinal, une pesquisa de campo e teoria de forma indelével.

Ao respeitar a seriedade da observação participante e o compromisso com o que fora observado na oralidade dos entrevistados, na intenção de transformar o exótico no familiar e vice-versa (DA MATTA, 1974), representei as Festas do Divino em lugares díspares geograficamente e muito próximos em religiosidade e crença e tradição açoriana como Alcântara e Criúva, que emergiu da ótica dos sujeitos

partícipes do ritual, como um olhar, uma experiência, uma interpretação em sua acepção mais subjetiva, impregnada de referências e acontecimentos hodiernos que representam o recorte temporal.

> Isso significa que a apreensão no primeiro processo é realizada primordialmente por uma via intelectual (a transformação do exótico em familiar é realizada fundamentalmente por meio de apreensões cognitivas), ao passo que, no segundo caso, é necessário um desligamento emocional, já que a familiaridade do costume não foi obtida via intelecto, mas via coerção socializadora e, assim, veio do estômago para cabeça. (DA MATTA, 1974, p. 5).

Pelas apreensões cognitivas resultantes da pesquisa no campo de investigação, necessitei associar a Lévinas, Derrida e outros teóricos com compromisso no foco da investigação. Tais teorias foram base para questionamentos e contraposições para que as informações não fossem engessadas, nem perdidas em preâmbulos oximoros que prejudicassem a construção científica necessária para apreensão do objeto.

Compreendi a observação participante como interação Inter comunicacional, troca com o meio. Então, “mesmo quando pensamos que estamos trocando ideias, estamos trocando coisas’ com as palavras” (PEIRANO, 2008, p. 26). As conversas e entrevistas estarão para além de meros relatos, apresentam-se carregadas de significados nos detalhes, nos contextos, nos espaços onde ocorrem e tudo o mais que aí estiver relacionado. O método permite um “contínuo vai e vem do interior para o exterior dos acontecimentos [...] dialética entre experiência e interpretação [...]” (CLIFFORD, 2008, p. 32). Já que esta pesquisa implica em contexto comportamental de determinados grupos que festejam o Divino Espírito Santo e suas subjetividades.

Diante da escolha do método, me comprometi em ouvir dos participantes a relação de cada um com a Festa do Divino, o significado subjetivo de servir ao Espírito Santo e a relação destes com os que visitam a festividade, a forma de receber e congratular, descrevo as relações e práticas que envolvem o fazer da Festa, ao compreender a forma de execução nos diferentes Estados, do Maranhão e Rio Grande do Sul, sua organização, trocas, o bem receber e a comunicação. É então, a Observação Participante, uma ferramenta para apreender esses modos, ao participar do processo como um todo ao conhecer o objeto a partir dele mesmo.

Não obstante, ao considerar os processos de subjetivação nas relações, na medida que sugere que pesquisar não é necessariamente interpretar o mundo, nem compreender a realidade, mas sim de produzir o mundo, em uma construção de realidades, é que precisei compreender a subjetividade dos grupos envolvidos no fazer da Festa do Divino em ambos os Estados. A trama não estava dada, mas estava em construção contínua com arranjos diferentes em Estados distantes geograficamente, porém próximos em uma prática religiosa de origem lusa.

1.1.1 A coleta de dados

Após trabalho de investigação, mediante o contexto que envolve cotidiano e oralidade (recolhi o que foi dito exatamente como dito pelos investigados), o desafio foi a tentativa de organizar os dados, como sugere Mattos (2011, p. 58), “num quebra-cabeça. Partindo do contexto maior ao olhar a comunidade como um todo até poder destacar uma particularidade de possível generalização ou que melhor ilustra o contexto estudado de modo que possa ser micro analiticamente relevante”.

Em termos de técnicas, os procedimentos metodológicos envolveram coleta de informações através de entrevistas semiestruturadas e abertas, registros documentais, fotográficos, necessários para compreender os fazeres da Festa do Divino, para análise e exposição das impressões, quiçá resultados. Estes recursos facilitam minha percepção, por apreender detalhes que naquele instante do trabalho de campo podem passar despercebidos (GALANO, 1998), por isso o apoio que as anotações de pesquisa proporcionam é fundamental ao passo que tanto as palavras soltas como as frases mais detalhadas, fruto da transmissão oral ali registradas, puderam sustentar a reconstrução dos episódios de conversas, depoimentos, comportamentos e outras inferências significativas à investigação.

As entrevistas narrativas, por sua espontaneidade, proporcionam aos entrevistados sensação de conforto como uma conversa cotidiana, oportunizando expressões naturais, que denotaram suas subjetividades nos relatos e impressões que registram. Parti das interpretações das subjetividades dos sujeitos pesquisados para compreender as relações do objeto com o fenômeno da Hospitalidade e da Comensalidade e por isso adotei como técnica a entrevista aberta, para registrar as

falas dos sujeitos sobre questões relacionadas com os objetivos da análise (PEREZ et al., 2001).

Importante destacar a função das entrevistas pessoais com os sujeitos partícipes da construção da Festa para representar as particularidades do festejo, assim como o registro sobre os motivos que atraem visitantes e o delineamento das múltiplas formas de Hospitalidade e Comensalidade aí envolvidas, o que implica em aproximação com os sujeitos que vivenciam a urdidura complexa do festejo o, denotado em expressões, sensações, sentimentos e emoções, estes seriam “os hóspedes não convidados [...]. E tudo indica que tal intrusão da subjetividade e da carga afetiva que vem com ela, dentro da rotina intelectualizada da pesquisa antropológica, é um dado sistemático da situação” (DA MATTA, 1974, p. 6).

Estas e outras subjetividades compõem esta pesquisa, o que permitiu trazer também a minha emoção e percepção no campo de estudo, além, é claro, das inferências científicas propriamente ditas.

1.1.1.1 Os sujeitos e as falas

Para narrar cada uma das festas, escolhi como sujeitos participantes das entrevistas abertas: os feitores da Festa em vários estágios, dirigentes religiosos, festeiros, organizadores, imperadores, músicos e párocos, que participavam de acordo com o dia e o lugar onde estávamos.

As entrevistas se constituíam à medida em que eu me aproximava dos grupos em suas manufaturas e atividades e naturalmente as conversas surgiam, ora eu aproveitava para uma conversa mais particular na qual aprofundava algumas questões, ora em conversas corriqueiras nas quais as respostas também eram colhidas, transcritas, interpretadas e colocadas em um conjunto onde a narrativa somava-se aos outros elementos que compunham a cena (transcritos para o diário de campo).

As revelações do estudo estarão nas minúcias, em detalhes de conversas, em recortes e episódios, descritos ora de forma explícita, ora de forma implícita. Em busca de resultados mais refinados da pesquisa qualitativa, optei por utilizar um software, o Max QDA, um programa para sistematização de dados qualitativos, que examina as falas dos entrevistados, elege palavras referentes ao objetivo da pesquisa para

intercruzar os resultados nas duas localidades, o que facilitou a compreensão do imbricamento entre o Acolhimento, a Hospitalidade e a Comensalidade presente em ambas as Festas.

Os códigos e subcódigos destacados no Max QDA foram agrupados a partir de palavras como: *doação, caridade, acolhimento, alimento, visita, joia, acolhimento, receber bem*, etc., organizando-as em grupos referentes à Hospitalidade e a Comensalidade e desta forma gerou uma contagem que demonstra quão hospitaleira é a Festa na visão dos sujeitos.

Observações anteriores de 2015, em Criúva, e em 2013, na cidade de Alcântara, me levaram a entrevistar os sujeitos específicos, com papéis determinados na Festa, para que se entendam os vários fatores relevantes para a pesquisa, como a compreensão do contexto de tal celebração e suas imbricações com a Comensalidade e Hospitalidade.

Martins (1996, p. 270), compreende, o papel do pesquisador imerso no campo de pesquisa: “é o de que a convivência do investigador com a pessoa ou grupo estudado criando condições privilegiadas para que o processo de observação seja conduzido e dê acesso a uma compreensão que de outro modo não seria alcançável”. Ele diz também que “a experiência direta do observador com a vida cotidiana do outro, seja ele indivíduo ou grupo, é capaz de revelar na sua significação mais profunda, ações, atitudes, episódios, etc.” (p. 270). Enfatizo que o produto do trabalho de campo se constrói a partir da relação pesquisador e pesquisado que ali se estabelece. E na medida em que tal relação é um *encontro intersubjetivo*, nela também estão envolvidos aspectos da construção da identidade tanto do investigador como de seu objeto de estudo, como faces de uma mesma moeda (MARTINS, 1996).

Por sua vez, a observação direta que permitiu, por meio de convivência por um determinado tempo, retratar os costumes, suas práticas no modo de viver de um grupo específico: “um grupo de pessoas associadas de alguma maneira, uma unidade social representativa para estudo, seja ela formada por poucos ou muitos elementos” (MATTOS, 2011, p. 51). Este tempo determinado se fez necessário para “entender e validar o significado das ações dos participantes, de forma que este seja o mais representativo possível do significado que as próprias pessoas pesquisadas dariam a mesma ação, evento ou situação interpretada” (MATTOS, 2011, p. 51).

Esta pesquisa apresenta compromisso social e político em explicitar a realidade, revela resultado conforme os aspectos observados no momento da investigação, tanto quanto informa aos sujeitos contemplados a importância deles no processo. Os entrevistados foram esclarecidos sobre a função dessa investigação, o retorno que terão em participar, a opção em fazê-lo e o termo de consentimento para uso de imagem deles e de suas falas. Também foram informados sobre, em que medida se beneficiariam, que contribuições tais pesquisas trariam para a sociedade em geral, as contribuições dos resultados para as comunidades envolvidas, respeita o processo de produção do conhecimento que Zanella (2004) marca como um intenso diálogo com múltiplas vozes, são os múltiplos sujeitos aí imbricados que o constituem.

1.1.1.1.1 Recorte Espacial

O recorte espacial compreende universo rural, de pessoas simples em sua maioria vinculadas ao campesinato. Pela intimidade com a cidade de Alcântara onde vivi durante três anos e por morar em Caxias do Sul, no período que compreende a pesquisa, escolhi o Distrito de Criúva para o trabalho de campo, considerei a proximidade entre as Festas, importância que têm mutuamente enquanto expressão cultural e religiosa e por conterem basicamente os mesmos personagens em emulação à tradição açoriana. O recorte espacial, em Alcântara e Criúva, me permitiu adentrar em um universo de vida rural, simples e pacato. Acreditei ter traçado uma conexão lógica entre as Festas que me permitisse compará-las para compreender como se dá a Hospitalidade entre os convivas mediante práticas de Comensalidade nos banquetes e jantas ofertados aos fiéis, são marcantes e comuns nos dois Estados ainda que ambos guardem suas marcas culturais distintas.

1.2 O OBJETO DE ESTUDO

Pretendi então, com esta Tese de Doutorado, refletir sobre a Festa do Divino Espírito Santo frente aos aspectos simultâneos de catolicismo popular, Hospitalidade e Comensalidade, que constroem em harmonia diferentes aspectos. Essa percepção se faz possível diante de uma análise que resulta das entrevistas aplicadas entre 2015 e 2017. À primeira vista evidenciam-se os aspectos fundantes da Festa emergidos das

conversas com os organizadores, somadas às teorias que sustentaram a investigação para aprofundar os conhecimentos sobre Festa, religião, catolicismo popular, Hospitalidade e Comensalidade que se interligam ao objeto Festa do Divino Espírito Santo. A distinta geografia entre os universos investigados, pode ser observada nas marcações da Figura 1.

Figura 1 – Mapa do Brasil destacando os Estados do Maranhão (Alcântara) e Rio Grande do Sul (Caxias do Sul – Distrito de Criúva)

Fonte: Produzido por Elis Louise Cuchinir Oleas e Julia Luise Altmann (2018)[1].

Ao traçar os distanciamentos e proximidades entre as duas Festas em pontos tão distantes do Brasil, para consubstanciar com a Observação Participante, utilizei

[1] Alunas de Iniciação Científica vinculadas ao projeto de pesquisa “Equipamento urbano e cidade: a formação da localidade turística”, no Programa de Pós-graduação em Turismo e Hospitalidade da Universidade de Caxias do Sul, sob a coordenação do Prof. Dr. Pedro de Alcântara Bittencourt César.

literatura associada a Hospitalidade: Acolhimento e Ética; Hospitalidade: Dádiva e Comensalidade; Santíssima Trindade: Pentecostes, joaquimismo, quinto império, Rainha Isabel e Festa do Divino Espírito Santo, para revelar inter-relação. A revisão da literatura envolveu as áreas Hospitalidade e Comensalidade, assim como os contextos históricos sobre o Maranhão e Rio Grande do Sul. Os resultados derivarão das narrativas dos sujeitos envolvidos nas entrevistas durante os preparativos das Festas na observação direta.

A contribuição desta pesquisa aos estudos da Hospitalidade e também do Turismo, reside na análise sobre as relações entre as duas Festas em lugares opostos geograficamente, Nordeste e Sul do País, aprofundando conceitos sobre Hospitalidade e Comensalidade referentes às práticas na Festa e o expoente turístico que significam, pois tanto em Alcântara, quanto em Criúva a Festa é responsável por um número maior de visitações ao ano, sendo apontada como principal atrativo de cada uma das localidades.

Feitas as considerações, a Tese se divide após esta Introdução, nos seguintes segmentos: Capítulo 2 Hospitalidade e Acolhimento, Dádiva e Hospitalidade, aborda sobremaneira conceitos levinasianos e derridianos sobre o acolhimento e a Hospitalidade, e a Dádiva que considera principalmente a ótica de Mauss; Capítulo 3, intitulado Maranhão E Rio Grande Do Sul, apresentará os dois Estados frente às características identitárias; Capítulo 4 abordará o Espírito Santo: uma compreensão sobre a Santíssima Trindade na visão de historiadores, teólogos e antropólogos em aproximações com as ideias do Abade Joaquim Di Fiore. Segue-se a análise dos resultados e as conclusões.

2 HOSPITALIDADE E ACOLHIMENTOS

A teoria alicerçante desta Tese é urdida nos construtos epistêmicos sobre a Hospitalidade e Comensalidade. Nesse sentido, o primeiro passo foi o resgate etimológico da palavra, que possibilitou apreensão mais genérica sobre o que representa a Hospitalidade para, em seguida, buscar situar sua construção de sentido no tempo e no espaço, o que implicou em digressão histórica. O recorte temporal reporta à Idade Média, para explicar a origem do termo dali cooptado, para então passear com a Hospitalidade pelas ordens religiosas e as casas de misericórdia. Trouxe-a à luz da contemporaneidade, compreensão diante de versão especializada para buscar ali um sentido filosófico mais universal, até calcá-la principalmente em pensamentos levinasianos e derridianos e seus implícitos entre o Eu e o Outro. Por último, enodo os termos em outros estudos como os associados à Dádiva e à Comensalidade, em uma análise que denota um movimento cíclico na troca com o Outro no contexto da Festa do Divino.

Das revisões realizadas em bancos de dados sobre a temática, a que mais se aproxima da presente análise é a de Paiva (2015, p. 22), que versa sobre as comemorações do Divino em Alcântara, destaca que a Comensalidade e "a Hospitalidade da Festa, é demonstrada explicitamente nas Casas de Festas por meio dos banquetes servidos a todos os presentes". Parti dessa premissa de acolhimento na Festa de Alcântara, no Maranhão, para buscar relacioná-la com as comemorações no Distrito de Criúva, em Caxias do Sul, no Rio Grande do Sul, em capítulos subsequentes, para compreender e apreender as formas de Hospitalidade e Acolhimento presentes na Comensalidade própria à Festa.

2.1 HOSPITALIDADE

Para os seus mantenedores, a Festa do Divino Espírito Santo, tanto em Alcântara, quanto no Distrito de Criúva, é uma comemoração marcada pela Hospitalidade, como registram as falas dos entrevistados ouvidos para a pesquisa, o que justificou para tal a gratuidade de acesso e o bem receber no acolhimento aos sujeitos visitantes, com farta distribuição de alimentos. Durante os dias de Festa, fiéis, festeiros, Império e moradores, predispõem-se em doação e trabalho em prol da

construção da Festa do Divino, nas diferentes etapas de sua organização no decorrer do ano, e na recepção aos visitantes, o que caracterizou aspectos de troca, partilha e empatia, conceitos recorrentes nas teorizações sobre Hospitalidade, nas duas semanas de comemoração.

Sobre a origem da palavra Hospitalidade e a tônica do acolhimento, ancorei na Idade Média, para enfocar alguns pressupostos que se fundiram com as primeiras iniciativas de cuidados com os enfermos, a ação de algumas ordens religiosas que poderiam consubstanciar à proposta da Rainha D. Isabel, cheguei, inclusive à relação entre as Ordens do Espírito Santo e a constituição das Casas de Misericórdia em Portugal e no Brasil, até às formas contemporâneas de comemoração. Desta forma, tais temas antecedem e formalizam a prática da Festa de Pentecoste e a relação direta da Hospitalidade com a Comensalidade.

2.1.1 Hospitalidade: um pouco de história

Considerei que a Festa é uma manifestação do catolicismo popular, e por isso alguns termos são utilizados em nível de senso comum, é preciso destacar compreensões acerca da palavra Hospitalidade por ser um termo usual, compreendida por seus feitores como parte indistinta da comemoração. A palavra Hospitalidade, como dicionarizada, de certa forma consagra o informal, significa: "Ação ou efeito de hospedar; hospedagem. Característica da pessoa hospitaleira; qualidade do lugar em que há boa acolhida. [Por Extensão] maneira de tratar que expressa gentiliza e amabilidade" (DICIONÁRIO ONLINE DE PORTUGUÊS, 2017, n.p.). Estaria, também, e de forma mais ampla, ligada aos termos: "guarida, valia, hóspede, adoção, hospedeiro, hospício, aconchego, agasalho, hóspeda (mulher que hospeda), albergaria, inospitalidade, gatil" (DICIONÁRIO ONLINE DE PORTUGUÊS, 2017, n.p.). Sobre concepções etimológicas, no mesmo sentido, *hospitaleira* seria "a irmã de caridade que trata gratuitamente de doentes, em obediência aos regulamentos de sua comunidade - *hospit+eira"* (DICIONÁRIO ONLINE DE PORTUGUÊS, 2017, n.p.), enquanto que hospitaleiro significaria "aquele que oferece hospedagem por bondade ou caridade, que acolhe francamente, que agasalha - acolhedor" (DICIONÁRIO ONLINE DE PORTUGUÊS, 2017, n.p.). Hospitalidade coloca-se como "ato de hospedar; acolhida de hóspedes; qualidade do que é hospitaleiro; recepção

ou tratamento afável, cortês; amabilidade e gentileza" (DICIONÁRIO ONLINE DE PORTUGUÊS, 2017, n.p.).

Ressalto na Hospitalidade a relação com o Acolhimento, pois é a Hospitalidade característica de quem é gentil com o Outro, capaz de acolhê-lo com amabilidade. Alguns dos critérios da Hospitalidade presentes na descrição dicionarizada, incitam pensamentos sobre empatia, o saber-se no lugar do outro, antevê e sana suas necessidades; encorajam movimento em direção ao Outro que me é diferente ou ressaltam qualidades do lugar que é dominado pelo Eu, habitado e gerido por este Eu e que será disposto ao que lhe é diferente, para 'o' e pelo Outro, em generosidade. Em um mundo conflitante e segregador, com disparidades socioeconômicas de todas as ordens,

> A Hospitalidade não é apenas um processo pelo qual estranhos são transformados em amigos, mas também, mais ainda, a qualidade pela qual ideias pouco familiares podem atravessar as fronteiras das ideias aceitas. Descobre-se a importância da Hospitalidade não a estudando como um costume social ou como expressão de um temperamento, mas sim considerando-a como um elemento essencial da eficácia intelectual e da plenitude moral. (DICIONÁRIO DE ÉTICA E FILOSOFIA MORAL, 2003, p. 752)

A Hospitalidade era, na origem, uma solução de 'alcance universal' para os menos favorecidos socialmente, ainda segundo o Dicionário de Ética e Filosofia Moral (2003), providenciou autonomia para além dos direitos instituídos no nascimento. Trago, para exemplificar, a China imperial, quando a grande regra recomendava boa acolhida aos visitantes estrangeiros, como um dos oito deveres do governo; o budismo, que busca, com a Hospitalidade, superar divergências de opiniões; o maometismo, para o qual a Hospitalidade seria a primeira reivindicação humana de direito universal. Já a "Igreja cristã consagrou uma parte importante de seus recursos para acolher gratuitamente os viajantes de todas as origens, mas isso não a tornou - até uma data muito recente - mais tolerante com as outras religiões" (DICIONÁRIO DE ÉTICA E FILOSOFIA MORAL, 2003, p. 753).

Para iniciar os cruzamentos dos auspícios da Hospitalidade com a Festa do Divino Espírito Santo, pela máxima de doação e acolhimento aos pobres e necessitados, opto por partir da Idade Média, quando surgem os hospitais e Casas de Misericórdia, coopto dali para seguir com a análise contemporânea. A digressão

histórica enfoca a Europa medieval, quando surgiram os primeiros hospitais, ou alojamentos para necessitados. As disparidades socioeconômicas daquele momento não distaram das hodiernas. A miséria e a falta de amparo social assolavam parte dos sujeitos, que dependiam da piedade divina, manifesta através da caridade humana, e do abrigo em asilos, hospitais ou hospícios, existentes no campo e na urbe, para sobreviver. Segundo Carré (2011, p. 575), “o pobre aparecia nessa época como uma figura sacralizada, e o amor de Cristo pelos pobres era incessantemente invocado pelos teólogos. O dever da caridade e da acolhida se impunha, portanto, naturalmente ao cristão como uma das principais virtudes”.

O recorte espacial compreende universo rural, de pessoas simples em sua maioria vinculadas ao campesinato. Pela intimidade com a cidade de Alcântara onde vivi durante três anos e por morar em Caxias do Sul, no período que compreende a pesquisa, escolhi o Distrito de Criva para o trabalho de campo, considerei a proximidade entre as Festas, importância que têm mutuamente enquanto expressão cultural e religiosa e por conterem basicamente os mesmos personagens em emulação à tradição açoriana. O recorte espacial, em Alcântara e Criva, me permitiu adentrar em um universo de vida rural, simples e pacato. Acreditei ter traçado uma conexão lógica entre as Festas que me permitisse compará-las para compreender como se dá a Hospitalidade entre os convivas mediante práticas de Comensalidade nos banquetes e jantas ofertados aos fiéis, são marcantes e comuns nos dois Estados ainda que ambos guardem suas marcas culturais distintas. Entre os séculos IX e o XII cresce o ato de acolhimento e a Hospitalidade cristã especializada, fundam-se hospitais como os de São João de Jerusalém e do Espírito Santo. Criada em Roma:

> A ordem do Espírito Santo foi fundada nos últimos anos do século XII por Guy de Montpellier. [...] tinha por vocação acolher inicialmente crianças abandonadas e, em seguida, os pobres e os doentes. Essa instituição cuja regra foi num primeiro momento aprovada pelo bispo de Maguelone, e cujos privilégios depois foram confirmados pelo papa Inocêncio III em 1198. (LAZARD, 2011, p. 619)

A entidade se espalhou pela Europa, onde várias ordens cristãs replicam o modelo, a exemplo da ordem dos franciscanos e do arquétipo das Casas de Misericórdia. Nesse período, a entidade hospitalar Arcispedale di Santo Spirito contava com estruturas para acolher até mil desprovidos enfermos, objetivou o exercício da caridade ao tratar com generosidade os pobres. Os hospedavam, os

alimentavam e os vestiam (LAZARD, 2011). Importante ressaltar, aqui, o compromisso em dar à luz o papel desempenhado por Joaquim Di Fiore, em quem o franciscanismo buscou as fontes para sustentação de filosofia própria. Essas terão influência futura nas comemorações ao Divino Espírito Santo, na crença de que o *Tempo do Espírito Santo* seria a 'nova ordem espiritual', uma *era de equidade*, justiça social e solidariedade.

O pensamento joaquimita[2], como tantos outros, influenciou diretamente inúmeros grupos sociais entre os séculos XIII e XIV, inclusive insuflou reflexões e resistência contra a ordem estabelecida pelo clero à época. Também teve fundamental influência sobre a monarquia portuguesa, através da vivência dos franciscanos com a realeza, da qual eram confessores e guias espirituais, tanto no caminho da fé quanto no exercício do poder:

> O franciscanismo agrega para a realeza portuguesa toda uma mundivivência específica, já que a realeza incorpora uma ligação com o espírito da ordem. Essa cosmovisão, a partir de 1240, se torna inseparável do pensamento joaquimita [...]. Bebendo desse pensamento, os franciscanos tinham a plena convicção de que estavam destinados a desencadear o surgimento da Era do Espírito Santo. O Estado ideal vindouro é assimilado ao milênio, prometido no apocalipse. (SILVA, 2012 p. 67)

Percebe-se que no medievo, por vezes, os termos *Hospitalidade, Dádiva e Comensalidade* se transversaram, não por displicência na teorização, mas por considerar o *em si* [entre eles], parte indivisível e indissociável que remeterá a um ou outro termo e até mesmo, por vezes, aos três em concomitância. O medievo teria sido um ambiente de temor, medo, miséria e opressão. Iniciou pelo século XI, ali busquei a relação cristã de acolhimento ao outro, aos menos favorecidos, em que se encontram os cônegos agostinianos, ordem religiosa que obedecia a regras baseada nos escritos monásticos de Santo Agostinho de Hipona.

> A tendência da maioria das casas agostinianas era servir aos peregrinos (como em Walsingham) ou aos enfermos (como em St. Bartholomew, Smithfield, Londres). [...] Frades agostinianos, outra Ordem religiosa criada a partir de muitos grupos diferentes de eremitas italianos, incluindo os valdenses ortodoxos, os quais foram organizados em 1256 numa ordem mendicante pelo papa Alexandre IV. [...] os frades agostinianos juntaram-se

[2] Outros pensadores influenciaram os comportamentos daquela época. A exemplo: Francisco de Assis e Tomás de Aquino (dentre outros). Entretanto esta pesquisa não irá aprofundar tais teorias.

> a outras ordens mendicantes vivendo nas cidades uma vida de apostolado inspirada na Regra de Santo Agostinho de Hipona. (LOYN, 1997, p. 38)

As muitas ordens religiosas surgidas na Idade Média propunham remediar as necessidades dos desvalidos, em que um compromisso cristão de solidariedade providenciava mínimas condições de vida, auxílio, acolhimento e alimento aos marginalizados.

> Contudo, essa pobreza não condenava o indivíduo à solidão e ao isolamento dos miseráveis, pois existiam mecanismos de solidariedade e ajuda comunitária que garantiam a sobrevivência. Era uma sociedade gregária, onde os homens viviam em bando, onde o pertencimento a um grupo ditava identidades. [...]. Mas, a pobreza medieval era, ela própria, itinerante, tornando o pobre um desgarrado. Ao longo dos caminhos e encruzilhadas, [...] se praticava a esmola e a assistência. Era sobretudo, às margens das estradas onde o pedinte estendia sua mão, e era aí também o lugar para se estabelecer albergarias e hospitais para abrigar os desfavorecidos. (SILVA 2012, p. 31)

Na Alta Idade Média os desvalidos não podiam ultrapassar os limites do burgo, por isso o atendimento se dava junto aos muros dos mesmos. Tal situação levou a que a Igreja impusesse à aristocracia, a responsabilidade em financiar o assistencialismo que preservava os feudos, introdução aí da ideia de caridade e misericórdia como remissão de culpas, parte das trocas de favores entre Igreja e Estado. A pobreza, ao mesmo tempo em que era vista como castigo, também poderia ser vista como oportunidade de resgate e pagamento dos pecados. Para os mais abastados, a caridade poderia ser uma forma de pagamento e agradecimento pelas benesses divinas, tanto quanto doar vultosas cifras à Igreja e aos pobres era forma de remissão das faltas e agradecimento à Deus.

Assistência e caridade, em concepção cristã, caminhavam juntas. A exemplo do que praticavam as ordens mendicantes, como a da Misericórdia, a caridade e o assistencialismo passam a fazer parte dos preceitos religiosos. Nesse momento:

> As congregações do Espírito Santo instituem as refeições de Pentecostes[3] cuja prática ainda é evidenciada em certas aldeias no Século XIX. [...] sendo acompanhada por distribuição de doces. Essas refeições poderiam ter uma função econômica essencial, pois Pentecostes ocorre no período crítico em que os celeiros estão vazios e as colheitas ainda não foram feitas. [...] as múltiplas iniciativas caritativas [...] dos séculos XIII e XIV resultam de uma tomada de consciência nova que incita os leigos a assumir sua salvação e a

[3] O presente estudo não pretende discutir tal afirmativa.

> praticar, pessoalmente, de maneira individual ou coletiva, essa caridade que abre portas do paraíso. (PEROL, 2011, p. 1289)

Nesse rasgo temporal de caridade, confrarias surgem no cenário para engrossar as filas de abnegados e caridosos, como a da Misericórdia de Lisboa, compreendidas como associações de leigos comprometidos com as normas das entidades fraternais medievais que geriam os hospitais, os leprosários e instituições afins (SILVA, 2012).

> Algumas instituições na Idade Média foram centros de caridade e assistência e demonstravam a evolução da preocupação com as margens sociais no ambiente urbano. Uma instituição eclesiástica cuja ação assistencial teve grande penetração em Portugal foram os mosteiros, principalmente aqueles que trabalhavam com a regra de São Bento. Ali a regra atribuía um peso grande à prática de hospedagem caritativa. Nela, pode-se ler o Mosteiro, através dos monges, devia receber todos os hóspedes que se lhe apresentavam, como receberiam a Cristo, mas sobretudo aos pobres peregrinos. (SILVA, 2012, p. 49)

O mosteiro, na visão beneditina, deveria ser lugar de aprendizado, isolamento e abnegação, uma escola a serviço de Deus, onde o contato com o mundo era evitado em prol da espiritualidade em cotidianos de oração e estudos bíblicos, exceto pela Hospitalidade solenemente imposta na rotina como exercício, onde o visitante era visto e recebido como se Cristo fosse.

> [...] Numa época em que o poder público não respondia às necessidades relativas às margens sociais, os mosteiros beneditinos, agostinianos cistercienses e os conventos mendicantes constituíam uma autêntica rede assistencialista em Portugal. [...] Confrarias eram também responsáveis pela distribuição de alimentos, do pão e da carne. Por isso, é importante lançar-lhe um olhar mais atento. Até porque será dessa ideia confraternal que germinará a Misericórdia em Lisboa, pelas mãos de D. Leonor. Baseiam-se elas na ideia de fraternidade, presente nas Sagradas Escrituras. (SILVA, 2012, p. 49)

Ao mesmo tempo, na urbe, no cotidiano vivido pelas abastadas famílias no medievo europeu, aristocratas como D. Leonor e D. João II também se dedicavam ao acolhimento em sentido cristão, o que forma um marco divisor, uma nova fase no assistencialismo português a par da Igreja, o que era resultado da fervorosidade do casal e de seus compromissos cristãos, “com a edificação do Hospital de Todos os Santos em Lisboa, e a criação das Misericórdias - iniciativa de D. Leonor - como o

momento essencial de efetiva centralização dos empreendimentos no campo assistencial [...]" (SILVA, 2012, p. 30).

Tal iniciativa dos aristocratas dava eco a uma evolução do trabalho assistencialista de outrora, como a Ordem dos Cavaleiros de São João, Ordem essa de hospitalários que resultou do antigo hospital beneditino, criado em 1070 para amparo aos peregrinos no entorno do Santo Sepulcro. O local se dedicava à doação de alimentos, providenciava "Hospitalidade e assistência aos enfermos, [...] cristalizou-se numa Ordem (confirmada em 1113). Estabeleceu hospitais e comendadorias na Europa e no Oriente" (SILVA, 2012, p. 139), futuramente transformada em Ordem Militar similar aos Cavaleiros Templários, com votos de lealdade cristã em defesa dos desfavorecidos (SILVA, 2012). A Igreja também se unia para dar assistência aos desprovidos elegeu, inclusive, as obras de misericórdia, como estas quatro citadas por Cipriano: "a Hospitalidade; a redenção dos prisioneiros, a defesa da viúva e do órfão, e por fim, o sepultamento dos mortos" (PÉROL, 2005, p. 1283).

> Saciar a sede, alimentar e vestir são os atos característicos da Hospitalidade, que constitui assim, uma das manifestações mais evidentes da caridade. Essa Hospitalidade deve ser gratuita e desinteressada, por ser motivada pelo amor e recusa, portanto, pelo princípio de reciprocidade. [...] o hóspede é o próprio Deus, o Verbo feito carne. A identificação do Cristo com o mais fraco e o estrangeiro constitui um princípio de fraternidade essencial. A Hospitalidade é a expressão da caridade fraterna; ela anima e une a comunidade dos cristãos. [...] A Hospitalidade se impõe ao fiel como uma necessidade, ao mesmo tempo espiritual e material e se torna rapidamente uma condição *sine qua non* da extensão do cristianismo. (PÉROL, 2005, p. 1283).

Inegavelmente, na Idade Média, além da Hospitalidade e da caridade eclesiástica, a instituição que mais proveu aos desassistidos, de fato, foram os hospitais (albergaria, asilo), que desempenharam o papel de assistir aos desvalidos e aos doentes no compromisso não somente de curá-los, mas principalmente de acolhê-los.

A receptividade com os menos favorecidos muda lentamente, fruto da institucionalização nos atendimentos moldados aos apelos políticos e econômicos. O século XVI ficou marcado por relevante mudança nos mosteiros ingleses, que antes eram reconhecidos exemplos de Hospitalidade indiscriminada para com os pobres e desvalidos. "Desde os primeiros séculos, a Hospitalidade se impõe como uma necessidade espiritual para o monge, que, ao tornar-se voluntariamente 'pobre de

Cristo', deve assistir os pobres involuntários com seus poucos recursos" (PÉROL, 2005, p. 1285).

Os monges, então, entregam a recepção dos desvalidos aos capelães, enquanto eles devotavam sua atenção e Hospitalidade a amigos e parentes (DICIONÁRIO DE ÉTICA E FILOSOFIA MORAL, 2003). Assim, as relações entre monges e pobres ficou mais distante, à medida em que as casas para tratamento de saúde se institucionalizavam. No século XVI, o sentimento espiritual da Hospitalidade na ótica ética, em que monges e degradados se reconheciam, se respeitavam e conviviam como irmãos, parece perdido.

> [...] o mendigo – pelo menos o mendigo conhecido – era bem acolhido na sociedade medieval. [...] eles eram vistos como laços entre o céu e a terra – instrumentos através dos quais os ricos poderiam exercer a caridade para expiar os seus pecados. Esta visão do pobre como 'instrumento de salvação para o rico', antecipemos desde já, é uma 'representação cultural'. [...] com a passagem para a Idade Moderna. No século XVI, o mendigo forasteiro será recebido com extrema desconfiança. Ele passa a ser visto de maneira cada vez mais excludente. (BARROS, 2005, p. 131)

A figura do mendigo passa a ter conotação marginal, passiva de transmitir doenças, representava perigo e fardo. Ainda assim, quando os mendicantes chegavam às cidades no século XVI, eram cuidados antes de serem excluídos da paisagem (BARROS, 2005). "Já no século XVII, ele teria a sua cabeça raspada (um sinal representativo de exclusão), algumas décadas depois ele passaria a ser açoitado, e já no fim do século XVII a mendicidade implicaria na condenação" (BARROS, 2005, p. 131). A partir de então, o acolhimento passa a ser forçado "os maiores hospitais são cada vez mais frequentemente colocados sob o controle das municipalidades, dos parlamentos locais ou mesmo dos governos" (CARRÉ, 2011, p. 576).

As autoridades, por sua vez, intervieram de tal maneira que a caridade foi diluída em socorro necessário em decorrência do crescimento da pobreza, chegou ao ponto do asilo se confundir com prisão. A dimensão de Hospitalidade se esvaiu e ficou à margem, vem à luz a necessidade de remediar um problema social iminente, o socorro aos indigentes com um tipo de 'morada' ou estalagem que se propunha a atender aos necessitados. *Morada*, então:

> [...] tanto pode referir-se a algo físico, espacial, por exemplo, morada de homens ou de animais, quanto se referir à qualidade intrínseca, ao caráter, ao modo de ser de uma pessoa, animal ou coisa. No contexto da ética temos o estrangeiro, em grego, xenos, que tem a mesma raiz [...], comportamento hospitaleiro. Do latim, temos extraneus que se refere ao estrangeiro [...]. Também em latim significa tratar de igual para igual, compensar, retribuir. [...] Hospes deu origem a hospitalis e hospitum que se referem ao local onde, na Antiguidade, se hospedavam os enfermos, viajantes e peregrinos. Hospitalitas, termo latim que significa Hospitalidade, vem do substantivo hospitalis, derivado de hospes. (COMANDULLI, 2016, p. 12)

Os grandes hospitais se instituíram de tal forma, que o conceito primeiro de Hospitalidade - no sentido de acolhimento e cuidado a quem precisa - ficara no passado. Entretanto, é da origem do termo - cooptado no medievo, aplicada no seio da Igreja, nos mosteiros, nas Ordens Hospitalares, provindas de um amor ágape, incondicional - que trago para análise contemporânea do receber ao Outro no contexto das relações sociais. Dou continuidade às concepções, independentemente do oximoro referente ao conceito inicial e o papel que os hospitais vieram a desempenhar, pois a ideia primeira de Hospitalidade no sentido de irmanar-se com o estranho ao cuidar, ao abrigar e ao alimentar, é que coaduna com a dádiva em advento de doação e princípios éticos em recepção ao Outro, totalmente estrangeiro de minha morada.

Em outro rasgo temporal, ambientados na Rússia entre os séculos XVI e XVII, no *metiê* do povo nivkhes às margens do rio Amur, onde habitualmente trocavam presentes periodicamente em um movimento contínuo e contraditório, “o czar manifestava sua benevolência particular devolvia os presentes que havia recebido, por ocasião do nascimento do seu filho” (TOPARKOV, 2011, p. 208). Se algum dos presentes agradasse mais particularmente ao czar, ele o compraria do doador. Esta seria uma deferência, um comportamento generoso de reconhecimento do valor do presente em um constante dar, receber e retribuir, pois ao passar às mãos do czar e retornar ao doador, o objeto adquirira maior valor e significado, o que confere uma honra e um preço para além do valor real.

O mesmo autor também diz que a troca de presentes, tanto quanto a oferta de alimentos, era outrora entre diversos povos, “um elemento obrigatório na acolhida de um hóspede. Mesmo a Hospitalidade é uma forma de dádivas, pois aquele que a recebe pode contar que também se encontrará, em um futuro mais ou menos próximo, na situação de hospedeiro” (TOPARKOV, 2011, p. 208).

Entre as práticas sociais e relacionais havia um *imperativo religioso* que sustentava as ações de Hospitalidade. Demonstrar Hospitalidade para com os sujeitos que viajavam ou que passavam fome, era uma obrigação, por isso ofereciam alimento a quem quer que lhes visitasse, independente da hora do dia ou da ocasião. O contrário disso significava pecado, pois havia uma concepção de que o alimento vinha dos deuses, era provido divinalmente aos que lhes conferisse sacrifícios. O alimento aqui se inscreveria como Dádiva nos auspícios da Hospitalidade, em que um não se dissocia do outro. É hospitaleiro alimentar ao hóspede, tanto quanto é gentil presenteá-lo com banquete e o banquete seria intrínseco à Hospitalidade circunscrita (TOPARKOV, 2011).

No desenrolar do crescimento dos hospitais que eram como casas de acolhimento para pobres, enfermos e indigentes, que acompanhou o desenvolvimento histórico de marginalização dos desfavorecidos, ainda no medievo, retomavam o papel desempenhado pela Igreja no acolhimento a estes desvalidos. Ricos e leigos, em paralelo, também garantiram seu quinhão ao providenciar acomodações melhor estruturadas em configurações mais institucionalizadas. No mesmo cenário, pessoas mais simples, em suas casas, também ofereciam Hospitalidade aos necessitados, mas a grande maioria dos indigentes ficava mesmo renegado e marginal como até aqui apresentado. Aventaram, inclusive, à época, reclusão aos pobres e miseráveis, retirada do ambiente social urbano, exclusão em locais mais afastados da urbe.

Até final do século XIII os hospitais centravam-se em cuidar do carente, do desprovido e não do doente. O movimento caritativo providenciava espaço de remissão dos pecados aos cuidadores. Renovadas as suas funções ainda na Idade Média, entre os séculos – XIII e XIV, onde os hospitais passam a funcionar como espaços terapêuticos aos doentes, “assumindo uma forma inaudita de enfrentamento das doenças transmissíveis: a segregação social dos doentes e sua retenção em instituições. [...] Ao final do Séc. XIII, assinalam o nascimento do hospital terapêutico, destinado a curar” (ORNELLAS, 1998, p. 260).

> O mendigo, que na Idade Média beneficiara-se de uma representação que o redefinia “instrumento necessário para a salvação do rico”, era agora penalizado por se mostrar aos poderes dominantes como uma ameaça contra o sistema de trabalho assalariado do Capitalismo, que não podia desprezar braços humanos de custo barato para pôr em movimento suas máquinas e teares, nem permitir que se difundissem exemplos e modelos inspiradores de vadiagem. (BARROS, 2015, p. 133)

O necessitado, mendicante era visto como vadio que oferecia ameaça ao expropriado do mérito caritativo. “Ele passa a ser então assimilado aos marginais, aos criminosos [...] Algumas canções e obras literárias irão representá-lo com alguma frequência desta nova maneira, os discursos jurídicos e policiais farão isto sempre” (BARROS, 2015, p. 133). O controle social cuidaria em provisionar uma reeducação ou punição exemplar a estes “vagabundos” (BARROS, 2015).

Outras duas questões foram fundamentais para a mudança, transformação dos hospitais no modelo contemporâneo capitalista: “a imposição de mecanismos disciplinares para reger as atividades e a conversão da disciplina resultante em disciplina biomédica, seriam, ainda hoje, seus principais traços descritivos” (ORNELLAS, 1998, p. 260). Na contemporaneidade o mendigo encontra-se totalmente marginal e desamparado, ocupou marquises e calçadas, em alguns casos, ainda dependente da assistência institucionalizada por Organizações Governamentais ou não, que contavam com incentivos e isenções que fomentam a sua manutenção.

2.2 ACOLHIMENTO

Situada na contemporaneidade, providencio luz à Hospitalidade em sentido de Acolhimento, cuidado, compreensão, zelo e reconhecimento do Outro que é estranho a mim, o que torna legítima a dimensão da troca, em níveis de alteridade enquanto ação de acolher ao *hostis*. Para tanto e a partir de agora, trago Lévinas (2005) e Derrida (2008), com inserções de teóricos que bebem nas fontes derridianas e levinasianas, para consubstanciar as ideias iniciais sobre o Acolhimento e a Hospitalidade. São trazidas perspectivas análogas que providenciarão a compreensão do Eu que vai ao encontro do Outro, pondo à prova a capacidade de compreensão sobre aquele que chega no espaço já ocupado pelo Eu. Baseada em Lévinas (2005) e apoiada em Farias (2011) comentador de Lévinas, compreendia que é no lugar onde, Eu recepciono aquele que está de passagem, que são travadas as trocas em relações de contraste em acolhê-lo ou hostilizá-lo.

> A Hospitalidade põe em movimento a *relação de confiança,* onde sempre há o *risco* de se tornar refém. No entanto, esse risco, podemos interpretá-lo levinasianamente como *desejo*, que não é apenas uma bela e poética palavra,

> mas uma inspiração profunda e muito íntima, muito original do espírito. Desejo que é a própria abertura da ideia de infinito, espécie de fome metafísica do outro. (FARIAS, 2011, p. 22)

Ideia tal de infinito que demonstra o quão, ampla e irrestrita pode ser a relação do Eu como o Outro. É uma relação de confiança e compreensão e não a simples apreensão daquele que difere de mim, mas sim uma relação de troca que parte do Eu. "Em inocência não ingênua sugerida por Lévinas, é ato generoso, solidário e cordial estimulado pelo gosto em receber" (FARIAS, 2011, p. 22). Em uma ética do acolhimento com alteridade, é justiça em prol do Outro em seu direito de ser acolhido, posto por Lévinas como um processo em que o ser humano é tratado como um fim em si mesmo. Derrida, contextualizou a Hospitalidade na ambiência da ética, o faz em termos kantianos. Marca-se aqui um importante aporte de Kant sobre a perspectiva jurídica em a *paz perpétua*, tratou do *direito à Hospitalidade*, ainda que somente na perspectiva jurídica, na qual todos temos o direito de ser bem acolhidos, onde quer que estejamos (FARIAS, 2011, p. 22).

Para fins de esclarecimento sobre o ser acolhido nesta tese, considerei que o visitante não necessariamente se apresenta como alguém vindo de um outro país, mas como sujeito estranho, de fora, estrangeiro à morada que o acolhe e, principalmente, estrangeiro ao Eu acolhedor. Considerei estrangeiro o que vem de outro lugar, próximo ou distante, e se relaciona com os que oferecem alimento e abrigo durante a manifestação cultural em questão.

Então, volto à ética, Derrida (2008), na obra ‘Adeus a Emmanuel Lévinas’, se sustenta na teoria levinasiana, parte da lógica de que a ética é sem dúvida uma Ética da Hospitalidade, na medida em que *ethos* significa toda a morada, a maneira de ser, forma de habitar para acondicionar a Hospitalidade como única obrigação que a pessoa tem para com o outro. Derrida e Lévinas bebem nas fontes de Kant para descrever a Hospitalidade como dever ético, religioso e político. Derrida, também sobre a ética, rememora que sobrevivemos em um mundo de exclusão, tragédias e segregação muito distantes da Hospitalidade universal. Também sugere que seja inserida a Hospitalidade no coração da vida social dos sujeitos.

Em sentido levinasiano, poderíamos tratar como Hospitalidade a ação de acolhimento ao outro, como a própria ética. Para ele não há cultura sem princípio de Acolhimento/Hospitalidade, na desenvoltura das relações sociais. O sentido derridiano

iria além, ao colocar a Hospitalidade como sendo a própria eticidade; não é só uma região da ética, mas o princípio da ética. Derrida e Lévinas comungam da ideia de que o Acolhimento e a Hospitalidade têm como *ethos* a morada (FARIAS, 2011).

Hospitalidade, enquanto Acolhimento do Outro na ambiência da ética, é resultante das trocas relacionais entre acolhedor e acolhido, "é o próprio Derrida quem sugere em seu texto *a palavra acolhimento*: já nos demos conta? Se bem que o termo não seja nem frequente, nem sublinhado, *totalidade e infinito* nos lega um imenso tratado sobre Hospitalidade" (FARIAS, 2011, p. 12).

> O acolher o outro da Hospitalidade incondicional é um acolher-o-outro que não cessa de acontecer, o Dizer infinito que Lévinas chama de responsabilidade, e Derrida de justiça. Sendo sempre aquilo que considera a alteridade absoluta do outro, acolhimento [...] que foge a qualquer tema, como aquilo que resiste ao generalizável, fazendo com que o pensamento se desconstrua o tempo inteiro, sendo exatamente aquilo que vai resistir à soberania ou à soberba da lógica que quer decidir apenas pela ferramenta da formalização da linguagem. Trata-se, portanto, de deslocar o campo de força da decisão do território formalizante da linguagem, fazendo a decisão passar pelo que Derrida chama de "prova da indecidibilidade",5 uma espécie de provação da responsabilidade levinasiana, que em Derrida ganha sentido e realidade política. (FARIAS, 2011, p. 14)

Em Lévinas (2005) o problema ético da atualidade é a desumanização, a falta de empatia entre os sujeitos e as consequências da indiferença que acarretou severidades sociais, já que o acolhimento tem um fim em si mesmo na dimensão humana. A Dádiva, para ele, nunca cessa, emana acolhimento e respeito imediatos e incondicionais, alteridade absoluta. O sentido levinasiano de proximidade ética, nos permite pensar as práticas sociais a partir da valorização das relações interpessoais como lugares de incerteza, de risco e de fecunda relação com o espaço e o tempo.

Lévinas evidencia que a essência do humano está na capacidade de acolher o outro, ao existir em sociedades com laços sociais que carecem de reforço constante e se consagram nas práticas relacionais assentadas nos valores do acolhimento do outro, numa ontologia de respeito do Outro para com um Outro. Para Lévinas, no *'ser'*, em seu esforço de ser, está contido o verdadeiro humano:

> [...] o humano começa, pura eventualidade, mas desde logo eventualidade pura e santa - do devotar-se - ao - outro. Na economia do ser e de sua intenção sobre sí, eis que surge uma preocupação pelo outro até o sacrifício, até a possibilidade de morrer por ele; uma responsabilidade por outro. De modo diferente que ser! Esta ruptura da indiferença - indiferença que pode

> ser estatisticamente dominante - a possibilidade do um - para - o - outro, um para o outro, que é acontecimento ético. (LÉVINAS, 2005, p. 20)

Ele recorda o eterno álibi da metafísica na qual a verdadeira vida está ausente deste mundo que é cenário de encontros e desencontros, indiferenças e laços sociais. Lévinas (2005) trata de uma ética do acolhimento em um movimento de sair de si em direção à necessidade do outro que passa a ser a prioridade. A teoria levinasiana põe em xeque o oximoro das relações sociais contemporâneas em paralelo com a ideia dele sobre a *ontologia*, que se transmuta do *ser enquanto ser* para o *ser enquanto outro ser.*

> [...] a vocação de um existir - para - outrem mais forte que a ameaça da morte; a aventura existencial do próximo importa ao eu antes que a sua própria, colocando o eu diretamente como responsável pelo ser de outrem; responsável, quer dizer, como único eleito, um eu que não é mais um indivíduo qualquer do gênero humano. Tudo se passa como se o surgimento do humano na economia do ser virasse o sentido, a intriga e a classe filosófica da ontologia: o em-si do ser persistentemente-em-ser supera-se na gratuidade do sair-de-si-para-o-outro, no sacrifício ou na possibilidade do sacrifício, na perspectiva da santidade. (LÉVINAS, 2005, p. 21)

A construção da ética seria um marco simbólico que traduziria os conflitos pacificamente, ao instituir regras e condutas que sejam mediadoras dos dilemas sociais. Parece que as construções éticas no percurso histórico arrastam construções simbólicas de gênero, etnia e religião, o que afeta direta e indiretamente a aplicação do acolhimento nas relações, contempla a complexidade ontológica na manutenção dos conflitos. Há um confronto de éticas, de culturas, onde as sociedades são protegidas por uma ética própria e não por uma regra universal (PIVATTO, 2010).

As relações humanas supõem uma ética relacional, em sentido levinasiano, uma ética da alteridade para enfrentar as agruras relacionais decorrentes do egoísmo e do que é desumano na sociedade atual.

> A existência entendida como bondade e como responsabilidade revela a importância e a unicidade do existir histórico de cada eu, (chamado que é a investir a própria existência e a desvelar/realizar o que há de mais próprio e original). Nesta fuga para o outro e o futuro, o genético e o biológico deixam suas marcas; mas a criação e a novidade tecem o advento do homem como humanização que se efetiva na medida da responsabilidade pela alteridade. (PIVATTO, 2007, p. 360)

A Hospitalidade compreendida como Acolhimento, sedia essa relação entre o Eu e o Outro dadivosamente, incondicionalmente, na recepção daquele que chega, que se aproxima, que precisa ser acolhido e abrigado, considera primordialmente o pensamento sobre alteridade. É sofrer o ônus do outro ao abrir mão do próprio alimento em prol dele, que também necessita. Logo, o Eu não se apossa do Outro, simplesmente o compreende, urge uma aproximação do Eu com o Outro em desejo e bondade, empatia e alteridade, res-significa a relação para com quem atravessa a soleira da porta, transcendeu ao infinito levinasiano, a propósito de não afogar a ontologia na existência, justapondo concepções que repousam sobre o amor, a justiça (ou injustiça ingênua), simpatia e empatia como ferramentas principais de impulso de um ser em direção ao outro ser na concepção da ontologia contemporânea:

> O homem inteiro é ontologia. [...] nossa civilização inteira decorre desta compreensão - mesmo que seja esquecimento do ser. [...] É porque o ser em geral se encontra inseparável de sua possibilidade de abertura - porque há verdade - ou, se se quiser, porque o ser é inteligível é que existe humanidade. (LÉVINAS, 2005, p. 24)

A acolhida, à luz dos preceitos levinasianos, irá ao encontro da ética como relação de alteridade incondicional, na subjetividade do sujeito que acolhe à medida que se constitui como humano. Lévinas prioriza a ética principiada na alteridade, em que as necessidades de outrem precedem as necessidades do Eu. A responsabilidade sobre o acolhimento a outrem é intransferivelmente do Eu, o que renega a primazia do ser em termos ontológicos.

Lévinas raramente utilizou o termo Hospitalidade, entretanto, volto aos entendimentos de Derrida (2008) em “Adeus a Emmanuel Lévinas”, da teoria levinasiana sobre alteridade, este fez ligação direta ao tratar o Acolhimento como sendo a própria Hospitalidade. Tornar-se próximo e acolher a outrem é o compromisso ético responsável de todo cristão. Para complementar as concepções sobre o Acolhimento e a alteridade levinasiana ao dizer que as leis da ética são as leis da Hospitalidade. Haveria morada, brandura, Hospitalidade e aconchego, pois proporciona acolhimento puro frente à identidade do outro.

> Ela tentaria então que passar de uns aos outros, de um e de uma ao outro, deixando-se assim receber, mas também ouvir e interpretar, escutar ou interrogar. Ela buscaria sua passagem através de violência do hóspede que perscruta persistentemente o rito. Porque o risco é grande. Para ter a audácia

> de dizer boas vindas, insinua-se talvez, estar em casa, e que em casa se recebe, convida ou oferece Hospitalidade, apropriando-se assim de um lugar para acolher o outro, ou pior ainda, acolhendo aí o outro para apropriar-se de um lugar e falar então a linguagem da Hospitalidade. (DERRIDA, 2008, p. 33)

De acordo com Derrida (2008), o Acolhimento na proposta de Lévinas se faz quando a ética se nega à tradição filosófica da maiêutica (não dá luz ao conhecimento), pois tal método só mostraria o que já somos capazes de aprender, enquanto que o acolhimento, a Hospitalidade, poderia ser uma política de poder em relação ao hóspede. A ética levinasiana é a filosofia primeira, prioritariamente. É acolhimento. É proximidade. É não dizer não a quem vem a nós, não importa quem seja. Ter-se-ia aí simbiose bem mais complexa entre acolhimento e ética:

> Uma série de metonímeas expressam a Hospitalidade, o acolhimento: tensão em direção ao outro, intensão atenta, atenção intencional, *sim* ao outro. A intencionalidade, a atenção à palavra [...], a Hospitalidade são os mesmos, mas o mesmo enquanto acolhimento do outro, lá onde se subtrai o tema. (DERRIDA, 2008, p. 35)

Logo, nos construtos derridianos em que a Hospitalidade precede a propriedade, o acolhimento determina o receber, “a receptividade do receber como relação ética” (DERRIDA, 2008, p. 43). Propõe o termo receber como o mesmo que acolher, pois “só recebe na medida-uma medida desmedida - em que ele recebe para além da capacidade do eu. [...]. Só se pode apreender ou perceber a partir do acolhimento hospitaleiro, aberto ou oferecido ao outro” (DERRIDA, 2008, p. 43).

Derrida complementa ao dizer que o Acolhimento é a recepção que se dá a outrem e ainda interpreta a Hospitalidade como distinta do amor na teoria levinasiana ao afirmar que Lévinas deve “efetivamente começar por distinguir a Hospitalidade e o amor, já que este não realiza aquela. Porém, ele reconhece que a 'transcendência' do discurso é ligada ao amor” (DERRIDA, 2008, p. 57).

Mas é na ótica derridiana que se enodam os fios do Acolhimento, do amor, da empatia e do bem receber: “Porém, todos os fios passam inegavelmente pelo nó da Hospitalidade, onde eles se amarram e desamarram” (DERRIDA, 2008, p. 57). Ele diz também que “o que acolhe é sobretudo acolhido em si. Aquele que convida é convidado por seu convidado. Aquele que recebe é recebido, ele recebe a Hospitalidade naquilo que considera como sua própria casa [...]” (DERRIDA, 2008, p. 61). Derrida reitera ao dizer: “O que se abre para além do ser é Hospitalidade. [...] a

Hospitalidade é infinita ou ela não é; ela é acordada ao acolhimento da ideia de infinito, portanto incondicional" (DERRIDA, 2008, p. 65).

Ele também trata a Hospitalidade, em Lévinas, como sendo a própria eticidade, principia a ética, assim como Derrida diz que a paz e a Hospitalidade andam juntas, são inseparáveis e recíprocas. Então, ao derivar do conceito levinasiano para Acolhimento, outros autores dizem que a Hospitalidade pode ser constituída e compreendida como ação receptora, receptiva, em prol do bem receber e receber bem, iguala os diferentes, protege os que estão em espaços estranhos à sua origem. Igualar o que antes era desigual, pois um está no interior da casa, o outro alheio a ela, estrangeiro sem lugar que carece de caridade, de abrigo. O interstício da Hospitalidade compreende penetração de espaços alheios em ritual de acolhimento no interior do território de outrem, na relação direta de quem está de fora com quem está dentro, faz ilação com o mundo greco-romano, relaciona o fora com o dentro (GRASSI, 2011).

Em direção a isso, as interações sobre o não dito, o interdito, o que cabe encravado no silêncio, foram colocadas por Derrida (DUFOUNNANTELLE, 2003, p. 58) para falar de Hospitalidade:

> Ora, a Hospitalidade não pode ser oferecida senão aqui e agora em alguma parte [...] relação difícil, ambivalente com o lugar. Como se o lugar que estava em questão na Hospitalidade fosse um lugar que não pertencesse originalmente nem àquele que hospeda, nem ao convidado, mas ao gesto pelo qual oferece acolhida ao outro.

A Hospitalidade, na íntegra, seria quiçá um sacrifício para aquele que acolhe, na dimensão do abdicar do Eu em direção à compreensão do Outro, pois o ato de acolher a outrem pode significar privar a si do próprio espaço e seria este o Ser capaz de ofertar Hospitalidade, aquele que compreende abnegação, doação e empatia ao estranho. O lugar, então, seria de propriedade da alteridade e não dos dois envolvidos, seria sim o espaço propriedade daquilo que os envolve, a alteridade, a Hospitalidade, o acolhimento, o amor ou propriedade da própria caridade (FARIAS, 2011).

Tanto Lévinas como Derrida põem a ética do Acolhimento e da Hospitalidade como incondicional, inerente ao humano, mas que perdura ou não diante das trocas relacionais que acontecem no movimento proveniente da inquietude como esforço contínuo de aproximação com o outro, isso é próprio do humano.

Das ideias derridianas e levinasianas sobre a Hospitalidade e o acolhimento, depreende-se que os termos se aproximam em vários aspectos e, como ponto de partida, ambos se sustentam na ética instaurada horizontalmente no coletivo, no relacional, sendo o *em si* entre o acolhimento e a Hospitalidade, o ponto de fusão implícito no interdito atende aos processos da ordem social na produção simultânea de tempo e espaço das decisões, julgamentos e mediações da justiça. (FARIAS, 2011).

Parte ainda da perspectiva do Acolhimento ao outro, o atravessamento dos territórios, da intrusão de quem chega ao abrigo de quem já está, a Hospitalidade é uma ponte sutil, frágil e capciosa entre quem recebe e quem é recebido: "*Hospitalitas* vem do substantivo *hospitalis*, ele mesmo derivado de *hospes*, 'aquele que recebe o outro'. É um gesto de acolhida e hospedagem gratuita" (GRASSI, 2011, p. 45). Marie-Claire Grassi ainda diz, que quem recebe traz o recebido para o seu nível, divide com o estranho seu próprio poder.

> Hospitalidade incondicional, homérica, depois bíblica, de origem mítica, posta sob o olhar de Zeus ou de Júpiter hospitaleiro, e uma Hospitalidade real, condicional, social e política que, entre os séculos VIII e V antes de Cristo, delimita muito precisamente o território do estrangeiro e as regras estritas para fazê-lo passar de fora para dentro. (GRASSI, 2011, p. 45)

É desse Acolhimento, tido como Hospitalidade real, socialmente [mais] justa e humana, abrange quem está de fora, ao incluí-lo e respeitá-lo, que em Lévinas e Derrida ambientam-se na alteridade ao sobressair o sentido ético; incurso ainda, em uma "lei da Hospitalidade ilimitada (oferece a quem chega o seu *chez-soi* e seu si, oferece-lhe seu próprio, nosso próprio, sem pedir a ele nem seu nome, nem contrapartida, nem preencher a mínima condição)" (DUFOUNNANTELLE, 2003, p. 69).

A propriedade donde dantes reinava o Eu, diante da alteridade, da Hospitalidade incondicional, é um lugar desprovido de soberania frente a partilha com outrem e à medida que atende às necessitudes do outro em primeiro lugar, em detrimento do Eu. Passa a ser propriedade da Hospitalidade, propriedade do 'em-si' do '*entre',* entre os entes. A propriedade passa a ser o cenário onde os fios que constituem a alteridade se enodam. Coube ali o amor ágape, a caridade, a empatia e, em suma, a Hospitalidade.

As proposição e incondicionalidades que Lévinas representou com maestria em apenas duas palavras: ‘Eis-me aqui’, e que, diante do nível de tensão na entrega ao Outro, possa se transmutar no que Derrida dispôs como “o hóspede que surge e traumatiza” (DUFOUNNANTELLE, 2003, p. 74), irrompe desmedidamente as barreiras, quais sejam, em direção ao Outro, ata irremediavelmente, o de fora como o de dentro, pois “o senhor do lugar, não teria preocupação *mais urgente* que aquela de derramar sua alegria sobre não importa quem quer, à noite, vier jantar à sua mesa e sob seu teto repousar das fadigas do caminho” (DUFOUNNANTELLE, 2003, p. 13).

Estas conjunturas resultantes do Acolhimento e da Hospitalidade quando sitiados pela alteridade, parecem anexarem-se à dádiva em alguma medida. Então, parto da premissa de que o Outro que é estranho a mim, visitante em minha casa, estrangeiro do meu espaço, ou simplesmente, o Outro que precisa de uma ação do Eu em seu favor, é que digride, mais uma vez, à Idade Média, agora para ir ao encontro da dádiva, ocasião em que nos aperceberemos em constante confluência com a Hospitalidade, ao envolver as trocas de presentes, favores, gentileza e auxílio ao Outro, estratifica as conexões entre o dar, receber e retribuir.

2.3 A DÁDIVA

Criar um elo direto, concomitante e retroalimentar entre dádiva, Hospitalidade e Comensalidade para a urdidura teórica desta Tese se fez necessário, por percebê-los salta aos mesmos aspectos quando investigados isoladamente. Durante o período de aproximação com o empírico emergiram, por vezes individualmente, a dádiva, a Hospitalidade e a Comensalidade e, em alguns momentos, pareciam tão óbvios que era impossível delimitar onde um terminava para iniciar o outro. Princípio a abordagem pela etimologia da palavra dádiva:

> Do latim *donum* ('dádiva, presente', e num sentido particular, 'oferenda feita aos deuses'), a dádiva designa o ato de dar aquilo que é dado. [...] 'é a ação de abandonar gratuitamente a alguém a propriedade ou o gozo de alguma coisa', ou 'aquilo que se abandona a alguém sem nada receber em troca'. [...] Não se espera nenhuma contrapartida do deus a quem se fez uma oferenda? [...] 'se dá a morte tanto quanto a vida'. (PERROT, 2011, p. 63)

A análise de Perrot implica na ambiguidade de o termo dar ou abandonar, que segundo ele pode ser com ou sem interesse, considera ou não a expectativa de

retorno pela oferta de algo a um deus ou a um humano. Na dinâmica do dar, receber e retribuir, o presente dado a alguém pode ser também mortal. Segundo visão de Tomaz de Aquino, “retribuindo um benefício não se quita uma dívida, reforça-se, ao contrário, um vínculo entre as pessoas: ‘A dívida de gratidão é a consequência e como que a expressão de uma dívida de afeição, da qual ninguém deve desejar ficar quite’” (PERROT, 2011, p. 63).

A referência feita por Perrot à dádiva da Hospitalidade aproxima quem doa e quem recebe, independente dos interesses. Ainda que um pagador de promessas doe o que prometera no passado para alcançar uma graça, a promessa só fora feita pelo interesse no milagre, mas, quando paga a promessa, o fiel já se diz desinteressado, doador benevolente. Talvez não o seria se não tivesse pedido, entretanto, os “humanos têm de fazer dádiva aos deuses, aos espíritos da natureza e aos espíritos dos mortos, já que são eles os verdadeiros proprietários das coisas e dos bens do mundo” (PERROT, 2011, p. 68).

Essa participação do sujeito no diapasão das obrigações sociais sacro-profanas é forma de agradecer e pertencer ao cosmos e agraciar aos seres superiores pelas graças. O sacrifício e a dádiva são também uma forma de ser incluído no sistema social, o assujeitar-se às práticas de doação e culto para ser reconhecido pelos pares. O tamanho da oferenda e a quantidade desta estarão, também, diretamente ligadas à escala social e só por esse fator já se questiona a gratuidade e o desinteresse em doar, abandonar, pagar. O doador acaba sujeito da contra dádiva:

> A dádiva se dá a si mesma. Não é mais o sujeito que dá, mas o sujeito que obedece à dádiva, que segue a dádiva, que é levado pela dádiva. A dádiva seria uma experiência em que a distância entre o fim e os meios é abolida, em que não há mais nem fim, nem meio, mas um ato que preenche o espaço de significação do sujeito e faz com que sejamos ultrapassados por aquilo que passa por nós e por aquilo que se passa em nós. (PERROT, 2011, p. 69)

A Hospitalidade tem em seu cerne a dádiva, independente das conjecturas sobre a passionalidade dos sujeitos que têm livre arbítrio para decidir doar-se, e é no ato de doar-se ao outro que se demonstra que o valor das coisas não pode ser superior ao valor da relação e que o simbolismo é fundamental para a vida social. Parte da constatação de que as modalidades de trocas nas sociedades arcaicas não são apenas coisas do passado, mas tem importância fundamental para se compreender a

sociedade moderna, como sugere Mauss (2008), que a enreda entre direitos e deveres:

> Há uma série de direitos e deveres de consumir e retribuir, correspondendo a direitos e deveres de dar e de receber. Mas essa mistura íntima de direitos e deveres simétricos e contrários deixa de parecer contraditória se pensarmos que há, antes de tudo, mistura de vínculos espirituais entre as coisas, que de certo modo são alma, e os indivíduos e grupos que se tratam de certo modo como coisas. E todas essas instituições exprimem unicamente apenas um fato, um regime social, uma mentalidade definida: é que tudo, alimentos, mulheres, filhos, bens, talismãs, solo, serviços, ofícios sacerdotais e funções, é matéria de transmissão e de prestação de contas. Tudo vai e vem como se houvesse troca constante de uma matéria espiritual que compreendesse coisas e homens, entre os clãs e os indivíduos, repartidos entre as funções, os sexos e as gerações. (MAUSS, 2008, p. 102)

Parte do regime social em que se dão as trocas situa-se na acolhida como fenômeno relacional, na Hospitalidade que nos remete aos significados implícitos nas relações sociais, que remontam a história dos povos em suas práticas, diante da necessidade de alojamento e proteção contra possíveis ameaças hostis (SANTOS; PERAZZOLO, 2012). Diante de uma possível animosidade entre os povos, trocas de presentes podem ser assertivas para um encontro amistoso e acolhedor. Essa troca suscita reciprocidade e possível sentimento de gratidão em um dar, receber e retribuir. No Festar do Divino Espírito Santo as trocas e partilha vão do esmolar até a divisão entre os convivas em pura dádiva, estas ações que implicam a dádiva são explicadas por Mauss (2008, p. 95), quando diz que podem assumir outro caráter, mas “quase sempre a forma de regalo, do presente oferecido generosamente, mesmo quando, nesse gesto que acompanha a transação há somente ficção, formalismo e mentira social, e quando há, no fundo, obrigação e interesse econômico”.

> A esmola é fruto de uma noção de moral da dádiva e da fortuna, de um lado, e de uma noção de sacrifício, de outro. A liberdade é obrigatória, porque Nêmesis vinga os pobres e os deuses pelo excesso de felicidade e riqueza de alguns homens que devem desfazer-se delas. É a velha moral da dádiva transformada em princípio de justiça; e os deuses e os espíritos consentem que as proporções que lhes dão e que são destruídos em sacrifícios inúteis sirvam aos pobres e às crianças. (MAUSS, 2008, p. 105)

Ao pensar a acolhida associada ao alimento e bebida na Festa do Divino Espírito Santo, como uma forma de fortalecer laços entre os devotos, encontra-se o desejo de receber o Outro, servi-lo e fortalecer os laços de fé em nome da Santíssima

Trindade. Exemplo similar é frisado por Quadros (2011) sobre as culturas greco-romanas e neolatinas onde estas associam Hospitalidade ao desejo de receber pessoas e fortalecer laços.

No mesmo sentido (GASTAL; COSTA; MACHADO, 2010, p. 49), dizem que “o acolhimento possui sua origem nas relações sociais e na cultura, e cada povo a concebe de uma forma”. "[...] A propósito da Hospitalidade entre grupos locais e visitas - Festas, feiras que servem para as trocas voluntárias-obrigatórias [...]" (MAUSS, 2008, p. 206), ainda segundo ele, essas trocas se prestam primeiramente para o fortalecimento dos vínculos de amizade, mas podem ter finalidades diferentes entre cada grupo, o que se dá nas comemorações do Divino Espírito Santo, como apresentarei adiante.

A grande marca da Hospitalidade, para Camargo (2004), está em receber e aceitar bem o outro, assim como o outro deve aceitar a dádiva do acolhimento, pois a recusa pode ser encarada como ofensa por quem se doa em prol de outrem e oferece boa acolhida em sua casa. “O acolhimento é realizado a qualquer um que peça e que necessite, e vem permeado de um conjunto de leis não escritas que se exprimem como uma dádiva. Dádiva porque o acolhimento implica em oferecer os mínimos cuidados humanos” (GASTAL; COSTA; MACHADO, 2010, p. 49), na mesma medida em que o recebido deve devolver gentileza e demonstrar o agradecimento, num processo cíclico e natural, como foram, desde sempre as relações de troca em prol da sociabilidade com o terreno e o divinal.

> A evolução era natural. Um dos primeiros grupos de seres com os quais os homens tiveram de estabelecer contrato, e que por definição estavam aí para contratar com eles, eram os espíritos dos mortos e os deuses. Com efeito, são eles os verdadeiros proprietários das coisas e dos bens do mundo. Com eles é que era mais necessário intercambiar e mais perigoso não intercambiar. Mas, inversamente, com eles é que era mais fácil e mais seguro intercambiar. [...] É também para sacrificar aos espíritos e aos deuses, em verdade confundidos com suas encarnações vivas, os portadores de seus títulos, seus aliados iniciados. (MAUSS, 2008, p. 104)

A doação em seu fim, na maioria das vezes, objetiva a retribuição por parte do homenageado, e quando se trata de sacrifícios aos deuses, a espera pelas bênçãos é inata aos fiéis. É preciso lembrar uma outra ordem de sacrifícios e doações, feita para agradecer aos benefícios recebidos. Mauss (2008, p. 102) ressalta: “Não menos importante é a obrigação de dar; seu estudo poderia fazer compreender de que

maneira os homens passaram a trocar coisas. [...] Recusar dar, negligenciar convidar, assim como recusar receber, equivale a declarar guerra; é recusar a aliança e a comunhão".

Mauss faz também um alerta:

> A vida material e moral, a troca, nele funcionam de uma forma desinteressada e obrigatória ao mesmo tempo. Ademais, essa obrigação se exprime de maneira mítica, imaginária ou, se quiserem, simbólica e coletiva: ela assume o aspecto do interesse ligado às coisas trocadas: estas jamais se separam completamente de quem as troca; a comunhão e a aliança que elas estabelecem são relativamente indissolúveis. Com efeito, esse símbolo da vida social - a permanência da influência das coisas trocadas - apenas traduz bastante diretamente a maneira pela qual os subgrupos dessas sociedades segmentadas, de tipo arcaico, estão constantemente imbricados uns nos outros, e sentem que se devem tudo. (MAUSS, 2008, p. 117)

Do mais arcaico dos atos, devido as tradições, a dádiva em sentido de trocas mútuas, se faz presente em qualquer que seja o seio social e suas crenças. Fato é que a dádiva em um dar, receber e retribuir estão, acima de tudo, ligadas ao divino, ao sacro e ao Deus que deveras se faz presente no outro que é a própria representação da divindade e a ele se devem honras e créditos. Oferendas e festivas são da instância da dádiva, instância do sagrado, do doar-se a outrem nos tempos que cada gueto e etnia consagra ao momento de aplicação dos mais variados tipos de agradecimentos.

> O 'tempo' é necessário para executar qualquer contraprestação. A noção de termo está portanto logicamente implicada quando se trata de retribuir visitas, contrair casamentos, alianças, estabelecer uma paz, participar de jogos e combates com a certeza de que serão retribuídas, tendo como 'garantia' a virtude da coisa dada que é, ela própria, essa 'garantia'. Mas, em toda sociedade possível, é da natureza da dádiva obrigar a termo. Por definição, uma refeição em comum, uma distribuição de kava, um talismã que se leva não pode ser retribuído imediatamente. O 'tempo' é necessário para executar qualquer contraprestação. A noção de termo está portanto logicamente implicada quando se trata de retribuir visitas, contrair casamentos, alianças, estabelecer uma paz, participar de jogos e combates. (MAUSS, 2008, p. 1189)

Na base teórica da Hospitalidade, peremptoriamente tem-se a troca. No virtuoso e cíclico dar, receber e retribuir de tensa e sutil relação, é constantemente significada no acolhimento do outro. As relações entre o acolhedor e o acolhido se sustentam em abnegação e compreensão de que o outro que visita pode ser amistoso ou hostil. Na mesma medida, o hóspede se defronta com a dúvida acerca daquele que

o recebe que pode ser gentil ou ostensivo, frente aos hábitos e costumes de ambos que podem chocar-se frente às diferenças, E diante da Hospitalidade incondicional, haverá constante dádiva.

Dar, receber e retribuir na percepção de Camargo (2017) são deveres postos como chave para entender as relações entre sujeitos. Também para ele os três aspectos da dádiva se retroalimentam. Inspirado em Mauss para falar da Hospitalidade frente a essa tríade, enfatiza ato de solidariedade humana, tem em princípio a dádiva que implica em sacrifício, traz implícitos alguns interesses e por isso o dom deve ser aceito e retribuído.

> O dono da casa deve colocar os visitantes que ele aceitou (seus hóspedes, portanto) com abnegação, o que significa cumprir um sem número de rituais que regulam o acolher (‘faça de conta que está em casa’), o alimentar (nem que seja a oferta de um copo de água), o entreter, o tornar a cena lúdica para o hóspede (nem que seja a execução de uma música, o contar uma piada). O hóspede por sua vez deve retribuir o acolhimento com presentes, respeitando o primado dos donos da casa no direito de estabelecer regras para o conviver. (CAMARGO, 2007, p. 5)

A dádiva é expoente por considerar-se que receber o outro é equivalente a ser invadido e expropriado das rotinas e dos espaços que a partir de então precisa ser compartilhado, dividido, doado ao estrangeiro. No interstício que comporta acolhedor e acolhido, as diferenças nos hábitos e costumes pode ser fator determinante para que a Hospitalidade se estabeleça e a régua que mede esta possibilidade parte da compreensão do outro em legitimidade, reconhece-o como a si próprio em dimensão de dádiva ao doar-se, ao abrir mão do que lhe é de posse em prol do estrangeiro.

2.4 COMENSALIDADE

Por várias vezes, as questões concernentes ao acolher, bem receber e ser hospitaleiro irão cruzar-se com o ato de alimentar o outro, comungar à mesa e sociabilizar à medida que partilham juntos o alimento, assim como os intercâmbios entre a dádiva se reforçarão nessa prática social. Somos o resultado decorrente de uma história. Entre nossas origens e o que cremos hoje original, um grande hiato pode haver sem que nos demos conta. E por isso o partilhar, o comer, via de regra representam o resultado de um conjunto de valores inatos ou impostos, mas será

sempre um resultado das forças opressoras de um meio social. Esses resultados eram e ainda são apresentados, em alguns momentos, com festivas, “rituais de celebrações religiosas, míticas, cerimônias oficiais, de memorial objetal (de feitos, em geral, sem defeitos) e de lembranças; comilanças, canções, genealogias, desfiles etc., alimentam as Festas” (TEDESCO; ROSSETO, 2007, p. 27).

Desde os primórdios da civilização, humanos produzem as próprias condições para existir, podem prover os próprios alimentos, domesticar os animais e incrementar o mercado com tais aportes, ao seguir normas sociais de trabalho:

> Um caçador na sociedade tribal, um agricultor na sociedade camponesa, um proletário na sociedade capitalista, mas ao se produzir como tal, ele se torna um produto desse modo de produção e simultaneamente um transformador em potencial. Essa grande diversidade das sociedades humanas obedece a regras específicas quanto à produção e à distribuição de alimentos, as quais são importantes para compreendermos o papel da cultura como sistema simbólico. Dessa forma, na sociedade tribal, um dos aspectos principais da produção é o alimento, obtido por meio de normas sociais, predominantes no trabalho cooperativo, enquanto na distribuição do produto o que predomina são as regras de reciprocidade. (DANIEL; CRAVO, 2005, p. 60)

A Comensalidade é também, um rito de agregação simbólica, sugerida por Van Gennep (1977), como similar ao beijar ou amarrar-se a outrem. Dentre as inúmeras descobertas sobre a Comensalidade entre amigos e familiares, por exemplo, o ato aparece constantemente como ‘ato de sociabilidade’ do partilhar do alimento entre conhecidos. “Esses encontros mostraram que comer junto em casa era um dos poucos momentos em que havia conversas e entretenimento no lar, devido à correria dos dias atuais” (SOARES; CAMARGO, 2015, p. 14). Tal prática se mostrou essencial em ocasiões comemorativas. “Alguns estudos mostraram mesmo como os momentos de comemorações são celebrados ao redor de alimentos e bebidas, com a interação e sociabilização dos convidados” (SOARES; CAMARGO, 2015, p. 17).

Em todas as culturas, desde os primórdios civilizatórios, o comer junto tem significados, para além do simples fato de alimentar-se por necessidade fisiológica. A Comensalidade em suas formas ritualísticas, tipos de alimentos servidos, ocasiões e procedimentos para o preparo e o servir denotam um estilo, uma prática cultural sobre um determinado grupo, pode denotar também as práticas religiosas dos indivíduos de um determinado meio social, partiu das informações sobre o que comiam e o que não deveria ser consumido, assim como as épocas de seus próprios calendários que

poderiam influenciar na abstinência ou supressão de determinados alimentos e ainda a inclusão de outros por ocasiões especiais. “As refeições também fazem parte do ato de Hospitalidade” (GASTAL; COSTA; MACHADO, 2010, p. 55).

Ato de comer junto convida a reunir, agregar, dividir e socializar. Soares e Camargo (2015) analisaram pesquisas brasileiras que tratavam do termo Comensalidade, via de regra as produções abordaram as práticas do comer junto entre os indivíduos ao longo dos tempos. Na mesma direção, Zamberlan et al. (2009) grifa que o papel dos alimentos está para além de uma necessidade física, é também alimento emocional, “um meio de expressar nossos valores e relações sociais. Portanto, os alimentos não são bons apenas para comer, mas também para pensar. [...] o alimento serve para nutrir uma pessoa, um grupo ou uma classe social” (ZAMBERLAN et al., 2009, p. 4).

Das preferências por certos alimentos, a forma de cozinhar e apresentar os pratos, assim como o portar-se à mesa, a exemplo do que já dissemos anteriormente, Gonçalves (2004, p. 47) endossa: “Todos esses elementos inter-relacionados compõem um código cultural por meio do qual mediações sociais e simbólicas são realizadas entre os seres humanos e o universo”.

Para Cascudo (1983, p. 26): a “escolha de nossos alimentos diários está intimamente ligada a um complexo cultural inflexível”. Cada grupo se caracteriza por uma forma de vida, uma cultura própria que irá influenciar na forma de relacionar-se com os alimentos, para simplesmente saciar a fome ou para celebrar, festejar ou agradecer, o que reforça esses modos por intermédio da família, da Igreja, da escola, que repassam essas práticas culturais de geração em geração (ABREU et al., 2001).

Sob o viés da antropologia, os aspectos do alimento se revestem de simbolismo tanto quanto as formas de fazer o alimento e o modo de comer distingue as sociedades, as culturas. Permitir o consumo de alimentos tanto quanto proibir a ingestão de outros faz parte das culturas mais diferentes como parte das regras sociais e significados que norteiam um modo de vida, como por exemplo, a distinção que é feita entre o que deve ou pode comer uma criança, um idoso ou um convalescente, assim como a forma de portar-se à mesa.

Independente das normas sociais e mercadológicas, a Comensalidade permeia inúmeros aspectos das relações humanas das classes sociais de uma mesma dimensão cultural. Por exemplo, “o palco de grandes decisões políticas nem sempre

é o plenário da Câmara ou o palácio do governo. De modo geral, durante reuniões, em almoços e jantares, é que se cria o clima ideal para a realização de grandes 'conchavos políticos'" (DANIEL; CRAVO, 2005, p. 62).

Tais comportamentos humanos são parte do processo de sua própria construção social e cultural, ao considerar que é moldado em preceitos sociais e mimeses culturais. Há uma necessidade desses elementos identitários para sua formação e inserção social, processo do qual ele é criador e criatura, segundo Daniel e Cravo (2005, p. 67):

> É esse processo que vai lhe dizer, por exemplo, o quê, quando, com quem, onde e como deve comer. Isso é muito mais complexo do que simplesmente satisfazer o instinto da fome. Entretanto, este último desempenha um papel importante em relação ao sistema simbólico. É da dinâmica entre ambos que se atualizam os hábitos alimentares. Por isso, é correto dizer que o alimento carrega um valor ao mesmo tempo utilitário e simbólico.

Por óbvio, no desenrolar dos processos sociais, a busca pelo sustento é um elo comum às mais variadas culturas, independente do papel desempenhado pela Comensalidade, mas em geral ela está presente em todas as relações, uma forma de congregar amigos e parentes. A escolha dos alimentos e o consumo destes não se limita às questões gustativas nem se restringe apenas à satisfação das necessidades fisiológicas, pois os hábitos cotidianos dos rituais alimentares convidam a uma análise cultural, ao representar hábitos e costumes, verdadeira representação do mundo como mostraram Zamberlan et al. (2009).

2.4.1 Um dos rituais da Hospitalidade

Dos significados elementares da Comensalidade, em que os momentos nos quais os convivas se reúnem à mesa em qualquer que seja o lugar para cear junto, esse ato se transforma em espécie de enlace social de várias ordens, quer para comemorar uma vitória, quer planejar uma estratégia ou fazer alianças que incluem o estrangeiro à casa como um igual.

> Reunir-se em volta do alimento mostra uma intenção de reforçar laços entre as pessoas, vínculo social. Este é o significado que torna a noção de Comensalidade intrinsecamente associada à Hospitalidade, constituindo um dos elementos básicos de seus rituais. É um instrumento de afirmação

> identitária de grupos sociais e etnias, mormente quando estes veem seus costumes ameaçados ou de imigrantes que de alguma forma sentem falta de suas raízes culturais. Em quaisquer casos, assume uma dimensão sagrada, tendo no pão a sua maior expressão. No caso particular da Comensalidade em família, assume ainda a característica de instrumento de educação alimentar. (SOARES; CAMARGO, 2015, p. 19)

A Comensalidade faz parte dos contextos sociais nos mais variados momentos. “O almoço em família, a comemoração de datas festivas, a realização de negócios, a celebração de datas religiosas são acontecimentos que nos cercam durante toda a vida e que nos faz testemunhas deste ato social” (SOARES; CAMARGO, 2015, p. 19). Mas os autores alegam que ultimamente o fator tempo tem impedido as famílias de reunirem-se em volta da mesa como outrora. A contemporaneidade tem alterado os rituais comensais na maioria das sociedades, entretanto há sempre um dia, ou alguns dias do ano em que o “sagrado” momento de reunir a família indubitavelmente incluirá alimentos e bebidas como sinal afetuoso de congraçamento. Assim como por decorrência de calendários religiosos e práticas religiosas populares, a ceia será um elo social e hospitaleiro, pelos mais variados motivos que vão do agradecimento ao pagamento de promessas.

> A Comensalidade, ou rito de comer e beber em conjunto, é claramente um rito de agregação, de união propriamente material, o que foi chamado um ‘sacramento de comunhão’. A união assim formada pode ser definitiva. Mas na maioria das vezes dura apenas o tempo da digestão [...]. As vezes a Comensalidade é alternada, havendo então troca de viveres, o que constitui um vínculo reforçado. (VAN GENNEP, 1977, p. 43)

Entre familiares, o partilhar no almoço aparece em narrativas, “não como hábito alimentar, mas como tradição religiosa, simboliza o sacrifício de Cristo, a solidariedade na família e a permanência da segurança alimentar” (OLIVEIRA; CASQUEIRO, 2008, p. 74). É parte do humano a sociabilidade em relação aos demais convivas por intermédio do alimento, é também à mesa que se perpetuam modos de ser e de fazer, costumes e afeto também são partilhados no momento de alimentar aos seus. “A Comensalidade exerce seu papel na socialização como aprendizado da cultura e no oportunizar aos indivíduos tempo e lugar de desfrute do convívio com o seu grupo social primário” (OLIVEIRA; CASQUEIRO, 2008, p. 56).

Já em dias de Festa a comida varia em quantidade e sofisticação, com alimentos mais elaborados, raros, de custo mais elevado que os do dia a dia são

reservadas para momentos festivos, mantendo um caráter especial, assim como o jejum. O não se alimentar por alguns dias ou em datas específicas de calendários religiosos, também representam momento especial e sacro. Em várias culturas antes de consumir os alimentos, as pessoas agradecem, oram e reverenciam o alimento em ato de respeito religioso, ou reverenciam aos antepassados, mantêm uma tradição.

Como agregador, o alimento medeia relações, considera que seu preparo carece de muitos afazeres, e em ocasiões especiais exige trabalho em grupo, “chamados os vizinhos, para tarefas precisas, exigindo formas ritualizadas de consolidar a coesão do grupo, consubstanciadas na partilha alimentar e na Comensalidade e como forma privilegiada de pagamento dos favores aos vizinhos” (LAMEIRAS, 1997, p. 8). Aspecto interessante sobre a Comensalidade é ressaltar que os tipos de comidas e as preparações culinárias variadas são “muitas vezes destinadas a ocasiões e a hóspedes diversos. O banquete oferecido é uma confirmação da condição do hóspede, da importância e do tipo de relação que com ele se tem” (LAMEIRAS, 1997, p. 7).

Ainda no ambiente familiar, também se mantém o hábito de oferecer à Deus aquele alimento e agradecer pela mesa farta, independente das crenças. Os valores se aproximam nesse quesito, “o alimento, a comida sagrada, nesse sentido, serve como principal moeda na economia de trocas simbólicas que se dá entre os seres sobrenaturais e os seus devotos” (LAMEIRAS, 1997, p. 17). A Comensalidade seria então, um mediador entre o homem e os deuses, que formalizariam vínculos em uma lógica de dar e receber.

> A alimentação possui significados simbólicos, forma um código complexo que perpassa aspectos sociais, econômicos, culturais, políticos, religiosos, estéticos etc. O alimento compartilhado e não como um ato solitário, autônomo e individual. Comida, mais especificamente, em oposição ao alimento ingerido somente para manter-se vivo. (HUBERT, 2011, p. 19)

Para essa Tese, interessam as questões simbólicas do alimento atrelado ao ritual do alimentar-se, como ato de integração, ato gregário, que socializa pessoas, as recepciona e as acolhe. Buscando fundamento de cunho tradicional, o alimento serve primeiramente, para nutrir aqueles que os ingere, numa frenética “busca pelo sustento, o que é fundamental para se manter vivo e dar manutenção à força de trabalho” (ZAMBERLAN et al., 2009, p. 4).

> Mas é, sobretudo, nas ocasiões de maior formalidade de relacionamento social que as virtualidades da linguagem alimentar ganham maior relevância. Os rituais de passagem são dos momentos em que tal relevância mais se acentua. O nascimento, o casamento e a morte são três fases do ciclo de vida nos quais a distribuição de alimentos e a Comensalidade surgem como característica comum. (ZAMBERLAN et al., 2009, p. 8)

Há então, interiorização de alimentos e de identidade (LAMEIRAS, 1997) que une estreitamente os comensais, em partilha da mesa comum, com os mesmos pratos e os mesmos hábitos, [teríamos então o *em sí* entre a Comensalidade e a Hospitalidade]. Sigo o autor na afirmativa, "a situação mais extrema de identidade através do alimento é aquela que nos é proporcionada pela circulação do pão de mão em mão" (LAMEIRAS, 1997, p. 21). Repassar o pão, compartilha-lo é uma das formas mais intimistas de Comensalidade. O alimento que veio pela mão do outro é o mesmo que me nutre, há assim uma cumplicidade em níveis de acolhimento que medeiam a Hospitalidade em trocas de múltiplas cumplicidades.

> O âmbito comensal, mesmo quando tolera excessos, é antes de tudo um ambiente de disponibilidade. Se as iguarias são abundantes, e chegam ao excesso, elas são sobretudo sinal de dádiva, de partilha ou de um poder que traz, com seu poderio, sua proteção. [...] Se o vinho circula e cultiva a embriaguez, ele favorece a confiança e o abandono. As condições favoráveis, criadas desta forma, podem servir a diferentes finalidades. De imediato a da coesão. Aquela de uma comunidade reunida ao redor de uma mesa, mas que também reconhece, na Festa, a ordem e a hierarquia que se revelam à mesa ou entre as mesas de acordo com os lugares e os serviços. Com o alimento e o vinho ajudando, a refeição também pode servir a qualquer acordo um pouco solene. (BOUTAUD, 2011, p. 1219)

Então os alimentos inseridos nas práticas do bem receber, via de regra, amenizam os assuntos mais duros, selam confiança e paz. Schemeil (2011, p. 1195) afirma: "Nada é mais político do que comer ou beber em comum quando os convivas não são consanguíneos nem ligados entre si. Sua futura família, seus vizinhos, seus 'colegas', seus 'camaradas' e outros 'companheiros', seus aliados e, por fim seus antigos inimigos". São estabelecidos códigos de ética concernentes à cultura em questão à medida que os laços sociais são reafirmados "estabelecidos ou mantidos pelos simpósios e banquetes. Quaisquer que sejam as circunstancias, armamo-nos interiormente de paciência e ficamos ostensivamente desarmados" (SCHEMEIL, 2011, p. 1195). Ele ainda diz dos banquetes públicos como "um momento situado no

meio de uma sequência de Hospitalidade que compreende o envio do convite; o aprovisionamento e a preparação da refeição; a acolhida e o posicionamento dos convidados, a ingestão de alimentos sólidos e líquidos [...]" (SCHEMEIL, 2011, p. 1195).

2.4.2 O ritual da comensalidade oferece hospitalidade

Dos rituais de sociabilidade, ou de Hospitalidade religiosa, o convívio à mesa é uma constante. O prazer implícito no ato de alimentar-se ao mesmo tempo em que desfilam as próprias questões existências ou de ordem social com os pares, confere aos fiéis sentimento de pertença que os legitima como membro de algo que é maior, que é significativo e dá real sentido aos papeis que desenvolvem na sociedade. Destaca-se um claro equilíbrio entre prazer em conviver para o ato de comer junto e o puro diletantismo gustativo (OLIVEIRA; CASQUEIRO, 2008). "Como todo ritual de Comensalidade seu maior destaque é a sociabilidade do ato de comer, manifestado na capacidade de congregar pessoas, oferecendo Hospitalidade a familiares e amigos" (OLIVEIRA; CASQUEIRO, 2008, p. 76).

A influência dos alimentos é frequentemente relembrada em festivas nos ambientes de religião afro, aspecto ressaltado por pesquisadores das mais variadas áreas. Normalmente se apresenta como referência do que é sagrado. A comida tem um papel fundamental no universo das religiões brasileiras, está presente em praticamente todos os momentos. Todos os cultos fazem oferendas de alimentos, propiciatórias de pagamento por favores recebidos, ou como resgate de faltas em relação aos preceitos religiosos. Essas oferendas rituais, também chamadas obrigações, procedimento rotineiro por parte dos envolvidos nas práticas religiosas, são dadas aos deuses, por exigência dos mesmos, a fim de propiciar auxílio em questões espirituais e materiais. São a restituição do axé, espécie de força divina, que atua como suporte das experiências humanas: vem dos deuses e deve ser a eles restituída (HUBERT, 2011).

Nas mais diferentes religiões, a Comensalidade se apresenta como ato de irmandade e fé, parte do receber, da Hospitalidade, do retribuir, do agradecer, media objetivos similares, unidade religiosa e socialização entre os adeptos.

A Bíblia apresenta várias citações a momentos em que o comer e o beber determinam marcos, a começar pelo fruto proibido, oferecido por Eva no Jardim do Éden. Em outros momentos o Livro Sagrado dos cristãos evidencia a importância do pão, do alimento e do partilhar, nas ações da figura de Jesus, como no pão e vinho que consubstanciam corpo do Cristo na Eucaristia.

> Pode ser compromisso de comunhão e participação dos seus gestos. Segundo a doutrina católica, na Comensalidade eucarística, os fiéis internalizam na 'carne' humana a ação, gestos e palavras, de Jesus - o pão da vida [...] a proposta de Cristo na Última Ceia foi estabelecer uma Comensalidade numa mesa, sem interditos alimentares, sem seleção de convivas, sem normas rígidas, com aquilo que se tenha para a mesa. (HUBERT, 2011, p. 6)

São criadas relações de tolerância e reciprocidade, alteridade e gratuidade, que também nos remetem a outro fato bíblico, quando Jesus transforma água em vinho para que uma Festa de casamento continue em celebração "de esperança e vida eterna" como ressaltam Soares e Camargo (2015, p. 6). "Isto serviu para destacar a postura aberta de Jesus, ao permitir o sentar-se à mesa de desiguais, impuros e não compatriotas, conforme citado em diversas passagens do evangelho, apresenta como emblema o episódio da última ceia" (SOARES; CAMARGO, 2015, p. 6). A alteridade do Cristo também tem seu marco bíblico na multiplicação dos pães e dos peixes em prol de um povo faminto.

> De um modo geral, as dissertações que correlacionaram Comensalidade e religião tiveram um denominador comum: a partilha do alimento como ato de purificação espiritual. Seja no ato da dádiva, seja no ato de sociabilidade, seja no ato de purificação, os trabalhos abordaram a importância da Comensalidade em momentos de fé. (SOARES; CAMARGO, 2015, p. 18)

O comer junto e partilhar, "envolve dimensões religiosas, jurídicas e políticas, permitindo descrever o essencial e o todo" (SOARES; CAMARGO, 2015, p. 5). Os mesmos pesquisadores ressaltam que os alimentos passam por uma seleção de ingredientes aliados a técnicas específicas, peculiares para a sua transformação em comida. E sobre alimento cerimonial, ele "se diferencia da cotidiana ao se priorizar a quantidade, sempre abundante, e a qualidade, na medida em que os alimentos mais raros e caros devem ser compartilhados em uma dinâmica social que promove a segurança alimentar do grupo" (SOARES; CAMARGO, 2015, p. 5).

Como parte da cerimônia, em ritual religioso ou social, no âmbito da dádiva ou no ato de purificação, a Comensalidade é elemento fundamental em momentos de acolhimento. E no em si da Comensalidade e da religiosidade: “o comer junto é, em primeiro lugar, um ato de fé diante do que se consubstancia na eucaristia católica. É também o significado de esperança na medida em que existiu a multiplicação dos pães” (SOARES; CAMARGO, 2015, p. 2).

> A religiosidade foi manifestada nas ações de orar e refletir na mesa antes do almoço, ir à procissão do Senhor Morto e às missas do Lava-Pés e do domingo da Ressurreição. O jejum apareceu em poucas narrativas, mas não é uma tradição abandonada. A proibição do consumo de carnes vermelhas foi conotada no sentido religioso do catolicismo e num sentido mais estrito de tradição de Comensalidade: *na Sexta-Feira Santa, quando os credos falam mais alto, a carne fica terminantemente proibida nas refeições* (Clara). [...] Mesmo as famílias que não rezam e não refletem sobre os valores da cristandade, preservam alguns elementos do ritual religioso, num sinal de lembrança e de respeito aos antepassados e aos mais velhos que são depositários da tradição. (OLIVEIRA; CASQUEIRO, 2008, p. 68)

Independente da religião dos sujeitos ou ausência de uma crença, ainda que por herança cultural, muitos rituais em torno dos alimentos mantêm um que de sagrado. Além da alegria durante a partilha, o sacro, a união, o enlace social e a paz, parecem uma constante em torno da Comensalidade. As mais diferentes religiões apresentam características similares referentes à comunhão entre os membros do grupo, características de sociabilidade e Hospitalidade, pois é ela, a Hospitalidade “[...] um dever religioso, legitimado pelo texto bíblico e que apresenta semelhanças com o exercício da caridade [...] tanto quem oferece a Hospitalidade como quem a recebe são obrigados a respeitar uma série de recomendações” (BORNET, 2011, p. 131).

> A Igreja Católica aconselha abstinência de carne e mesmo jejum em certas datas 'santificadas'. Ao mesmo tempo, incentiva seus adeptos a participarem do alimento fundamental do cristianismo que é a eucaristia, isto é, 'o corpo e o sangue de Cristo', consubstanciado na hóstia e no vinho. Além disso, a gula, entendida como um dos pecados capitais, expressa um controle da Igreja sobre os hábitos alimentares. No terreiro de umbanda, a maioria dos rituais religiosos está ligada à oferta de alimentos. A obtenção de favores das entidades é retribuída com a 'comida de santo'. Quem ainda não presenciou cenas de despacho em encruzilhadas ou nos cemitérios? Uma vela vermelha, galinha com farofa, uma garrafa com cachaça, charutos e moedas. Os espíritas, embora tenham hábitos de se alimentar de carne, nas ocasiões em que devem participar de uma 'mesa de trabalho' procuram evitá-la, por considerarem que esse alimento produz uma baixa vibração, o que dificulta a comunicação com os espíritos mais elevados. (DANIEL; CRAVO, 2005, p. 62)

Dentre os rituais que organizam as relações sociais, a Comensalidade encontra lugar de destaque. É um dos estruturantes da religião, a partilha, o pão da vida, a eucaristia que alimenta a alma dos cristãos em uma relação sagrada (GARCIA, 2007, p. 6).

> A eucaristia se torna, com isso, um ritual que, além de conferir identidade, liga a comunidade à memória de Jesus, oferece também uma oportunidade para que o grupo cristão experimente uma distribuição solidária do alimento. Os rituais de alimentação como forte elemento de interação social do mundo antigo acabam por se tornar elementos importantes das religiões. [...] As formas de interação social a partir de critérios de reciprocidade organizavam a vida cotidiana e a religião, definindo os papéis e status dos que eram de fora do grupo social. No cristianismo o ritual da partilha do alimento, mais do que organizar a comunidade e suas relações, assume papel constitutivo. O sacramento eucarístico aponta isso. (GARCIA, 2007, p. 7)

Na contemporaneidade somos bem mais seletivos que no princípio da história humana, quando se comia de tudo que estivesse ao alcance das mãos. Hodiernamente ideologias, religiosidade e cultura, influenciam na escolha do que comer, ditam costumes nas sociedades.

> Ao longo das épocas e regiões, as diferentes culturas humanas sempre encararam a alimentação como um ato revestido de conteúdos simbólicos, cujo sentido buscamos atualmente identificar e classificar como “políticos” ou “religiosos”. O significado desses conteúdos não é interpretado pelas culturas que o praticam, mas sim cumprido como um preceito inquestionável, para o qual não são necessárias explicações. O costume alimentar pode revelar de uma civilização desde a sua eficiência produtiva e reprodutiva, na obtenção, conservação e transporte dos gêneros de primeira necessidade e os de luxo, até a natureza de suas representações políticas, religiosas e estéticas. (CARNEIRO, 2005, p. 72)

Na organização da vida cotidiana, segundo Carneiro (2005), vários fatores influenciam nos hábitos alimentares. Como exemplo ele cita os critérios morais e tabus religiosos. Parece então, comum a relação entre alimento e religiosidade, Hospitalidade e Comensalidade, características que definem uma sociedade, ainda que nesta mesma haja variações sobre o que comer e quando comer justo por preceitos culturais e religiosos. A Comensalidade é comum a todas as religiões como momento de interação, festividade e alegria.

No sentido bíblico a composição do banquete dentro de um ritual religioso, o ‘comer em conjunto’ expressa comunhão, amorosidade e alteridade. “É sob esse prisma que queremos voltar nosso olhar para a Festa do Divino, na qual a

Comensalidade, ou seja, a partilha feita em fraternidade e harmonia é uma das principais peculiaridades da celebração (VILLANOVA; PELEGRINI, 2011, p. 5). São muitos os exemplos encontrados na Bíblia sagrada do uso dos alimentos.

> Um exemplo marcante na utilização desses produtos alimentares encontra-se a sopa confeccionada à base de legumes que Eliseu preparou para matar a fome aos filhos dos profetas. Todavia, esta refeição ficou marcada por uma particular desgraça: dos legumes silvestres recolhidos para a sopa, um era venenoso. Os comensais só se aperceberam de tal situação quando estavam a degustá-la e ela sabia mal. Nesta circunstância, Eliseu deitou farinha na sopa e o veneno desapareceu. Além de outras ilações de carácter teológico que deste episódio se poderão retirar, vinca-se o facto de os alimentos poderem ser considerados os alimentos serem considerados medicamentos ou venenos. (LAVRADOR, 2010, p. 69)

Dos exemplos bíblicos, inúmeros envolvem a feitura de alimentos ou produção de milagres para saciar a fome, como no caso da multiplicação dos pães e dos peixes para matar a fome dos pobres e o milagre da transformação da água em vinho para alimentar o congraçamento nas Bodas de Canaã (ambos protagonizados por Jesus Cristo) ao estar, o alimento, no centro das questões sociais mais elementares.

A comunhão entre deuses e humanos é comum às mais diferentes comunidades e também nessa conjuntura religiosa a separação entre acolhedor e acolhido se faz difícil,

> Os rituais de Hospitalidade, que incluem em geral refeições em comum com o que a comunidade anfitriã festeja o estrangeiro que é recebido, constituem um elemento essencial do laço social: cara a cara com o estrangeiro [se desenvolve em troca que é a compensação implícita do dar e receber] pois o acolhimento é uma ocasião de Festa, de reencontro de todos com o estrangeiro em si. (LÉTOUBLON, 2011, p. 353).

Tal Ideia, se funde com o que diz Boutaud ao traçar paralelo entre os mesmos termos, “fundamentos eucarísticos de nosso imaginário da mesa, o pão e o vinho dados em partilha, permanecerão os dois pilares de nosso consumo ocidental, vetores essenciais de solidariedade e Hospitalidade” (BOUTAUD, 2011, p. 1217).

2.4.3 Comensalidade

A Comensalidade, para esta pesquisa, é ponto de partida para o entrelaçamento do alimento ofertado na Festa do Divino e a sua Hospitalidade

intrínseca, nos locais em que a presente pesquisa se deu, quais sejam, Alcântara e Criúva. Tal aspecto constituiu-se um desafio, pois o universo de pesquisas disponível não se mostrou vasto e acessível, mas ao que se percebeu, via de regra, as pesquisas encontradas deixam clara a relação entre Comensalidade e religião, apontam o que ambas têm em comum: “a partilha do alimento como ato de purificação espiritual. Seja no ato da dádiva, seja no ato de sociabilidade, seja no ato de purificação, os trabalhos abordaram a importância da Comensalidade em momentos de fé” (SOARES; CAMARGO, 2015, p. 196).

Do que já fora exposto sobre o partilhar nas recorrentes e diferentes formas do festejar do Divino Espírito Santo, a Comensalidade é percebida como ato de comunhão e reciprocidade entre os convivas de uma mesma prática religiosa. A partilha é movimento solidário contínuo de acolhimento e sociabilidade pois, ao “dividir o alimento com o próximo consegue superar a necessidade básica de saciar o apetite, que é uma necessidade fisiológica primordial das pessoas. A sociabilidade que aflora no ato de se alimentar junto consegue ser mais importante ainda” (SOARES; CAMARGO, 2015, p. 42).

A fusão entre Comensalidade e Hospitalidade é notória em trecho de pesquisa de Mundicarmo Ferretti (1985, p. 47), quando diz que durante a Festa do Divino os anfitriões procuram servir aos visitantes um café ou um copo de mingau de milho para agrada-los “e prepara-se jantar aos tocadores [...] Serve-se jantar para todos os presentes. E na do Espírito Santo não pode faltar um chocolate com bolo após a missa e a preparação de várias mesas de doces que são distribuídos no último dia”.

Os resultados a que se chega em níveis de culturas individuais, não se deram de maneira pacífica e harmoniosa. O que se elege como cultura própria carrega consigo um lastro histórico não tão pacífico, mas que, de alguma forma, corroborou para as novas identidades culturais as quais o ato de comer junto ocupou seu lugar em cada povo. Por sua vez, Boff (2015, p. 45):

> Etnobiólogos e arqueólogos acenam para um fato singular. Quando nossos antepassados antropoides saíam a coletar frutos, sementes, caça e peixe, não comiam individualmente. Tomavam os alimentos e os levavam ao grupo. E aí praticavam a Comensalidade, o que significa: distribuíam os alimentos entre si e comiam-nos comunitariamente. Essa Comensalidade permitiu o salto da animalidade em direção à humanidade. Essa pequena diferença fez toda uma diferença.

Fica claro que a cultura, a religiosidade e as crenças, influenciam na relação dos povos com o ato de comer junto, o que comer, quando e como fazê-lo, em processo de desenvolvimentos dos laços sociais. Então não só por necessidades, mas principalmente, a relação do humano com o alimentar-se parece ser espiritual, tradicional e cultural, antes mesmo de ser uma necessidade fisiológica. Essa é a tônica percebida nos banquetes e festividades comensais do Divino, a exemplo do que evidenciei no campo de pesquisa, tanto em Alcântara, quanto em Criúva.

Banquete significa: “Refeição solene e aparatosa; festim. Banquete sagrado, a comunhão eucarística-boda”. Leva a que, em uma primeira impressão, a simplicidade e a rusticidade pareçam contrárias à sua definição. Nesse sentido, os alcantarenses substantivam corretamente a mesa que preparam para o Espírito Santo. Trata-se de um banqueteamento sagrado na medida que não comem para saciar a fome, mas, sim, para consagrar e comungar em um ato solene que demanda dias de trabalho e um número elevado de pessoas que se reúnem para gratuitamente preparar os pratos da tradição local, a serem servidos aos que ultrapassam a soleira da porta. A Comensalidade está intrínseca à Hospitalidade. Nas palavras de Haroldo Junior, experiente membro da Festa de Alcântara, “oferecemos o que temos de melhor em uma grande Festa” (HAROLDO JUNIOR, 2018, n.p.)[4].

Durante os banquetes das Festas do Divino em Alcântara, a mesa das Caixeiras tem destaque, ali presentes os laços sociais e culturais com o quilombo[5].

No desenrolar dos processos históricos a Hospitalidade se confunde com a Comensalidade ao providenciar aconchego e segurança de um grupo. Esteve sempre atrelada a inúmeros códigos de ética e de relações sociais e sobre os papéis implícitos, tanto de quem recebe como de quem é recebido, “em todas as tradições, as relativas às refeições tem um caráter obrigatório e constrangedor; o hóspede não pode furtar-se à refeição sem ofender aquele que o recebe. [...] o dono da casa tem

[4] Entrevistado em 2017 durante a Festa do Divino de Alcântara.

[5] Definição: “povoação fortificada de negros fugidos do cativeiro, dotada de divisões e organização interna (onde tb. se acoitavam índios e eventualmente brancos socialmente desprivilegiados)”. Segundo Dicionário Online de Português. O histórico de quilombos é de fundamental importância para contar a história da própria cidade. O termo quilombo, no Brasil, a partir da Constituição de 1988, “a questão quilombola passou a ser reconhecida oficialmente” (PINHEIRO, 2014, p. 1). A Carta Magna “reconhece a titulação das terras de comunidades remanescentes quilombolas e após décadas de exclusão, as políticas de reconhecimento foram adotadas como forma de evitar a aculturação e extinção de grupos étnicos”. Fonte: https://www.dicio.com.br/quilombo/.

obrigação de alimentar seu hóspede; ao fazer ele o honra" (TOPARKOV, 2011, p. 209).

O dar e receber se constituem em uma via de mão dupla no diapasão das benesses e dos pontos de tensão que envolve os processos de comunicação aqui instaurados em "transmissão e prestação de contas. Tudo vai e vem como se houvesse troca constante de uma matéria espiritual que compreendesse coisas e homens, entre clãs e os indivíduos, repartidos entre as funções, os sexos e as gerações" (MAUSS, 2003, p. 202-203).

Uma das formas mais reconhecidas de Hospitalidade, em qualquer época e em todas as culturas, é o compartilhar à mesa com alguém. Comer junto assume então, um significado ritual e simbólico muito superior à simples satisfação em alimentar-se. Essa forma de partilha, de troca e de reconhecimento interseccionada com a Hospitalidade.

> Na acepção ordinária, o comensal assume, antes de tudo, a figura do hóspede. Ele se identifica, desse modo, sob o termo genérico de convidado (isotopia da recepção) ou, de maneira mais específica, de conviva (isotopia da refeição), porque a noção de Comensalidade condensa os traços da Hospitalidade e os da mesa [...]. (BOUTAUD, 2011, p. 1213).

Então, Comensalidade e Hospitalidade, diante do "pôr-se na condição" de Hospitalidade a Comensalidade Religiosa, e a serviço dela, cria um comando próprio ao dissocia-la do sentido primeiro de Hospitalidade, ainda que se mantenham interdependentes e retroalimentares. Nas imbricações entre a Comensalidade e a Hospitalidade, ressalta-se também a Hospitalidade doméstica que "é representada pelas relações que se estabelecem na casa, no lar. E é definida como a matriz e o espaço de preservação dos rituais legados pela tradição, tanto na forma de recepcionar como de hospedar, alimentar e entreter" (CAMARGO, 2017, p. 718), pois Hospitalidade é, em minha análise, um processo na formação e reafirmação dos laços sociais e garantia de repasse de tradições em oralidade ou replicação de comportamentos e consumos à mesa, à guisa de hospitalidade.

Comensalidade é processo de mediação do acolhimento, contem nela mesma a sua própria Hospitalidade, ecoada pela comunicação interpessoal que é "carregada de conteúdos não verbais ou de conteúdos verbais que constituem fórmulas rituais que variam de grupo social para grupo social" (CAMARGO, 2004, p. 31), resulta em

sociabilidade e, me parece, um passo para além da Hospitalidade. E por intrínseco ato de retroalimentação, a Comensalidade parece se confundir com a Hospitalidade à medida que o alimento, o estar à mesa e o acolhimento, dificilmente podem ser lidos individualmente e dissociados. Então é Comensalidade ao dizer do ser hospitaleiro na forma de alimentar o outro, de acolhê-lo de forma amalgamada por não haver limites definidos entre um e outro termo, não há também diferença entre um e outro (quem acolhe e quem é acolhido, quem alimenta e quem é alimentado).

Caberia uma conclusiva de Camargo (2015), ao relacionar uma “filosofia e uma teologia que se ocupam da Hospitalidade do ponto de vista ético e estético e uma antropologia que desvela as peripécias do exercício dessa ética e dessa estética da cena hospitaleira, ao longo dos eixos da intimidade e do anonimato” (p. 63).

Portanto, a Comensalidade é, em minha compreensão, mais que o mero fato de se alimentar, emana da necessidade que o sujeito tem em partilhar ao comemorar qualquer que seja o evento. Comemorar - comer e orar sugerem celebração e mesmo diante da velocidade que a atualidade nos impõe, quando os tempos cronológicos são suprimidos por outros tempos mais fluidos, impede ou dificulta o encontro para o comer junto, ao que se percebe, ainda há uma busca por esse encontro, por esse momento, pois ao ser humano é importante o agregar-se e a agregação, substancialmente, sugere celebrar o momento. Entretanto, invariavelmente, representará um modo de ser, uma expressão cultural e representação social em seu conjunto.

Por fim, em qualquer que seja a época o alimentar-se aparece nas narrativas como ponto central das festivas, nos momentos de acolhimento e alteridade em torno da mesa, onde o alimento é motivo para o fortalecimento dos laços no elo entre o Eu e o Outro, o preparo da comida, a exibição desta e a própria cerimônia da ceia como parte do cimento social (SANTOS, 2008). Ao utilizar modo levinasiano de acolhimento e alteridade análogo à Festa do Divino Espírito Santo, tem-se também um abrir mão do próprio alimento para alimentar a Outrem, como no caso dos festeiros na cidade de Alcântara, que a duras penas conduzem a manifestação, mantem a tradição de alimentar a quantos “irmãos” os visitarem.

Importa o bem-estar e bem receber de quem louva ao Espírito Santo, não importam as condições financeiras limitantes que os assola constantemente: “O Divino providencia” (Festeira de 2017) e por isso alimentam primeiro aos que visitam e o

quanto sobra, alimenta a própria casa. A Comensalidade religiosa é a própria Hospitalidade na lógica do receber na Festa do Divino.

Importante ressaltar as constantes referências à Festa do Divino em relação à fartura, partilha e sociabilidade dos devotos. Ainda que os comensais não caibam todos ao mesmo tempo em torno do banquete providenciam generosa distribuição de centenas e até milhares de pratos de comida. "Os festeiros almoçam com padre em um local privilegiado da casa da Festa. A figura dos reis da celebração é colocada em destaque, afinal são considerados os mentores de toda festividade naquele ano" (VILLANOVA; PELEGRINI, 2011, p. 5). É considerada, então, a hierarquia para compor as mesas de forma que todos sejam servidos independentemente da posição no império ou na Festa. Em alguns casos, talvez não haja uma imposição rígida de poder, “mas sim da liderança do casal sobre a comunidade. Estas figuras são capazes de reunir familiares, amigos, conhecidos e turistas em volta de uma refeição que tem a benção divina” (VILLANOVA; PELEGRINI, 2011, p. 5). Os sujeitos estão à serviço do Divino e assim instituídos de um poder simbólico segundo os autores.

Hábitos e práticas alimentares, pelo fator agregador, que contribui para laços sociais mais unificados, podem desenvolver nos indivíduos o sentido de pertencer àquele grupo, esses hábitos normalmente constituem as tradições culinárias que nos indivíduos “outorga uma identidade, reafirmada pela memória gustativa” (SANTOS, 2005, p. 5).

> As dádivas sob a forma de comida sempre tiveram um papel importante nas sociedades tradicionais para estabelecer e/ou reforçar os laços de solidariedade no conjunto da comunidade. [...]. Entendendo que a comida desperta lembranças que permitem reconstruir a memória, o que possibilita redefinir e reconstruir identidades. Na cozinha, prevalece a arte de elaborar os alimentos e de lhes dar sabor e sentido. Nela, há a intimidade familiar, os investimentos afetivos, simbólicos, estéticos e econômicos. Em seu interior, despontam as relações de gênero, de geração, a distribuição das atividades que traduzem uma relação de mundo, um espaço rico em relações sociais, fazendo com que a mesa se constitua, efetivamente, num ritual de Comensalidade. (SANTOS, 2005, p. 8-11).

O alimento, então, na dinâmica de sua competência agregadora, também nos remete ao ambiente da cozinha. “A cozinha é, portanto, um espelho da sociedade, um microcosmo da sociedade, é a sua imagem” (SANTOS, 2005, p. 11). O pesquisador também firma que as cozinhas mudam “transformam-se graças às influências e aos intercâmbios entre as populações, graças aos novos produtos e alimentos, graças às

circulações de mercadorias" (SANTOS, 2005, p. 11). São muitas as festividades que selam datas comemorativas e reafirmativas da memória de um povo:

> A festividade, o comemorar, o reencontrar memórias vividas, exemplificam experiências temporais em interação, identidades valorizadas, porém em geral, pouco historicizadas e contextualizadas; é, também, a partir da necessidade de ritos, símbolos e vivências de memórias coletivas que é possível imaginar uma ética e uma política de memória coletiva que têm, na experiência, nas vivências *vividas (de carne e osso*) ou inventadas, sua mediação. [...] memória como lugar de persistência, de continuidade, de capacidade de viver o insistente. (TEDESCO; ROSSETO, 2007, p. 36)

Desse conjunto de ações voluntária e involuntárias que resultam os laços sociais no desenrolar da Festa do Divino Espírito Santo, a comunhão com os pares, as festivas em torno da mesa é mais que mesa, mais que saciar a fome corporal, isto é, o alimento quantitativo não é o mais urgente e importante, mas é o simbólico e o imagético como sinal de liberdade e vida.

O esmolar, a doação e a partilha muito significam em acolhimento, em dádiva, em amor e caridade, a exemplo do que Lévinas nomeou acolhimento, e a exemplo também da compreensão da alteridade e os fios que a constituem (em Derrida), quando passam pelo nó da Hospitalidade, todos estariam na instância de uma Hospitalidade que precede a propriedade como sugeriu Lévinas, elenca agora novos condutores desta Hospitalidade em um dar, receber e retribuir que se encontram imbricados de forma amalgamada e indissociável nas trocas relacionais.

A mesa no período contemporâneo, especialmente, nas famílias, acabou por perder um pouco o espaço, sobretudo, pela organização cotidiana irregular e esporádica do tempo nos dias e tempos atuais. A Hospitalidade e a Comensalidade enfrentam também esse aspecto, ao sufocar o lugar na mesa e da partilha pelo da rapidez e praticidade.

Para mim, a Hospitalidade implícita e explícita nos objetos pesquisados, baseia-se também no que os convivas pensam sobre a Festa na perspectiva do acolhimento: O acolhimento e a Hospitalidade transmitidas pela Comensalidade dos que fazem a Festa do Divino aos visitantes, transmuta-se em um para além da Hospitalidade (Hospitalidade Comensal da Hospitalidade formal) na reafirmação dos laços sociais e os princípios de alteridade, que se evidenciarão nas análises das

narrativas dos sujeitos que depuseram suas impressões e compreensões sobre as trocas no contexto da Festa.

> A Festa é, por excelência, um momento de convívio e compartilhamento. Associá-la à Hospitalidade é, portanto, um encaminhamento profícuo, que pode contribuir para o melhor entendimento da manifestação. Iniciando pela Festa, na atualidade esta se inclui entre as mais ricas expressões culturais presentes no cotidiano das comunidades, por denotar modos de vida atuais e experiências passadas, que nela são repassadas às gerações futuras. (GOMES; GASTAL; CORIOLANO, 2015, p. 90).

No capítulo seguinte serão ambientados os Estados e Municípios onde as Festas do Divino Espírito Santo, objeto desta Tese, estão situadas. Estrutura o entendimento sobre as similitudes e diferenças entre Alcântara e Distrito de Criúva, na dimensão mesma da Festa e da cultura. Esses lugares, são os espaços apropriados para que se compreenda a Hospitalidade mediada e contida na Comensalidade das duas Festas.

3 MARANHÃO E RIO GRANDE DO SUL

O Estado brasileiro, continental, misto e diverso, incita pesquisas que denotem suas multiplicidades. O País marca-se por crenças plurais e por inúmeros caminhos científicos para conhecê-las, contextualiza o sujeito em seu escopo social de religiosidades, valores e códigos éticos que os identificam em seus universos como distintos e únicos.

Na presente pesquisa, optei por percorrer tessituras associadas a duas formas de exaltar o Espírito Santo, aproximei as Festas do Divino como comemoradas em Alcântara-MA e Distrito de Criúva, em Caxias do Sul-RS. São *lócus* distintos, mas que em muitos aspectos se aproximam. Em ambos, há um passado de luta na ocupação e resistência no e pelo território. Aproximam-se, ainda, nas práticas do catolicismo popular, como as Festas de exaltação ao Divino Espírito Santo, que têm como elo preponderante a Comensalidade e a Hospitalidade.

Na perspectiva da construção de sentidos sugerida por Geertz (1958, p. 4), a religião é “sistema de símbolos” e, também, “construção ordenadora das atividades humanas, não raro uma forma de guarida frente às mazelas do cotidiano, o que contribui para que a Festa religiosa se dê como demonstração de fé, de escape e de liberação de sentimentos, ou ainda como momento de agradecimentos”, varia em forma de construção e ritual diante das peculiaridades do fazer festivo em cada sociedade (GASTAL; MARTINS, 2018).

As manifestações religiosas e populares também se colocam, para os menos favorecidos, como espaço de resistência e, no caso da Festas, DE ativação de práticas que mantenham vivas as culturas locais, num ambiente capitalista e tecnológico que as ameaça, leva, não raro, a relações tensas de poder:

> Para Michel Foucault, a resistência poderia ser tomada como ponto de partida ou como uma espécie de ‘catalisador químico, de forma a trazer à luz as relações de poder, localizar sua posição, encontrar seus pontos de aplicação e os métodos usados’. A resistência compreendida como intrínseca e não externa às relações de poder; uma resistência entranhada no tecido social, no cotidiano, no banal. A insubordinação, o não-acomodamento, a recusa ao ajustamento são algumas de múltiplas formas que a resistência pode assumir. (NASCIMENTO, 2009, p. 120)

Em Alcântara, onde há forte presença de quilombos, vários são os espaços de resistência, onde cultos católicos, evangélicos e afros misturam-se e mantêm festividades religiosas que envolvem a todos. “Nestas comunidades, as principais Festas religiosas são as comemorações do Espírito Santo. Embora o catolicismo seja, [em geral], predominante, o Candomblé, também é praticado” (SILVA; MELO, 2011, p. 1375). Em alguns quilombos, a comunidade opta por seguir uma única religião. De qualquer forma é um extrato do Brasil religioso que perpetua a ligação com o Divino e o supra terreno.

No que se refere ao Sul do Brasil, os primórdios da ocupação europeia do território apresentam confluências entre o papel que a religiosidade exercia na vida dos sujeitos, para além da fé, como elo com suas culturas de origem e como meio de manterem-se resignados frente as agruras da colonização. Dados do IBGE (2010) demonstram que, na contemporaneidade, a Região Sul conta com a expressiva soma de 70,1% de católicos, equipara-se aos números no Nordeste (72,2%).

Diante destes aspectos, importa agora apresentar os dois Estados por suas origens e desenvolvimento socioeconômico, para então compreendê-los em dinâmica religiosa atual que conflui para a prática das Festas do Divino Espírito Santo hodiernas.

3.1 O ESTADO DO MARANHÃO E AS MARCAS DA RELIGIÃO NORDESTE

O Maranhão, na região Nordeste, apresenta ecossistemas diversificados. São 640 quilômetros de praias tropicais quem contem Mata dos Cocais (leste); mangues na região litorânea, Floresta Amazônica (oeste) e Cerrado (no Sul). O clima tropical, o relevo de costa recortada e a planície litorânea ocasionam a presença de dunas e de planalto na região interior do Estado. Das riquezas do subsolo destacam-se minas de calcário, ouro, cobre, gipsita, diamante e argila. A Figura 2, representa geograficamente a cidade de Alcântara no Estado do Maranhão.

Figura 2 – Representação geográfica da cidade de Alcântara no Estado do Maranhão

Fonte: Produzido por Elis Louise Cuchinir Oleas e Julia Luise Altmann (2018)[6].

O Maranhão conta com cerca de sete milhões de habitantes, destes, um milhão e meio ocupa a grande ilha onde estão São Luís, cidade mais populosa do Estado, Paço do Lumiar, São José de Ribamar e Alcântara (IBGE, 2015). O Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) é de 0.639, o 27º do país; a renda per *capita* média situa-se em R$597,00, ocupa também a 27º posição, denota a pobreza em que vive a maioria da população maranhense. O Estado ainda busca um desenvolvimento econômico significativo, pois mesmo que seu processo histórico remonte ao século XVI e que seja na atualidade o oitavo maior Estado da Federação, coloca-se como o 16º em termos de desenvolvimento econômico. Por isso o turismo tem sido uma opção econômica para o desenvolvimento local:

[6] Alunas de Iniciação Científica vinculadas ao projeto de pesquisa “Equipamento urbano e cidade: a formação da localidade turística”, no Programa de Pós-graduação em Turismo e Hospitalidade da Universidade de Caxias do Sul, sob a coordenação do Prof. Dr. Pedro de Alcântara Bittencourt César.

> O mapa do turismo do Maranhão mudou. O Estado reduziu de 68 para 46 o número de municípios participantes de suas 10 regiões turísticas: Polo São Luís (4); Polo Amazônia Maranhense (3); Polo Chapada das Mesas (5); Polo Cocais (5); Polo Delta das Américas (4); Polo Floresta dos Guarás (7); Polo Lagos e Campos Floridos (7); Polo Lençóis Maranhenses (3); Polo Munin (5); e Polo Serras Guajajara Timbira e Kanela (3). O levantamento foi divulgado pelo Ministério do Turismo, em Brasília. Em todo o país, foram identificados 2.175 municípios em 291 regiões turísticas. (MINISTÉRIO DO TURISMO, 2016)

Há um entendimento de que os recursos naturais constituem ativos turísticos que podem ser instrumento de desenvolvimento socioeconômico e de bem-estar da coletividade. E é na perspectiva de superação da miséria, da vida marginal, que se considera que o *desenvolvimento*[7] possa possibilitar o crescimento endógeno para os municípios do Maranhão. Para Carestiato (2000, p. 27), a construção do poder endógeno significa que um determinado grupo social possa autogerir-se, desenvolve o seu potencial socioeconômico, preserva o seu patrimônio ambiental e supera as suas limitações, na busca continua de qualidade de vida de seus indivíduos.

Desta forma, entende-se o Maranhão como um Estado rico em atrativos naturais e culturais, na mesma medida em que é abastado de problemas e gargalos políticos que dificultam seu crescimento e desenvolvimento turístico em pé de igualdade com outros Estados nordestinos que usufruem das benevolências da atividade. Do contexto sincrético, várias foram as formas de expressão religiosa e de manifestações culturais dos maranhenses, destaquei dentre elas, a Festa ao Divino, herança portuguesa, que hoje agrega marcas indígenas e africanas.

3.1.1 Histórico

Até o século XVI, o território hoje denominado como Estado do Maranhão, era ocupado por indígenas dos grupos Tupinambás, Tremembés e Potiguaras. Espanhóis se fizeram presentes na região, três décadas e meia antes dos portugueses, na tentativa, sem êxito, de ocupar o território. Para Lacroix (2012, p. 17), há muito tempo navegadores percorriam o litoral, em “relação amistosa com nativos por meio do

[7] Há que se sublinhar o proposto por Bursztyn, Bartholo e Delamaro (2009, p. 77), para quem o desenvolvimento: “uma ideia dos anos 1950 que marca a discussão sobre as estratégias políticas e econômicas que permitiriam às nações menos favorecidas efetivar a superação da miséria”.

escambo". Oficialmente, o primeiro europeu a irromper o litoral maranhense teria sido o navegador espanhol Vicente Yàñez Piazón[8], ainda em 1500, mas os franceses, a exemplo de Daniel de Latouche (Senhor de La Ravardièr), também se fizeram presentes:

> Aconteceu em São Luís a invenção de tradições, fenômeno comum na última década do século XIX e mais acentuadamente nas primeiras décadas do século XX. No bojo do discurso laudatório, constituindo a comunidade maranhense como a mais erudita, elegante, gentil e hospitaleira, surgiu a construção de uma outra distinção: a da fundação de sua capital pelos franceses. Aquele momento de rápidas transformações sociais exigiu dispositivos confirmatórios de uma identidade e coesão social. Os métodos do recém-instalado governo republicano incluíam feriados, cerimônias e heróis. No Maranhão, La Ravardière, fidalgo francês, tornado novo herói, passou a fundador da cidade, sendo subtraída de Jerônimo de Albuquerque, o valente mestiço de português com índia, a honra da fundação da "Atenas do Brasil". (LACROIX, 2005, p. 55)

A pesquisadora ainda grifa que o nome da capital homenageia o francês Luís IX, "canonizado muito antes do descobrimento do Brasil, muito reverenciado pelos fiéis portugueses e não, uma homenagem prestada a Luís XIII, como erroneamente atribuem alguns" (LACROIX, 2005, p. 57). O que coloca Daniel de La Touche como mais um invasor e não como 'o' fundador, ao considerar não haver, na atualidade, edificações ou cultura com influência francesa na capital maranhense. Os franceses foram expulsos em novembro de 1615, frustra a ocupação. Em 1641 será a vez da invasão holandesa, que objetivava expandir a produção de cana-de-açúcar; a expulsão dos mesmos se deu em 1644, também implementada por portugueses. Foram então os colonos portugueses, após a expulsão dos franceses, que se apossaram do território destaco a figura destes ao impulsionarem a economia e um legado cultural e arquitetônico marcante.

Muitas revoltas marcaram a história maranhense, pois as condições de vida eram difíceis sob a coroa portuguesa. Em 1774 houve a ruptura entre Maranhão e Pará, motivada pela forte influência portuguesa no primeiro, que resistia em aceitar possível independência do Brasil de Portugal (consolidada em 1822). O Maranhão vem à luz, portanto, em cenário de guerra entre povos nativos e colonizadores (COELHO NETTO, 1979; LACROIX, 2012; VIVEIROS, 1992).

---

[8] Vicente Yàñez Piazón - Navegador espanhol apontado como co-descobridor da América em 1492 como capitão da caravela La Niña, na primeira expedição de Cristóvão Colombo.

O avanço dos europeus chega ao sertão, área de povoados indígenas o que, entre outras variáveis, tornava o cenário bastante hostil e desafiador. No alto sertão criou-se a civilização do gado, caracterizada pelas fazendas erguidas, “com a casa do vaqueiro ou preposto, curral, ocupação de terras, aparecendo assim o seu aspecto fundiário da propriedade, pequena agricultura de sustentação, firmando a conquista definitiva com o afastamento dos gentios, seus primitivos habitantes” (COELHO NETTO, 1979, p. 11). Era esse o perfil do princípio da ocupação que partiu das entranhas do Estado, e não apenas pelo litoral. Coelho Netto (1979, p. 12) cita os territórios de ocupação que encenaram a odisseia dos que “atravessavam o rio Parnaíba e vislumbravam Pastos Bons e se estendem nos campos e nas agradáveis ribeiras até chegar em Tocantins, estabeleceu na época o conflito de fronteiras entre a província do Maranhão e as de Goiás e Pará”.

A presença de escravos no Maranhão reporta a 1671, quando Padre Antônio Vieira[9] sugere ao rei de Portugal, em uma “petição assinada por leigos e frades requerendo ao Senado da Câmara de São Luís a compra de escravos que por lá chegaram em dois navios estrangeiros, pois do contrário consumar-se-ia a ruína da terra, já muito decadente” (LACROIX, 2012, p. 33), pelo entrave econômico em decorrência da ausência de mão de obra indígena escravizada. Do encontro destes diferentes povos em um momento histórico determinado, principiará o desenvolvimento empírico da pesquisa. Compreende-se que a riqueza cultural advinda do processo de desenvolvimento histórico cria o legado cultural vasto e rico, que explicita as inúmeras competências culturais do Estado, de maneira eclética (GOMES; CORIALANO, 2017).

O emaranhado que envolve o Maranhão resulta da contribuição de índios, africanos e europeus portugueses, holandeses, franceses, e até sírio-libaneses. A exemplo de São Luís e Alcântara, outras cidades formaram centros de dominação colonial que carecia de mão de obra ‘eficaz’ para garantir os interesses:

> As cidades e vilas da rede colonial, correspondentes à civilização agrária, eram, essencialmente, centros de dominação colonial criados, muitas vezes, por ato expresso da Coroa para defesa da costa, como Salvador, Rio de Janeiro, São Luís, Belém, Florianópolis e outras. Exerciam, como função principal, o comércio, através de importação e contrabando, e a prestação de

[9] Personalidade que se destacou como missionário, defendeu os direitos dos povos indígenas combateu a exploração e escravização e pregando o Evangelho.

> serviços aos setores produtivos, na qualidade de agências reais de cobrança de impostos e taxas, de concessão de terras, de legitimação de transmissões de bens por herança ou por venda e de julgamento nos casos de conflito. (RIBEIRO, 1995, p.195)

É por essas múltiplas funções, sociais, religiosas e políticas que o tráfico negreiro vem a impactar o resultado cultural que o Brasil significa em peculiaridades únicas nos Estados.

> Assim, apesar das imensas diferenças que mediavam entre as formações socioculturais europeias e as brasileiras, ambas eram fruto de um mesmo movimento civilizatório. Com a industrialização se altera essa constelação urbana no que tinha de fundamental, que era sua tecnologia produtiva, transformando todo o seu modo de ser, de pensar e de agir. Provocaria uma sequência de alterações reflexas nas sociedades dependentes, de natureza tanto técnica quanto ideológica que, aqui também, transfiguraram o caráter da própria civilização. (RIBEIRO, 1995, p. 197)

Os africanos traficados vinham, em maioria, da costa ocidental africana evidenciando tipos culturais de três grupos.

> O primeiro, das culturas sudanesas, é representado, principalmente, pelos grupos Yoruba - chamados nagô -, pelos Dahomey – designados geralmente como gegê - e pelos Fanti-Ashanti – conhecidos como mircas -além de muitos representantes de grupos menores da Gâmbia, Serra Leoa, Costa da Malagueta e Costa do Marfim. O segundo grupo trouxe ao Brasil culturas africanas islamizadas, principalmente os Peuhl, os Mandinga e os Haussa, do norte da Nigéria, identificados na Bahia como negros malé e no Rio de Janeiro como negros alufá. O terceiro grupo cultural africano era integrado por tribos Bantu, do grupo congo-angolês, provenientes da área hoje compreendida pela Angola e a "Contra Costa", que corresponde ao atual território de Moçambique[...]. (RIBEIRO, 1995, p. 113)

Das pesquisas de Darcy Ribeiro (1995) emerge um Brasil de africanidade, indigenidade e europeidade que hoje perfila o povo brasileiro em suas matizes culturais mais populares (GOMES; BAPTISTA, 2015, p. 325) dizem ser cultura popular uma representação simbólica, por onde se percebem “características de determinado grupo social por intermédio de práticas, manifestações folclóricas e Festas tradicionais”, representando o genuíno, o que lhes torna único. A cultura popular seria então, de forma lúdica, maneira de relacionar-se em um meio social, a própria representação das práticas culturais.

> Quer dizer, nas crenças religiosas e nas práticas mágicas, a que o negro se apegava no esforço ingente por consolar-se do seu destino e para controlar

> as ameaças do mundo azaroso em que submergira. Junto com esses valores espirituais, os negros retêm, no mais recôndito de si [...]. Tanto, reminiscências rítmicas e musicais, como saberes e gostos culinários. Essa parca herança africana - meio cultural e meio racial -, associada às crenças indígenas, emprestaria, entretanto à cultura brasileira, no plano ideológico, uma singular fisionomia cultural. Nessa esfera é que se destaca, por exemplo, um catolicismo popular muito mais discrepante que qualquer das heresias cristãs tão perseguidas em Portugal. (RIBEIRO, 1995, p. 117)

Decorrência do percurso descrito, ponto nevrálgico para compreensão das imbricações culturais e religiosa presentes na efetivação da Festa em louvor ao Divino, estão na miscigenação e o sincretismo religioso, a segunda adveio da primeira. Além dos já referenciados encontros entre europeus e indígenas, é necessário ligar a entronização dos africanos, para chegar-se à cultura que resulta da miscigenação e do sincretismo.

3.1.2 A cidade de Alcântara

A cidade de Alcântara apresenta clima tropical quente e úmido, com temperatura média anual de 29 graus centígrados. Integra a Região Metropolitana de São Luís, com população de mais de 22 mil habitantes (IBGE, 2017). O modo de vida alcantarense ainda guarda, na gênese, legado de lutas, falência e sobrevivência que resultam no cotidiano moroso do lugar, conectado a um modo de vida de quem tem raízes em antigos quilombos, com funções agrárias, com escambo, com sobrevivência. Na Figura 3, imagem de ruína da Praça da Matriz na cidade alcantarense.

Figura 3 – Ruína da Praça da Matriz na cidade alcantarense

Fonte: Produzido pela autora (2018).

Alcântara é declarada como Patrimônio Histórico Nacional, em 1940, por sua riqueza cultural e arquitetônica e, em 1948, é tombada como Cidade Histórica e Monumento Nacional, pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN). Sua história se funde à história do Maranhão, reportando ao período da ocupação europeia. Antes de configurar-se cidade, decorreram 350 anos. Os costumes resultam da mistura de raças e do ranço da segregação social entre aristocratas brancos, dos célebres casarios do século XVIII, e os indígenas e escravos. A aproximação com São Luís, de apenas uma hora por barco, levou à prática de uma visitação ‘bate-volta’, ou seja, o visitante chega pela manhã, passeia somente pelo centro histórico e retorna à tarde. O acesso por mar é problemático, pois somam-se ao mar revolto às precárias condições de lanchas e barcos, que chegam ao porto do Jacaré, o visitante se defronta com o conjunto arquitetônico, arcabouço da história da colonização brasileira, em ruínas (Figura 4).

Esta é uma realidade que perdura, e não alcança pré-requisitos necessários a um maior desenvolvimento da atividade turística por considerar os equipamentos escassos que contêm. Em contraste, a sete quilômetros da cidade está instalada uma das mais modernas bases espaciais da América Latina onde são desenvolvidos projetos para lançamento de satélites (GAZETA MERCANTIL, 1998).

Figura 4 – Lateral da Praça da Matriz

Fonte: Produzido pela autora (2018).

Em 1648 a aldeia é elevada à categoria de vila, mesmo período em que se construíram os primeiros engenhos de cana. Dois anos depois, a produção passa a ser escoada mediante embarcação marítima. No mesmo século XVII incitou-se a primeira empreitada de tráfico negreiro e, por isso, “o colonizador de Tapuitapera deixou a indiada entrar em sossego e seguir o rumo de sua emigração para o norte. Não procurou preá-la. Substituiu-a pelo negro, evitando assim uma dupla guerra, com o índio e com o jesuíta, seu protetor” (VIVEIROS, 1992, p. 54). Alcântara fez-se forte centro de trabalho escravo e, por esse motivo, por todo o século XVIII, a mesma se disse celeiro do Maranhão, até o século XIX (GOMES, 2013).

Neste cenário, identificam-se facilmente saberes e fazeres na cultura alcantarense, conhecimento tácito, com regras próprias no dia a dia, onde o ambiente de ruralidade se confunde com as ruínas de passado glamoroso. Vale-se de Morin (2005, p. 56) que define cultura constituída pelo “conjunto dos saberes, fazeres, regras, normas, proibições, estratégias, crenças, ideias, valores, mitos, que se transmite de geração em geração, se reproduz em cada indivíduo, controla a existência da sociedade” e que, “mantém a complexidade psicológica e social”. A singularidade das culturas é que representam a essência de um povo, em que os saberes formam um leque divertido e atrativo de manifestações culturais. Não são estáticas, é provavelmente impossível e indesejável tentar conservar culturas engessadas e estagnadas.

Em Alcântara a cultura tradicional é, por vezes, rejeitada pelos jovens autóctones, situação que leva a que as Caixeiras da Festa do Divino Espírito Santo, por exemplo, não tenham sucessoras. As Caixeiras do Divino revelam-se na Festa, como cultura que sobrevive do alicerce da memória e do respeito aos antepassados escravos. Os vínculos com tradições, no meio em que vivem os sujeitos, são mais facilmente percebidos nas representações simbólicas, sincréticas e festivas dos lugares. O perfil criado pela própria cidade, na louvação ao Divino ou no cotidiano pacato e retraído distante do burburinho dos grandes centros. A cultura do lugar se marca na sua gente, assim como nos seus cenários. Em Alcântara, a cultura das gentes na área da cidade não ostenta relíquias, mas construções de casas simples, térreas, em telhado cerâmico, portas lavradas em pedra ou simplesmente guarnecidas em massa (Figura 5).

Figura 5 – Ladeira do Jacaré

Fonte: Produzido pela autora (2018).

Na Alcântara contemporânea, o Porto do Jacaré, inserido no igarapé de mesmo nome, continua a figurar como ponto de enlace da atividade litorânea e fluvial do município que ali ainda movimenta suas engrenagens sociais e comerciais. Situam-se a beira do Porto a Estação Hidroviária de passageiros e o Centro de Informações Turísticas. A ladeira do Jacaré ao contrário de São Luís que apresenta linhas rígidas

e íngreme, se insere numa malha viária cujo traçado orgânico denota sua formação espontânea colonial (BARRETO, 1994). A rua Dr. Neto Guterres é o principal acesso ao centro da cidade. No Centro Histórico estão a Capela das Mercês (Figura 6), situada onde dantes existia o convento das Mercês, fundado em 1656; Capela de Nossa Senhora do Desterro, que guarda imagens barrocas de Bom Jesus da Coluna, da Nossa Senhora dos Navegantes e da padroeira, Nossa Senhora do Desterro.

Figura 6 – Capela das Mercês

Fonte: Produzido pela autora (2018).

Da espera de visita do Imperador, até os dias atuais, com a decadência de exportação do algodão do Maranhão ao mercado europeu, por conseguinte, a abolição da escravatura e reordenamento da produção agrícola, foram algumas das mais significativas mudanças que levou Alcântara ao declínio econômico. A morte do sistema agroexportador escravista fora rotulada como decadência, entendida como processo que partiu de uma situação ideal e culminou em um panorama desolador. Essas visões sobre o passado maranhense se mantem incapazes de reconhecer a validade de outras formas de economia e organização social. Os escravos libertos e outros sujeitos livres, passaram a ser os novos “senhores das terras alcantarenses, introduz uma nova lógica organizacional, reorienta os sentidos da produção, ressignifica as práticas econômicas, reestrutura todo o sistema de valores sociais” (CAIRES, 2011, p. 13).

Ao tratar do modus producente da agricultura local após retirada dos ricos e poderosos, Caires (2011, p. 15) explica que “as técnicas agrícolas eram inspiradas na prática tupinambá da coivara [...] Essa forma de agricultura era menos agressiva porque adotava o pousio, período de descanso após algumas safras, permitiu que a vegetação se refizesse e que o solo se recuperasse”. Mantinham cuidado necessário já que o objetivo da economia era a manutenção da cultura, e não necessariamente o lucro. Resultante desse novo sistema econômico obtiveram uma ampla variedade de produtos, intensamente trocados entre os povoados, e a geração de alguns excedentes que eram comercializados nos mercados externos da região, especialmente São Luís e Alcântara.

Em fins do século XIX, Alcântara contava com maioria de escravos e descendentes de índios, conforme Relatório da Missão da Relatoria Nacional do Direito à Moradia Adequada e à Terra Urbana (SAULE JÚNIOR, 2003). A queda de preço do açúcar e pressões pela abolição da escravatura levaram à formação de quilombos na região. Em comparação com o sistema que a precedeu, era uma economia em franca desmonetarização, voltada para as necessidades locais e que tendia à autossuficiência. Nesse período de entrave, diante de queda econômica e abolição dos escravos, com a desmonetarização e práticas de produção em réplica à forma indígena de plantio, formaram-se quilombos erigidos na região:

> [...] passam a locais de tradição com regras próprias, cultura e forma de produção ímpar. A importância histórica e cultural dessas comunidades remanescentes de quilombos, fez com que a Constituição brasileira de 1988 reconhecesse o direito delas aos seus territórios. Em geral, são territórios denominados ‘remanescentes de quilombos’. (SYDOW, 2004, p. 83)

São mais de cem comunidades remanescentes, também chamadas de ‘terras de preto’ ou ‘comunidades negras’ (SYDOW, 2004). As mais conhecidas: Mamuna, Baraca tatiua, Brito, Mamuninha, Retiro, Mato Grosso, Itapera, Canelatiua, Ponta de Areia e outras que abrigam remanescentes de quilombos que hoje vivem da pesca e da agricultura.

> A área territorial de Alcântara soma 114 mil hectares. São cerca de 19 mil habitantes, sendo que a maioria descende de remanescentes de quilombos e indígenas. Quase 80% da população vive na zona rural e sobrevive da pesca, agricultura e do extrativismo, praticados de forma artesanal e tradicional. Encravado na grande Área de Proteção Ambiental das

> Reentrâncias Maranhenses e nos limites da Amazônia Legal, a região é rica em biodiversidade e recursos naturais. Apesar de ser um dos principais pólos turísticos do Maranhão e contar com uma Base Espacial de alta tecnologia, o município possui apenas um hospital, uma ambulância e uma escola de 2º grau. A maioria das comunidades não possui luz elétrica. As estradas são precárias. O nível de analfabetismo é um dos maiores do Estado. (MENDONÇA, 2003, p. 2)

Assim, um novo segmento socioeconômico surge, um modo rural de produção, com importância regional, e desenvolveu formas de organização social e reorganização social (Figuras 7 e 8). E da nova ordem que assumiu contornos ruralistas, que a reorganização social coadunou com a formação da Alcântara pacata e contida economicamente, construída a cada dia media forças e resistia à força no domínio de territórios e de suas histórias.

Figura 7 – Mulheres, artesãs de Itamatatiua

Fonte: Adilson Zavarize (2017).

Figura 8 – Artesanato produzido pelas mulheres da comunidade quilombola de Itamatatiua

Fonte: Adilson Zavarize (2017).

Entende-se quilombo, na contemporaneidade do alcantarense, como “um processo de trabalho autônomo, que por atos deliberados recusa a submissão forçada a terceiros, e as respectivas práticas de livre comercialização de sua produção agrícola e extrativa” (ALMEIDA, 2006, p. 27). Dos registros da atualidade, a cidade solidifica luta constante para manutenção, domínio próprio, dos territórios, mas a luta se tem mostrado inglória para os quilombolas que sobrevivem da produção agrícola e da pesca, desde a derrocada da aristocracia. Esses produtores autônomos foram se consolidando enquanto um campesinato, trabalham a terra com suas unidades familiares e vendem livremente sua produção agrícola nos circuitos de mercado relativos aos gêneros básicos, coletando especiarias da floresta, marítima e nos rios e igarapés, resultando em “fortalecer uma identidade própria, articulando atividades agrícolas e extrativas, e por favorecer uma delimitação bastante sólida das territorialidades específicas [...]. São essas delimitações que vigem hoje, passados dois séculos” (ALMEIDA, 2006, p. 30).

> A realidade das comunidades do entorno providencia panorama contemporâneo da economia local perpetuando a ideia de estagnação econômica. Ela talvez seja ‘a única cidade histórica que, com alma colonial atestada por genuínos sobrados e mirantes carimbados em suas artérias, traga consigo o que se poderia chamar metaforicamente de sincretismo galáctico, unindo as duas pontas da história da ocupação no Brasil’, em se tratando de linha temporal entre o descobrimento do Novo Mundo, as várias

> comunidades quilombolas, até o Centro de Lançamento Aeroespacial. (BARRETO, 1994, p. 342)

Figura 9 – Conjunto de práticas da Festa do Divino Espírito Santo de Alcântara de meados do Século XX

Fonte: Produzida pela autora (2018) em Casa Do Divino-Alcântara.

A vida simples e de certo “isolamento” dos alcantarenses faz manter as tradições, embora a duras penas, manter originalidade que induz reflexão mais profunda sobre o modo de vida e tradições, onde a própria descrição dos viventes mantém as tradições.

3.2 O ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL E A MARCA DOS IMIGRANTES EUROPEUS

O Rio Grande do Sul, localizado no Sul do continente, se estende por cerca de 268.781,896 km², divididos em 496 municípios. A densidade demográfica é de 37,96 habitantes por Km^2 IBGE (2010) que estimou para 2018 o número de 11.329.605 habitantes. Com Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) equivalente a 0,746 ocupa o 4º lugar no ranking brasileiro segundo a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio (PNAD, 2017), apresentando também baixo índice de analfabetismo, que em 2016 era de apenas 3, 6%. No ranking do desemprego em 2017 ocupava a quarta posição, ainda de acordo com a PNAD (2017).

Região de clima frio, apresenta clima temperado em parte do Estado e virginiano ou subtropical na outra metade, com variação de temperatura entre 8,4 e 12,6 na maior parte do ano, contando com precipitações chuvosas em todos os meses do ano de acordo com o Boletim Geográfico do Rio Grande do Sul (RIO GRANDE DO SUL, 2018). Da variedade geomorfologia na região destacam-se planaltos, depressões e planícies. O Pico do Monte Negro, no município de São José dos Ausentes, é o mais elevado do Estado atinge a marca de 1.410 metros em São José dos Ausentes. As regiões mais elevadas podem registrar precipitação de neve, especialmente entre junho e agosto, mas com pequena duração na maior parte do território, entre junho e agosto com pequena duração. Entretanto, as geadas são constantes em todo o Estado. Enquanto a vegetação distribui-se entre Mata de Araucária, Pampas, Vegetação Litorânea e Mata Atlântica, ambientando Hidrográfica da Bacia do Rio Uruguai; Região Hidrográfica da Bacia do Guaíba; Região Hidrográfica da Bacia do Litoral, destacando os principais rios: Uruguai; Ijuí; Jacuí; Caí, Taquari; Ibicuí; Pelotas; Camaquã e Sinos (PERCÍLLIA, 2018). As cidades encontram-se em diferentes relevos:

> [...] pela posição, de um modo geral podem ser classificadas, como de fundo de vale, de encosta de vale, de divisor de águas, de sopé de escarpas, de «front» de planalto, de planalto e de planície. E cada uma destas diferentes formas de relevo há variações dos elementos climáticos, como a direção dos ventos, a sua velocidade, o volume de precipitações, a umidade, a nebulosidade e neblina, assumindo características particulares. Também não deve ser esquecida a função desempenhada pela vegetação. A variação de temperatura nas áreas de campos é diferente das de floresta. (RIO GRANDE DO SUL, 2018, p. 70)

Em termos agrícolas, além da pecuária, o Rio Grande do Sul produz “o arroz, o algodão, o milho, a cana de açúcar, o trigo e as frutas subtropicais” (RIO GRANDE DO SUL, 2018, p. 70). Tais características o tornam um dos destinos turísticos mais procurados no País, ofertando significativa variedade de meios de hospedagem, atrativos naturais e culturais, a exemplo dos *Caminhos da Serra* apresentando diversidade de fauna e flora distribuídas em trilhas, cachoeiras, edificações de valor histórico etc.; *Região dos Vinhedos*, espaço para o enoturismo nas vinícolas e apreciação dos vales de parreiras, também apresentando atrativos históricos e culturais; *Rota do Sol* na Rodovia RS-122 ligando a Serra Gaúcha ao litoral; *Rota Romântica* que no outono é adornada por túneis de plátano, no verão conta com a exuberância das hortênsias, abrange 14 municípios e *Rota das Hortênsias*, compreende os municípios de Canela, Gramado e Nova Petrópolis. Dentre variados atrativos culturais destaco a Festa do Divino Espírito Santo de Criúva e a de Vila Seca, ambas Distrito de Caxias do Sul.

3.2.1 Contexto histórico

Dos primórdios do Estado, consta que os povos indígenas Charrua-Minuano, Guarani e Kaingang eram os protagonistas no território do hoje Rio Grande do Sul. Charrua/Minuano ocupavam áreas de campos do Sudoeste, mas também se estendiam para o Pampa uruguaio e argentino. Viviam às margens do rio Uruguai, os Charrua tiveram maior contato com espanhóis, enquanto os Minuano, enraizavam-se em áreas lacustres das lagoas Mirim, Mangueiras e dos Patos, o que viabilizava contato maior com o europeu português. Ambos caçavam e pescavam para sobreviver e apesar de pesquisadores sustentarem que faziam parte de um mesmo tronco linguístico, não há provas de que falassem a mesma língua (CARELLI; KNIERIM, 2011)

As incursões dos Bandeirantes paulistas, no século XVII, sobre o território Das Missões para garimpar mão de obra Guarani, oprimiram qualquer possibilidade de sobrevida para os indígenas. Os que conseguiram fugir, abrigaram-se no território uruguaio. Cerca de cinquenta anos mais tarde, os jesuítas ali voltaram e se depararam

com significativa quantidade de animais selvagemente adaptados na Vacaria del Mar (LAROQUE, 2011).

Em 19 de setembro de 1807, o Rio Grande foi elevado à categoria de Capitania Geral e teve como primeiro Governador em 1809 o conselheiro D. Diogo Martim Afonso de Souza Teles de Menezes, futuro Conde do Rio Pardo. “Até a chegada de D. João VI ao Brasil, não havia municípios na província de São Pedro. Havia somente vilas e povoados” (SAVARIS, 2008, p. 58).

Um outro momento marcante foi, então, o da entrada de imigrantes. Os açorianos haviam chegado na segunda metade do século XVIII, e implementaram um arquétipo de “fixação da família numa propriedade. Depois vieram os colonos europeus que absorveram muitos hábitos e algumas características da personalidade do gaúcho primitivo, dando a este, em troca, a sua contribuição cultural e o seu método de trocas e de comércio” (SAVARIS, 2008, p. 65).

> Entre 1824 e 1914 entraram no Rio Grande do Sul entre 45 e 50 mil alemães. Os 38 imigrantes de cultura germânica chegaram à Real Feitoria do Linho Cânhamo em 25 de julho. As levas sucessivas de imigrantes foram ocupando os vales dos rios dos Sinos e Caí. [...] Os italianos chegaram do Sul a partir de 1875. [...] Inicialmente foram criadas as colônias de Dona Isabel (hoje Bento Gonçalves) e Conde d’Eu (hoje Garibaldi). Em 1875 foi criada a colônia chamada de Fundos da Nova Palmira, que em 1877 passou a chamar-se Colônia de Caxias (atual Caxias do Sul). E em 1877 foi criada a quarta colônia, ocupando terras de matas nas proximidades de Santa Maria, surgindo assim a Colônia Silveira Martins. Estas quatro primeiras colônias foram o núcleo básico da colonização italiana. (SAVARIS, 2008, p. 67)

Os alemães, a partir de 1824, acomodam-se no antigo território dos Kaigang, “que se estendiam desde o Rio dos Sinos até a borda do planalto, propiciando, com isso, o aparecimento de colônias como São Leopoldo, Feliz, Mundo Novo, Bom Princípio, São Pedro de Alcântara de Torres, Três Forquilhas, entre outras” (SAVARIS, 2008, p. 66). Cinquenta anos após a chegada dos alemães, vieram os itálicos.

Alemães e italianos, de costumes patriarcais e religiosos, reafirmaram os laços sociais em torno dos salões comunitários de suas Igrejas (SAVARIS, 2008, p. 66).

> O regionalismo sul-rio-grandense e suas expressões estão alicerçados em tradições e em conhecimentos obtidos pela convivência de diferentes grupos que contribuíram para a formação histórica e cultural do sul do país e para a construção de uma identidade comum, somados aos elementos históricos e sociológicos. Seus legados e sua tradição são transportados para as gerações seguintes, sujeitos às mudanças próprias de cada época e circunstância. (LUVIZOTTO, 2003, p. 99)

Outros vieram, ao longo do século XIX e XX, como os poloneses, japoneses, judeus e africanos. A presença de afrodescendentes era significativa, o que não a impediu de manter-se marginal pela historiografia tradicional que “aderiu à ideologia da democracia étnica sulina. A forte presença dos africanos e de seus descendentes no extremo Sul do Brasil é comprovada antes mesmo da fundação do Rio Grande lusitano, em 1737” (ASSUMPÇÃO apud CARELLI; KNIERIM, 2011, p. 139).

A nova história demonstra que os escravizados da África “já atuavam nas lutas por território entre portugueses e espanhóis, em 1680, quando da criação, pelos lusitanos, da Colônia de Sacramento, na margem do Rio da Plata, que serviu como cabeça de ponte a Portugal” (ASSUMPÇÃO apud CARELLI; KNIERIM, 2011, p. 139). Esses *modus* dominantes inferidos contra os povos africanos viabilizava o contrabando de metais nobres como a prata peruana via Buenos Aires, tanto quanto a própria venda de escravizados para compradores espanhóis.

> A presença dos trabalhadores escravizados nas fazendas está sacramentada em dados recolhidos nas estâncias de Alegrete, referentes ao ano de 1859, que demonstram ter à região 124 capatazes, 159 peões livres (não se sabe sua origem étnica) e 527 cativos. Tais números confirmam a presença de escravos e trabalhadores negros livres também nas estâncias, quebrando um mito da historiografia sulina de que a formação do povo gaúcho teria sido forjada na liberdade e no espírito aventureiro de seus habitantes, sem a necessidade do braço escravo, diferente nisso das outras províncias. (ASSUMPÇÃO apud CARELLI; KNIERIM, 2011, p. 143)

Narrar a história do Rio Grande do Sul, exige lembrar que o Estado se desenvolveu com contribuições significativas dos tropeiros (birivas), interligando os setores habitados, incrementando o comércio, transportando vários tipos de mercadoria “patrocinando a miscigenação étnica e criando uma nova cultura, com alteração de usos, costumes, crenças, etc., não se deu somente com as tropeadas de gado e mulas do sul para o centro e norte do Brasil” (SAVARIS, 2008, p. 58).

> Foram também os tropeiros que auxiliaram na povoação e na ocupação das terras da Província de São Pedro. [...] Foram durante duzentos anos, o que são hoje os caminhoneiros. Transportaram, criaram estâncias, plantaram vilas, alteraram o panorama do Sul do Brasil colonial. (SAVARIS, 2008, p. 58)

Ao analisarmos um recorte histórico do período de colonização na região, percebe-se que a interação regional com a sociedade nacional foi marcada por

conflitos, inclusive armados, sobre os quais optou-se por não aprofundar, priorizando-se o viés das raízes culturais.

3.2.2 Significando Caxias do Sul

Caxias do Sul encontra-se na extremidade leste da encosta superior do Rio Grande do Sul, com área territorial de 1.648,60 quilômetros quadrados, altitude de 760m acima do nível do mar. Dista 127 km de Porto Alegre, capital do Estado. Apresenta clima subtropical, com temperatura oscilando entre -1,4°C e 33,6°C durante o ano. Subordina-se às intempéries imprevistas, invernos geralmente frios, com geadas e raros acontecimentos de neve e verões amenos (PREFEITURA DE CAXIAS DO SUL, 2016).

A cidade apresenta etnicidade, multirracialidade de povos que se assentam em busca de trabalho, em história entrelaçada ao crescimento e ao desenvolvimento agroindustrial e metal mecânico.

> A história de Caxias do Sul, começa antes dos italianos, ainda quando a região era percorrida por tropeiros e ocupada por índios, chamada “Campo dos Bugres”. A ocupação por imigrantes italianos, em sua maioria camponeses da região do Vêneto (Itália), deu-se a partir de 1875, localizando-se em Nova Milano. Dois anos após, a sede da colônia do Campo dos Bugres recebeu a denominação de Colônia de Caxias. No dia 20 de junho de 1890 foi então criado o Município, e a 24 de agosto do mesmo ano, foi efetivada a sua instalação. (ATUASERRA, 2019)

O núcleo central da urbe decorre da chegada de imigrantes italianos, no final do século XIX, hoje, conta com 465 mil habitantes, a segunda maior em densidade demográfica.

> A colonização italiana e alemã no Rio Grande do Sul fez parte de um projeto geopolítico do governo imperial brasileiro, que ocorreu no final do século XIX e início do século XX e utilizava a imigração para preencher os chamados “vazios demográficos” do Sul do país. No pós-independência há uma decisão de concentrar a colonização na região sul como uma decisão geopolítica, de consolidação de fronteiras. Neste contexto, os indígenas que ocupavam aquelas terras não eram pensados como nacionais ou brasileiros. (SANTOS, 2009, p. 3)

Da ocupação no Estado tem-se que, quando ainda do alto do Campo dos Bugres (1875), o cenário descrito pelos imigrantes era de ‘desolador’, mata virginal, animais selvagens e relevo em paredões de cerca de 300 m de altura:

> Para os colonizadores europeus, no entanto, a mata subtropical e a encosta representavam barreiras naturais a qualquer tentativa de ocupação. Tratava-se de uma ampla extensão de terras de topografia irregular, difícil de ser alcançada e percorrida para qualquer um que, via de regra, não fosse nativo. Nesse sentido, desde o princípio da ocupação do Rio Grande do Sul, as condições físicas e naturais condicionaram o uso do território, e o povoamento se iniciou pela região dos campos naturais. Somente a partir da primeira metade do século XIX é que as áreas cobertas de vegetação, em alguns pontos da Depressão Central e na Serra, passaram a ser povoadas de forma sistemática, devido aos incentivos à imigração europeia por parte do Império e do governo provincial. (BUBLITZ, 2004, p. 1)

Para o mesmo autor, “apesar da primeira leva de colonos ter chegado ao local em 1875, somente entre 1876 e 1877 a imigração italiana de fato se intensificaria, com a vinda de três a quatro mil pessoas por ano à Província” (BUBLITZ, 2004, p. 2). Em 1891, mais 9.000 italianos juntam-se aos primeiros por estas paragens e ao que aponta a pesquisadora, em 33 anos de colonização, ultrapassam a marca dos 70 mil imigrantes italianos no local distribuídos em sete colônias. Os pioneiros sobreviveram alimentando-se à base de uma dieta de pinhões, herança das práticas dos indígenas que ali habitavam e da safra colhida em 1877, tiveram que aceitar divisão dos alimentos, entre outros antigos viventes do lugar, como macacos e porcos do mato que ao atacarem as plantações também serviam de alimentos aos imigrantes inexperientes. Os porcos eram constantemente apanhados em armadilhas de buracos no chão, onde caiam, o que facilitava o abate (BUBLITZ, 2004, p. 2).

Marginais a essa colonização, viviam os indígenas citados anteriormente, acuados na mata, fugiam dos embates vãos, continuavam no entorno das áreas de ocupação imigrante em resistência à tomada do seu território. Os imigrantes italianos, no Rio Grande do Sul, tomaram posse das mais longínquas reservas de florestas às margens do Rio Uruguai, espalharam-se pelo oeste catarinense e sudoeste paranaense alcançando outras áreas de preservação que deixaram marcas indeléveis no ambiente, suprimiram fauna e flora, levantando moradas e disputando território com as demais espécies (BUBLITZ, 2004).

A história do Distrito de Criúva é anterior ao assentamento central, e se confunde com a historiografia de ocupação do próprio Estado do Rio Grande do Sul e é das mais longas histórias, datando de 1742, “só batida em tempo pelas Missões Jesuíticas. Tem seu início com a concessão da Sesmaria São João a Pedro da Silva Chaves” (ALVES, 2010, p. 10). A formação do povoado é constituída em cenário de

“conquista da terra, expulsão dos primitivos indígenas, divisão e posse das terras, delimitação da área administrativa subordinada a um centro maior e, com o tempo, novas divisões e novos pactos de convivência com mudanças inexoráveis” (BUBLITZ, 2004).

> Os índios Caaguaras, Coroados e Botocudos que habitavam este cenário campeiro, forrado pela macega verde e pinheirais majestosos foi aos poucos perdendo espaço para os desbravadores, mestiços, mamelucos, brancos e negros, oriundos do Portugal Continentino, São Paulo, Paraná, Santa Catarina e do Arquipélago dos Açores. [...] matriz étnica miscigenada, autenticamente brasileira. Com o tempo chegaram imigrantes alemães, italianos e poloneses [...]. (ALVES, 2010, p. 17)

Luiz Antônio Alves (2018)[10], morador em Criúva, registra que, anterior a presença de italianos (1875) e germânicos (1824), quando “*o Rio Grande do Sul já tinha mais de cem anos de formatação portuguesa, portugueses e brasileiros de regiões como São Paulo, Santa Catarina, Minas Gerais, Rio de Janeiro já estavam em processo de povoamento por estas terras*”, dificultando maior entrosamento.

> *Quem não fosse italiano não poderia integrar a família italiana e aqui em Caxias do Sul aconteceu um problema diferente de outras regiões, é que eles chegaram aqui numa Região aonde em volta deles eram todos lusos, portugueses, descendentes de índios, de negros, era uma região bastante miscigenada com alguns fazendeiros ricos, constituindo uma cultura um pouco diferente de outras regiões aqui de cima da Serra, próximas à capital Porto Alegre, sendo diferente também a cultura, a produção agrícola, o trabalho, tudo bem diferente da capital e mais semelhante à região da fronteira com o Uruguai por que também tem campo, mas na fronteira tanto do Uruguai quanto da Argentina, tem menos famílias paulistas e paranaenses enquanto que aqui em Caxias está mais concentrado.*
> *Tanto a relação familiar, quanto a relação econômica (porque a estrada que passava por aqui, a ligação do Rio Grande do Sul com o Norte do País, passava exatamente aqui em cima da serra) criou uma cultura diferenciada e o pessoal aqui de Caxias do Sul começou a ter um certo preconceito, tanto é verdade que os padres italianos vieram com um catecismo escrito em italiano proibindo as mulheres de se casarem com os ‘negres’ (negros, qualquer um que não fosse italiano). Fizeram uma missa e lá pregaram sobre a necessidade de manterem distância dos não italianos, o que incluía manter manifestações como a Festa do Divino Espírito Santo, também afastada.* (ALVES, 2018).

Os italianos perceberam que, a estrada que fazia a ligação do Rio Grande do Sul com o restante do país passava por Caxias do Sul e a ideia era fazer com que a BR 116 passasse por aqui por cima da Serra, em direção a Bom Jesus e depois Lajes-

[10] Em entrevista à pesquisadora em maio de 2018.

SC, seguiram para o restante do Brasil. Entretanto, algumas famílias perceberam como se desenharia a configuração entre rodovias e começaram a se deslocar para o Leste, em direção a Vila Seca e Criúva e naturalmente foram se casando com os que já vivia nos campos do entorno, de Cima da Serra,

> *O que atendia a vários interesses, por que casar com a filha de um fazendeiro, para um italiano, era uma excelente alternativa, porque eles vinham da Itália com problemas econômicos, antes viviam em montanhas inóspitas e aqui teriam a oportunidade de cultivar e criar em campo aberto e lá as terras eram pequenas, coisa de 150 ha, enquanto que aqui se falava em 1500 há.* (ALVES, 2018).

Assim, italianos com habilidades profissionais campesinas agregaram-se, através dos casamentos com os que ali vivam. Até que, Getúlio Vargas chegou em Caxias e recebeu os políticos do lugar com pedido sobre a estrada federal- BR 116, que viesse de Porto Alegre e passasse por Caxias em direção a São Marcos e a Vacaria. *"Então, os italianos que já estavam ambientados com famílias constituídas, adaptaram-se ao clima e à cultura, transformando-se rapidamente na primeira e segunda geração de gaúchos "na acepção tradicional cultural de bota, bombacha e chapéu por que era uma geração de campo que trabalhava com mula, burro, boi"* (ALVES, 2018), uma atividade econômica diferenciada que exigia especialização em conhecer o gado e tratá-lo, assim como outras atividades industriais, artesanais de trabalhar com o couro, com carroça, serrarias, madeireiras etc. Os CTG's nessa região têm descendentes de italianos justo por estes entrelaçamentos consanguíneos e culturais.

> *O Brasil multicultural de Sul a Norte, tem no Rio Grande do Sul, um filho bastardo por que ele foi povoado pelos portugueses 250 anos e o Brasil já tinha 250 anos, o povoamento espanhol que teve aqui ele foi insignificante porque foi bem localizado nas missões, na região das missões jesuítas. O real povoamento no Rio Grande do Sul foi português, o espanhol não foi povoamento, não foi introdução do império espanhol no território do Rio Grande do Sul, não teve esse processo de entrar sertão a dentro por parte dos espanhóis, a não ser naquela redução jesuítica alí nas missões, porque os Padres Jesuítas tinham outra visão de mundo e eles estavam alí para catequisar os índios. Quando o Rio Grande do Sul ficou mais ou menos definido nessas bases territoriais, embora houvessem mudanças significativas na fronteira, um pouco para lá, um pouco para cá, questões com o Uruguai e não com a Argentina.* (ALVES, 2018)

O Rio Grande do Sul, quando dessa base portuguesa, foi dividido em quatro grandes freguesias, que seriam quatro grandes municípios: Santo Antônio da Patrulha, Rio Pardo, Viamão e depois Porto Alegre e Rio Grande. Savaris (2008) constatou que os colonos açorianos entraram no Estado por Rio Grande; Capela Grande de Viamão (Porto Alegre); Triunfo; Santo Amaro e Rio Pardo: “A invasão castelhana de 1763 dispersou os açorianos. Uns foram conduzidos para Maldonado e outros fugiram para o Estreito, Taquari, Santo Antônio da Guarda Velha (atual Santo Antônio da Patrulha), Mostardas e Cachoeira” (SAVARIS, 2008, p. 57). Açorianos estabeleceram as bases socioeconômicas, agricultura (trigo) e pecuária. “Foi o açorita que iniciou o municipalismo sul-rio-grandense, deu vida ao burgo, introduziu Festas religiosas, as casas e os edifícios à moda portuguesa” (SAVARIS, 2008, p. 57).

Daria para dizer que eram quatro províncias, não significando que o povoamento era só em Rio Pardo, ou só em Rio Grande ou em Santo Antônio da Patrulha, já existia povoamento espaçado, poucas pessoas em diferentes localidades, acelerando a partir de 1809 na fundação das capelas, do surgimento dos primeiros embriões das cidades atuais (ALVES, 2018). Em 1811:

> [...] as freguesias, que já haviam se transformado em vilas, foram elevadas simultaneamente à condição de municípios, que depois deram origem a todos os demais municípios do RS, criados por razões as mais diversas. Santo Antônio da Patrulha ocupava então uma vasta região, englobando tanto as planícies litorâneas a norte do Estado quanto as regiões de campos e pinhais do planalto meridional conhecidos como os Campos de Cima da Serra. Ali, já desde 1742, açorianos (três) e portugueses continentais (11) receberam sesmarias, no intuito do Reino de preservar as terras da invasão dos castelhanos. (DAL CORNO, 2011, p. 2011)

Com o tempo e com a expansão do povoamento e instalação de comunidades em torno de algumas capelas, que foram transformadas em vilas, povoados e cidades, surgiram os municípios que foram se emancipando de Santo Antônio da Patrulha.

> *Uma dessas localidades que se emancipou foi São Francisco de Paula. São Francisco de Paula era o segundo maior município em extensão territorial, o primeiro era Alegrete lá na fronteira com o Uruguai, era uma imensidão de terra e São Francisco aqui em cima da Serra, Santo Antônio da Patrulha lá em baixo perto do litoral, 800 m de altitude a diferença. Esse município também, inexoravelmente, foi se dividindo e foram criados os quarteirões que hoje chamam Distritos. Tinha 29 quarteirões, um quarteirão era essa região da Criúva e da Mulada, com o tempo se transformou em Distrito. Então Criúva era um Distrito de São Francisco de Paula.* (ALVES, 2018)

O território que compreendia Santo Antônio de Paula englobando Criúva, ainda no século XVIII teve proprietários que repassaram suas terras aos herdeiros que por sua vez delas se desfizeram, venderam-nas a terceiros (ALVES, 2010), à medida que casais de açorianos se instalavam na região, traziam com eles a cultura do trigo e da produção de charque.

Quanto aos açorianos, “a imagem tradicional era de que eles possuíam uma outra configuração cultural e chegaram ao Sul do Brasil para justificar a ocupação lusitana” (ALVES, 2010, p. 41).

Segundo Alves (2018), houve muitos processos políticos de confrontos armados, no Rio Grande do Sul, como a Revolução Farroupilhas (1835/1845) e a Revolução Federalista de 1893. *A proclamação da República em (1889), levou uma convulsão nacional, inclusive levando a rivalidades entre famílias na região de Criúva.*

> *Teve sempre gente querendo sair de São Francisco de Paula porque era um reduto republicano ligado ao governo, no caso Júlio de Castilho que era o presidente da província na época, era maçom e não era muito a favor do governo federal na época. Então, o pessoal que era a favor do governo estava pensando em passar para Caxias e não São Francisco, por razões econômicas, por causa da distância que tinha para ir até a sede do município, então começaram a fazer movimentos de emancipação e anexação a Caxias do Sul. e por isso veio o plebiscito que na época só os moradores que votavam para saber se passariam a pertencer a Caxias, deu que a maioria queria pertencer a Caxias...* (ALVES, 2018)

Só em 1949 é criado um movimento em prol da anexação do Distrito de Criúva ao Município de Caxias do Sul, por compreenderem que São Francisco de Paula não atendia às necessidades demandadas pelo Distrito, a produção, tanto quanto a população, aumentavam. As mercadorias eram escoadas nos mercados vizinhos, criando possibilidade de anexar-se ao vizinho abastado e bem estruturado, o que culminou em realização de plebiscito em outubro de 1953 que definiu a anexação, resultando na Lei n.º 2531, de 15 de dezembro de 1954, que desanexou o Distrito de Criúva do Município de São Francisco de Paula e o incorporou à Caxias do Sul (ALVES, 2010).

Sobre o tradicionalismo gaúcho, Luiz Antônio Alves comenta que a cultura é dinâmica e multivariada e essa dinamicidade é percebida no modo de ser do morador de Criúva e o gaúcho em geral:

> *A maioria dos gaúchos tem sangue paulista ou açoriano, paulista porque ele vem lá dos bandeirantes e dos tropeiros e os açorianos que vieram um pouquinho depois e esse conjunto todo formou o gaúcho. Então o gaúcho é o somatório de diversas origens geográficas, várias etnias.* (ALVES, 2018)

O tropeirismo esteve muito associado a formação étnico e cultural, representando portugueses, açorianos, espanhóis, africanos e índios, dedicados às tropeadas do gado e da mula (SAVARIS, 2008). O tradicionalismo gaúcho, na visão de Alves (2018) é resultante desta construção étnica e do rural, associado à cultura do gado, como uma "comercialização e um glamour da imagem do gaúcho e se aproveitaram do viés financeiro disso e comercial, marketing", mas o gaúcho lá do interior, do fundo do rincão como dizem, em Criúva, esse sempre existiu.

> *O gaúcho sempre existiu, mas nunca deram bola para o interior e isso era uma característica do imperialismo político econômico do Brasil como em outras questões impostas em detrimento de uma outra marginal que é (nesse caso) a ruralidade, onde o homem rural foi caindo, foi perdendo força, a agricultura foi perdendo força até um determinado momento e aí ele era uma figura que não tinha tanta importância. Logicamente que esse imperialismo espontâneo ou imposto transformou as pessoas, famílias e gerações e saíram da área rural para a cidade, todo aquele processo de êxodo rural que a gente já sabe, mas isso foi até o início do século XXI quando a agricultura voltou a subir por causa da tecnologia e evolução de mercados. Então hoje já não é a mesma coisa. Tudo é dinâmico, tem que trabalhar com variável de tempo e espaço para dar uma sequência lógica, porque não é um processo homogêneo e interligado sempre, é feito de ciclos e etapas e se tem que saber fazer essa conta*. (ALVES, 2018)

Alves encerra seu depoimento sobre a formação do Rio Grande do Sul ressaltando o papel da mulher no processo:

> *Mulher campeira tinha coragem, quando uma cobra picava o marido a mulher puxava uma adagada e cortava para sair o sangue e o veneno, quando estavam no meio do campo e alguns revolucionários atacavam a caravana dessas famílias a mulher ela usava espada e atirava com garrucha.* (ALVES, 2018)

Ele também lembra do papel delas nos CTG's:

> *Quem sustenta a parte estrutural interna é a mulher, que é a mulher do patrão "a patroa", ela que cuida da comida, cuida de toda a organização, cuida das Festas do Divino Espírito Santo, a cozinha é feita pelas mulheres, toda a roupa, os maridos só ficam olhando no pedestal.* (ALVES, 2018)

A mulher rural é quem comanda o espetáculo por detrás dos bastidores. O gaúcho além de forte e bravo, ele tem como lema, “ser hospitaleiro, leal e justo. A família é fundamental” (ALVES, 2018).

Na mesma direção Savaris (2008) alega que o gaúcho foi modelado com o passar do tempo, o comércio, a troca constante e a miscigenação viabilizaram o povo gaúcho que resulta de variadas heranças culturais.

3.2.3 Distrito de Criúva

Distrito de Caxias do Sul, Criúva antecede o surgimento do município a que pertence, desta forma a contextualizo em primeiro. A origem de Criúva está contida na história de Santo Antônio da Patrulha, “uma vez que esta freguesia foi uma das primeiras do Estado e passou a ser vila em 1809, tornando-se município em 1811. Este teve a presença de casais açorianos que colaboraram para o seu desenvolvimento” (PASSOS, 2016, p. 56).

> Foi a partir de uma das áreas que compunham Santo Antônio que a região de Criúva passou a se integrar com maior ênfase na história local. A referida ligação do território de Criúva com a área maior de Santo Antônio desde sua ocupação no século XIX só foi alterada quando desmembrada de São Francisco de Paula. (PASSOS, 2016, p. 57)

Após o desmembramento, na década de 1950, motivado por necessidades socioeconômicas “passam a pertencer a Caxias do Sul. Assim, o espaço físico do Distrito de Criúva foi historicamente construído a partir das diversas transformações jurídico administrativas, sustentadas por atos legislativos, que justificaram as anexações e as desanexações” (PASSOS, 2016, p. 64). O Distrito está situado a cerca de cinquenta quilômetros da sede, no extremo Norte do município de Caxias do Sul, “na bacia hidrográfica do Rio das Antas e tem como limitadores a Norte o Rio das Antas, a Oeste o Arroio Pereira e a Leste o Rio Lajeado Grande” (CORTELETTI, 2008, p. 96).

> [...] numa comuna-continente que não tinha condições de prover o seu vasto espaço interior de estradas adequadas, era natural o isolamento. Por outro lado, a proximidade de Caxias do Sul, a pouco mais de cinquenta quilômetros, então um centro fabricante de progresso, avançado na indústria, na cultura, na prestação de serviços, fatalmente haveria de atrair para sua órbita os

> habitantes da região de Criúva. Cada dia mais ligado a Caxias do Sul, consequentemente mais distanciado de São Francisco de Paula. Após uma tentativa frustrada, o Distrito veio a ser desanexado do município serrano e incorporado ao município de Caxias do Sul, através da Lei Estadual número 2.351, de 15 de dezembro de 1854. (MEDEIROS, 2005, p. 167)

Contar do surgimento de Criúva, é contar da própria história da ocupação no Estado. A saber, a antiga Província de São Pedro, o agora Estado gaúcho, em sua formação, era compreendida em quatro freguesias: Viamão (depois Porto Alegre), Rio Grande, Rio Pardo e Santo Antônio da Patrulha, do último, resultaram os municípios da encosta superior ao Nordeste do Estado que estará entremeada com a história do futuro Distrito de Criúva.

> As origens deste povoado remontam à própria história do Estado. Com a fundação da Colônia de Sacramento em 1680, cresce o interesse dos colonizadores portugueses em povoar e defender o território meridional do Brasil. Por volta de 1736 é aberta por Cristóvão Pereira de Abreu a Estrada dos Tropeiros. Devido ao contrabando de gado que passava por essa estrada, surgiu um "Registro" ou "Guarda", mais tarde chamada patrulha, esta fiscalizava e cobrava impostos dos rebanhos que passavam por ali e seguiam para Sorocaba e Minas Gerais. Esse aquartelamento é responsável por parte do nome do município, que antes chamava-se Guarda Velha de Viamão. (PREFEITURA MUNICIPAL DE SANTO ANTONIO DA PATRULHA, 2017)

Tais freguesias transformaram-se em vilas em 1811, mesmo ano que foram elevadas à categoria de municípios, insuflando nascimento aos demais municípios que constituem o Estado. A criação destes, veio em decorrência de inúmeros fatores históricos, políticos e sociais, como mostra Dal Corno, o posicionamento de Santo Antônio da Patrulha então se agigantava em significativa parcela geográfica desta região, situada em:

> [...] planícies litorâneas a norte do Estado quanto as regiões de campos e pinhais do planalto meridional conhecidos como os Campos de Cima da Serra. Ali, já desde 1742, açorianos (três) e portugueses continentais receberam sesmarias, no intuito do Reino de preservar as terras da invasão dos castelhanos. São exemplos o lisboeta Pedro da Silva Chaves, que em 1752 foi nomeado em Capitão de Ordenanças para o ‘expediente das Ordens e Serviço de Sua Majestade’, ocupando a Fazenda São João, ‘em cima da Serra de Viamão’, e de André Nunes Porto (originário da cidade do Porto), que recebeu a Sesmaria das Palmeiras dos Ilhéus em 1772. (DAL CORNO, 2011, p. 11)

Estas foram divididas em fazendas, herdadas em regime de capitanias hereditárias ou negociadas de forma trivial, o que implicou em reordenamento

territorial que ressalta os acidentes geográficos, as rodovias dispostas entre eles e a margem dos cursos d'água o que viria a se modificar diante de um novo cenário político, após a Lei de Terras em 1850 que:

> [...] iniciou um processo de migração interna no Rio Grande do Sul. A procura por áreas ainda não legitimadas foi grande. A região recebeu, num primeiro momento, famílias oriundas, principalmente, das regiões de Gravataí e Santo Antônio da Patrulha. Os novos povoadores também adquiriram terras dos herdeiros das primeiras famílias e os casamentos ocorriam entre estes novos grupos e com aquele grupo mais antigo. A fragmentação da antiga Palmeira dos Ilhéus foi intensa e a criação de pequenas povoações indicava uma nova postura de organização onde a Igreja teve papel importante. (DAL CORNO, 2011, p. 12)

A emancipação de Santo Antônio da Patrulha não tardou por razões práticas políticas e ambientais que abalavam aquela gente. Então em 1878 finalmente emancipou-se. E em futuro próximo daria à luz ao atual Distrito de Criúva, após as transferências documentais para esse novo município, "aparecem definições de doações e fragmentação da antiga Fazenda dos Ilhéus quando é analisado o pedido de moradores para a edificação de uma Vila que seria nada mais nada menos do que a Criúva" (DAL CORNO, 2011 p. 69). E de vila, passa a Distrito que dantes fora dividida em "Palmeira dos Ilhéus: Criúva, Ilhéus e Mulada" (DAL CORNO, 2011, p. 12). Importante frisar que:

> A formação e enculturação das comunidades de São Marcos, Criúva, Souza e Raposo, receberam muita influência étnica dos indígenas, portugueses-açorianos, negros, alemães, italianos, poloneses e dos chamados berivas. O processo de miscigenação ocorreu rapidamente, e hoje centenas de famílias da região convivem fraternalmente com este caldeamento de raças e culturas. (POSSAMAI, 2005, p. 38)

Os produtores que ali viviam, fomentaram o tropeirismo no século XIX, implicando no desenvolvimento do "Caminho das Tropas, que ligava Viamão à Feira de Sorocaba, em São Paulo, importante cenário do tropeirismo no Brasil. Também em função da divisão das fazendas e da fixação das famílias, desenvolveu-se o tropeirismo 'doméstico', ou gaúcho 'regional'" (DAL CORNO, 2011, p. 2010). Donde intercambiavam os gêneros alimentícios para dentro e fora dos limites, alimentando as fazendas da região, o que garantiu o crescimento do lugar onde o Distrito de Criúva se enraizaria com laços campeiros, rurais, já que seu chão fora habitação de indígenas, açorianos e imigrantes, o que garantiu a miscigenação ainda marcada nos

traços dos viventes atuais. Os mesmos laços de campesinato irão trazer para o chão de Criúva a tradicional Festa dos Açores, que homenageia o Divino Espírito Santo, e permanecem na tradição religiosa até a atualidade.

Importante também registrar que dessa densidade comercial providenciada pelo tropeirismo e a movimentação garantida por eles, outras cidadelas surgiriam em breve, consequência de:

> O Presidente da Província, [...] atendendo pedido dos moradores, autorizou a construção da Ponte dos Korff, que facilitaria a passagem sobre o Rio das Antas na estrada que levava a Vacaria. A obra também interessava outras regiões, como a de Caxias do Sul, já que o caminho natural e mais antigo que ligava o Sul com o Norte do País passava justamente pela região de Criúva. (DAL CORNO, 2011, p. 13)

Figura 10 – Ponte dos Korff (sobre o Rio das Antas)

Fonte: Produzido pela autora (2018).

Outro relevante fator comercial e político que contribui para o crescimento e ordenamento da região foi o fato de a Rota dos Tropeiros, seguir da Estrada Rio Branco, que cruzava Caxias do Sul, passando pelas fazendas e chegando até os centros comerciais do centro do Brasil. Por esta movimentação, locais de pouso eram demandados para descanso dos tropeiros, papel que Criúva desempenhou com vocação pela habitual lida com animais, no dia a dia. Do fluxo tropeiro constante, resultaria a futura vinda dos imigrantes italianos para a região, redesenhando definitivamente o histórico cultural dessa gente da serra gaúcha e suas marcas

culturais peculiares. Assim, eram encontrados comércios de sela, ferraria, hotel, e outros serviços nas terras de Criúva que incidiriam no progresso local.

Criúva contava com uma vastidão de campo suficiente para investir na criação de gado, plantio de trigo e milho, mas precisava contar com a parceria de São Marcos para descansar os pastos enviando o gado para lá por determinada época do ano. Na vida campeira,

> [...] as relações eram mútuas. Faiam bailes, Festas e 'muita serenata', uma das principais alegrias dos moradores. Com tantas relações, os casamentos começaram a surgir, aumentando famílias e territórios. Consequentemente, além da divisa territorial, a hierarquia social tornou-se forte. (REIS, 2005, p. 184)

> Dessa maneira, na região oeste percebe-se a presença maciça de elementos típicos das regiões de colonização italiana com pequenas propriedades, mão de obra familiar que passou ao longo do tempo para uma produção de hortifrutigranjeiros. Já o lado leste exibe a presença de propriedades rurais com maiores extensões, desenvolvimento de uma atividade pecuária, produção agrícola de gêneros de subsistência, também com mão de obra familiar. [...] na área norte de Criúva, que, se por um lado se estabeleceram extensões das fazendas da região de campo, na parte da serra se fixaram populações que desenvolveram cultivos voltados para a subsistência. Na região ocidental, destaca-se a presença dos imigrantes italianos e poloneses que utilizaram o modelo da pequena propriedade com mão de obra familiar. (PASSOS, 2016, p. 71)

Após a chegada dos imigrantes europeus, mudanças ocorreram no comportamento das famílias, muitas não permitiam o casamento entre 'serranos' e 'gringos', tanto quanto os serranos eram resistentes à ideia da união entre eles. Tal resistência entre gringos e serranos durou anos. Entretanto, hoje em dia, é difícil encontrar família na região sem heranças genealógicas de ambos (REIS, 2005).

Com o passar dos anos, Criúva se destacou no cenário caxiense como um Distrito diferenciado e orgulhoso das próprias raízes: "afirmando-se dia a dia com sua cultura singular, sua Hospitalidade, e a alegria de viver que é o apanágio de sua gente" (MEDEIROS, 2005, p. 169). Criúva é também berço de boa parte dos primeiros caxienses:

> Caxias tem duas histórias: uma que iniciou com que iniciou com o povoamento da Fazenda Palmeira dos Ilhéus, em 1780 e outra com a chegada dos imigrantes, por volta de 1875. A historiografia mantida pelas elites também "surrupiou" estas verdades, criando um paradoxo: nas salas de aula, sempre foi contada uma história para 50% dos alunos. Para os demais, parece que não existia história. E, sabe-se, que entre os primeiros proprietários da cidade de Caxias, cerca de 20% não eram "imigrantes

> italianos". Pelo levantamento genealógico que já realizei, fica comprovado que, destes, 2/3 tinham origem em São Francisco de Paula. E o mais surpreendente: quase todos eram nascidos na área que hoje conhecemos como Criúva, Vila Oliva, Fazenda Souza e Vila Seca (que pertenciam ao antigo território de São Francisco de Paula). Ou seja, se considerarmos o atual território, toda essa gente era caxiense! Mesmo assim, a historiografia silenciou a respeito. (ALVES, 2005, p. 181)

Na atualidade Criúva mantem estreita relação com São Marcos em negociações e transações bancárias, um reflexo da relação amistosa que sempre tiveram:

> [...] além da divisa está muito próxima dos moradores de Criúva, o acesso e o baixo fluxo de veículos é outro fator importante. Como se tudo isso não bastasse as Festas religiosas do Distrito são visitadas por grande parte de são – marquenses. Isso tudo é tão verdade que a louvação ao Divino é mais expressiva na cidade e comunidade são-marquense do que em outras cidades, como a própria sede, Caxias do Sul. (REIS, 2005, p. 185)

A origem do nome, considerando a descrição feita no Dicionário Online de Português (2017), Criúva significa arbusto de tamanho médio (Clusia criuva), frequente no litoral ou nos topos dos morros. Ao que consta, a árvore que lhe significa encontra-se em processo de extinção.

> [...] conhecida árvore nativa retorcida, advém de vocábulos daquelas tribos. A identificação da palavra Criúva vem da árvore da família 'Ericácea Lecothoc Multiflora', ascuminata que vegeta nos campos. Sua casca é grossa, como uma espécie de cortiça, incombustível. É a árvore dos Siriris ou de Pindassyryryca semente para pôr no anzol para apanhar peixes [...]. (POSSAMAI, 2005, p. 39)

O Distrito de Criúva é também sinônimo de Festa do Divino Espírito Santo, referência sulista reconhecida até nos Açores. Boa parte da história do Divino de Criúva é devida ao trabalho incansável do Padre Pedro Rizzon, a quem hoje o Distrito presta homenagem com colocação de estátua em frente à praça da Igreja (Figura 11).

Figura 11 – Igreja Matriz-Distrito de Criúva

Fonte: Produzido pela autora (2018).

> Entre outros feitos que o Pedro incentivou, divulgou e participou, queremos lembrar das missas crioulas que celebrava com muita fé, entusiasmo e devoção, arrebanhando seu povo. Os fieis vivenciavam momentos muito tocantes e significativos, de emoção e respeito, por exemplo, durante as andanças com os grupos de louvação do Divino, Missa Crioula e Terno de Reis, muitas vezes viajando para lugares mais distantes, pernoitando longe de casa, o padre, ao cumprimentar seus companheiros ao amanhecer, sempre manifestava carinhosa e paternalmente sua preocupação e atenção com o bem estar das pessoas que o acompanhavam. (POSSAMAI; BOSSARDI; BARROSO, 2005, p. 353)

Dos depoimentos sobre o Padre Pedro sobram elogios e relações diretas com a continuidade da Festa do Divino Espírito Santo em Criúva. O padre era reconhecido por sua capacidade empática e humilde: “sempre foi acolhedor, principalmente das pessoas mais necessitadas, dando a elas casa, roupa e comida” (POSSAMAI; BOSSARDI; BARROSO, 2005, p. 354). Nesse depoimento fica fácil de entender a dedicação dele para com as celebrações do Espírito Santo, pois suas atitudes ressaltam em consonância com o acolhimento a que se propõem as Festas do Divino. “Ele gostava de usar botas, bombachas, lenço no pescoço. A devoção ao Divino Espírito Santo, que veio com os açorianos foi por ele incentivada e ele mesmo reorganizou a Festa em 1870” (POSSAMAI; BOSSARDI; BARROSO, 2005, p. 354).

> Foi ele que resgatou a Festa do Divino, e a tornou uma das maiores Festas religiosas do interior do Estado. A Festa do divino em Criúva, assim como aconteceu em outros lugares, também sofreu um período de decadência. As

> causas foram diversas, e não é possível aponta-las e comenta-las nestas curtas linhas. Porém, com a chegada do Padre Pedro, em Criúva, ele com muito esforço reavivou a Festa, e conseguiu realizar conforme a tradição. A nossa Festa já mereceu diversos artigos em jornais, televisão e demais meios de comunicação, até mesmo fora do nosso Estado, e tudo graças a este patrão espiritual. (POSSAMAI; BOSSARDI; BARROSO, 2005, p. 362)

A Festa que sempre foi tradicional em Criúva, esteve suspensa por um tempo até que o Padre Pedro fora buscar informações sobre as origens, como era feita na 'linha tradicional'. Ele, sociólogo, atuante como professor da Universidade Caxias do Sul, tinha um compromisso com a pesquisa, dando a devida importância à tradição e aos valores do passado (POSSAMAI; BOSSARDI; BARROSO, 2005). Importante conhecer um dos discursos do Padre Pedro durante louvação nas casas e o quanto ele associa a palavra hóspede às ações e relações com os visitantes, andarilhos, etc.:

> [...] Pedimos que o Divino seja um morador dentro de nós, como diz o hino "Consolo que acalma, hospede da alma" [...]. Nós somos os que temos como hóspede o Divino. O gaúcho sempre foi em geral muito delicado com os hóspedes, com os andarilhos... né. Nós temos que ser muito delicados com o Divino que é nosso hóspede desde o dia do batismo [...] Precisamos, então, dar muita honra e ter muita alegria que nós somos os hospedeiros do Divino Espírito Santo. (POSSAMAI; BOSSARDI; BARROSO, 2005, p. 367)

A Festa que chegou a pouco mais de 80 anos, pelas mãos de uma professora, "Maria José Telles (nascida em Santo Antônio da Patrulha) [...] levou as tradições de sua terra natal para Criúva em 1922 e lá constitui numerosa família". Levara consigo uma Bandeira do Divino (ainda guardada pelos moradores de Criúva na atualidade) ela era a protetora e cuidadora da Bandeira: "*esta Bandeira tem um grande significado: é o símbolo da fé, no poder do Divino Espírito, que na viagem protegeu-a e depois, esta confiança foi se espalhando e outros devotos foram surgindo*". A Festa reconfigurada por Padre Pedro continua reafirmando os laços sociais do povo de Criúva e seus vizinhos (SELISTRE; BEMFICA, 2005, p. 416).

> Assim fez com que nos dias atuais, toda a Criúva reverencie o Divino. É lá que se realiza uma das mais belas Festas do Estado, com a participação de toda a comunidade, chegando centenas de visitantes, atraídos pelo belo exemplo de fé e pela acolhedora gente deste lugar. Não satisfeitos, o povo da Criúva leva a muitos lugares sua história e seu relicário (a Bandeira). (SELISTRE; BEMFICA, 2005, p. 416)

As marcas culturais dos gaúchos são riquezas em comum que herdaram enquanto cidadãos, transmitidas de geração em geração, constituintes dos bens culturais de um povo, ao conservar a memória do que foram e são. Voltadas a revelação identitária e preservativa do passado para conhecimento das futuras gerações. Há várias formas de viver e perceber o modo de ser do gaúcho,

> [...] mundos diferentes, espaços, classes e níveis de pertencimento vão produziu valores, sociabilidades, aceitações ou não, agregações, desagregações e valorizações sociais. Significadas por tradições constantemente ritualizadas no dia a dia dos sujeitos. (TEDESCO; ROSSETO, 2007, p. 22)

Ao se referir ao modo gaúcho, os autores nos remetem a primordial função do festejar, o que representa a Festa para renovação dos laços sociais rememoração dos modos antepassados, reforçando a partilha, a comunhão e agregação dos sujeitos de determinada etnia por meio do prazer, do não cotidiano, pela fruição,

> [...] agrega patrimônios, aliás sua expressão tradicional dá-lhe tal caráter, seus horizontes simbólicos são carregados de significados, em geral, coletivos e que produzem e reproduzem, em meio e através de objetos, dimensões imateriais, ou intangíveis. [...] o ambiente da festividade é expressão de um tempo múltiplo e do complexo; possui, além de várias outras dimensões, uma função social de incorporação, aprendizagem, de partilha de conhecimentos, de comunhão/comunicação, de legitimação, de reconhecimento, de luta pela interpretação ritualística, imagética e objetal. (TEDESCO; ROSSETO, 2007, p. 28)

O gauchismo é representado com dinamismo em múltiplas Festas, que circundam a descendência da etnia tanto italiana, quanto alemã, polonesa e outras tantas, reatualizando-as. E é no contexto rural do Distrito de Criúva que algumas marcas culturais, resultante da miscigenação, adentram as cercanias do Estado, a exemplo da Festa do Divino Espírito Santo que aqui adquire personalidade própria, após as investidas do Padre Pedro, sem, contudo, destoar da Festa portuguesa que foi e ainda é a inspiração para a tradição do Divino criuvense, aqui imbuído de todo o tradicionalismo gaúcho como uma marca eloquente da Festa.

4 ESPÍRITO SANTO – PENTECOSTES

Para a compreensão do capítulo que desvela a Festa do Divino Espírito Santo, ambientei estudos sobre a compreensão da Santíssima Trindade na visão do historiador Noeli Dutra Rossatto (2006), dos teólogos Élcio Rubens Mota Félix (2012), Yves Congar (2005) e Leonardo Boff (2009), e do antropólogo português João Leal (2017). Essas aproximações me permitiram retorno ao medievo para um encontro mis aprofundado com o Abade Joaquim Di Fiore, a fim de compreender em que momento da história se iniciam as investidas nos estudos pentecostais, quando o 'tempo' do Espírito Santo é grifado como um tempo de caridade e doação, de forma intercruzada com as ordens mendicantes e as futuras comemorações a Pentecostes, consubstanciando com as pesquisas de Ferretti (2005) sobre a manifestação. O pensamento joaquimita foi insuflado pelo franciscanismo, que por sua vez reverberou, brevemente com eco nas práticas religiosas dos aragoneses, com a Rainha Isabel incorreu nas viagens marítimas de traslado do Divino em direção ao Brasil.

4.1 PRELIMINARES MÍTICAS

Tratar da origem da Festa do Divino Espírito Santo exige, antes de tudo, uma compreensão acuidosa sobre a Santíssima Trindade e as derivações do Pentecostes, traçando um percurso que antecede, historicamente, o momento de fincar o Mastro, dando início às comemorações. O Espírito Santo é a terceira pessoa da Santíssima Trindade, contido entre o Pai e o Filho, igualmente divinos. É também conhecido como Paráclito e Pneuma, por ser compreendido, teologicamente, como *o sopro de Deus*, ou o ar que dá vida (Pneuma) a um espírito cristão.

São muitos os vieses para explicar a tríade divina. Na visão de Boff (2009, p. 119):

> O Espírito Santo é aquele que supera a relação Eu-Tu (Pai-Filho) e introduz o Nós. Por isso o Espírito Santo é por excelência a união entre as pessoas divinas; é a Pessoa que revela para nós mais claramente a inter-relação eterna e essencial entre os divinos Três. Na história, o Espírito se mostra como uma força vulcânica, como um vendaval que toma as pessoas e as leva a fazer obras grandiosas. [...] Ele é a força do novo e da renovação de todas as coisas: cria ordem na criação, [...] é o atualizador da memória de Jesus, o Libertador.

A força do novo a que se refere Boff, no trecho citado, está presente em relatos bíblicos e nas comemorações pagãs e cristãs, destacando a relevância dada ao Pentecostes. A Bíblia narra a descida do Espírito Santo, em forma de línguas de fogo, sobre os Apóstolos, como anunciado por Jesus no dia de sua ascensão ao céu, como batismo, presente prometido por Deus[11]. Sua missão seria a de Espírito santificador da Igreja:

> Este é o Espírito que dá a vida, a fonte da água que jorra para a vida eterna (cf. Jo 4, 14; 7, 38-39); por ele, o Pai dá vida aos homens mortos pelo pecado, até que um dia ressuscitem em Cristo os seus corpos mortais (cf. Rm 8,10-11) o Espírito habita na Igreja e nos corações dos fiés, como num templo. (cf. 1Cor 3,16; 6,19): neles ora e dá testemunho de que são filhos adotivos (cf. Gl 4,6; Rm 8, 15-16. 26). Leva a Igreja ao conhecimento da verdade total (Jo 16,13), unifica-a na comunhão e no ministério, dota-a com diversos dons hierárquicos e carismáticos, com os quais dirige e embeleza (cf. Ef 4, 11-12; 1Cor 12, 4; Gl 5, 22). (CONGAR, 2005, p. 20)

Espírito Santo é o nome daquele a quem os católicos amam em nome do Pai e do Filho, aquele a quem a Igreja professa no batismo dos novos fiéis, que "vem da palavra hebraica *ruah* 'sopro, ar, vento'" (ZEZINHO, 2009, p. 179). Servem de homônimos ao Espírito Santo os tratamentos como Paráclito, Defensor, Advogado, Consolador*,* assim como Espírito da Promessa, Espírito de Cristo, Espírito de Doação, tem como símbolos a água, unção, fogo, nuvem luz, selo, mão, dedo de Deus, pomba e língua de fogo. A principal característica de quem age em nome do Espírito Santo é a 'caridade' (ZEZINHO, 2009). Para os católicos, o Espírito Santo providencia o discernimento, equilibra e ensina o controle do pensar e do sentir, formando os 'morigerados' que nascem em um costume assumem atitude serena e forte de vida (ZEZINHO, 2009).

Consta na Bíblia que, para uma pessoa, seria o Espírito da fé e, para outra, o dom de curar. A outra, ainda, o dom de operar milagres; a outra, a profecia; a outra, o dom de saber se um dom vem de Deus; e a outra, o dom das línguas estranhas; a outro, o dom de interpretá-las (BÍBLIA, 2002, 1 Cor. 12, 9:10). Da experiência da doutrina do Espírito Santo cristã, considerando Boff (1999), os discípulos do Cristo o

[11] "Ó Divino Espírito Santo, paira sobre nós com tuas línguas de fogo e roga por nós a Jesus e aos santos para que consigamos vossa graça. Ó Maria, manda o Espírito Santo do teu filho para curar-nos. Tu, ó Espírito Santo que és instrumento do Pai e do Filho para nos confirmar na fé, soprai de novo sobre nós para que sejamos testemunhas do Deus vivo" (BOFF, 2009, p. 11).

observavam e o seguiam nas orações, pregações, tratamento com as pessoas necessitadas, sua vida, morte e ressurreição:

> Proclamavam com alegria em suas orações e com simplicidade em suas pregações o Pai, o Filho e o Espírito Santo. Sem quererem multiplicar a divindade, pois vinham todos do judaísmo, para o qual o monoteísmo é um dogma estrito, chamavam cada um deles de Deus. Mais tarde, os cristãos começaram a pensar esta experiência e a traduzir numa fórmula esta proclamação. Surgiu então a doutrina trinitária expressa claramente assim: Um Deus em três pessoas ou uma natureza e três Hipóstases ou três Amantes e um só amor ou três Sujeitos e uma única substância, ou três Únicos e uma só comunhão. (BOFF, 1999, p. 11)

Consta que “na idade do Espírito Santo a vida seria vivida segundo os valores comunitários em que imperariam a caridade, a unidade e o partilhar” (RODRIGUES, 2006, p. 66). A partilha é, portanto, uma das mais presentes características da Festa em qualquer local em que ela ocorra, apresentando-se no esmolar, na oferta de alimentos nos eventos comensais da Festa e na partilha final entre os convivas ao término do festejo, do que sobra.

Comumente representado pela pomba branca, o Espírito Santo é compreendido como o sopro divino, estudado como *pneumatologia* – a doutrina do Espírito Santo – *pneuma* (grego) significando espírito/vento.

> O Espírito é o pai dos pobres, incutindo-lhes esperança para sacudir as opressões que suportam, fazendo-os sonhar com um mundo reconciliado e justo. É a força criadora de diferenças e de comunhão entre as diferenças. Ele é o que suscita nas pessoas os mais diferentes dons e nas comunidades os mais diferentes serviços e mistérios [...] Ele habita os corações das pessoas, dando-lhes entusiasmo, coragem e determinação. Ele consola os aflitos, mantem viva a utopia nas mentes humanas e no imaginário social, utopia de uma humanidade totalmente redimida, e dá forças para antecipa-la, mesmo por revoluções dentro da história. (BOFF, 2009, p. 120)

Iniciam-se aí os primeiros apontamentos relacionais entre o Espírito Santo e a proteção aos desvalidos e assistência aos mais pobres, a esperança dos oprimidos, Ele a reconciliação e a justiça; a possibilidade de equalizar os discrepantes fatores sociais, ainda que utopicamente, compromisso que se faz presente nos dons do Espírito Santo. Os sete dons do Espírito Santo são relembrados na data de comemoração à Pentecostes: Fortaleza, Sabedoria, Entendimento, Ciência, Conselho, Piedade e Temor a Deus, delegando aos batizados na mesma ordem: coragem para enfrentamento dos problemas, discernimento para as próprias

escolhas, inteligência, uma ciência própria de Deus, orientação espiritual, viver em comunhão com os irmãos, cuidado em não ofender a Deus. Os Dons do Espírito e a ciência que o interpreta, estão imbuídos de abnegação, amorosidade, caridade, doação e acolhimento na visão dos que descrevem a intenção e a lógica da Santíssima Trindade:

> A vontade dos cristãos de criarem uma sociedade igualitária, estruturada pelos mecanismos de participação de todos e respeitadora das diferenças, impedindo que se transformem em desigualdades, encontra sua fundamentação na igual dignidade das três diversas Pessoas divinas, na sua simultaneidade, na sua coexistência amorosa. (BOFF, 2009, p. 125)

Os crentes na força e proteção do Espírito Santo professam, coerentemente, a igualdade e o amor ao próximo em tom missionário, de compromisso fiel. Discurso frequente na literatura variada sobre o assunto, as representações e os sentidos circundam, em significativa constância, a benevolência e a equidade. O Espírito Santo fora, desde a descida sobre os Apóstolos, um atrativo de pesquisa, interpretado de inúmeras formas, algumas delas motivo para silenciar pensadores (até mesmo membros do clero), outras ideias foram esquecidas (convenientemente) pela história. Nos grandes debates teológicos quanto a questão Cristológica ou as tensões políticas envolviam a liberdade religiosa (permitida por Constantino), é importante salientar que havia, por óbvio, constante atrito quanto a sistematização acerca da divindade do Espírito:

> Das tensões teológicas estão com certeza a questão Cristológica, suscitada por Ário. E no plano político duas situações: a pretensa liberdade religiosa dada por Constantino e mais tarde Teodósio, o cristianismo será assumido como religião oficial do Império Romano. [...]. A doutrina de Ário foi terminantemente condenada no Concílio de Niceia e ratificada no Concílio de Constantinopla. A Igreja, no tempo do Concílio de Niceia (325), já gozava de "certa" liberdade de culto por conta do Imperador Constantino (303-338). Ele mesmo convocou este Concílio. E mais tarde o imperador Teodósio também convoca o segundo Concílio, o de Constantinopla (381). (FELIX, 2012, p. 112)

As tensões mais do que religiosas, envolviam os interesses políticos entre Igreja e Estado. Entretanto, não será essa a discussão norteadora desta Tese, que busca, exclusivamente, a interseção entre a Festa do Divino Espírito Santo e os primeiros ensaios que incutiram no imaginário popular tal devoção. Assim, intencionando desvendar a origem da palavra *Pentecostes* e a complexa urdidura do

Credo Cristão, que entremeia as explicações da função, titularidade e ordem hierárquica do Divino Espírito Santo, busquei Ildo Bohn Gass[12]. Sobre o significado de Pentecostes, Gass (2017) principia pelas celebrações dos judeus para com as Festas anuais associadas à época de colher a safra anual, entre março e abril, período de início das colheitas no Hemisfério Norte, a tradição hebraica comemorava a memória da *passagem* (*Pessah,* Páscoa em hebraico): processo pelo qual Javé liberta o povo hebreu da opressão egípcia. A passagem libertadora se dava sete semanas, ou cinquenta dias, após a colheita dos cereais. A celebração era a Festa das 'semanas' (*Shavuot*, em hebraico), quando era recordado *a doação da lei* a Moisés no Sinai. A lei era celebrada como expressão textual da vontade de Deus, que orienta a ética do povo da aliança.

A partir da tradução das escrituras hebraicas para o grego, a festa das semanas passou a ser chamada *Pentecostes*, que significa *quinquagésimo dia.* Com a experiência das comunidades cristãs com Jesus ressuscitado, elas libertaram-se da 'ética da lei' ditada desde fora. Não mais orientavam suas atitudes pelo que a lei permitia (faça isso) ou proibia (não faça aquilo). A partir de agora, é a ação do Espírito de Jesus ressuscitado, a partir de dentro, que orienta o seu discernimento ético. É o fim da ética da lei e o início da ética do Espírito (GASS, 2017).

Na linguagem paulina, a letra da lei escraviza, mata, enquanto que o Espírito gera vida e liberta (Cf. 2 Coríntios 3,6). Gass ainda ressalta que, para as comunidades joaninas, por exemplo, a doação do Espírito se dá no mesmo dia da ressurreição (João 20, 22). E o sentido do adiamento simbólico da doação do Espírito em 50 dias pelas comunidades paulinas, ao escreverem o evangelho segundo Lucas e o livro de Atos dos Apóstolos, elas situam a doação do Espírito no dia da Festa judaica de Pentecostes, dia em que celebravam a doação da lei para Moisés no Monte Sinais. "A intenção teológica é clara. Para quem adere ao projeto de Jesus de Nazaré não é mais a lei mosaica que determina a ética, mas é o Espírito quem orienta, move, dinamiza o agir cristão. O Espírito substitui a lei" (GASS, 2017)[13].

Em resumo, a origem da palavra Pentecostes seria então (penta=5) *quinquagésimo dia*, que coincidiu com a descida de línguas de fogo sobre os

[12] Trata-se de estudioso da Bíblia Sagrada, ministrante de cursos bíblicos, em entrevista a autora, em 10 maio de 2017.
[13] Ildo Bohn Gass em entrevista a autora, em 10 maio de 2017.

Apóstolos, reverberando no senso comum como sinônimos (Espírito Santo e Pentecostes). As palavras, devidamente separadas no tocante aos seus significados, clarificou também a relação das festividades do Divino Espírito Santo como uma derivação das Festas da Colheita (Festa das Semanas). Assim como, após as primeiras investigações sobre a Santíssima Trindade, se evidenciou uma direta relação com os atos de doar, cuidar e proteger.

Em qualquer que seja o tempo em que Pentecostes é situado, há constante relação com o agradecimento pela colheita do ano, ou pedido de intercessão para melhores colheitas. Assim como há recorrente relação da Terceira Pessoa da Santíssima Trindade com a justiça social, a caridade e a humildade, nas concepções dos teóricos que descreviam Paráclito como representação da generosidade e doação abnegada. A exemplo disso, regresso agora à baixa Idade Média, em 1135, para encontrar a teoria do monge calabrês, Joaquim Di Fiore, que preconizava compreensões inusitadas sobre o Espírito Santo, o que em tese se relaciona com o assistencialismo aos pobres pelos monges franciscanos, influenciando posteriormente a rainha Isabel a comemorar o dia de pentecostes com Festa ao Divino Espírito Santo, quando os menos favorecidos se tornam iguais aos demais na encenação da celebração.

4.2 O JOAQUIMISMO E O QUINTO IMPÉRIO

Entre 1182 e 1183, Fiore foi Abade do Mosteiro de Corazzo, situado na Calábria (Itália), o que lhe conferiu livre acesso à Santa Sé. Admirado pelo Papa Celestino III, este lhe outorgou em 1196, aprovação para fundar a própria família monástica a qual delegaria sua doutrina trinitária. Era um ser inebriado pelo sagrado, teórico respeitado, principalmente por não ceder à opulência da Igreja, viveu apesar de todo o prestígio, em votos de pobreza.

> O que este monge fez foi desenvolver uma sistematização doutrinal com base na interpretação da literatura apocalíptica anterior e numa hermenêutica da história à luz da periodização das missões das pessoas da Santíssima Trindade. Esta nova proposta de entendimento teológico da história foi depois reinterpretada e adaptada para fundamentar aspirações de feição claramente messiânico-milenaristas. De qualquer modo, para o Abade calabrês, a história não se esgotaria no tempo da Igreja institucional presente, mas continuaria aberta na expectativa de uma nova e definitiva idade, a Idade Paraclitiana,

> isto é, marcada pela dispensação abundante do Espírito que liberta e santifica. (FRANCO, 2002, p. 176)

Joaquim Di Fiore imergiu na fé cristã de forma mística após peregrinação a Jerusalém, onde vivera uma epifania, uma visão divina que o inspirou no desenvolvimento do que viria a ser conhecido como doutrina joaquimita, na Baixa Idade Média. Dotado de respeitável erudição, o abade fora insuflado pelos Papas da época a desenvolver a teoria que dividia o tempo em três épocas, a do Pai, a do Filho e a do Espírito Santo, em uma concepção linear da história, caminhando em direção ao futuro em uma concepção de história de longa posteridade.

a) O tempo do Pai que teria sido o tempo da lei, do temor, representada pela sabedoria do idoso, das ervas, do inverno e da noite;
b) O tempo do Filho, que teria sido a graça, sabedoria dos mais jovens, reafirmação da fé, representada aurora, primavera, espigas e vinho e;
c) O tempo do Espírito Santo, que seria um tempo de liberdade, compreensão perfeita, valorização das crianças e teria como símbolo o verão, a colheita do grão, o óleo.

As três épocas refletem uma concepção trinitária de Deus e suas qualidades, um tempo ulterior da vinda do Espírito Santo onde o amor, a compreensão espiritual e a igualdade entre os homens reinariam, sem a necessidade de uma ordem religiosa que os guiasse, o que preocupava boa parte do clero, consubstanciando seu silenciamento. O Abade morreria antes de ter a palavra final do Papa sobre seu destino na Igreja. Entretanto, sua obra e reflexão inspiraram outras ordens religiosas, como a dos franciscanos, que também eram adeptos da pobreza e assistência aos desfavorecidos.

> Joaquim De Fiore entende que a revelação não se encerrou com o Novo Testamento, o qual seria ultrapassado, no plano hermenêutico, pela compreensão espiritual (*intelligentia spiritualis*) da Escritura e da história; e no plano histórico, pelo advento do terceiro Estado espiritual. Curiosamente, esta proposta do abade deu margem a uma interpretação mais radical que previa a extinção da própria ordem clerical (*ordo clericorum*), no decorrer do segundo Estado, o que acarretaria não mais seguir os mandamentos de Roma e o comando espiritual de uma nova ordem monástica. (NASCIMENTO, 2012, p. 98)

O que nos importa sublinhar na participação de Joaquim Di Fiore, é a devoção ao Espírito Santo, a assistência aos desfavorecidos e a filosofia de vida em prol da pobreza extrema, tinha como maior riqueza o amor a Deus. Alguns teóricos fazem triangulação com Di Fiore, ao dizer que sua teoria influenciara as ações de caridade

dos aragoneses, em última instância, despertado o desejo da Rainha Isabel em também assistir aos pobres e necessitados, como resposta e desvelo ao Espírito Santo. Rossatto (2006) é categórico ao colocar que “há certo consenso em dizer que o Culto ao Divino [...] nos Açores e no Brasil, ainda guarda fidelidade as suas origens joaquimitas” (p. 10), ele relaciona alguns elementos com a lógica da *era do Espírito*, “[...] a indumentária conserva as cores do Filho e do Espírito e observa-se o protagonismo das crianças, como na terceira era joaquimita” (p. 9). Rossatto (2006) ainda resume a relação direta entre aragoneses e joaquimismo:

> Afirma-se, que a origem do culto ao Divino Espírito Santo, advém da ligação entre a obra de Joaquim De Fiore, apócrifa e/ou autêntica, e a Coroa Portuguesa. Tal vinculação remonta ao tempo em que a Coroa de Aragão tomou posse do Sul do Sul da Itália em 1282. Foi nesse período que Isabel (1269-1336), a rainha Santa, [...] casou-se com D. Dinis, rei de Portugal, em 1282. A mesma rainha Santa será quem vai instituir em 1292 a Confraria do Espírito Santo de Alenquer em Portugal. E é precisamente a partir da Vila de Alenquer, então senhorio da rinha, que se dará a expansão do franciscanismo em Portugal. (ROSSATTO, 2006, p. 11)

Outros autores defendem ter sido Isabel de Aragão a instituidora da primeira Festa do Império do Espírito Santo, realizada no Convento de Franciscanos de Alenquer, cerca de 1323, abstraiu o papel joaquimita no processo de instauração da Festa. Por agora, friso o papel da teoria joaquimita:

> O esforço teológico-filosófico de compreensão e tipificação da sucessão da história, pelo processo de divisão em tempos ou idades (em que se confere características às diferentes etapas que denotam uma determinada evolução em direcção a uma meta de consumação perfeita), não é novo no teólogo Joaquim. O que é original é a complexidade da divisão, da diferenciação das idades, da crítica profunda à sociedade e à Igreja do tempo que a sua teologia comporta, bem como o grito certeiro e exigente de uma renovação eficaz sob os auspícios libertadores do influxo plenificante do Espírito Santo. (FRANCO, 2002, p. 77)

Apesar do Abade não ter sido excomungado, há correntes católicas que o tratam como herético. Além dos relatos históricos, tal suspeita nasceu principalmente das entrevistas feitas por mim para a construção desta Tese. As pesquisas em direção ao joaquimismo me pareceram emperradas, estáticas, inertes, no momento em que eu suscitava a teoria do Abade Di Fiore no decorrer da pesquisa sobre o Espírito Santo. Entretanto, o que me move é a lógica de que Francisco de Assis bebeu nas ideias do Abade calabrês e fez de sua ordem franciscana um movimento de amor para

com o outro, completamente despojado e desapegado dos bens materiais, com ações direcionadas aos desfavorecidos, o que comungava com a proposta de Igreja que Di Fiore referendava como na ‘Idade do Espírito Santo’.

Afinal, no período que compreende o desenvolvimento da teoria joaquimita, várias ordens monásticas eram fundadas na Europa e nelas, Di Fiore depositava a crença de uma renovação positiva para a Igreja. Seria uma era de paz em uma espécie de hegemonia na cristianização do mundo. Sua teoria compreendia os Dons do Paráclito infundidos de tal forma que a Igreja em si não se faria necessária, pois um mundo de amor e harmonia dispensaria a orientação eclesiástica, de modo que o cristianismo seria difundido inspirando a paz. E justo por tal pretensão em sugerir que o poderio da Igreja nos moldes opressores então vigentes, não se fariam necessários no novo tempo. Joaquim Di Fiore foi silenciado em 1254.

Entre os interesses políticos e religiosos, guardadas as equivalentes conveniências, a doutrina trinitária vem como “aquele elã, aquele impulso de amor que nos impele para o outro: daí o dom do Espírito Santo” (MOMMÉJA, 2014, p. 128). É pelo dom da doação da caridade e do amor ao próximo que as comemorações a Pentecostes carregarão consigo a intenção da assistência e do acolhimento: "Essa Festa de Pentecostes nos permite também reviver a experiência extraordinária que viveram os Apóstolos naquele dia" (MOMMÉJA, 2014, p. 12). A referida experiência é a do amor ao próximo como a si mesmo, uma referenda de acolhimento e assistencialismo aos que carecem, em busca de equidade social. Do Pentecostes cristão:

> Originalmente 'Festa da colheita', foi transformada, pela tradição rabínica, em Festa do dom do livro do Torah, recebido por Moisés no Monte Sinai. O sentido que prevalece é que a 'colheita consiste em levantar do chão os feixes de trigo e, simbolicamente, a Torah permite ao homem se levantar de sua condição de terrestre. (MOMMÉJA, 2014, p. 132)

As festivas ao Divino Espírito Santo, fazem parte de um imaginário medieval e também parecem estar ligadas a antiguíssimos rituais pagãos, como sugere Momméja (2014), com distribuição de alimentos e a eleição de Imperadores entre pessoas de classes menos abastadas, reafirmando a ideia de igualdade preconizada pela vinda do Espírito Santo. Entretanto, na costura temporal feita nesta Tese, uma curiosidade surgiu, um dado extra sobre as Festas de Pentecostes. Encontrei registros

que evidenciam que são os grandes mosteiros que a introduzem no calendário litúrgico à época de 1030. Somente em 1334 o Papa João XXII torna a Festa obrigatória no Ocidente, fixando-a no domingo seguinte à Pentecostes (MOMMÉJA, 2014).

> Esse mesmo imaginário medieval – que até hoje se mantém vivo em muitos aspectos – que, mais tarde, marcará presença na tradição luso-brasileira, através da doutrina do Quinto Império e, sobretudo, dos cultos e das Festas ao Império do Divino. Da ligação entre Isabel (1269-1336), a Rainha Santa de Portugal, esposa de D. Dinis, e os franciscanos espirituais, é que nascerá a primeira Confraria do Espírito Santo de Alenquer, no ano de 1282. E da relação no interior do Reino de Aragão, entre a Rainha de Portugal e o filósofo catalão Arnaldo de Vilanova (1238-1316), então chanceler de seus dois irmãos, Frederico III de Sicília e Jaime II de Aragão, vem a certeza do contato mais direto entre a corte portuguesa e as ideias joaquimitas. (MARTINI; ROSSATTO, 2011, p. 187)

Então, apesar do registro da Festa mais antiga ao Divino Espírito Santo datar de 1030, toma proporções após a iniciativa da Rainha Isabel de Aragão, alguém que traz em sua filosofia de vida influências joaquimitas e franciscanas de doação aos pobres, crente de que o novo Tempo virá representado na figura de um Rei Menino, como é instituído Imperador, uma criança ou adolescente, pobre, que será tratada como um Rei, com poder de libertar presos e com o coração abnegado, comprometido com a caridade e doação aos necessitados.

> Na figura de um novo rei, ou mais precisamente na coroação de um Rei Menino – um *Dux Novus*, conforme sugere o texto da Concórdia de Joaquim, é celebrado o terceiro Estado do mundo. Tradicionalmente, as Festas do Divino coroam um Rei Menino ladeado por um rei jovem e outro de mais idade, de acordo com o que a mesma Concórdia ensinava: 'O primeiro Estado é dos velhos, o segundo dos jovens e o terceiro dos meninos'. Desde suas origens, a celebração ao Império do Divino destaca positivamente a figura do rei, pois essas Festas nascem no seio da monarquia portuguesa em um período de desavença com o papado. É daí que vem uma das justificativas para a ausência do clero em tais festejos. (MARTINI; ROSSATTO, 2011, p. 188)

Portanto, se na Doutrina joaquimita o clero era dispensável, “de acordo com a doutrina joaquimita, o clero não poderia protagonizar uma celebração do terceiro Estado espiritual” (MARTINI; ROSSATTO, 2011, p. 188), pois a nova era seria de amor e paz comum a todos, sem a necessidade de um líder, de uma doutrina expressa, é compreensível que a Igreja tivesse dificuldades em difundir tal teoria, ainda que alguns representantes, da mais alta hierarquia cristã, admirassem Joaquim Di Fiore pela cultura, humildade e simplicidade do abade calabrês. Entretanto, o marco conceitual

que busco para tramar Joaquim Di Fiore com as comemorativas paraclitianas, centra-se no *Quinto Império,* coincidente com o Tempo do Espírito Santo no ideário do abade.

> A teoria joaquimita dos três Estados do mundo e a divisão por cinco impérios. Os decimais "Quinto" e "Segundo", que aparecem nos primeiros versos da Quadra – "em vós que haveis de ser o Quinto/Depois de morto o Segundo" – , marcam o Quinto Império e o Segundo Estado. E do jogo entre estes decimais, resulta a seguinte explicação joaquimita aplicada à sucessão monárquica. O primeiro Estado paterno foi marcado pela "Força" e pelas "Armas", correspondendo ao tempo de consolidação da monarquia portuguesa por D. Manuel, o Primeiro, que foi o Quinto rei da dinastia de Avis, e sucedera a D. João, o Segundo (1469-1521). (MARTINI; ROSSATTO, 2011, p. 183)

No Quinto Império, no Tempo do Espírito Santo idealizado por Di Fiore depois do estado paterno (força) viria o "segundo estado filial, relativa tranquilidade no poder ("Ócio" e "Quietude"), corresponde ao tempo do rei D. João, o Quinto, sucessor de D. Pedro, o Segundo. Por fim, em sucessão ao Segundo (estado), surgiria o terceiro estado espiritual ('Ciência' e 'Compreensão')" (MARTINI; ROSSATTO, 2011), e, por fim, o Quinto (Império) o sucessor do Segundo (Império), com Grécia e Roma.

Haveria uma humanidade superior, que fora preparada em nível escatológico[14] para um recomeço e não um fim do mundo, mas um novo mundo onde a equidade, o amor e a benevolência para com o outro seria comum e uma única crença unificaria os pensamentos e ações de nova humanidade em uma relação da terra com o céu (diretamente), união e convergência do intemporal no temporal, do supra terreno com o terrestre, como quando Deus falou a Moisés e a ele entregou as tábuas da Lei, esse fora portanto um evento relacional do intemporal com o temporal, do eterno com o finito. A ideia de alma nasce da compreensão do intemporal ao agir no temporal - o corpo. Para compreender o enigma do Quino Império:

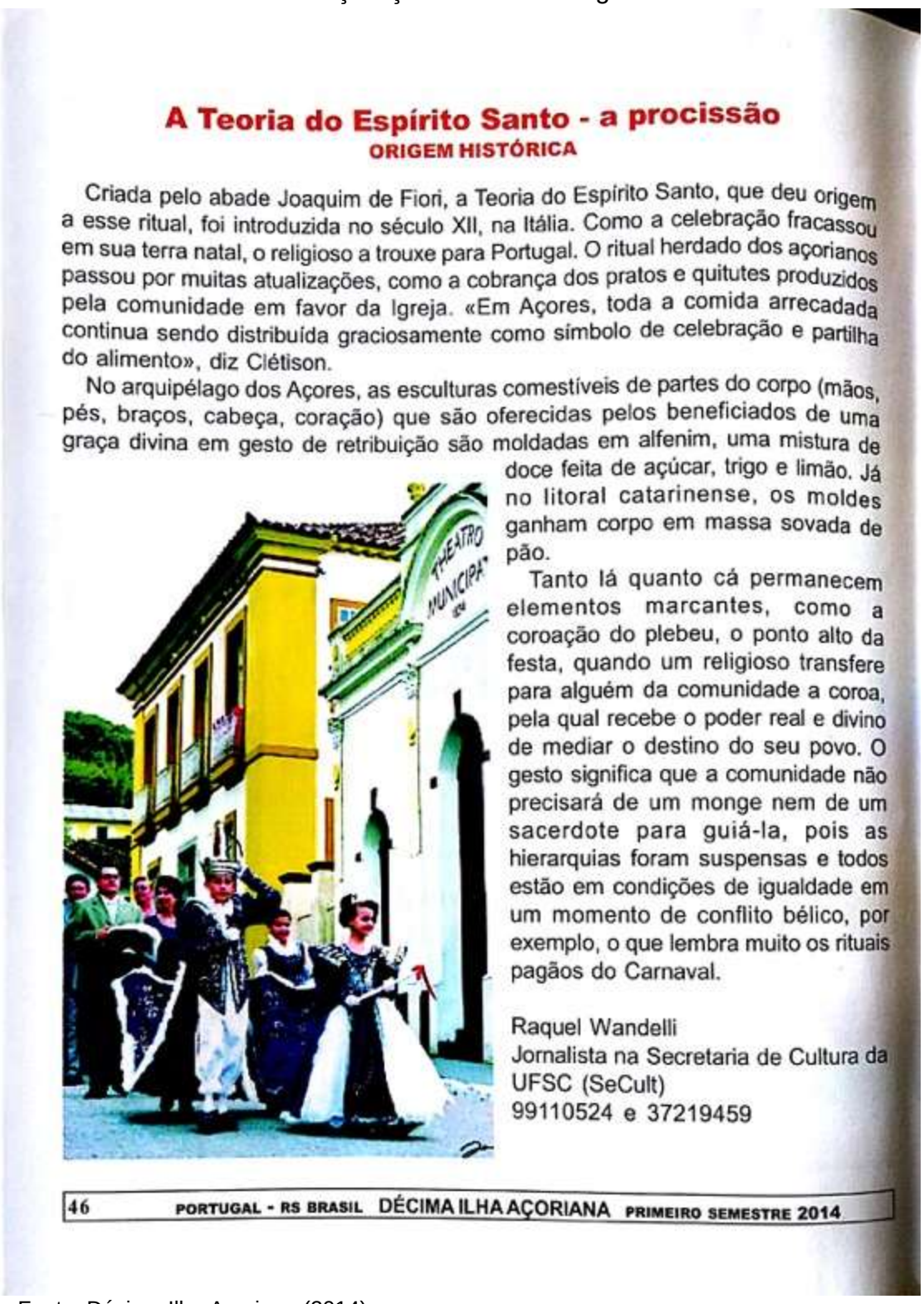
> Esse último passo só poderá ser entendido em chave joaquimita, pois, para obter-se tal resultado, os impérios terão de ser agrupados segundo a divisão por três Estados. Ao primeiro estado correspondem os impérios Assírio e Persa; ao segundo, os impérios Grego e Romano; e, finalmente, no futuro estado espiritual, haveria de se cumprir o Quinto Império, o Império Lusitano. O Quinto Império, então, seria realizado depois de se completar o Segundo, isto é, depois do período correspondente ao segundo estado do Filho (Grécia e Roma) da teoria joaquimita. (MARTINI; ROSSATTO, 2011, p. 184)

[14] Referente aos últimos eventos do mundo – evento futuro – arrebatamento.

Então, o Quinto Império seria anunciado pela chegada de um Rei Menino para um reinado de paz, com características libertárias. Uma nova humanidade, redimida em si mesma numa lógica escatológica de fim das desafortunadas vicissitudes que tanto inquietavam o abade. A doutrina joaquimita supõe um Quinto Império, que perduraria em Portugal por longo tempo, onde uma verdade divina se revelaria sem carecer de um clero que a depusesse. Logo, o termo *nova era* é cunhado por Joaquim Di Fiore (diferente do modelo *new age* americano contemporâneo, mas precursor deste), uma nova ordem que se pretendia unificadora mundial.

É a doutrina do Quinto Império joaquimita que triangula os franciscanos, a Rainha Dona Isabel e as festivas ao Divino Espírito Santo como uma representação direta desse Tempo de Paz, de equidade social e assistência aos necessitados que se instaurou em Alenquer no cotidiano bucólico vivido pela Rainha Santa. Entretanto, no enlace dos nós que nos levam à Festa do Divino Espírito Santo contemporânea, algumas intrigantes publicações fazem inferências ao monge Di Fiore de forma mais incisiva, ao que nos imputa a necessidade de ressaltar, a exemplo da Figura 12.

Figura 12 – Referente a Decima Ilha Açoriana, Revista Semestral, ano 4-n.9. Revista Semestral da Presença Açoriana-Porto Alegre-RS-Brasil. 2014



A Teoria do Espírito Santo - a procissão

ORIGEM HISTÓRICA

Criada pelo abade Joaquim de Fiori, a Teoria do Espírito Santo, que deu origem a esse ritual, foi introduzida no século XII, na Itália. Como a celebração fracassou em sua terra natal, o religioso a trouxe para Portugal. O ritual herdado dos açorianos passou por muitas atualizações, como a cobrança dos pratos e quitutes produzidos pela comunidade em favor da Igreja. «Em Açores, toda a comida arrecadada continua sendo distribuída graciosamente como símbolo de celebração e partilha do alimento», diz Clétison.

No arquipélago dos Açores, as esculturas comestíveis de partes do corpo (mãos, pés, braços, cabeça, coração) que são oferecidas pelos beneficiados de uma graça divina em gesto de retribuição são moldadas em alfenim, uma mistura de doce feita de açúcar, trigo e limão. Já no litoral catarinense, os moldes ganham corpo em massa sovada de pão.

Tanto lá quanto cá permanecem elementos marcantes, como a coroação do plebeu, o ponto alto da festa, quando um religioso transfere para alguém da comunidade a coroa, pela qual recebe o poder real e divino de mediar o destino do seu povo. O gesto significa que a comunidade não precisará de um monge nem de um sacerdote para guiá-la, pois as hierarquias foram suspensas e todos estão em condições de igualdade em um momento de conflito bélico, por exemplo, o que lembra muito os rituais pagãos do Carnaval.

Raquel Wandelli
Jornalista na Secretaria de Cultura da UFSC (SeCult)
99110524 e 37219459

Fonte: Décima Ilha Açoriana (2014).

Percebe-se na figura[15], de modo incisivo, que na origem historicizada da Festa do Divino está a Teoria do Espírito Santo pensada por Di Fiore e as primeiras procissões do Divino Espírito Santo praticadas sob a sua tutela. Desta forma, encontro entre as publicações evidência da Festa no Rio Grande do Sul, elo entre a Festa e o abade, tanto quanto ocorreu em Alcântara no início desta pesquisa. Foi também em Caxias do Sul, junto ao casal Alves (pesquisadores entrevistados por mim), que tive acesso a um DVD de produção portuguesa (pela RTP-Rádio de Televisão Portuguesa), conforme Figura 13, que conta a saga da Festa, suas origens medievais joaquimitas, apresentando as Festas do Divino de várias localidades, inclusive as de Alcântara e Criúva, correlacionando-as como próximas às Festas açorianas. Parece, agora, ter se fechado o ciclo de ilações entre as Festas de Alcântara, de Criúva, o medievo e as primeiras investidas da rainha Isabel. Passo, a seguir, às relações diretas da vida de Isabel com os franciscanos, a caridade e a Festa.

Figura 13 – CAPA DO DVD Divino Espírito Santo – RTP[16]

Fonte: RTP (2005), arquivo de Sandra Alves.

[15] A Revista Semestral da Presença Açoriana – Porto Alegre-RS – Brasil, me foi apresentada pela pesquisadora Sandra Alves, no período das entrevistas em sua casa, consultando seu acervo no primeiro semestre de 2018.

[16] A Figura 13 retrata capa do DVD, na qual está a foto de músicos de Criúva, incluíndo a destacada figura De Boca de Sino, autor do hino em homenagem ao Divino Espírito Santo.

4.3 A RAINHA ISABEL EM ILAÇÕES FRANCISCANAS E JOAQUIMITAS

No fio de Ariadne escolhido para urdir as origens da Festa portuguesa do Divino Espírito Santo, entre a Rainha Isabel e Joaquim Di Fiore, se faz complexa, sensível e quase frágil a teia histórica aqui representada, pela parca literatura existente e de difícil entendimento (para esse quesito em particular), por abranger teorias, teologias e cosmogonias em múltiplas faces amalgamadas. Ainda assim, a considero substancial, elementar mesmo, para que se faça mais real o imaginário português acerca da Rainha D. Isabel de Aragão (Figura 14), assim como no imaginário luso-brasileiro sobre as origens da Festa do Divino Espírito Santo.

Figura 14 – Rainha Santa Isabel, no interior da Igreja do Espírito Santo em Alenquer

Fonte: Produzido pela autora (2017).

Do que se faz comum nos discursos de quem prepara a Festa em Alenquer (Portugal), tanto quanto dos que a pesquisam, é que Isabel nasceu no século XII, foi Rainha consorte do Rei D. Dinis, filha de Pedro III e neta de Jaime II de Aragão. Os aragoneses eram contrários ao Papa da época e fiéis ao partido do Imperador e tiveram como médico da família um (também teólogo) assumido joaquimita, que influenciou diretamente nas crenças e práticas espirituais da família aragonesa. A

benevolência e a caridade da Rainha Isabel eram reconhecidas pelo povo português, apresentando característica de mulher obstinada, piedosa, caridosa e empática e por isso a respeitabilidade adquirida na realeza lusa. Entretanto, como é típico das pesquisas históricas, são muitas as vertentes de apresentação da vida da rainha, tanto histórica, quanto religiosa e literária. Assim, optei por consultar fontes que me pareceram das mais coesas e simétricas à proposta desta Tese, utilizando, Ramôa (2010) em sua pesquisa sobre a Rainha Santa de Portugal, Leal (2017) sobre o culto do Divino e Medeiros (2013) entre ficção e história de Isabel.

Figura 15 – Igreja do Espírito Santo, em Alenquer, fundada pela Rainha Isabel

Fonte: Produzido pela autora (2017).

Figura 16 – Igreja do Espírito Santo fundada pela Rainha Isabel em Alenquer

Fonte: Produzido pela autora (2017).

Como data do nascimento de Isabel tem-se 4 de julho de 1271, em Barcelona ou Saragoça, houve dúvida sobre o lugar legítimo de nascimento. Teria nascido *envolta em uma pele*, acontecimento que precedeu toda a mítica e mística em torno de sua vida. Já nascia com uma missão conciliatória, pois a família vivia em constantes desagrados entre os seus membros, uma discórdia entre o pai dela e o avô, em um futuro próximo enfrentaria desavença entre o marido e o cunhado e, a mais difícil delas, "a discórdia entre o marido e o filho quando este adulto, o infante D. Afonso IV. A rainha estava fadada a conciliar os familiares em diversas fases da vida." (MEDEIROS, 2013, p. 2).

> Dona Isabel de Aragão foi agente política, não só no modo como atendeu aos interesses de aragoneses instalados em Portugal e, reciprocamente, aos de portugueses fixados em terras de Aragão, mas também, e sobretudo, no modo como parece ter intervindo na pacificação, por duas vezes, da contenda, desenrolada em vários episódios, entre Dom Dinis e o filho primogénito de ambos, Dom Afonso. (RAMÔA, 2010, p. 67)

No certame popular, das múltiplas ideias sobre a origem da Festa do Divino, reina o mito de que em busca de paz na família e arrefecimento para os corações do marido e do próprio filho, teria a rainha pedido a intercessão do Espírito Santo, prometeu-lhe que em troca lhe fundaria uma Festa, ao que se pode auscultar nas pesquisas de campo, mais presente nas falas dos alcantarenses. E é pelas inúmeras associações feitas pelo povo entre a fundação da Festa do Divino e a rainha Isabel que ressalto a relevância em retratar sua vida, pois, além do destacado papel que desempenhara na realeza e nos ditos políticos da época, estão também contidas na crença mais comum à origem da Festa do Divino no Brasil, que dita:

> Em Alenquer - uma cidade situada a cerca de 60 quilômetros de Lisboa - e defende que a sua criação resulta da iniciativa da Rainha Santa Isabel (1271-1336), esposa de D. Dinis, que veio a ser beatificada em 1516 e canonizada em 1742. Essa narrativa - a que poderíamos chamar 'isabelina' - apresenta várias versões, que diferem tanto em relação aos motivos que levaram a rinha a instituir o culto como em relação ao conteúdo ritual das primeiras Festas. [...] Na *História Eclesiástica de Lisboa*, a Rainha Santa Isabel é invocada antes de mais na sua condição de fundadora de uma Igreja dedicada ao Espírito Santo [...]. (LEAL, 2017, p. 26)

A Rainha, reverenciada pelos milagres associados à sua figura dentre eles o instante em que Isabel decide levar *bodos* aos famintos, enrolados em seu avental e,

quando interpelada pelo marido sobre o que estava a esconder na saia, ela teria dito serem apenas rosas e ao exibir a doação aos olhos do marido, os pães teriam se transformado em rosas. Pouco depois da morte de Isabel, em torno de seu túmulo, no ano de 1516, Dom Manuel solicita a beatificação da rainha junto ao papa Leão X.

> Em 1556, desta vez por intercessão do rei Dom João III, o papa Paulo IV concede a extensão a todo o reino da festividade comemorativa da Rainha Santa Isabel. Assistindo ao aumento do fervor desta devoção, bem como ao seu alargamento geográfico progressivo, Dom Sebastião daria continuidade a este interesse que os monarcas portugueses foram maniFestando, desde Dom Manuel, pelo reconhecimento da santidade de Dona Isabel de Aragão. Assim, foi ele quem, em 1576, encarregou oficialmente o bispo Dom Manuel de Menezes de proceder à reunião de todos os documentos que fizessem prova da vida santa da rainha, [...] A cerimónia de canonização da beata Isabel teve lugar a 25 de Maio de 1625. (RAMÔA, 2010, p. 69)

Santa Isabel carregou consigo um sentimento empático com os menos favorecidos e por meio desta devota atenção ao Espírito Santo fundou casas de apoio ou albergarias que os abrigasse e, por conseguinte (em hipótese) honrou ao Divino com Festa orquestrada pelo povo, criando oportunidade de exercer sua filosofia de igualdade, onde o Imperador eleito não seria oriundo dos palácios e a ele era dado poder tal ao ponto de livrar um condenado da prisão. Tal ideal apresenta prerrogativas joaquimitas, assim alegado por inúmeros autores a exemplo de Leal (2017), provar essa teoria é um tanto difícil pela ausência de documentos que a consubstanciem. Mas a própria Igreja do Espírito Santo já se constituiu um milagre isabelino, no imaginário popular, pois teria Dona Isabel de Aragão sonhado com o lugar para erguer a Igreja e ao chegar a esse teria também encontrado as fundações prontas. Atribuíram tal providência a atos angelicais.

> Cabe salientar que as questões políticas são assuntos menos citados e comentados quando se trata das figuras femininas da Idade Média. Todas as estratégias políticas e toda a diplomacia é, na maioria das vezes, relacionada aos homens: aos reis, nobres, clérigos. Pois não é apenas como mãe que Isabel de Aragão interviu nas batalhas - sim, porque aconteceram várias - entre o marido e o filho, por conseguinte à predileção do esposo ao filho bastardo mais velho. Sua condição diplomática, pouco ressaltada ao longo da História em função da grande aura religiosa que ela adquiriu, principalmente após a canonização, está registrada em diversas cartas, no Arquivo Nacional da Torre do Tombo, conforme apontam os historiadores consultados nesse estudo. Exemplos disso são algumas das cartas que ela enviou ao seu irmão, Jaime, quando este era já rei de Aragão e ela rainha consorte de Portugal. (MEDEIROS, 2013, p. 10)

Há também iminente afirmativa de que "sobre a fundação da Festa, a *História Eclesiástica de Lisboa* propõe depois de uma descrição da Festa do Espírito Santo - ou império - de Alenquer tal como esta se realizava no século XVII" (LEAL, 2017, p. 23). Ele também cita um intrigante fato atual sobre a Festa: "uma das coroas usadas na Festa haveria pertencido à rainha Santa Isabel" (LEAL, 2017, p. 27). Discorre ainda, sobre o segundo milagre da rainha ao pagar os trabalhadores que construíram a Igreja, ela lhes teria ofertado rosas que, posteriormente, se transformaram em moedas, o que deu certeza à rainha de que estava em missão à serviço de Deus. Desta mescla idílica entre a fundação milagrosa da Igreja e a transformação de rosas em moedas, a instituição das Festas ao Divino é diretamente associada aos milagres da Rainha. Entretanto: "Outros ainda insistem na natureza da promessa de que teriam resultado as primeiras Festas: coroar o homem mais pobre como um Del Rei por um dia – numas versões – ou distribuir comida pelos pobres" (LEAL, 2017, p. 29).

Ainda se tem o mito da promessa da Rainha ao Espírito Santo ao pedir paz e harmonia na família, apaziguando D. Dinis com o filho D. Afonso na disputa pelo trono. Essa versão é discorrida por alguns feitores da Festa tanto em Alcântara no Maranhão, quanto no Distrito de Criúva no Rio Grande do Sul. Porém, é também em Alcântara que ouço a primeira sugestão de que a Festa do Divino Espírito Santo tem raízes mais profundas, ligando os feitos isabelinos às práticas joaquimitas, ainda é Leal (2017, p. 31), um pesquisador português que atesta:

> Na difusão das Festas em Portugal teria desempenhado um papel de grande relevo a Ordem Franciscana, em particular os chamados franciscanos espirituais. Estes sofreram grande influência dos escritos do abade calabrês Joaquim De Fiore, que escreveu muito sobre a chegada próxima de uma Idade do Espírito Santo. [...] Cujo advento estava próximo, [...] advogando um conjunto de novos valores, os franciscanos espirituais negavam a autoridade do Papa, [...] teriam nessa medida estabelecido uma aliança tácita com os principais monarcas-como D. Dinis-interessados em contrapor a autoridade civil e o laicismo à autoridade da Igreja e das ordens regulares.

Assim, o pesquisador explicita que os espirituais franciscanos teriam colaborado com a difusão pelo culto ao Divino, "que teriam surgido em Portugal as Festas do Espírito Santo. Estas não teriam sido fundadas pela rainha Isabel de Aragão, mas dever-se-iam à ação dos franciscanos espirituais" (LEAL, 2017, p. 31). O curioso é que, na distante e pequenina cidade de Alcântara, haja consciência sobre o papel desenvolvido por De Fiore, como base para o culto ao Divino.

É decisivamente pelas mãos dos franciscanos (joaquimitas) e não tanto por intermédio da rainha Isabel, que nasce uma nação portuguesa do Espírito Santo, assim como na colonização portuguesa futura tal legado seria também marcado.

> O caráter decisivo da ação dos franciscanos na fundação e difusão das Festas do Espírito Santo em Portugal e, depois, nos territórios de colonização portuguesa, valorizou, de uma forma mais enfática, a relação direta que as Festas teriam com o pensamento de Joaquim De Fiore e com sua visão da história de acordo com a Idade do Pai, do Filho e do Espírito Santo. Segundo Di Fiore, significaria a instauração de um tempo de abundância, em que as crianças exerceriam o poder, e triunfaria a igualdade social. As Festas do Espírito Santo seriam celebração antecipada do advento iminente da Idade do Espírito Santo. Na sua composição ritual [...] três passos principais: a coroação do imperador menino; o bodo; e a libertação de presos por ocasião da Festa. (LEAL, 2017, p. 35)

O importante papel desempenhado pela rainha não desaparece nessa última perspectiva, ao contrário, ela reafirmaria os preceitos trinitários joaquimitas no culto popular dando ênfase ao papel das crianças na nova era (de governarem o mundo numa visão cristã) assim como a fatura de alimento presente na Festa de forma gratuita e a abolição das prisões, pois no discurso joaquimita da nova era a liberdade seria plena. Se por vias isabelinas, franciscanas ou joaquimitas se tenham investido nos cultos ao Divino Espírito Santo, no mínimo reconhecer o cruzamento das três correntes de forma amalgamada se faz necessário. É intrínseco cada papel um no outro. É, quiçá, uma decorrência histórica, natural e previsível de que as benevolentes ações da rainha sofreriam influências franciscanas e que por sua vez difundiriam as ideias joaquimitas, todas contidas em uma linha do tempo muito próxima e afetadas por problemas políticos e ideológicos também parecidos, onde as tensões com a Igreja eram constantes e cotidianas.

Fato é que dissociá-las pode lesar a história e reconhecê-las em sua legitimidade é acrescentar páginas à nossa própria história. Pesquisar a origem da Festa do Divino Espírito Santo é também oportunizar voz aos silenciados como Joaquim De Fiore, opondo-o aos ditames da Igreja e reconhecer, como esse fato, outros tantos foram expropriados das grafadas linhas históricas por cerceamento da santa inquisição que vinga, de alguma forma, hodierna, pois o joaquimismo é, nos dias atuais, um verdadeiro tabu. Eis que enviuvara a rainha, ao passo crescente do reconhecimento de seus milagres e santidade. É, portanto, a partir da morte de D. Dinis que “a figura de Isabel será exaltada como santa, em virtude de sua dedicação

aos necessitados, bem como aos filhos bastardos do esposo, os quais aceitou e cuidou sempre tentando estabelecer a paz” (MEDEIROS, 2013, p. 8).

A rainha Santa Isabel teria ficado viúva de D. Dinis em 1325, recolheu-se ao palácio que mandara construir junto ao Mosteiro de Santa Clara em Coimbra beneficiado com as doações constantes da rainha. Ela então adotou o modo de vida simples das clarissas, não se comprometeu, contudo, em usar o hábito. Ali viveu até 1336, quando faleceu e foi, no próprio convento, sepultada. O túmulo da Rainha Santa foi por ela idealizado e o fato de pedir que fosse ali sepultada e não ao lado de D. Dinis, pode também representar profunda consciência sobre o papel social que exercia e reafirmação dos laços que mantinha com o que era sagrado e Divino, a rainha parecia mesmo manifestar uma assunção de si mesma como mediadora entre a terra e o céu, reconheceu um poder individual e próprio que adquirira no decorrer da própria vida (RAMÔA, 2010).

De todos os triunfos e epifanias que envolveram a rainha, importante também é reconhecer sua presteza para a Igreja Católica, considerando que "Isabel foi de extrema importância ao meio eclesiástico, pela proteção às ordens religiosas" mesmo que ela divergisse do Papa, em suma suas ações de acolhimento aos necessitados e constantes financiamentos a algumas ordens religiosas lhe conferia respeitabilidade junto ao clero: "[...] seu perfil de mulher imensamente piedosa para com os pobres e os doentes, que se somam a outras, sempre a apontarem uma mulher piedosa, uma rainha voltada para a caridade" (MEDEIROS, 2013, p. 8).

4.4 A FESTA DO DIVINO ESPÍRITO SANTO SINGRANDO

A ilação da Festa do Divino com a realeza aragonense, apesar das parcas certezas documentais, associa-se a participação das comunidades na profusão das Festas que garantem o seu futuro. Parece ter havido gradual difusão das Festas ao Espírito Santo, partiu do Portugal Continental: "onde tiveram lugar as viagens do Divino subsequentes, para destinos gradualmente mais longínquos, por via marítima, primeiro, e por via aérea, depois [...] houve maior concentração na Beira Baixa, em Tomar, imediações de Lisboa, Algarve, etc." (LEAL, 2017, p. 35).

Do século XIV ao início do XX, eram cerca de 100 Festas do Espírito Santo reconhecidas em Portugal, declinando, a maioria delas, em final do século XIX, por

inúmeros fatores. Hoje são bastante escassas no país, embora algumas tenham sido revitalizadas, a exemplo de Alenquer e Penedo (Sintra). Entrando em um segundo ciclo de viagem a partir do século XVI, em decorrência da expansão portuguesa, como no caso dos arquipélagos atlânticos da Madeira e Açores, que foram colonizados por portugueses e por consequência deixaram como legado as práticas da Festa em finais do século XV, amplamente difundida em tais arquipélagos e perdurando aos nossos dias (com maior ênfase nos Açores), o que lhe factua um número superior a 400 Festas somente nos Açores, celebradas de diferentes formas (LEAL, 2017).

As Festas ao Espírito Santo então tornaram-se símbolo identitário regional açoriano, foi principalmente, os Açores, a ponte medianeira a difundir a manifestação para outras paragens além-mar. É no terceiro ciclo de viagem que:

> O movimento de cosmopolitização e globalização das Festas do Espírito Santo, iniciado com a colonização dos arquipélagos atlânticos da Madeira e do Açores, se amplia decisivamente. Até aí, as viagens das Festas do Espírito Santo seriam, apesar de tudo, para destinos (relativamente) próximos. A partir de então, amplia-se decisivamente o espaço de implantação das Festas do Espírito Santo em destinos cada vez mais longínquos. Do Atlântico Norte, as Festas passaram ao Atlântico Sul; de Portugal, da Madeira e dos Açores, passam ao Brasil. (LEAL, 2017, p. 38)

No Brasil, a Festa toma novos contornos se alastrando por quase todo o território, encontrando-se nos mais desenvolvidos Estados, tanto quanto nos menos abastados e em recônditos dos mais inesperados. Estados brasileiros mais escassos em Festas do Divino, tem-se no Nordeste: "Alagoas, Pernambuco, Paraíba, Rio Grande do Norte – e do Norte – Acre e Roraima. [...] No Nordeste, é sobretudo no Maranhão que as Festas do Espírito Santo têm uma presença particularmente forte, de resto uma das mais significativas no conjunto do Brasil" (LEAL, 2017, p. 40).

> No Maranhão são cerca de 200 Festas e só em São Luis cerca de 80. Embora a Festa de Alcântara seja usualmente considerada a mais emblemática do Maranhão, as Festas do Divino distribuem-se por todo o Estado, onde têm - em muitos casos - uma ligação muito forte com grupos afrodescendentes. [...] Das outras particularidades devem ser mencionadas a propósito das Festas do Divino no Maranhão: a presença, sobretudo no litoral do Estado, de modalidades de acompanhamento e direção musical dos festejos a cargo das mulheres (as chamadas Caixeiras) [...] e nos municípios do interior, a sua articulação com formas rituais de culto aos mortos. (LEAL, 2017, p. 41)

No restante da região Nordeste, é na Bahia que se sublinham outras significativas ocorrências das Festas ao Espírito Santo, incorporadas no modo de vida

local, inclusive, por grupos de ascendências indígenas como os tupinambás. Já o Sudeste concentra o maior número de Festas do Divino Espírito Santo, também decorreu da colonização açoriana, concentrando-se em maior número no Rio de Janeiro e São Paulo. Na região Sul do Brasil a Festa também está presente, principalmente em Santa Catarina, onde há cerca de 60 comemorações, assim como no Rio Grande do Sul, foi “forte a sua presença, particularmente em alguns municípios da grande Porto Alegre e do litoral Norte do Estado” (LEAL, 2017, p. 43). A maior concentração dessa manifestação, sublinhando que em Vila Velha e no Distrito de Criúva, encontram-se duas das Festas mais expressivas do Estado.

A Festa do Divino Espírito Santo singrou de Portugal para o seu entorno e para outros continentes, encontrando sítio apropriado no Brasil, considerando os laços históricos entre as nações. Foi também uma forma fácil de manter ativa as práticas da cultura portuguesa:

> A importância histórica da Festa do Divino na cultura popular brasileira prende-se com a importância que o Espírito Santo teve no desenvolvimento, ao longo da segunda metade do século XIX e na viragem para século XX, de importantes movimentos messiânicos. No Brasil, entre estes movimentos estão o de Canudos (Bahia), Juazeiro (Ceará) e do Contestado (planalto de Santa Catarina). (LEAL, 2017, p. 44)

Tais fatos endossam a importância desta prática na cultura brasileira e aqui chegaram por inúmeras vias, mas geralmente se marca pela presença de açorianos nos mais diversos cantos deste continente. Ainda segundo o mesmo autor, a presença de açorianos no Maranhão data do século XVII e no Rio Grande do Sul data do século XVIII, que aqui vieram financiados pela coroa portuguesa. E depois de instauradas no Brasil, as Festas do Divino foram tomando contornos próprios e migrando para praticamente todos os Estados.

Ainda na visão de Leal, a Festa guarda em si um histórico de trânsito em movimento incessante em longo tempo, cronologicamente paralelo ao movimento de globalização e à expansão do Ocidente no Atlântico. Singrou os mares como forma cultural, refletiu a expansão europeia a partir de Portugal entre séculos XVI e XVIII. A Festa do Divino assumia também o papel importante de mediadora da apropriação dos novos espaços, como a cola que mantêm as partes, contribuiu para construção destes novos coletivos consequentes da colonização portuguesa, hibridizando antigos costumes indígenas e africanos aos europeus.

De sua égide no país, a “Festa chegou ao Brasil no século XVI com os portugueses e, principalmente, com a vinda dos imigrantes açorianos para a cidade do Rio de Janeiro e o Estado de Santa Catarina” (PEREIRA, 2005, p. 26). Ele também pontua que “ainda que no imaginário de outros devotos a Festa tenha Portugal como mito de origem, muitos não sabem precisar em qual região ou cidade. Há, ainda, aqueles que não fazem ideia do começo da celebração” (PEREIRA, 2005, p. 30). Todavia, é comum associar a origem aos Açores: é que os moradores das ilhas Açores, no arquipélago da Dorsal Média Atlântica, responsáveis pelas expedições dos descobrimentos, com denominação de Carreira da Índia e das frotas da prata para o Brasil. Sobre o “Tempo do Divino” ou tempo dos impérios sobre a Festa do Divino nos Açores:

> Tradicionalmente, o período consagrado em Santa Bárbara a realização dos impérios – o chamado tempo dos impérios - estendia-se a semelhança do que se passa no conjunto do arquipélago, ao longo das oito semanas que medeiam entre o domingo de Páscoa e o domingo da trindade. Os festejos, em número variável de ano para ano, de acordo com as promessas existentes, convergiam preferencialmente para o domingo de Pentecostes– dia em que a Igreja comemora a descida do Espírito Santo sobre os apóstolos – para a segunda feira imediatamente a seguir – a chamada segunda feira de Pentecostes – e para o domingo da Trindade – uma semana depois do domingo de Pentecostes. Era nessas datas que antecediam o dia do império, ponto culminante dos festejos. As semanas que antecediam o dia do Império coincidiam com um certo número de cerimônias preparatórias. Enquanto estas se centravam em casa do Imperador. (LEAL, 1994, p. 40)

Leal (1994, p. 68), sobre a promessa de devoto e meio pela qual deve ser realizada a Festa: “Resultado da promessa, o Império funciona para ele como um dos termos do contrato celebrado com a divindade que intercambia a graça divina solicitada com a ‘performance’ de um ritual em sua homenagem e louvor”. Ele também diz que a Festa do Divino maranhense é uma Festa barroca.

> A ornamentação das tribunas e das mesas de doces das Festas no Maranhão reflete a ornamentação rica que decora o interior da maioria das Igrejas coloniais que geralmente, contrasta com a singeleza das formas exteriores daqueles templos. Da mesma forma, o excesso e o luxo da Festa do Divino muitas vezes contrasta vivamente com a pobreza do ambiente onde se realizam essas Festas. A Festa do Divino pode ser vista como uma continuidade das Festas barrocas no Brasil, identificando nela características simbólicas de ritual de inversão, através de um catolicismo popular que domina triunfante e caminha paralelo à religiosidade africana que resiste com vigor, utilizando, estrategicamente, a impressão de se mostrar dominado e subalterno. (FERRETTI, 2005, p. 8)

A religiosidade aí implicada resulta de uma compreensão sobre religião como: “sistema de símbolos que estabelece sentimentos e motivações poderosos, penetrantes, duradouros, pela formulação de concepções de uma ordem geral de existência” (GEERTZ, 1958, p. 4). Para Peter Berger (1985), religião representa a condição s*ine qua non* na construção do próprio mundo, ela estabelece um cosmo sagrado. O autor ainda pontua o poder de alienação que tem a religião. É construção ordenadora das atividades humanas e é nela que os homens se protegem contra mazelas do mundo.

A religião é, pois, possível descrição do sagrado que dá sentido à vida do devoto, representando experiências, comportamentos e valores coletivos, em manifestações de alegria e fé, como nas Festas religiosas em que crença se revela como válvula de escape para abrandamento das dificuldades da lida diária, quiçá sentido para a existência humana.

A Festa do Divino resumidamente, se inicia no domingo de Pentecostes, quando a Igreja rememora a descida do Espírito Santo sobre os apóstolos, representado pela pomba branca e as línguas de fogo no ato da manifestação. É Ferretti (1999, p. 7) quem conta dos principais momentos, desde a abertura da tribuna, o buscamento do mastro, levantamento, como “rituais preparatórios” que precisam ser feitos no início e no fim quando há o fechamento da tribuna e derrubamento do mastro:

> A abertura da tribuna é um ritual quase privado do qual participam poucas pessoas envolvidas, como os membros do império e seus familiares, as Caixeiras e algumas pessoas do terreiro. É realizado geralmente no domingo de Páscoa; no domingo seguinte, dito da Pascoela; ou num domingo algumas semanas antes da data da Festa. Nesse ritual aparecem, de modo evidente, os símbolos básicos da Festa, como a pomba, a coroa, as caixas e Bandeiras, que entram no salão da Festa e são colocados diante ou sobre o altar católico do terreiro. As Caixeiras se reúnem com o império, usando ainda roupas comuns e iniciam os toques de abertura. Parentes das crianças acertam detalhes e preparativos da Festa, combinando dias e encargos das visitas. (FERRETTI, 1999, p. 7)

A Festa, em todos os dias, é pontuada pelo toque das Caixeiras, as sacerdotisas do Divino, é uma prática que denota diferencial entre os grupos de sacerdotisas maranhenses, ainda que seja sempre prática socialmente reconhecida no Estado, com direito e incentivo ao aprendizado, às trocas, às viagens e à formação de grupos. Elas conduzem os complexos rituais religiosos dos cultos festivos. Elemento da Festa do Divino no Maranhão, as Caixeiras formam grupo restrito, com

código próprio de conduta e de exigências de conhecimento, difundido, respeitado, e transmitido de geração em geração. Assim, a sabedoria no toque de caixas e entoação de cânticos repetidos de cor ou improvisados resgata herança histórico-cultural e preocupação com a preservação da sociabilidade do grupo, bem como da identidade cultural.

4.5 ALCÂNTARA: A FESTA COMO LEGADO

O louvor ao Divino é uma das principais manifestações culturais maranhense, onde a Festa adquire contornos próprios, e, em especial, em Alcântara. A Festa do Divino é:

> [...] um evento caracteristicamente maranhense, que está presente em todo o Estado e durante o ano todo, e que conta com devotos e participantes que atingem todas as faixas etárias, de crianças a idosos. Motivo recorrente nas memórias dos mais velhos, que lamentam as tradições perdidas, e razão de ansiedade para crianças e jovens que sonham com a experiência de conduzir simbolicamente um império, a Festa do Divino oferece razões mais do que suficientes para ser melhor conhecida e estudada em todos os seus aspectos, inclusive sobre os aspectos linguísticos que tem a revelar. (ROCHA, 2008, p. 18)

Em Alcântara, a Festa guarda lugar de destaque pelo apelo turístico e religioso que apresenta, que de acordo com informações dos próprios moradores, chegou a atrair entre três mil e cinco mil visitantes, normalmente em visitação conhecida como bate-volta, já que a cidade não conta com unidades hoteleiras em número suficiente para hospedagens e ainda porque esse número é quase equivalente à densidade demográfica alcantarense, que circula a casa dos seis mil moradores.

Enquanto Cidade Monumento Nacional desde 1948 (IPHAN, 2006):

> Na cidade de Alcântara, os quilombolas encontravam refúgio para manter ‘quase que intactos’ seus hábitos e crenças. Aqui, a Festa do Divino é uma forte tradição e fica ainda mais bonita, integrada ao casario do tempo do Império. Em São Luís, a Festa também faz parte do calendário religioso de terreiros de Tambor de Mina, como são denominadas as casas de culto afro-maranhenses, apesar de ser um ritual próprio do catolicismo. (MARANHÃO, 2011, p. 43)

O sagrado, em Alcântara, mantém raízes profundas na religião católica, devotando crença no poder sobrenatural do Espírito Santo Ao se dimensionar religião

à luz da reflexão de Panzini et al. (2007) como crença no sobrenatural controlador do universo, consegue-se representar a concepção divinal. A estas tradições, se sobrepõem a aspectos que ambientam enlaces culturais de manifestação com raízes africanas e remetem às origens da manifestação: “o elemento agregador se fez pelo ajuntamento nas senzalas, com o culto aos orixás, voduns e inkices, de suma importância para guardar a identidade, a lembrança e saudade da mãe África” (LACROIX, 2012, p. 36). A exemplo da Festa na Casa das Minas, em São Luís, o culto aos deuses africanos comportava Festas, tambores, aliando a religião à distração. O nativo centrado no pajé exprimiu sua organização social, hierarquia, imaginário coletivo, na motivação, nos preparativos e no momento das Festas como expressões culturais que se misturaram, ainda somadas ao elemento religioso europeu, resultando em Festas profanas ou profano-religiosas (LACROIX, 2012).

A exemplo do repasse de experiências entre gerações tem-se as figuras 17, 18 e 19.

Figura 17 – Cartaz em expositor de ferro, produzido pela Prefeitura alcantarense, “canto solitário da caixeira-mor – 2017”

Fonte: Prefeitura Municipal de Alcântara (2017).

Figura 18 – Caixeiras em meados do séc. XX

Fonte: Casa do Divino, produzido pela autora (2018).

Figura 19 – Cortejo do Divino Espírito Santo pelas ruas de Alcântara em meados do séc. XX

Fonte: Casa do Divino, produzido pela autora (2018).

Dentre as evidentes diferenças nas práticas da Festa do Divino Espírito Santo entre o Nordeste e o Sul do país, um dos elementos marcantes no Estado do Maranhão são as Caixeiras do Divino, sacerdotisas do Divino Espírito Santo, originárias dos quilombos[17] alcantarenses, agricultoras rurais chefes de família, que

[17] O termo quilombo, no Brasil, a partir da Constituição de 1988, “a questão quilombola passou a ser reconhecida oficialmente” (PINHEIRO, 2014, p. 1). A Carta Magna “reconhece a titulação das terras

além do cotidiano voltado para esses predicados, dedicam parte dos afazeres diários à construção da Festa em louvor ao Divino, que ocorrerá na época litúrgica de Pentecostes. Essas mulheres conduzem, há muitas gerações, os rituais festivos, cuja preparação se dedicam ao longo do ano todo. O fazer da Festa mantem viva a tradição da vida no quilombo, o que será percebido nos versos durante as louvações. As Caixeiras têm lugar de destaque na Festa como um todo e na mesa do 'banquete' do Divino, maneira como é chamada, em Alcântara, a mesa farta com as melhores comidas, bebidas e doces que o festeiro possa oferecer. Figura 20 Prato de doces de espécie, servido aos visitantes em Alcântara.

Figura 20 – Prato de doces de espécie, servido aos visitantes em Alcântara

Fonte: Produzido pela autora (2017).

São servidos pratos de doces, broas, biscoitos, doces de espécie - típico bolo de coco alcantarense com formato de jabuti e assado em forno a lenha, comumente servido no período da Festa, acompanhado de licores também fabricados especialmente para o período, refrigerantes e chocolate quente, a exemplo da Figura 21.

de comunidades remanescentes quilombolas e após décadas de exclusão, as políticas de reconhecimento foram adotadas como forma de evitar a aculturação e extinção de grupos étnicos" (PINHEIRO, 2014, p. 1).

Figura 21 – Império no entorno da mesa de doces na Casa do Divino de Alcântara

Fonte: Haroldo Junior (2016).

Em associação com terreiros de Mina, Pereira (2005, p. 29) expõe o papel das Caixeiras nos festejos: “Durante a celebração do Divino dentro dos terreiros de mina, os tambores silenciam para dar lugar às Caixeiras e suas caixas, instrumento musical tocado por mulheres”. Completa afirmativa ao dizer que, somente após alguns dias, é permitido o toque do tambor de mina, voltando ao cotidiano das casas e rituais de costume.

> O repertório dos versos e cantigas é compreendido como patrimônio da Festa, cuja autoria ficou diluída ou perdida pelos lugares por onde ela passa. Compreender a criação não como sua, mas inspirada pelo Espírito Santo. O ritual é coletivo, a performance do grupo é a responsável pelo conjunto da Festa, mas a performance individual constitui-se em uma demarcação de espaços de poder das Caixeiras. (BARBOSA, 2002, p. 303-304)

Em Alcântara, a Festa se mantém unicamente católica, distante dos ambientes de “Mina”. Lá a escolha dos festeiros e sucessão de Caixeiras se enraízam na família, que “está presente tanto no aprendizado desta celebração quanto na devoção ao Divino Espírito Santo” (PEREIRA, 2005, p. 38). E acrescenta: “A relação de vizinhança é outro fator extremamente importante na Festa do Divino. [...]. Podemos pensar como a família é importante dentro desse festejo e em outras celebrações e religiões, tal o candomblé e umbanda. A ‘família’, neste caso, pode se aquela com laços sanguíneos ou aquela chamada ‘família de santo’” (PEREIRA, 2005, p. 38). Há presença marcante das mulheres como elemento imprescindível para preservação da Festa do Divino Espírito Santo alcantarense.

Os preparativos iniciam no mês de maio, mais precisamente, no domingo de Pentecostes.

Em se tratando de canto, louvor ao Divino, “[...] primeiro precisa-se cantar invocando o ‘Espírito Santo’ para que este venha abençoar e proteger os seus festejos, depois se canta para ‘São Pedro’ que, segundo as Caixeiras, é quem guarda a chave do tribunal” (GOUVEIA, 2001, p. 103). É importante lembrar que a tribuna é o local onde ficará sentado o Império (Imperador ou Imperatriz), é também o lugar onde é montado o altar para depositar a Pomba e os símbolos que constituem parte do ritual.

O rito primeiro dá-se previamente no Sábado de Aleluia, momento em que os festeiros anunciam o grande dia em que o Imperador ou a Imperatriz recepciona os convidados com grande Festa em que é servido almoço com farta mesa de doces em louvação ao Divino.

Na Figura 22, tem-se o cortejo em procissão pelas ruas de Alcântara.

Figura 22 – Ano de Imperatriz – Alcântara – MA

Fonte: Haroldo Junior (2016).

Assim, o cortejo do Divino é representação do folclore, representa sabedoria do povo recebida dos ancestrais por meio de signos, símbolos e imagens. A importância da ancestralidade está representada na manifestação em treze dias do festejo do Divino, em Alcântara. As próprias manifestações constituem o principal atrativo, como uma curiosa mistura de devoção ao Divino com homenagens ao Império. O ‘imperador’ e sua corte, representada em trajes imperiais do século XVI,

visitam as casas dos festeiros. Os cortejos populares percorrem as ruas da cidade entoando cânticos até chegar à casa do Imperador, que recebe as homenagens com uma dança peculiar, entoando cantigas de louvor ao Divino ao toque das Caixeiras. Ao final, são servidos bebidas e doces para a população que participa da Festa.

Todo o legado cultural de Alcântara é convite à imersão nos idos históricos. As próprias manifestações constituem o principal atrativo, como uma curiosa mistura de devoção ao Divino com homenagens ao Império: “Na cidade de Alcântara, os quilombolas encontravam refúgio para manter ‘quase que intactos’ seus hábitos e crenças. Aqui, a Festa do Divino é uma forte tradição e fica ainda mais bonita, integrada ao casario do tempo do Império” (MARANHÃO, 2011, p. 43).

Pereira (2005, p. 24) trata o repertório dos versos como patrimônio da Festa inspirados na crença ao Espírito Santo, “cuja autoria ficou diluída pelos lugares por onde ela passa. O ritual é coletivo, a performance do grupo é a responsável pelo conjunto da Festa, mas a performance individual constitui-se em uma demarcação de espaços de poder das Caixeiras”.

Em se tratando de canto em louvor ao Divino, Gouveia (2001, p. 103) alerta sobre evocação: “[...] primeiro precisa-se cantar invocando o ‘Espírito Santo’ para que este venha abençoar e proteger os seus festejos, depois se canta para ‘São Pedro’ que, segundo as Caixeiras, é quem guarda a chave do tribunal”. É importante lembrar que a tribuna é o local onde ficará sentado o Império (Imperador ou Imperatriz), é também o lugar onde é montado o altar para depositar a Pomba e os símbolos que constituem parte do ritual.

O cortejo do Divino é representação do folclore, representa sabedoria do povo recebida dos ancestrais por meio de signos, símbolos e imagens. A importância da ancestralidade está representada na manifestação em treze dias do festejo do Divino, em Alcântara. Segue Figura 23, como representação de família de Caixeiras praticando o louvor ao Divino no período da Festa em Alcântara.

Figura 23 – Atual imagem das Caixeiras do Divino em Alcântara

Fonte: Produzido pela autora (2017).

No Banquete, são servidos alimentos nada convencionais, fabricados especificamente para a Festa do Divino Espírito Santo. Banquete da Festa significa mesa sofisticada, com alimentos elaborados a exemplo do doce de espécie, que só é servido em ocasião especial e para pessoas singulares como as que louvam o Divino Espírito Santo. Na Figura 24, tem-se exemplo do banquete do alcantarense para o Divino.

Figura 24 – Alimento em acolhimento aos visitantes em casa de festeiro alcantarense durante Festa do Divino Espírito Santo

Fonte: Serejo (2018).

A fundamental importância da representatividade caixeira na Festa, sustenta-se na certeza de que comunidades remanescentes de quilombos tradicionais, consideradas pela Constituição Patrimônio Cultural Brasileiro, têm direitos culturais aparentemente violados pelas investidas (ou esquiva) do governo. As comunidades removidas das terras de origem, por falta de acordo, apoio e assistência do Estado brasileiro, se encontram sob risco de perda de identidade, memória e formas de vida. Em manutenção à essa memória, a Casa do Divino de Alcântara guarda imagem como esta da Figura 25. Representação do modo de vida no quilombo se vê na Figura 26, uma imagem da contemporaneidade de Itamatatiua, comunidade nas cercanias de Alcântara.

Figura 25 – Quilombo Itamatatiua – Alcântara-MA

Fonte: Blogspot Artesanato de ItamaTatiua (2007)[18]

Tais comunidades quilombolas se distinguem entre si por suas peculiaridades de tradições, o que legitima reconhecer no fazer da Festa do Divino, em Alcântara, algo singular frente às demais no Maranhão e do Brasil. A Festa do Divino Espírito Santo alcantarense, ainda se mantem com ritual e práticas invariáveis, constantemente apresentando uma mesma ritualística.

[18]Disponível em: <http://artesanatodeitamatatiua.blogspot.com/2007/06/itamatatiua-um-quilombo-do-maranho.html>. Acesso em: 15 out. 2018.

4.6 CRIÚVA: O DIVINO COMO TRADIÇÃO

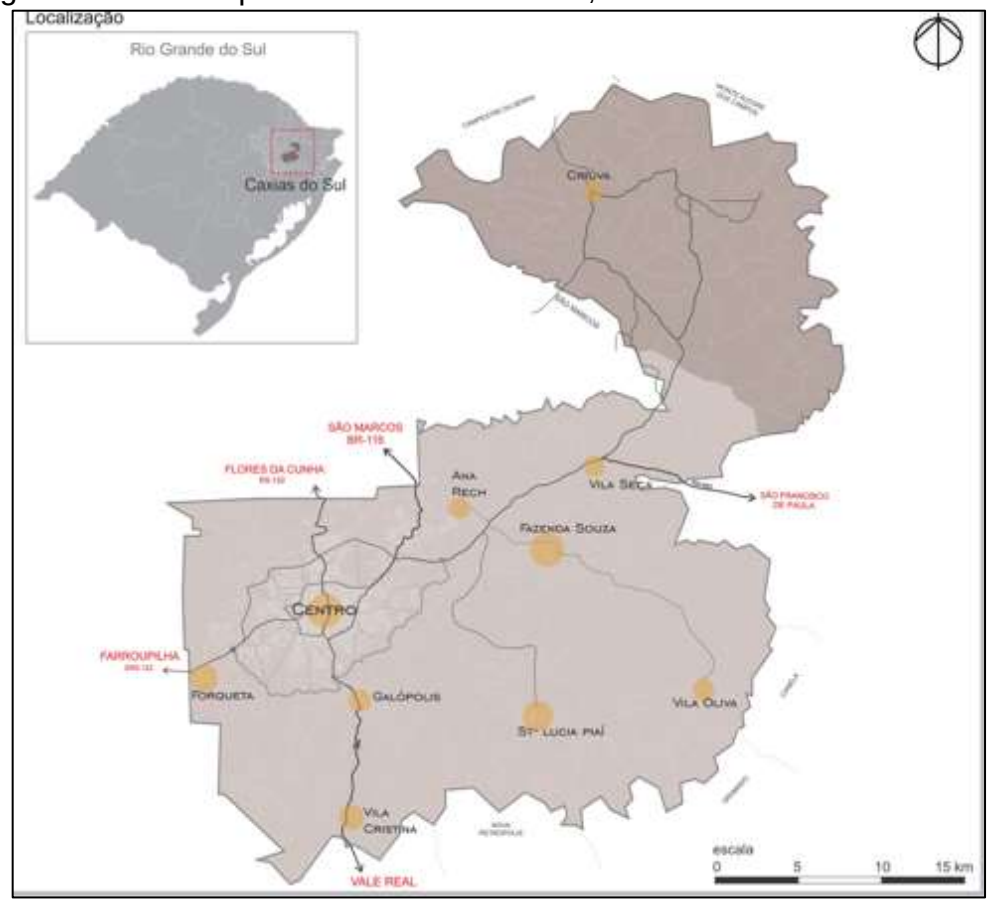
No Estado do Rio Grande do Sul, as influências que a Festa do Divino Espírito Santo apresenta são relativamente iguais às demais no País, remete à religiosidade portuguesa como devoção ao Divino Espírito Santo (PASSOS, 2016).

Figura 26 – Distrito de Criúva

Fonte: Produzido pela autora (2018).

A primeira Festa do Divino no Distrito de Criúva que consta na pesquisa de Passos remonta mais de 200 anos, reconhecido legado dos invasores europeus. “Como a paróquia de Criúva, Nossa Senhora do Carmo, foi criada no século XX, particularmente em 1924, e seu primeiro vigário foi Pe. Luiz Mascarello, realmente significa que a Festa do Divino é anterior a essa data nessa comunidade” (PASSOS 2016, p. 109).

Figura 27 – Município de Caxias do Sul-RS, destacando Distrito de Criúva



Fonte: Produzido por Elis Louise Cuchinir Oleas e Julia Luise Altmann (2018)[19].

Das origens da Festa do Divino nas terras de Criúva, os documentos revelam ligação direta com a chegada de novos moradores vindos das ilhas do Açores em meados de 1730 e 1800, estando entre eles as primeiras iniciativas de festejar o Divino Espírito Santo por estas terras. Eram oriundos das ilhas Terceira, Santa Maria e São Miguel dos Açores. Os açorianos tinham escravos que contribuíram para o povoamento da região. Cerca de oitenta anos depois chegam os alemães, seguidos por italianos que somaram outras culturas à essa prática portuguesa e que aqui, em solo criuvense, avultou-se em um contorno próprio.

Desde 1889, a Festa surgiu trazida pelos imigrantes açorianos em Criúva quando ainda pertencia a Santo Antônio da Patrulha. Dos registros atuais, tem-se nos Livros Tombo das Paróquias de São Marcos e Nossa Senhora do Carmo que desde 1905 até 1924, constam Festas anuais do Divino Espírito Santo, que evoluíram em

[19] Alunas de Iniciação Científica vinculadas ao projeto de pesquisa “Equipamento urbano e cidade: a formação da localidade turística”, no Programa de Pós-graduação em Turismo e Hospitalidade da Universidade de Caxias do Sul, sob a coordenação do Prof. Dr. Pedro de Alcântara Bittencourt César.

ritual e personagens, de tempos em tempos, de acordo com a adesão de novos integrantes, era acrescentado um novo personagem dos que já existiam nos moldes da Festa açoriana.

O pesquisador Luís Antônio Alves nos conta que:

> *A Festa do Divino Espírito Santo em Criúva, teve um impulso quando veio uma professora de Santo Antônio da Patrulha, professora Zequinha. Essa professorinha recebeu do pai dela uma Bandeira do Divino para trazer com suas tralhas, ao vir dar aula aqui em Criúva, [...] a Criúva era uma Vila pertencente ao Distrito de São Francisco, um ano depois são Francisco se emancipou de Santo Antônio, [...] porque Criúva pertencia a Santo Antônio e as professoras municipais eram nomeadas para os Distritos de Santo Antônio [...] aí veio a professorinha para cá e deixou entro do baú aquela bandeirinha do Divino. Anos depois alguém descobriu essa Bandeira, tiraram a história do baú e junto com a professora Zequinha e a família dela de Santo Antônio da Patrulha, com parte do que ela conhecia dessa Festa do Divino mais antiga.*

Alguns anos depois encontraram a Bandeira da professora Zequinha, e com o pároco da época, o Padre Pedro Rizzon, perceberam ter elementos suficientes para recriar a Festa em torno da Bandeira. Logo, a primeira Bandeira[20] que chegou à Criúva pertencera a uma açoriana. A partir de 1950, os regionalismos associados às tradições rurais, como praticados nos Centros de Tradições Gaúchas (CTG's) foram incorporados à Festa quando começaram a serem usadas itens da indumentária tradicional, como botas, bombachas e lenços, durante os festejos. O acordeão – ou gaita, como tratado na região – tomou o lugar da rabeca, único instrumento a acompanhar a Festa do Divino, nos Açores.

A recriação da Festa pelo Pe. Pedro Rizzon, teve início da década de 1970. O referido era tido como um homem generoso, religioso dedicado, preocupado com os menos favorecidos e muito devoto do Espírito Santo. Ele fazia a função de quase todas as personagens da Festa, segundo os entrevistados:

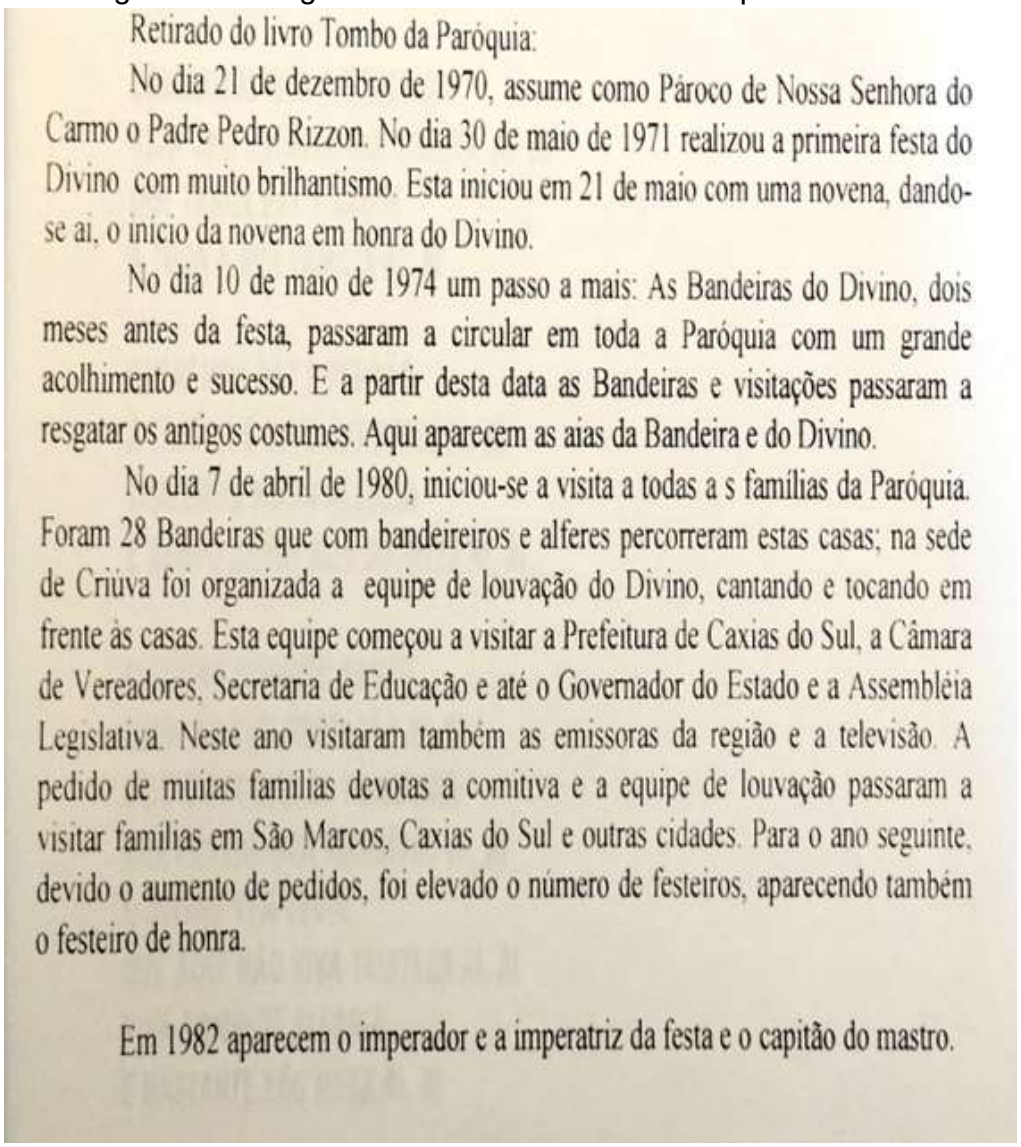
> *O Padre Pedro fazia função do Mordomo, dos Imperadores dos Festeiros, fazia primeiro para observar, ele tinha o coração muito, muito puro. Ele observava e ele sempre dizia: Ah! Como é que eu vou? Porque as pessoas, por mais simples que elas sejam, elas esperam o Divino com uma oferta também [...] E aí, eles doam... Mas é com tanto amor. Entende? O Padre Pedro - Quando a gente saia nas visitas ele observava, quando as pessoas eram muito pobres, ao invés deles doarem, recebiam, o Padre recebia e ali mesmo devolvia, ele recebia de alguns e devolvia para outros. Deixava para quem não tinha - isso era um gesto de doação. Ele mostrava isso para nós - o amor. O amor tem que imperar. O amor acima de tudo e não sei se observou*

[20] A família Brito, que ainda reside em Criúva, é guardiã da Bandeira original.

> *que a nossa Festa é toda organistazinha, nós só temos uma pessoa... Claro que quem comanda alimentação, a parte da culinária, mas o restante é todo doação. Ninguém cobra nada.* (Mariana Festugatto, 2018)[21]

O Padre Pedro, ao juntar-se a Jorge Boca de Sino (o único companheiro ainda vivo) após as investidas em cantorias de Terno de Reis, iniciaram novos coros para a Festa do Divino até que o "Boca de Sino" criou o hino específico para o Divino que é cantado até os dias atuais, assim como a Festa ainda se mantêm a mesma criada pelo Pe. Rizzon. Nas Figuras 29 e 30, tem-se as imagens dos documentos que evidenciam a participação do Padre e o modo de fazer a Festa.

Figura 28 – Registro do Livro Tombo da Paróquia de Criúva



Retirado do livro Tombo da Paróquia:

No dia 21 de dezembro de 1970, assume como Pároco de Nossa Senhora do Carmo o Padre Pedro Rizzon. No dia 30 de maio de 1971 realizou a primeira festa do Divino com muito brilhantismo. Esta iniciou em 21 de maio com uma novena, dando-se ai, o inicio da novena em honra do Divino.

No dia 10 de maio de 1974 um passo a mais: As Bandeiras do Divino, dois meses antes da festa, passaram a circular em toda a Paróquia com um grande acolhimento e sucesso. E a partir desta data as Bandeiras e visitações passaram a resgatar os antigos costumes. Aqui aparecem as aias da Bandeira e do Divino.

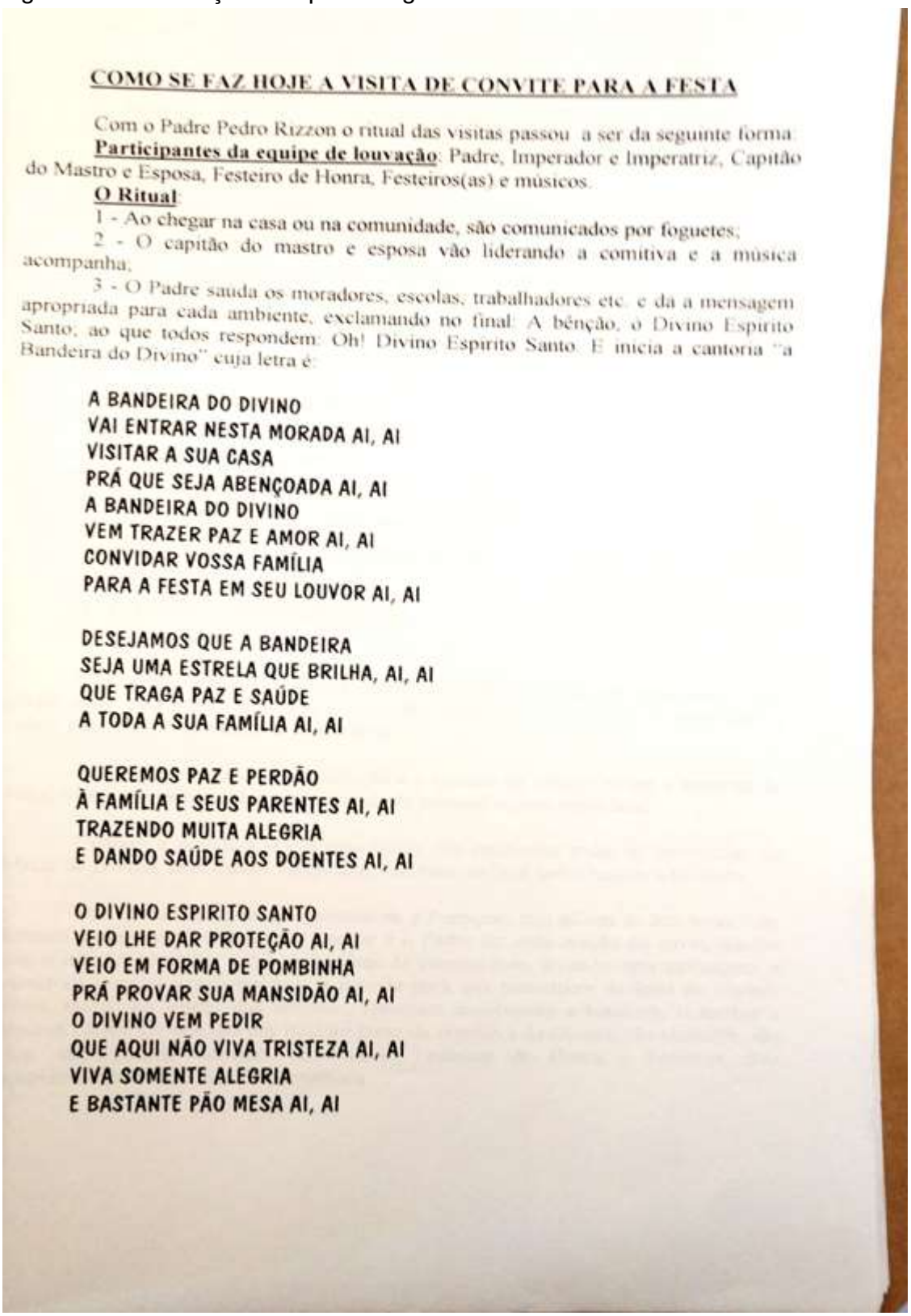
No dia 7 de abril de 1980, iniciou-se a visita a todas a s famílias da Paróquia. Foram 28 Bandeiras que com bandeireiros e alferes percorreram estas casas; na sede de Criúva foi organizada a equipe de louvação do Divino, cantando e tocando em frente às casas. Esta equipe começou a visitar a Prefeitura de Caxias do Sul, a Câmara de Vereadores, Secretaria de Educação e até o Governador do Estado e a Assembléia Legislativa. Neste ano visitaram também as emissoras da região e a televisão. A pedido de muitas famílias devotas a comitiva e a equipe de louvação passaram a visitar famílias em São Marcos, Caxias do Sul e outras cidades. Para o ano seguinte, devido o aumento de pedidos, foi elevado o número de festeiros, aparecendo também o festeiro de honra.

Em 1982 aparecem o imperador e a imperatriz da festa e o capitão do mastro.

Fonte: Acervo da Festa do Divino de Criúva

[21] Coordenadora da Festa do Divino de Criúva em 2018, em entrevista a pesquisadora.

Figura 29 – Descrição das personagens da Festa de Criúva e hinos tradicionais



COMO SE FAZ HOJE A VISITA DE CONVITE PARA A FESTA

Com o Padre Pedro Rizzon o ritual das visitas passou a ser da seguinte forma:

Participantes da equipe de louvação: Padre, Imperador e Imperatriz, Capitão do Mastro e Esposa, Festeiro de Honra, Festeiros(as) e músicos.

O Ritual:

1 - Ao chegar na casa ou na comunidade, são comunicados por foguetes;

2 - O capitão do mastro e esposa vão liderando a comitiva e a música acompanha;

3 - O Padre sauda os moradores, escolas, trabalhadores etc. e da a mensagem apropriada para cada ambiente, exclamando no final: A bênção, o Divino Espírito Santo; ao que todos respondem: Oh! Divino Espírito Santo. E inicia a cantoria "a Bandeira do Divino" cuja letra é:

A BANDEIRA DO DIVINO
VAI ENTRAR NESTA MORADA AI, AI
VISITAR A SUA CASA
PRÁ QUE SEJA ABENÇOADA AI, AI
A BANDEIRA DO DIVINO
VEM TRAZER PAZ E AMOR AI, AI
CONVIDAR VOSSA FAMÍLIA
PARA A FESTA EM SEU LOUVOR AI, AI

DESEJAMOS QUE A BANDEIRA
SEJA UMA ESTRELA QUE BRILHA, AI, AI
QUE TRAGA PAZ E SAÚDE
A TODA A SUA FAMÍLIA AI, AI

QUEREMOS PAZ E PERDÃO
À FAMÍLIA E SEUS PARENTES AI, AI
TRAZENDO MUITA ALEGRIA
E DANDO SAÚDE AOS DOENTES AI, AI

O DIVINO ESPIRITO SANTO
VEIO LHE DAR PROTEÇÃO AI, AI
VEIO EM FORMA DE POMBINHA
PRÁ PROVAR SUA MANSIDÃO AI, AI
O DIVINO VEM PEDIR
QUE AQUI NÃO VIVA TRISTEZA AI, AI
VIVA SOMENTE ALEGRIA
E BASTANTE PÃO MESA AI, AI

Fonte: Acervo da Festa do Divino de Criúva (2015).

É típico da Festa do Divino a visita às casas, para orações, peditório e confraternização. Esse momento é conhecido também como louvação, instante reconhecido pelos moradores como hospitaleiro e acolhedor, iniciando-se dois meses antes do período de Pentecostes que contará com os jantares dançantes, procissões com presença de Imperadores, festeiros, Aias, músicos, com a presença do pároco e atividades na Igreja local. Durante as novenas, Passos (2016), nos conta que, no percurso que faz a Bandeira da Igreja para o salão, após erguer o mastro, faltando desfrutar dos bailes, almoços e jantas:

> Com a farta gastronomia que mistura elementos culturais da região, englobam ainda hoje a Festa do Divino, uma prova viva da miscigenação e da preservação cultural. A atual organização da Festa mantém as características vindas com a presença luso-açoriana como já identificamos, mescla elementos ítalos, em especial na gastronomia, bem como anexa em sua organização características contemporâneas de outras culturas. [...] O padre pode passar a tarefa de visitar as famílias e de convidá-las para a Festa ao festeiro. No seu retorno, devolvem o tambor, a Bandeira e as ofertas recebidas. O festeiro é responsável pela organização da Festa. Com o passar do tempo a Festa passou a contar com outra organização devido a um maior número de rituais e eventos [...]. (PASSOS, 2016, p. 112)

Sessenta dias antes do início da Festa, ou seja, na segunda semana de março é feito o envio da Bandeira (Figura 30), acompanhada pelo som dos tambores para as visitações nas casas de festeiros e devotos, momento onde há oferta de doces e bebidas típicas, o que se assemelha às práticas das demais Festas brasileiras e luso-açorianas.

Figura 30 – Envio da Bandeira, visita do cortejo do Divino às casas dos criuvenses

Fonte: Acervo da Festa do Divino de Criúva

Trata-se de uma Festa católica em Criúva, com a participação do Padre nas missas, procissões e louvações. Aqui, também a responsabilidade sobre a Festa é passada de pai pra filho há mais de cem anos. Trata-se de uma Festa que mantêm data fixa, ocorre oficialmente no terceiro domingo de maio, mas as visitas (louvações) nas casas são iniciadas 60 dias antes.

No terceiro domingo do mês de maio, às 18:30 há o levantamento do mastro, às 19:30, a missa onde a Bandeira é oficialmente passada ao casal de imperadores e depois, após a missa, vem o jantar, animado pelos músicos do grupo Os Feras. O baile vai até a madrugada do dia seguinte. “No sábado, nós temos uma missa em São Jorge e um partilhado (onde as pessoas levam de casa os pratos de comida) depois da missa...” (QUISSINE, 2018).

> *É uma Festa acolhedora, hospitaleira, onde se serve sempre o que se tem de melhor aos visitantes. [...] Durante as visitas nas casas são sempre servidas jantas para todos que comparecerem, onde partilhamos a mesa e a fé. Tem os almoços dos mordomos (é o que recebe os visitantes e oferta uma refeição aos ex festeiros, crianças, grupos de oração, 30 dias antes do final da Festa), também gratuitos e algumas vezes convidam uma instituição para homenagear e ceiam juntos (pessoas incapacitadas de locomoção ou com saúde afetada são aí recebidas em especial).* (QUISSINE, 2018)[22]

[22] Entrevistado em 2018, um dos responsáveis pela Festa de Criúva.

A tradição conta com personagens próximos aos existentes nos Açores e Alcântara, o capitão do mastro - pessoa que recebe a benção da Bandeira, - a conduz na frente do cortejo e a leva até a Igreja para a missa. O som dos tambores que anuncia a chegada do Espírito Santo nas casas visitadas, também acompanha as procissões desde o envio da Bandeira até o levantamento do mastro (quando começa a Festa e iniciam as novenas). Um dos rituais mais marcantes é o momento em que o capitão do mastro passa a Bandeira aos Imperadores e alferes, na presença da comunidade, em missa campeira[23].

Em Criúva, os imperadores do Divino representam o casal de Imperadores portugueses, tal qual nos Açores, onde os alferes levam a Bandeira nas casas e rezam. O grupo de músicos e imperadores acompanham todas as novenas.

> *Aqui o Imperador é o quem manda, quem impera no dia da Festa, representando o pilar da Festa, passa o ano trabalhando para a Festa. O capitão do mastro é o que carrega a Bandeira. Os alferes também levam Bandeiras e tambores e visitam as casas e saem fazendo a arrecadação e o convite para a Festa. Os fazendeiros se oferecem para fazer doações para a Festa, inclusive o leite, mais de 1.500 L de leite para fazer o queijo gigante. Homens e mulheres se congregam e somam forças para fazer a Festa distribuindo-se entre os inúmeros afazeres.* (QUISSINE, 2018)

Figura 31 – Queijo gigante – atração na Festa de Criúva, produzido com doações

FOTOS ROGÉRIO FORMIGHIERI/DIVULGAÇÃO

Queijo gigante é atração

Outra tradição da Festa do Divino Espírito Santo de Criúva é o leilão do queijo gigante, que teve início na edição de 1991, motivada pelas características econômicas da região. Criúva e as comunidades da redondeza sempre obtiveram seu sustento por meio da pecuária de subsistência. A cada ano, quando a Bandeira do Divino passava pelas comunidades convidando pela as celebrações de fé, passou a ser hábito que os anfitriões doassem um queijo, que acabava sendo leiloado depois na festa.

Com o passar dos anos, ao invés de queijo, os moradores passaram a ofertar leite para que fosse fabricado um queijo de grandes proporções para depois ser leiloado. Na edição deste ano haverá o leilão de uma peça de queijo com aproximadamente 150 quilos.

Fonte: Acervo da Festa do Divino de Criúva (2012).

[23] Missa Campeira: é uma missa católica do rito latino (Apostólico Romano), porém adaptada em linguagem, ritmo, estilo e símbolos tradicionalistas gaúchos. Ela tem o mesmo sentido espiritual e religioso de uma missa tradicional, mas pelas suas características particulares recebe a denominação de “Missa Crioula”. Disponível em: http://www.fegaucha.com.br/missa.htm acesso em: 17 jan. 2019.

Na tradição Criuvense, não há a prática do esmolar para a Festa, ou seja, a visita da bandeira não implica em doações monetárias ou alimentos, mas aceitam de bom grado as possíveis contribuições dos devotos, em especial a doação do leite para a fabricação do queijo gigante que acontece desde 1992 e se tornou tradição, assim como doações de frangos, doces, refrigerantes e mão de obra voluntária. A janta, em algumas noites é paga, o que contribui para cobrir as despesas.

> *Trabalham cerca de onze festeiros e mais dois casais de mordomos e cinco pessoas na louvação. Têm os garçons, churrasqueiros, cozinheiros, umas trezentas pessoas ao todo. Só no cortejo são umas vinte pessoas, contando com as Aias. Usamos bombacha e lenço (os homens), as mulheres usam outras roupas porque essas são pesadas. [...]Os trabalhadores das Festas, os festeiros, são gente da comunidade, às vezes fazendeiros, às vezes empresários... aqui todos têm uma dedicação enorme pra Festa, não se atrapalham em nada em termos financeiros. No dia da Festa, no domingo, 20 de maio, [...] Serão cerca de 2.000 pessoas visitando, porque lá eles têm dois salões cheios.* (CAVALLI, 2016)[24]

A Festa do Divino de Criúva é a atração turística (cultural), da pequena Criúva, que mais demanda visitantes durante o ano, recebeu, inclusive, caravanas do exterior. A comunidade se diz trabalhando para a construção da Festa na maior parte do ano e o fazem por devoção e legado, de acordo com os depoimentos colhidos.

As muitas jantas e almoços comunitários, oportunidade em que se reúnem festeiros, devotos e Igreja para a preparação e execução do festejo, misturam-se a música de raiz rural, com versos que retratam a própria história local, a vestimentas tradicionais do gauchismo, em pilcha[25] masculina e feminina, na figura das 'prendas'[26], e mesa farta, como parte integrante do calendário da Festa. Mesclam-se tradições regionais como a presença do churrasco e do Arroz de Carreteiro, e hibridismos dos modos locais com a herança europeia, em pratos como a Sopa de Agnoline, os pães e vinhos, a salada de batatas (maionese) e saladas com legumes e verduras. Das

[24] Entrevistado em 2016, outro dos responsáveis pela Festa.

[25] **Pilcha masculina**:Bombacha, camisa, lenço, pala, bota, guaiaca, esporas, tirador, colete, chapéu, paletó e faixa. **Pilcha feminina**: vestido, saia de armação, bombachinha, meias, sapatos e acessórios femininos.

[26] As prendas são mulheres gaúchas que mantem viva a tradição nos Centros de Tradições Gaúchas (CTGs), ostentam estilo da autêntica pilcha gaúcha, com vestido típico, saia comprida com babados e armada e flor no cabelo. Uma prenda tem trabalho o ano todo, afinal de contas, a incumbência de levar adiante a tradição gaúcha deve ser feita de geração para geração (LABRES, 2013). Disponível em: https://www.univates.br/noticia/11874-apaixonadas-pela-tradicao-gaucha-elas-se-dividem-entre-a-sala-de-aula-e-o-ctg. Acesso em: 15 out. 2018.

tradições locais, há a fabricação do queijo, o cultivo de parreiras e o Galeto (Figuras 32 e 33).

FIGURA 32 – Partilha dos alimentos na janta de Criúva

Fonte: Acervo da Festa do Divino de Criúva (2012).

FIGURA 33- fartura e cultura na Festa do Divino do Distrito de Criúva

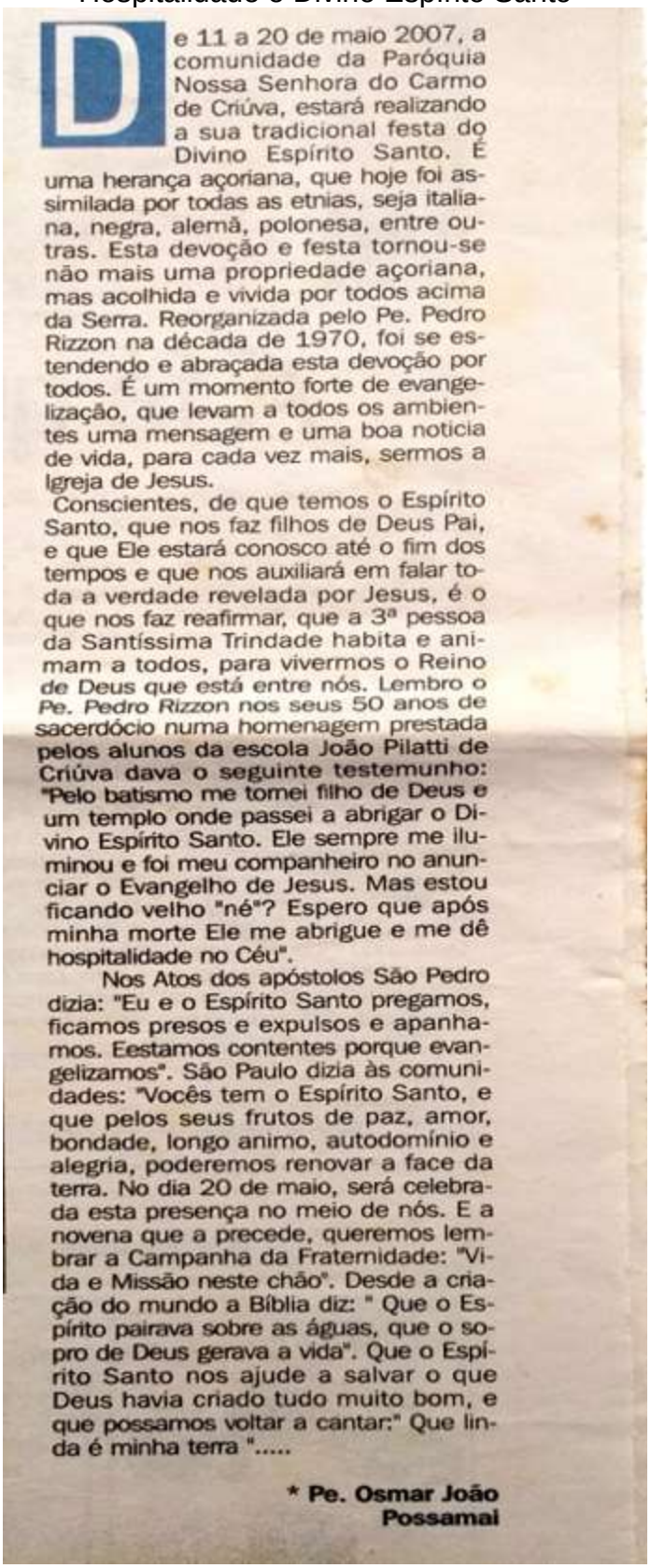
Fonte: Acervo da Festa do Divino Espírito Santo (2015).

A Festa do Divino Espírito Santo no Distrito de Criúva derivou de um processo histórico de ligação em finais do Século XVI entre portugueses que: “contribuíram com a inserção e a guarda do culto nos momentos mais antigos da formação” e italianos

que garantiam o “vínculo religioso que trouxeram da Europa, contributo na preservação do culto ao longo do tempo” (PASSOS, 2016, p. 113).

Durante as festivas ao Divino, a Hospitalidade se dá na recepção dos que comemoram, congraçam e louvam, a exemplo do que diz o Padre Pedro (Figura 35). Em geral, as Festas do Divino apresentam farta comida e acolhimento, em Criúva não é diferente. Os que participam da festiva se equivalem no momento de cear e receber as bênçãos do Divino, como iguais na fé, adoração e comunhão. Então os “estrangeiros” (os visitantes, na linguagem da Hospitalidade (GRASSI, 2011)), aqueles que visitam as casas dos festeiros, são recebidos com o que há de melhor para comer e beber. Não importando a hora que o peregrino chegue, as panelas serão aquecidas e o prato será servido da melhor maneira àquele que “transpôs a soleira”. (GRASSI, 2011).

FIGURA 34- Depoimento do Pe. Osmar falando da Festa citando o Padre Pedro e a Hospitalidade e Divino Espírito Santo



De 11 a 20 de maio 2007, a comunidade da Paróquia Nossa Senhora do Carmo de Criúva, estará realizando a sua tradicional festa do Divino Espírito Santo. É uma herança açoriana, que hoje foi assimilada por todas as etnias, seja italiana, negra, alemã, polonesa, entre outras. Esta devoção e festa tornou-se não mais uma propriedade açoriana, mas acolhida e vivida por todos acima da Serra. Reorganizada pelo Pe. Pedro Rizzon na década de 1970, foi se estendendo e abraçada esta devoção por todos. É um momento forte de evangelização, que levam a todos os ambientes uma mensagem e uma boa noticia de vida, para cada vez mais, sermos a Igreja de Jesus.

Conscientes, de que temos o Espírito Santo, que nos faz filhos de Deus Pai, e que Ele estará conosco até o fim dos tempos e que nos auxiliará em falar toda a verdade revelada por Jesus, é o que nos faz reafirmar, que a 3ª pessoa da Santíssima Trindade habita e animam a todos, para vivermos o Reino de Deus que está entre nós. Lembro o Pe. Pedro Rizzon nos seus 50 anos de sacerdócio numa homenagem prestada pelos alunos da escola João Pilatti de Criúva dava o seguinte testemunho: "Pelo batismo me tornei filho de Deus e um templo onde passei a abrigar o Divino Espírito Santo. Ele sempre me iluminou e foi meu companheiro no anunciar o Evangelho de Jesus. Mas estou ficando velho "né"? Espero que após minha morte Ele me abrigue e me dê hospitalidade no Céu".

Nos Atos dos apóstolos São Pedro dizia: "Eu e o Espírito Santo pregamos, ficamos presos e expulsos e apanhamos. Eestamos contentes porque evangelizamos". São Paulo dizia às comunidades: "Vocês tem o Espírito Santo, e que pelos seus frutos de paz, amor, bondade, longo animo, autodomínio e alegria, poderemos renovar a face da terra. No dia 20 de maio, será celebrada esta presença no meio de nós. E a novena que a precede, queremos lembrar a Campanha da Fraternidade: "Vida e Missão neste chão". Desde a criação do mundo a Bíblia diz: " Que o Espírito pairava sobre as águas, que o sopro de Deus gerava a vida". Que o Espírito Santo nos ajude a salvar o que Deus havia criado tudo muito bom, e que possamos voltar a cantar:" Que linda é minha terra "....

*** Pe. Osmar João Possamai**

Fonte: Possamai (2007) no Jornal Pioneiro.

Outro aspecto da Festa que chama atenção em Criúva é o cerimonial o qual envolve as personagens do cortejo do Divino, em diferentes momentos como nas visitas às casas, nas missas, procissões e jantas, recebem aos visitantes com simpatia e Hospitalidade própria (segundo os entrevistados), também explicitada através da farta Comensalidade nesse período, pois alimentos e bebidas estão presentes em quase todas as etapas da Festa em Criúva, da mesma maneira que se dá em Alcântara.

4.7 FESTA DIVINO: A MÍTICA E AS PRÁTICAS

Nessa etapa da pesquisa retomo alguns argumentos para paralelizar as duas Festas, alinhando-as em uma decupagem resumida entre as práticas, Comensalidade e Hospitalidade, postuladas a partir de recortes que incrustaram uma lógica delicada sobre a influência cultural, a organização, a cronologia, o ritual, a gastronomia e influencias turísticas entre Alcântara e Criúva.

O louvor ao Divino, tradição herdada dos açorianos, é uma das principais manifestações culturais maranhenses, onde a Festa adquire estilo próprio ainda que mantenha boa parte do ritual em sintonia com a Festa lusa, e, em especial, em Alcântara. A Festa do Divino é: “um evento caracteristicamente maranhense, que está presente em todo o Estado e durante o ano todo, e que conta com devotos e participantes que atingem todas as faixas etárias, de crianças a idosos” (ROCHA 2008, p. 18). Ainda permeia memórias dos antigos no lamento ao que fora perdido do legado, contando ainda com anseio da nova geração em representar o Império, coroado rei ou rinha por um dia, razão pela qual precisa ser investigada nos mais variados aspectos (ROCHA, 2008).

Também no Rio Grande do Sul a manifestação está entre as principais da cultura estadual, igualmente uma herança açoriana, que a partir das cercanias de Porto Alegre, enfincou raízes e maior expressividade no interior do Estado, a exemplo de Criúva, onde os moradores (em maioria) dizem viver em função da Festa parte do ano, pondo no Espírito Santo o verdadeiro sentido de suas vidas[27].

[27] Diário de pesquisa – falas extraídas das entrevistas em 2018.

Tal legado se mantém vivo há mais de um século nas práticas culturais e religiosas criuvenses nas últimas décadas, consequência direta da influência do Padre Pedro Rizzon[28] nessa comunidade.

Alcântara é cenário no qual os festejos do Divino têm papel de destaque na vida dos citadinos e por isso, todo o legado cultural da cidade é um convite à imersão, principalmente a herança quilombola. “Os quilombolas encontravam refúgio para manter ‘quase que intactos’ seus hábitos e crenças. Aqui, a Festa do Divino é uma forte tradição e fica ainda mais bonita, integrada ao casario do tempo do Império” (MARANHÃO, 2011, p. 43). Nos recônditos quilombos antigos, hábitos eram mantidos incólumes, e agora são reproduzidos em Alcântara, onde a tradição de louvar o Divino em Festa “fica ainda mais bonita, integrada ao casario do tempo do Império” (MARANHÃO, 2011, p. 43).

A tradição das Caixeiras, também herdada dos quilombos, é uma das principais diferenças nas práticas da Festa do Divino Espírito Santo entre o Nordeste e o Sul do país. Tradição marcantes no Estado do Maranhão, as Caixeiras guardam práticas de lidas diárias próprias dos quilombos, mantem-se como agricultoras e chefes de família, enquanto dedicam parte dos afazeres diários à construção da Festa em louvor ao Divino, que ocorrerá na época litúrgica de Pentecostes. O fazer da Festa mantem viva a tradição da vida no quilombo, o que se faz presente, em alguns momentos, nos versos durante as louvações e nos alimentos ofertados (GASTAL; MARTINS, 2018).

Em associação com terreiros de Mina, Pereira (2005, p. 29), expõe o papel das Caixeiras nos festejos maranhenses: “Durante a celebração do Divino dentro dos terreiros de mina, os tambores silenciam para dar lugar às Caixeiras e suas caixas, instrumento musical tocado por mulheres”. Completa afirmativa ao dizer que, somente após alguns dias, é permitido o toque do tambor de mina, voltando ao cotidiano das casas e rituais de costume e que o repertório dos hinos e versos faz parte do patrimônio do legado, que se perde com o tempo por ser fruto de repentes. Diz ainda da necessidade de se entender tal “criação não como sua, mas inspirada pelo Espírito

[28] Padre que exerceu, além do sacerdócio, o ensino até 1945 em várias comunidades do Litoral Norte do Estado. Também interessado no tradicionalismo gaúcho, respondeu pela Paróquia de Criúva entre 1970 e 1993. Foi ele responsável por transformar a Festa do Divino de Criúva em símbolo de religiosidade local e popular, empenham-se na manutenção de práticas culturais como o Terno de Reis, Louvações ao Divino, Dança de São Gonçalo e a Missa Crioula (POSSAMAI et al., 2005). Em 2018 foi inaugurada estátua em sua homenagem no pátio da Igreja Matriz de Criúva.

Santo. O ritual é coletivo, a performance do grupo é a responsável pelo conjunto da Festa, mas a performance individual constitui-se em uma demarcação de espaços de poder das Caixeiras" (BARBOSA, 2002, p. 303-304)[29].

No Estado do Rio Grande do Sul, as influências que a Festa do Divino Espírito Santo apresenta são relativamente iguais às demais, no País, remete à religiosidade portuguesa como devoção ao Divino Espírito Santo (PASSOS, 2016). Da herança local em Criúva, tem-se que a primeira Festa do Divino Espírito Santo, na pesquisa de Passos (2016), remonta mais de 200 anos, trazida no legado dos colonizadores europeus.

> Como a paróquia de Criúva, Nossa Senhora do Carmo, foi criada no século XX, particularmente em 1924, e seu primeiro vigário foi Pe. Luiz Mascarello, realmente significa que a Festa do Divino é anterior a essa data nessa comunidade. Alguns depoimentos relatam que a Bandeira do Divino permanecia na Igreja de Criúva e o festeiro do ano, quando visitava os alferes da região, portava a Bandeira mãe. Ao chegar à casa de cada fazendeiro, a Bandeira percorria todos os espaços da casa em nome da proteção que oferecia. (PASSOS, 2016, p. 109)

Das origens da Festa do Divino nas terras de Criúva, os documentos revelam ligação direta com a chegada de novos moradores vindos das ilhas do Açores em meados de 1730 e 1800, estando entre eles as primeiras iniciativas de festejar o Divino Espírito Santo por estas terras. Eram oriundos das ilhas Terceira, Santa Maria e São Miguel dos Açores. Cerca de oitenta anos depois chegam os alemães, seguidos por italianos que somaram outras culturas à essa prática portuguesa e que aqui, em solo criuvense, avultou-se em um contorno próprio.

Dos registros atuais, tem-se nos Livros Tombo das Paróquias de São Marcos e Nossa Senhora do Carmo que desde 1905 até 1924, Festas anuais do Divino Espírito Santo, evoluiu em ritual e personagens, de tempos em tempos. De acordo com a adesão de novos integrantes, era acrescentado uma nova personagem inspirada nos moldes da Festa açoriana.

---

[29] A fundamental importância da representatividade caixeira na Festa, sustenta-se na certeza de que comunidades remanescentes de quilombos tradicionais, consideradas pela Constituição, Patrimônio Cultural Brasileiro, têm direitos culturais aparentemente violados pelas investidas (ou esquiva) do poder público. As comunidades removidas das terras de origem, por falta de acordo, apoio e assistência do Estado brasileiro, se encontram sob risco de perda de identidade, memória e formas de vida.

A partir de 1950 o tradicionalismo se fundiu à Festa quando começaram a usar bombacha, lenço, gaita, etc., antes a Festa do Divino era ao som de um único instrumento, a rabeca, como nos Açores. A recriação da Festa coube ao Pe. Pedro Rizzon.

> *O Padre Pedro fazia função do Mordomo, dos Imperadores dos Festeiros, fazia primeiro para observar, ele tinha o coração muito, muito puro. Ele observava e ele sempre dizia: Ah! Como é que eu vou? Porque as pessoas, por mais simples que elas sejam, elas esperam o Divino com uma oferta também [...] E aí, eles doam... Mas é com tanto amor. Entende? O Padre Pedro - Quando a gente saia nas visitas ele observava, quando as pessoas eram muito pobres, ao invés deles doarem, recebiam, o Padre recebia e ali mesmo devolvia, ele recebia de alguns e devolvia para outros." Deixava para quem não tinha - isso era um gesto de doação. Ele mostrava isso para nós - o amor. O amor tem que imperar. O amor acima de tudo e não sei se observou que a nossa Festa é toda organizadinha, nós só temos uma pessoa... Claro que quem comanda alimentação, a parte da culinária, mas o restante é todo doação. Ninguém cobra nada". (*Mariana Festugatto, 2018)[30]

A Festa do Divino Espírito Santo no Distrito de Criúva derivou de um processo histórico de ligação em finais do Século XVI entre portugueses que: "contribuíram com a inserção e a guarda do culto nos momentos mais antigos da formação" (PASSOS, 2016, p. 113) e italianos que garantiam o "vínculo religioso que trouxeram da Europa, contributo na preservação do culto ao longo do tempo" (PASSOS, 2016, p. 113).

Na gestão do Pe. Pedro na comunidade criuvense, retomaram a tradição do Terno de Reis antes das práticas da Festa ao Divino Espírito Santo. Padre Pedro, ao juntar-se a Jorge Boca de Sino (o único companheiro ainda vivo) após as investidas em cantorias de Terno de Reis[31], iniciaram novos coros para a Festa do Divino até que o "Boca de Sino" criou o hino específico para o Divino que é cantado até os dias atuais, assim como a Festa ainda se mantêm a mesma criada pelo Pe. Rizzon.

Em Alcântara e Criúva, o Divino Espírito Santo continua Festa católica com a participação do Padre nas missas, procissões e louvações. A sociabilidade na prática da Festa alcantarense revela-se em muitas nuances,

> [...] a relação de vizinhança é outro fator extremamente importante na Festa do Divino. [...]. Podemos pensar como a família é importante dentro desse festejo e em outras celebrações e religiões, tal o candomblé e umbanda. A

[30] Coordenadora da Festa do Divino de Criúva em 2018.

[31] Terno de reis correspondia às manifestações realizadas no período natalino (25 de dez. a 6 de jan) por um grupo de cantadores, visitam os lares na comunidade, praticam rezas, pregações e cantorias. Ao final poderia haver recolhimento de donativos. (PASSOS, 2016). Cultura de origem lusa.

> ‘família’, neste caso, pode ser aquela com laços sanguíneos ou aquela chamada ‘família de santo’. (PEREIRA, 2005, p. 38)

Há presença marcante das mulheres como elemento imprescindível para preservação da Festa.

Da organização da Festa, a escolha dos festeiros e sucessão de Caixeiras se enraízam na família (GASTAL; MARTINS, 2018), que “está presente tanto no aprendizado desta celebração quanto na devoção ao Divino Espírito Santo” (PEREIRA, 2005, p. 38). Quanto aos imperadores, nos anos pares reina a Imperatriz e nos ímpares o Imperador; com o nome divulgado no Pelouro[32] as personagens de Alcântara são anunciadas ao final da Festa.

Em Criúva, a mesma sociabilidade, mantem todas as investidas na construção da Festa, reuniões e a própria Festa são oportunidades para reencontrar e fazer novos amigos, além de ser propício ao repasse da tradição entre gerações. Responsáveis pela Festa, via de regra, tratam da manifestação como uma oportunidade para manter o tradicionalismo, e incutem no legado elementos característicos do legado gaúcho, o que para eles reforça os laços sociais.

Em Criúva, também a responsabilidade sobre a Festa é passada de pai pra filho há mais de cem anos. Ano a ano reina um casal de Imperadores, em missa solene anunciam os componentes da corte do Divino Espírito Santo do ano vindouro.

A Festa do Divino Espírito Santo alcantarense, ainda se mantem com ritual e práticas invariáveis, constantemente apresentando uma mesma sequência. Os preparativos iniciam no mês de maio, mais precisamente, no domingo de Pentecostes. O rito primeiro dá-se previamente no Sábado de Aleluia, momento em que os festeiros anunciam o grande dia em que o Imperador ou a Imperatriz recepciona os convidados com grande Festa em que é servido almoço com farta mesa de doces em louvação ao Divino. Recebem a todos que vierem congratular, de qualquer credo, de qualquer lugar. A importância da ancestralidade está representada na manifestação em treze dias do festejo do Divino, em Alcântara.

[32] Cada um dos ramos de serviço em que se divide a administração de uma câmara municipal ou junta de freguesia segundo Infopédia. Disponível em https://www.infopedia.pt/dicionarios/lingua-portuguesa-aao/pelouro. Acesso em 16 out 2018. Em sentido figurado na Festa alcantarense é o documento que anuncia os novos escolhidos para feitura da Festa do Divino.

Quadro 1 – Programação da Festa do Divino Espírito Santo, em Alcântara do Maranhão – 2015

13 de maio:
• Levantamento do mastro do Imperador, às 16h.
14 de maio:
• Missa da Ascensão do Nosso Senhor, às 9h.
• Passeata da Ascensão, 11h
• Imperador recebe convidados na Casa do Divino com mesa de doces e chocolate, às 13h.
• Prisão dos mordomos, às 14h.
• Libertação dos mordomos, às 16h.
15 de maio:
• Saída do Imperador para esmolar (receber joias)
• Levantamento do mastro do Mordomo Régio, às 16h
• Missa/reza na matriz, às 19h
16 de maio (Sábado do Meio):
• Alvorada no mastro do Mordomo Régio, às 5h30.
• Ciganagem do mordomo régio, pela manhã.
• Almoço solene no Paço do Mordomo Régio, às 12h
• Missa, às 19h
• Visita do Mordomo Régio ao Paço Imperial, às 22h.
• Recepção do Mordomo Régio em seu Paço, às 00h.
17 de maio (Domingo do Meio):
• Missa solene, às 9h
• Passeata do Domingo do Meio e visita aos Paços dos Mordomos, às 11h.
18 de maio:
• Saída do Mordomo Régio para esmolar.
• Reza, às 19h.
• Visita da Mordoma Suzana Lopes ao Paço Imperial, as 22h
• Recepção da Mordoma Suzana Lopes no seu Paço Imperial, às 23h30.
19 a 22 de maio:
• Missas e visitas de Mordomos ao Paço Imperial.
22 de maio:
• Subida do Boi da Ladeira do Jacaré, às 15h.
23 de maio:
• Alvorada no mastro do Imperador, às 5h30.
• Ciganagem, pela manhã
• Entrega de esmolas aos velhos- durante o dia.
• Missa, às 19h
• Visita do Imperador ao Paços dos Mordomos, às 22h.
24 de maio:
• Missa solene do Pentecostes, às 09h
• Passeata do Imperador e Mordomos, às 11h
• Recepção e almoço no Paço Imperial, às 13h30.
• Procissão do Divino, às 16h
• Leitura do Pelouro, às 18h
• Rezas nos Paços dos Imperadores.
25 de maio:
• Entrega de Postos aos novos festeiros de 2016 (Ano da Imperatriz).

Fonte: Elaborado pela autora (2019), com base nos dados coletados em campo.

Em Alcântara, sessenta dias antes do início da Festa, ou seja, na segunda semana de março é feito o envio da Bandeira e dos tambores para as visitações nas casas de festeiros e devotos, momento onde há oferta de doces e bebidas típicas, o que se assemelha às práticas das demais Festas brasileiras e luso-açorianas.

Para os criuvenses, trata-se de uma Festa que mantêm data fixa. Ocorre oficialmente no terceiro domingo de maio, mas visitas (louvações) nas casas iniciadas 60 dias antes. Iniciando a Festa, às 18:30, há o levantamento do mastro; às 19:30, a missa onde a Bandeira é oficialmente passada ao casal de imperadores e depois vem o jantar, após a missa tem o jantar e os músicos são Os Feras, que tocam em um baile até de madrugada. No sábado tem missa em São Jorge e um partilhado (onde as pessoas levam de casa os pratos de comida).

Quadro 2 – Cronograma da Festa do Divino em Criúva, no Rio Grande do Sul, em 2015

- No primeiro dia, às 18h30, acontecerá o levantamento do mastro e hasteamento da Bandeira do Divino Espírito Santo com a cavalgada. **Janta:** sopa de agnoline, churrasco, maionese, salada, pão e vinho.
- 9 de maio, às 19h30, ocorrerá a noite gaúcha, com missa crioula e novena dedicada aos Centros de Tradições Gaúchas. **Janta:** comida típica campeira.
- 10 de maio, além de dedicada às mães, a novena também fará uma homenagem as Capelas Santa Catarina, Santo Antônio, Nossa Senhora das Graças, Santa Bárbara, Santo Isidoro, São Judas Tadeu e São Paulo. Prosseguindo os encontros, **Janta:** sopa de agnoline, galeto, churrasco, maionese, salada, pão e vinho.
- 11 de maio, a novena será dedicada às sedes de Criúva, São Manoel, São Bernardo e Campestre da Serra. **Janta:** massa, carne de porco, galeto, salada, pão e vinho.
- 12 de maio, a novena será realizada em homenagem aos idosos e às capelas Menino Deus, Santo Expedito, São Francisco, São Jorge, São Sebastião, Nossa Senhora Aparecida, São João e Santos Reis. **Janta:** sopa de agnoline, galeto, churrasco, maionese, salada, pão e vinho.
- 13 de maio, a novena será dedicada a todas as etnias (raças); **Janta:** trotei, galeto, costela de porco, maionese, salada, pão e vinho.
- 14 de maio, a todos os jovens. **Janta:** macarrão, galeto, maionese, salada, pão e vinho.
- 15 de maio, homenagem a todos os municípios da região acontecerá no encontro. **Janta:** sopa de agnoline, galeto, churrasco, maionese, salada, pão e vinho.
- 16 de maio, a novena será dedicada a todos os devotos do Divino Espírito Santo, movimentos da Igreja e comunidades que festejam o Divino Espírito Santo. No domingo, **Janta:** sopa de agnoline, galeto, churrasco, maionese, salada, pão e vinho.
- 17 de maio, último dia da Festa do Divino, a programação iniciará às 9h, com as procissões preparatórias. Às 10h30, acontecerá a missa solene e procissão com o Esplendor do Divino. Nomeação dos novos festeiros. **Almoço tradicional.**

Fonte: Elaborado pela autora (2019), com base nos dados coletados em campo.

Dos rituais, em se tratando de canto, louvor ao Divino em Alcântara: “[...] primeiro precisa-se cantar invocando o ‘Espírito Santo’ para que ele venha abençoar e proteger os seus festejos, depois se canta para ‘São Pedro’ que, segundo as Caixeiras, é quem guarda a chave do tribunal” (GOUVEIA, 2001, p. 103). É importante lembrar que a tribuna é o local onde ficará sentado o Império (Imperador ou Imperatriz), é também o lugar onde é montado o altar para depositar a Pomba e os símbolos que constituem parte do ritual.

Assim, o cortejo do Divino é representação do folclore, representa sabedoria do povo recebida dos ancestrais por meio de signos, símbolos e imagens. A importância da ancestralidade está representada na manifestação em treze dias do festejo do Divino, em Alcântara.

As próprias manifestações constituem o principal atrativo, como uma curiosa mistura de devoção ao Divino com homenagens ao Império e confraternização entorno da mesa para o banquete. O ‘imperador’ e sua corte, representada em trajes imperiais do século XVI, visitam as casas dos festeiros. Os cortejos populares percorrem as ruas da cidade entoando cânticos até chegar à casa do Imperador, que recebe as homenagens com uma dança peculiar, entoando cantigas de louvor ao Divino ao toque das Caixeiras. Ao final, são servidos bebidas e doces para a população que participa da Festa. A autoridade do Imperador (imperatriz) também é inegável em Alcântara, de tal forma que ele tem poder de prender e soltar um meliante. Aqui a autoridade dada a uma criança cruza-se com a crença nas ideias joaquimitas de que as crianças, em inocência e bondade, conduziriam e liderariam no tempo do Espírito Santo.

Rituais criuvenses para a Festa do Divino mantêm a visita nas casas para orações, peditório e confraternização, esse momento é conhecido também como louvação, momento reconhecido pelos moradores como hospitaleiro e acolhedor, iniciando-se dois meses antes do período de Pentecostes que contará com os jantares dançantes, procissões com presença de Imperadores, festeiros, Aias, músicos, com a presença do pároco e atividades na Igreja local.

> O desenvolvimento de festejos com as tradicionais novenas, quando a Bandeira faz o caminho da Igreja para o salão, após o momento de espiritualidade, além do erguimento do mastro, dos bailes, jantares e almoços com a farta gastronomia que mistura elementos culturais da região, englobam ainda hoje a Festa do Divino, uma prova viva da miscigenação e da preservação cultural. De modo geral, a atual organização da Festa mantém as características vindas com a presença luso-açoriana como já

> identificamos, mescla elementos ítalos, em especial na gastronomia, bem como anexa em sua organização características contemporâneas de outras culturas. [...] O padre pode passar a tarefa de visitar as famílias e de convidá-las para a Festa ao festeiro. No seu retorno, devolvem o tambor, a Bandeira e as ofertas recebidas. O festeiro é responsável pela organização da Festa. Com o passar do tempo a Festa do Divino passou a contar com outra organização devido a um maior número de rituais e eventos [...]. (PASSOS, 2016, p. 112-113)

A tradição criuvense conta com personagens próximos aos existentes nos Açores e Alcântara, o capitão do mastro que é a pessoa que recebe a benção da Bandeira e a conduz na frente do cortejo, levando-a até a Igreja para a missa. O som dos tambores anuncia a chegada o Espírito Santo nas casas visitadas, também acompanham as procissões desde o envio da Bandeira até o levantamento do mastro (quando começa a Festa e iniciam as novenas). Um dos rituais mais marcantes da Festa em Criúva, é o momento em que o capitão do mastro passa a Bandeira aos Imperadores e alferes, na presença da comunidade, em missa campeira.

Em Criúva, os Imperadores do Divino também representam o casal de Imperadores portugueses, tal qual nos Açores, onde os alferes levam a Bandeira nas casas e rezam. O grupo de músicos e Imperadores acompanham todas as novenas. Importante perceber que aqui não há participação de crianças no papel do rei menino, pois parte da crença de que a autoria da Festa seria da Rainha Isabel, isoladamente.

> *Aqui o Imperador é o que manda, que impera no dia da Festa, representando o pilar da Festa, passa o ano trabalhando para a Festa. O capitão do mastro é o que carrega a Bandeira. Os alferes também levam Bandeiras e tambores e visitam as casas e saem fazendo a arrecadação e o convite para a Festa. Os fazendeiros se oferecem para fazer doações para a Festa, inclusive o leite, mais de 1.500 L de leite para fazer o queijo gigante. Homens e mulheres se congregam e somam forças para fazer a Festa distribuindo-se entre os inúmeros afazeres.* (QUISSINE, 2018)

Da gastronomia e Comensalidade, na ocasião do levantamento do mastro e da corrida do boi, é servida a cachaça, o vinho e o conhaque e no interior das casas é servido somente o conhaque para os músicos (músicos consomem conhaque por acreditarem fazer bem às cordas vocais). A recepção aos visitantes nas casas dos festeiros e imperadores é regada a licores (de frutas da estação, produzidas durante o ano) e o licor de jenipapo é o oficial da Festa. Também são servidos cervejas e refrigerantes que acompanham o almoço farto regado a caldeirada de peixe, peixe frito, carnes assadas e cozidas de boi e porco, frango, pato, torta de camarão, tortas

de caranguejo e sururu (quando as doações são suficientes), arroz simples, de cuxá (à base de vinagreira), arroz de Maria Isabel e arroz branco e saladas de maionese e salada verde. Tais iguarias são normalmente adquiridas em joias, ou compradas pelos festeiros.

As Caixeiras têm lugar de destaque também na mesa do 'banquete' do Divino, maneira como é chamada, em Alcântara, a mesa farta com as melhores comidas, bebidas e doces que o festeiro possa oferecer a todos que visitam. Os alimentos são gratuitos, servidos aos transeuntes que adentram as casas dos festeiros, independente de quem seja e de onde venha. Servem fartamente a qualquer um que com eles se irmanem-na fé ao Divino e é com um prato de comida que representam a caridade. É ofertando alimento que acolhem do mais pobre ao nobre, importando somente que se sintam à vontade por estar em casa que honra o Espírito Santo. Aqueles que visitam as casas dos festeiros, são recebidos com o que há de melhor para comer e beber. Não importando a hora que o peregrino chegue, as panelas serão aquecidas e o prato será servido da melhor maneira àquele que "transpôs a soleira", como disserta Grassi (2011).

São servidos pratos de doces, broas, biscoitos, doces de espécie - típico bolo de coco alcantarense com formato de jabuti e assado em forno a lenha, comumente servido no período da Festa, acompanhado de licores também fabricados especialmente para o período, refrigerantes e chocolate quente.

No Banquete, são servidos alimentos nada convencionais, fabricados especificamente para a Festa do Divino Espírito Santo. Banquete da Festa significa mesa sofisticada, com alimentos elaborados a exemplo do doce seco (à base de trigo e canela) e doce de buraco (rosca à base de trigo e coco), bolo pudim e *doce de espécie*, chocolates e licores que só são servidos em ocasiões especiais e para pessoas singulares como as que louvam o Divino Espírito Santo.

Gastronomia e Comensalidade na Festa criuvense se firma logo no primeiro dia de Festa (Figura 35), normalmente é um dia de baixa temperatura e os devotos são acolhidos em frente à Igreja, servidos com graspa – destilado da casca da uva (combatendo o frio), também se servem com vinho, suco ou refrigerante, que acompanham doces, biscoitos e pães em uma farta mesa.

Figura 35 – Imagem do primeiro dia de Festa em Criúva-Comensalidade em frente à Igreja

Fonte: Martins, 2018.

Nas jantas para honrar o Divino Espírito Santo, são normalmente servidos: sopa de agnoline, churrasco, maionese, salada, pão e vinho, comida típica campeira, galeto, massas e carne de porco, ou almoço tradicional.

> *É uma Festa acolhedora, hospitaleira, onde se serve sempre o que se tem de melhor aos visitantes. [...] Durante as visitas nas casas são sempre servidas jantas para todos que comparecerem, onde partilhamos a mesa e a fé. Tem os almoços dos mordomos (é o que recebe os visitantes e oferta uma refeição aos ex festeiros, crianças, grupos de oração, 30 dias antes do final da Festa), também gratuitos e algumas vezes convidam uma instituição para homenagear e ceiam juntos (pessoas incapacitadas de locomoção ou com saúde afetada são aí recebidas em especial).* (QUISSINE, 2018)[33]

Na tradição criuvense, não esmolam para a Festa, mas aceitam contribuições dos devotos doando alimentos, insumos e trabalho gratuito.

> *Trabalham cerca de onze festeiros e mais dois casais de mordomos e cinco pessoas na louvação. Têm os garçons, churrasqueiros, cozinheiros, umas trezentas pessoas ao todo. Só no cortejo são umas vinte pessoas, contando com as Aias. Usamos bombacha e lenço (os homens), as mulheres usam outras roupas porque essas são pesadas. [...]Os trabalhadores das Festas, os festeiros, são gente da comunidade, às vezes fazendeiros, às vezes empresários... aqui todos têm uma dedicação enorme pra Festa, não se atrapalham em nada em termos financeiros. No dia da Festa, no domingo, 20*

[33] Entrevistado em 2018, um dos responsáveis pela Festa de Criúva.

> *de maio, [...] serão cerca de 2.000 pessoas visitando, porque lá eles têm dois salões cheios.* (CAVALLI, 2016)[34]

São mantidas na Festa, hábitos culturais como a fabricação do queijo, o cultivo das uvas, as ‘prendas’ e os alimentos com base em tradição europeia, como a sopa de agnoline, mistura-se ao galeto, ao churrasco, à maionese, às saladas, aos pães e vinhos, se fazem presente no conjunto da Festa. As muitas jantas e almoços comunitários, a música de raiz interiorana com versos que retratam a própria história, a vestimenta tradicional gaúcha em pilcha masculina e feminina e a farta gastronomia são parte integrante do calendário da Festa, oportunidade em que se reúnem festeiros, devotos e Igreja para a preparação e execução do festejo.

Durante as festivas ao Divino, a Hospitalidade se dá na recepção dos que comemoram, congraçam e louvam. Em geral, as Festas do Divino apresentam farta comida e acolhimento, em Criúva não é diferente. Os que participam da festiva se equivalem no momento de cear e receber as bênçãos do Divino. Os convivas, independente da classe social, se tornam iguais nesse instante de adoração e comunhão. Então os “estrangeiros” (os visitantes, na linguagem da Hospitalidade (GRASSI, 2011).

Outro aspecto da Festa que chama a atenção é o cerimonial, onde as personagens do cortejo do Divino, em diferentes momentos como nas visitas às casas, nas missas, procissões e jantas, recebem aos visitantes com simpatia e Hospitalidade própria (segundo os entrevistados) do povo criuvense, também explicitada através da farta Comensalidade nesse período, pois alimentos e bebidas estão presentes em quase todas as etapas da Festa, tanto em Alcântara quanto em Criúva.

Em Alcântara, a Festa guarda lugar de destaque pelo apelo turístico e religioso que apresenta, que de acordo com informações dos próprios moradores, chegou a atrair entre três mil e cinco mil visitantes, normalmente em visitação conhecida como bate-volta, já que a cidade não conta com unidades hoteleiras em número suficiente para hospedagens e ainda porque esse número é quase equivalente à densidade demográfica alcantarense, que circula a casa dos seis mil moradores.

É a atração turística (cultural), da pequena Criúva, que mais demanda visitantes durante o ano, receberam, inclusive, caravanas do exterior. A comunidade

[34] Entrevistado em 2016, outro dos responsáveis pela Festa.

diz trabalhar para a construção da Festa na maior parte do ano e o fazem por devoção e legado, de acordo com os depoimentos colhidos.

5 O DIVINO EM ALCÂNTARA E CRIÚVA E SEUS CÓDIGOS

> *Festa do Divino, Caxias do Sul, Alcântara, Maranhão/ O Divino Espírito Santo é um marco na religião /Em Criúva, no Rio Grande, e em Alcântara, no Maranhão / Onde o povo se reúne com amor e devoção / Pedindo para o Divino derramar sua benção / O padre convida o povo e começa a procissão / Com o esplendor do Divino, muitos vão de pé no chão / Quando saem da Igreja, vão direto pro salão / Onde tem muita fartura nas horas da refeição / O padre dá uma benção a toda à comunidade / E recebe seus devotos com muita Hospitalidade / Acolhe seus devotos pra que se sintam à vontade / Quando a Festa termina todo mundo tem saudade* / **Boca de Sino**[35]

O trabalho de campo realizado entre 2016-2018 permitiu reunir uma gama de dados, originados em observação e entrevistas, em diferentes momentos da Festa, tanto em Alcântara quanto em Criúva, emergiu de instantes variados entre procissões, missas, esmolar, alvoradas e preparação de alimentos. Os reuni em gravações e anotações, ora resulta da interlocução com uma única pessoa, ora resulta de momentos com múltiplos sujeitos, em que a forma como se dá a Hospitalidade nas duas Festas é objetivada à medida em que se desenham as óticas dos sujeitos.

As falas foram processadas, na sua íntegra, no software Max QDA, considerou os temas <Hospitalidade> e <Comensalidade>, resultaram como temáticas associadas na Festa do Divino Espírito Santo:

Comensalidade, esteve diretamente associada as palavras *servir, partilha, confraternizar; alimento, pratos, alimentação paga; encontro, congraçamento, comunhão; doação, troca, sustento, graça, dádiva, donativos; caridade, joia, esmolar, alimento, comida e fartura*

- Hospitalidade: *acolhimento; receptividade / receber, ser recebido, bem receber; dar, receber, retribuir / retribuição; conversa;*
- *Tradição* equivalente a *cultura;*
- *Agradecimento* equivalente a *retribuição;*
- *Fé* e*quivalente a confiança;*
- E outros mais isolados*: gratidão; caridade; humildade; solidariedade; gentileza; medievalismo e gratuidade; tradição;* família; catolicismo; ritual; e fé/confiança.

Tais códigos estarão dispostos nas falas dos entrevistados, exemplificaram o subsídio imputado ao Max QDA para as análises.

[35] Poeta morador do Distrito de Criúva, reconhecido pelo trabalho empenhado na companhia do Padre Osmar em prol do resgate da Festa do Divino Espírito Santo, autor do hino da Festa.

5.1 ANÁLISES

As temáticas (para o aplicativo se equivalem a códigos) identificadas, foram utilizadas para cruzar os dados entre o que disseram os entrevistados em relação às suas respectivas festividades, adquiri um utilizei o aplicativo para análise em pesquisa qualitativa, o Max QDA. Inseri no sistema as falas registradas no trabalho de campo em Alcântara e Criúva, para relacionar os códigos entre Alcântara e Criúva. Tais códigos puderam ser verificados em lupa, ao conferir suas repetições no discurso de um mesmo espaço de entrevistas ou de localidades diferentes. Considerei a frequência dos códigos em amplitude, ou seja, a palavra e as possíveis derivações das mesmas, tracei um paralelo entre a Hospitalidade e a Comensalidade em Alcântara e Criúva, respectivamente. A utilização do software subsidia uma infinidade de possibilidades de análise, algumas das escolhidas constam nos apêndices para melhor compreensão da ferramenta e a dificuldade em filtrar os códigos.

Na análise, identifiquei os códigos utilizados nos discursos dos alcantarenses, o mesmo procedimento aplicado em Criúva, originou a seguir um estudo comparativo, que denotou precipuamente que o acolhimento/Hospitalidade é o expoente da Festa em ambas as localidades, ainda que esteja mais presente nos discursos dos festeiros e dirigentes, pessoas que conhecem mais profundamente o compromisso do legado e as raízes culturais da manifestação.

Inicialmente, na primeira análise, verificável no Apêndice B, encontram-se a íntegra das entrevistas dos alcantarenses e dos criuvenses inteiramente decodificadas, gerou mais de trezentos códigos e subcódigos, isso porque nos discursos os sinônimos para *acolhimento e Hospitalidade* aprecem como “*bem receber, agradar à todos, tratar bem*”, etc. O mesmo ocorria em relação à *Comensalidade*, ou às questões referentes à *cultura, tradição, resistência, fé, religiosidade* e tantos outros termos que foram considerados relevantes.

Ao final da primeira análise, contida no Apêndice B (Contem entrevistas analisadas no Max QDA) e a total impossibilidade de gerar gráficos, iniciei a filtragem e a intersecção de códigos, que elegi para representatividade nesta pesquisa os que estão contidos na Figura 36.

Figura 36 – Imagem dos principais códigos analisados no Software Max QDA

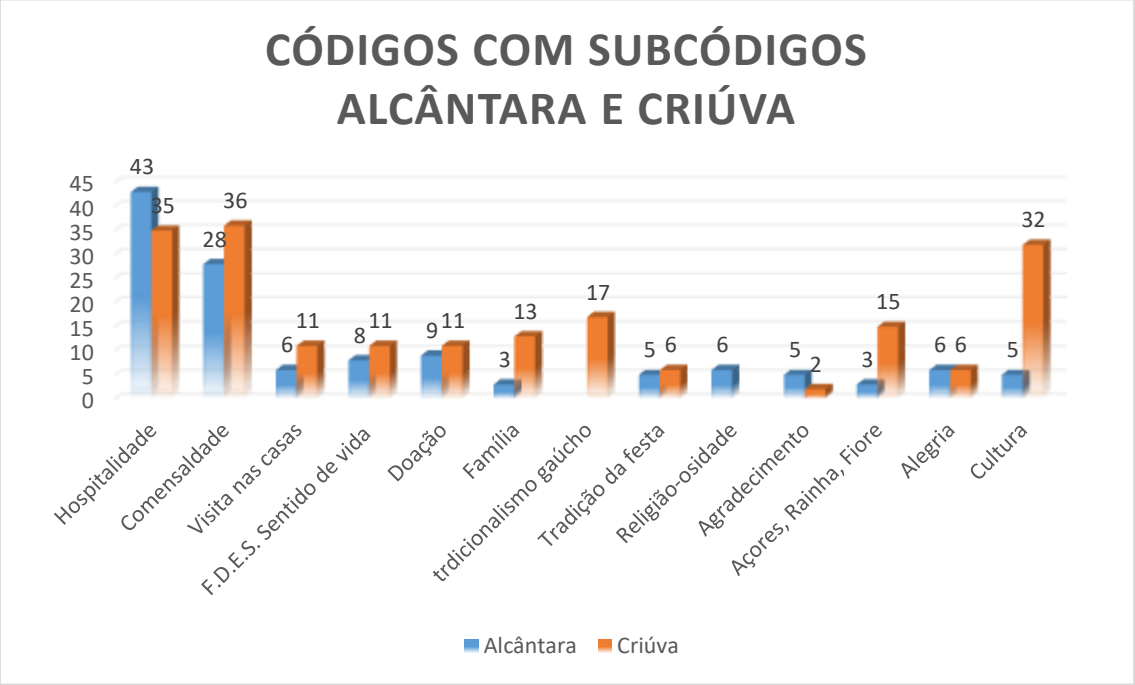
Códigos	Alcântara	Criúva	Total
Hospitalidade	43	35	78
Comensalidade	28	36	64
Visita nas casas	6	11	17
F.D.E.S. Sentido de vida	8	11	19
Doação	9	11	20
Família	3	13	16
Tradicionalismo gaúcho		17	17
Tradição da Festa	5	6	11
Religião-religiosidade	6		6
Agradecimento	5	2	7
Açores, Rainha, Fiore	3	15	18
Alegria	6	6	12
Cultura	5	32	37

Fonte: Elaborado pela autora (2019), através do *software* Max QDA.

A filtragem expande a capacidade de gerar números, mas reduz o campo de visão sobre o que pensam os entrevistados e suas múltiplas visões. Portanto, a manutenção do Apêndice B foi proposital, para garantir eco às várias formas que os feitores da Festa pensam, fazem e dizem da Hospitalidade e da Comensalidade nos meandros dos discursos.

Mantive códigos e subcódigos como: "*Hospitalidade e acolhimento, doar, alimento e Comensalidade*", de onde obtive outro extrato extenso do quão citados foram estes termos nas entrevistas, em contextos variados e por mais que as frases (textos e contextos) sejam diminutas no relatório, nele estão apontados em que lugar do texto original estão contidas tais falas. Assim, o Apêndice C irá revelar pseudônimos dos códigos, substancial para demonstrar como funciona a lógica do software para elaboração das seções e intersecções. De acordo com o que elegi como código nas falas dos meus entrevistados, o software mapeou os textos e inter-relacionou códigos e subcódigos para as combinações binárias em planilhas no Excel. Destas últimas filtragens resultou a Figura 37.

Figura 37 – Códigos e subcódigos com estatística entre Alcântara e Criúva



Fonte: Elaborado pela autora (2018), através do *software* Max QDA.

Em Alcântara, o termo Hospitalidade aparece com maior frequência, mas também apresenta subcódigos como acolhimento e bem receber. A Comensalidade só esteve presente em subcódigos como banquete, alimento, comida, etc., mas, ao que indicam os gráficos, diretamente vinculada à Hospitalidade, ou seja, é dela indissociável. Em Alcântara só “se recebe” com oferta de alimento para a Festa do Divino Espírito Santo, então é condição *sine qua non.*

Em Criúva, a Hospitalidade aparece geralmente sob a tutela de subcódigos, principalmente ‘acolhimento’. Ao serem perguntados se a Festa é hospitaleira, reagem ao dizer que o gaúcho é hospitaleiro e o ‘criuvense’ (chamam-se assim) muito mais. Também fazem relação direta do bem receber com o ato de alimentar a quem chega, independentemente do fato de alguns almoços e jantas serem pagos.

Há um elo relevante, muito mais citado nas entrevistas de Criúva, que são as ‘visitas nas casas’. Só após as pesquisas compreendi que as visitas são o condão entre a *Hospitalidade* mesma e a *Comensalidade* hospitaleira de forma gratuita e intimista, colocada por eles como forma de ‘atender àquilo que o Espírito Santo espera de mim’, ou seja, acolher o irmão, sentado à mesa com ele, o recebe em sua casa como se ao próprio Divino. Então, a relevância das tão citadas visitas às casas está

na oportunidade genuína de receber o outro para servi-lo gratuitamente em prol do Divino Espírito Santo, no instante da visita da Bandeira.

A Doação teve múltiplos sentidos, filtrá-la foi um desafio à parte. Entretanto, o próprio software mostrou ser possível deixa-la em uma única célula. Em Alcântara, doação significa doar alimentos e joias para a Festa (que depende de tais benesses para ser realizada), mas tem em conta, também, um tipo de doação que é pessoal. No dizer de uma Imperatriz sobre andar no sol quente com muitas anáguas da sua indumentária de princesa, hora para sair e para voltar, esse é um compromisso ao qual só se submete quem se doa. Há a doação das mulheres em fazer o alimento a ser ofertado, há a doação dos homens que vão retirar o mastro e carrega-lo, enfim. Não difere muito da doação que Criúva dedica ao Divino. Além do leite e dos terneiros doados pelos fazendeiros, também há o trabalho das pessoas que preparam incontáveis refeições, trabalham gratuitamente para arrecadar receita para a Igreja. Ambas as Festas associam a manifestação às famílias, além de formarem no seio da Festa uma nova família - a do Divino Espírito Santo - e são enfáticas quanto a importância desse reencontro anual.

Sobre o *tradicionalismo gaúcho*, discursos quase unânimes em colocar a Festa do Divino Espírito Santo como uma oportunidade de manter tradições, meio de repassar experiências e de resistência, foram constantes. Não por acaso, em Criúva se usam roupas tradicionais da indumentária regional, durante todo o período de Festa. Em Alcântara, sobre a tradição da Festa do Divino Espírito Santo, associaram-na ao repasse de tradição dos alcantarenses e colocaram-na como forma de resistência em um legado secular que mantem estreitas ligações com o quilombo das Caixeiras e o passado colonial ainda presente na indumentária do cortejo imperial representado na Festa.

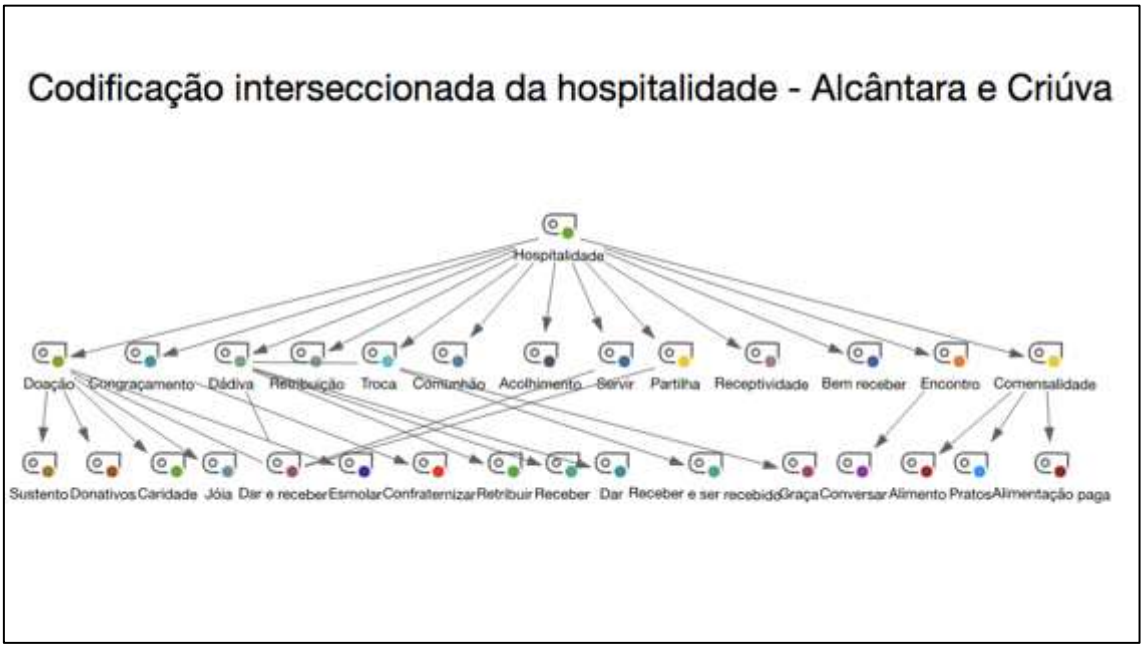
A *religiosidade* foi um expoente colocado nas falas dos alcantarenses, enquanto os criuvenses citaram o subcódigo *fé*. O agradecimento ao Divino é para Alcântara algo presente na maioria dos discursos. Ambas se referiram à alegria em servirem ao Divino Espirito Santo e Criúva em maior constância referenda a questão cultural, a importância de manter a Festa do Divino Espírito Santo como referência da cultura local.

Identifiquei um código que reunia: *Açores- Isabel- Fiore* para que ali estivesse contido tudo que lhes fosse referente. Em Alcântara eu ouvira falar, pela primeira vez,

em Joaquim De Fiore e depois, só o professor Sergio Feretti discutiu o assunto comigo. Já em Criúva, somente o casal de pesquisadores Antônio e Sandra Alves é que sabem da existência e ligação do monge calabrês com o Divino Espírito Santo. Os demais, em Alcântara e Criúva, faziam ilações com os Açores e com a Rainha Isabel.

Desta forma, consegui interseccionar códigos que resultaram em gráficos e o exemplo da intersecção foi a célula da *Hospitalidade* gerada pelo software após reunião de todos os subcódigos contidos nas falas dos entrevistados, como consta na Figura 38:

FIGURA 38- Mapa da Hospitalidade interseccionada nos códigos extraídos dos discursos em Alcântara e Criúva



Fonte: Elaborado pela autora (2018), através do *software* Max QDA.

Os códigos se retroalimentam, reafirmam-se nos discursos como pode ser visto nas frases analisadas. Por exemplo, um dos entrevistados fala da Festa como acolhedora, um momento de congraçamento entre aqueles que comungam de uma mesma fé, partilham de um mesmo alimento, provido pelo e para o Divino Espírito Santo e que por gratidão às graças alcançadas, precisam devolver à comunidade uma bela Festa com boa comida, mesa farta e muita alegria (como dito pelo Prof. Dr. Ferretti)[36]. A *Hospitalidade* difunde-se em raios que alcançam o *congraçamento,*

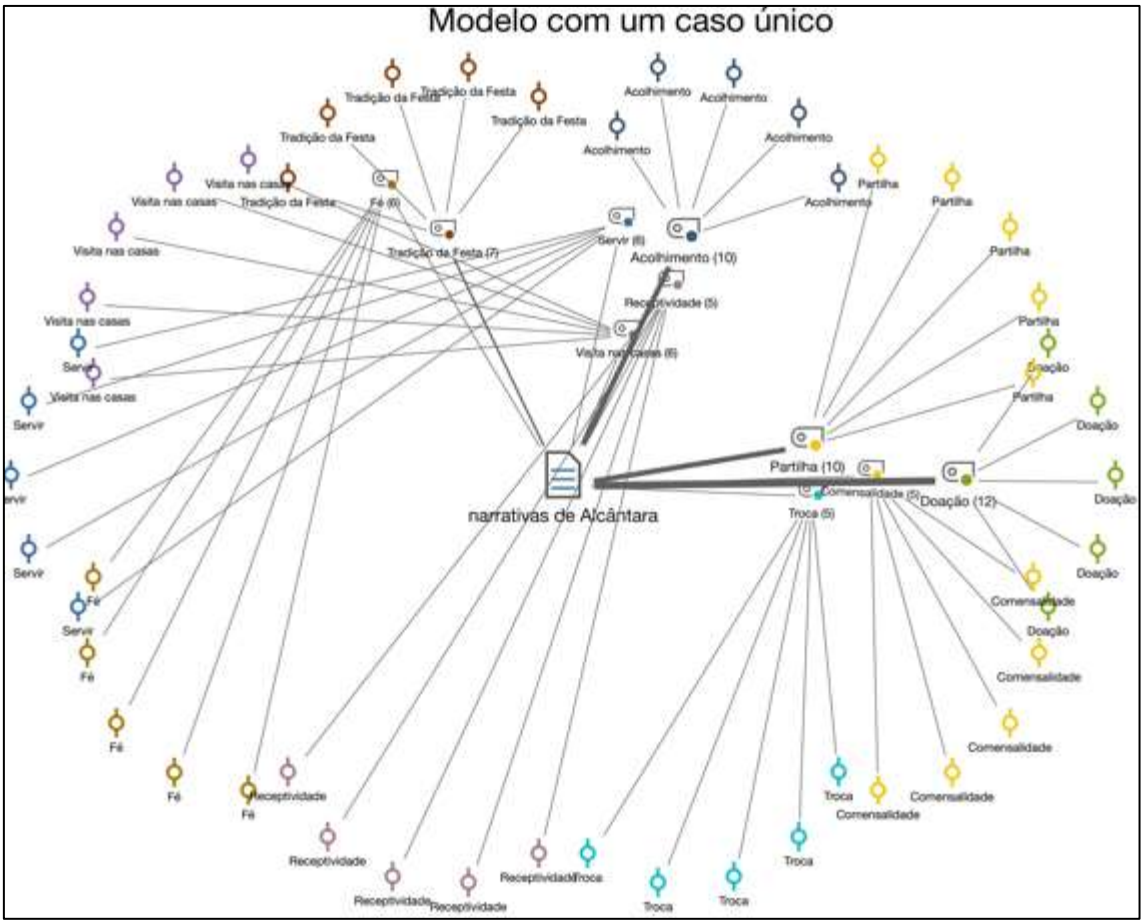
[36] Na entrevista o Professor Ferretti fez ilação direta com a Dádiva na teoria de Mauss.

servir, retribuir, confraternizar, troca, comunhão e Comensalidade, o que reafirma a ideia de um “para além da Hospitalidade mesma,” vai ao encontro do que está contido na Comensalidade indissociada da primeira.

Durante a coleta dos relatos, não era possível a mensuração, a força, o impacto e a representação dos termos (códigos), a exemplo do termo *acolhimento/Hospitalidade*, nem mesmo fora possível dimensiona-lo ao transcrever os relatos nas falas e impressões. Entretanto, ao utilizar o método de análise qualitativa do Max QDA, codifica e extrai em análise quantitativa, fez-se luz sobre o objeto da pesquisa ao percebe-lo cambiado para o topo do gráfico em Excel, que impôs uma hierarquia matemática, funde e intersecciona Hospitalidade e Comensalidade.

Em Criúva, a proeminência dos códigos repousa em: *acolhimento/Hospitalidade e Comensalidade.* Com o decorrer dos dias de entrevistas, depois de muitas conversas, ao ganharmos confiança mútua, o sentido das palavras que não lhes eram corriqueiras como Hospitalidade e Comensalidade e suas correlatas, apareceram na intenção e nos sentidos das frases e até mesmo no sentido literal do que era dito por eles, como presente nos áudios (arquivos). Códigos como: *gratidão; caridade; humildade; solidariedade; gentileza; medievalismo e gratuidade* (que apareceram na primeira lista de códigos) não constam no repertório de palavras utilizadas nas narrativas durante as conversas e entrevistas, o que não significa que não estejam intrínsecas às práticas dos moradores de Criúva. O termo medievalismo não aparece nos depoimentos, pois em Criúva a Festa do Divino Espírito Santo “nasce” e vem para o Brasil na bagagem dos açorianos. Entretanto, os códigos: *tradição,* família, catolicismo, ritual, e fé/confiança, apesar de não terem sido passíveis de mensuração (enquanto impressão), parecem apresentar uma ênfase ainda maior, um fervor, discursos e práticas iminentemente religiosos. Na Figura 39 o Modelo com caso único representa os códigos na frequência dos discursos dos alcantarenses, demonstrado na Figura 39.

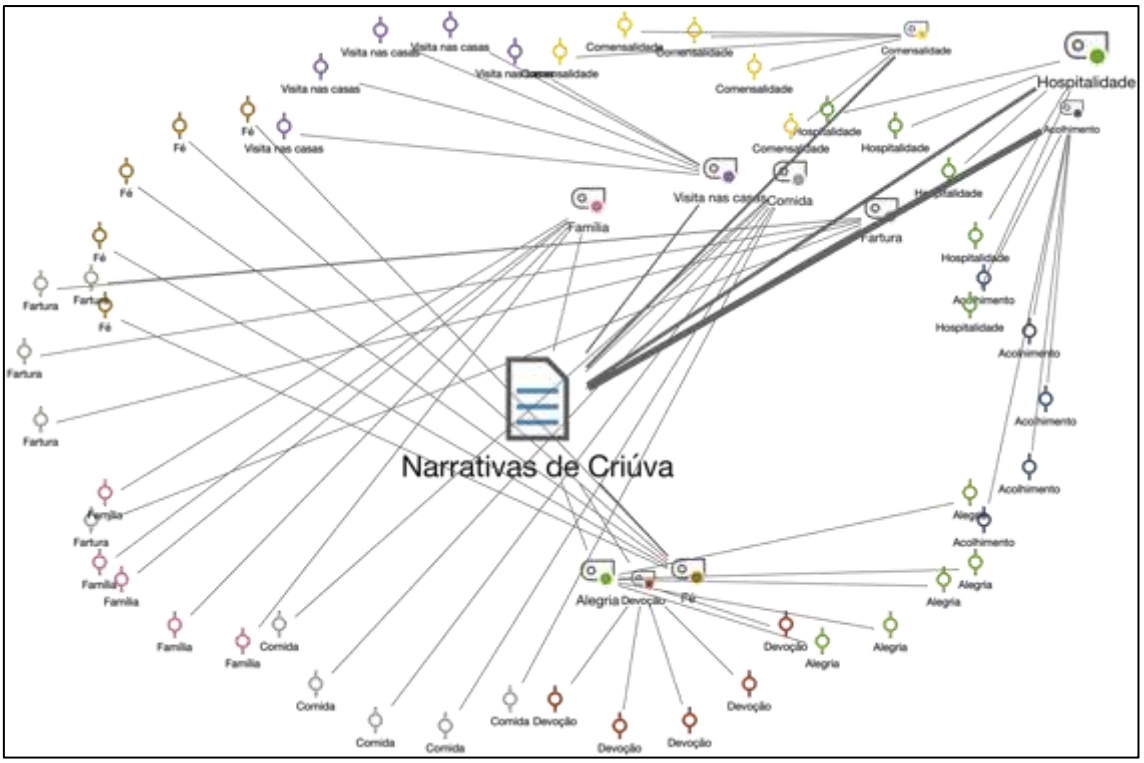
Figura 39 – Modelo com caso único-Alcântara



Fonte: Elaborado pela autora (2018), através do software Max QDA.

Em Alcântara, os vértices de maior intensidade repousam sobre os códigos: *Doação (12), Acolhimento (10) e Partilha (10),* o que evidencia que, para eles, *doação, acolhimento e partilha* estão imbricados, de maneira indissociável, intercruza-se com os demais códigos. Assim, o *acolhimento* está diretamente relacionado à *Comensalidade* e à *doação* envolvida, assim como à *partilha* com os visitantes e os próprios feitores ressaltam que *a Festa é acolhedora/hospitaleira, conta com comida farta no banquete ofertado aos que congraçam em nome do Divino Espírito Santo em Alcântara,* como demonstrados na Figura 40, de forma que: *Acolhimento, Hospitalidade e Comensalidade* tornaram-se os expoentes interseccionados com o restante da teia de códigos.

Figura 40 – Modelo de caso único – Criúva

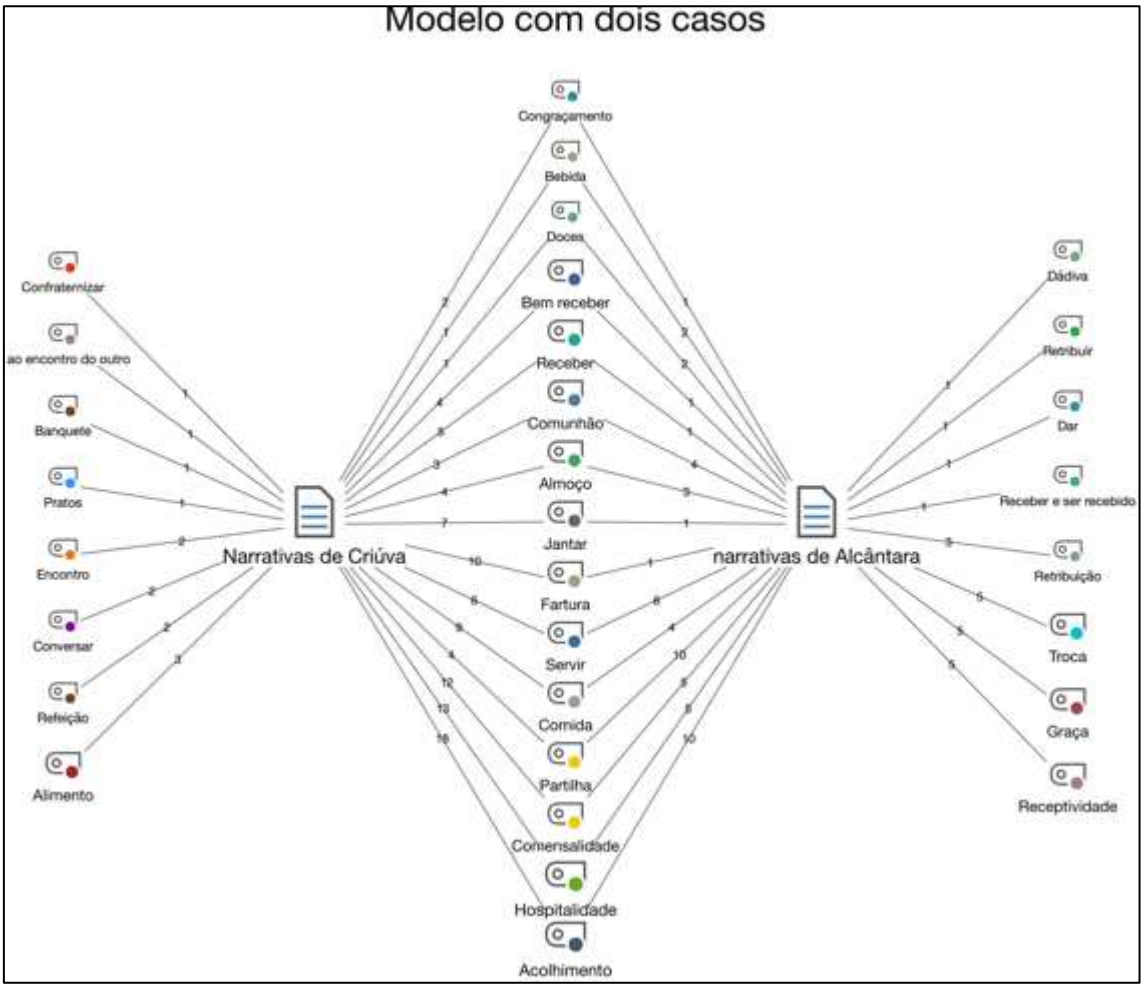


Fonte: Elaborado pela autora (2018), através do *software* Max QDA.

Mediante a análise quali-quantitativa no Max QDA, tem-se: o *acolhimento, a Hospitalidade e a Comensalidade* nos principais vértices, que os imbrica também aos demais códigos de forma a denotar que *a Festa é acolhedora/hospitaleira, conta com jantas e almoços fartos, ou seja, é a Comensalidade a forma e o meio pelo qual se dá a Hospitalidade entre os que congraçam em nome do Divino Espírito Santo em Criúva,* conforme depoimentos.

A seguir, na Figura 41, tem-se análise dos dois casos sobrepostos em teia relacional:

Figura 41 – Modelo com dois casos – Alcântara e Criúva – Hospitalidade e Comensalidade



Fonte: Elaborado pela autora (2018), através do *software* Max QDA.

Nesta demonstração, tem-se que Alcântara e Criúva convergem os vértices para os mesmos códigos, quais sejam: (de baixo para cima) os maiores valores repousam sobre *Acolhimento, Hospitalidade, Comensalidade, Partilha*. Mais uma vez a *Comensalidade* está imbricada nos meandros da *Hospitalidade*, ressaltadas nas narrativas, denotam também imbricação entre os demais códigos de modo amalgamado. Ênfase às duas análises anteriores.

Para melhor demonstrar os resultados, as narrativas de Alcântara e Criúva serão expostas em extratos, divididas pelos principais códigos de análise, demonstra ilações referidas nos mapas anteriores, gerados no Max QDA: *Hospitalidade; Comensalidade; visitas nas casas; sentido de vida; doação; família; tradicionalismo; agradecimento; religiosidade, Açores, Rainha e Fiore; Alegria; Cultura.* Importante marcar que alguns códigos se diluem entre os outros, de difícil separabilidade, o que

justifica a necessidade do uso de um software que peneire, acuidosamente, o sentido literal e a intenção de.

Nas entrevistas que apresento a seguir, opto por revelar os papéis dos entrevistados, ou os cargos que ocupam na festa, por acreditar na necessidade de relacioná-los diante dos discursos dos mesmos personagens, entre Alcântara e Criúva, facilita análise entre similitudes e diferenças. Na sequência, as falas estão compartimentalizadas de acordo com os códigos que as refere, o que providenciou aproximação para análise.

5.2 HOSPITALIDADE

Ao compreender Hospitalidade como acolhimento, na qual está sediada a relação entre Eu e Outrem na dimensão da dádiva, com acolhimento incondicional ao receber aquele que chega, abre mão do seu alimento em prol de quem necessita, percebi no ato comensal a própria Hospitalidade. Considerei ideia levinasiana de que o Eu não se apossa do Outro, simplesmente o compreende, como o implícito nas falas daqueles que recebem visitantes para festejar o Divino. “O homem inteiro é ontologia” (LÉVINAS, 2005, p. 24).

Assim, para saber sobre a Hospitalidade na Festa alcantarense, das primeiras investidas no campo de pesquisa em São Luís, o representante da Casa das Minas, Elsébio Pinto[37], que entre vários ensinamentos sobre Festa do Divino, África e Brasil, expressou suas impressões sobre a Festa de Alcântara:

> *Em Alcântara a Festa é católica e de promessa, diferente da Casa das Minas e toda feita pelas Caixeiras e as doações que recebem. Agora... sobre Hospitalidade e o alimento que é servido nas Festas do Divino, as duas são hospitaleiras, pois se preocupam em receber os fiéis com atenção e cuidado em fazê-lo sentir-se em casa.*

Ao chegar em solo alcantarense, o depoimento do Professor Francisco das Chagas[38], do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Maranhão, diz que: “*A Festa representa tradição e o alimento na Festa representa gentileza, partilha,*

[37] Entrevista à Autora em 2015.
[38] Entrevista a Autora em 2017.

troca, Hospitalidade. É como dizer seja bem-vindo. O povo é gentil com qualquer um que chegue independente de ser rico ou pobre".

Circulei pela cidade, encontrei alguém que vê a Festa maior distanciamento, Edil James de Jesus Nascimento[39], funcionário do Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais (INPE), de Alcântara, de religião protestante. Para ele trata-se de "*uma Festa que junta o religioso com o costume local*". Vê a Hospitalidade presente na receptividade dos festeiros e na partilha dos alimentos: "*A Festa para eles é o momento de ser acolhedor e receptivo com quem visita e compartilha com eles esse momento de celebração, afinal a viagem é longa".*

Karina Walesca[40], a diretora do Museu Casa Histórica de Alcântara, é uma das pessoas que fazem a Festa de Alcântara e que conhece a manifestação profundamente. Segundo ela: "*A cidade se programa para receber a todos. Tem uma questão de Hospitalidade aí, apesar de não ter uma infraestrutura própria para isso. Mas a acolhida é própria da Festa tanto a quem se diverte como a quem professa a fé".* Karina interpreta a Hospitalidade da Festa com o acolhimento oferecido a quem visita.

Moacir Brito[41] Amorim, em sua última entrevista (faleceria duas semanas depois de dar depoimento), coordenador da Festa do Divino em Alcântara, disse dos cinquenta anos que dela participou: "*Não há o que duvidar da Hospitalidade da Festa onde todos se reúnem para servir e ser servido, é uma Festa diferenciada onde em todas as casas você é recebido, no almoço e no jantar, com comida farta. É partilha, é doação e Hospitalidade".* Para Moacir, Hospitalidade está diretamente relacionada ao ato de servir a Outrem e à fartura oferecida a quem visita.

O Mordomo Régio, Haroldo Silva Moraes Junior[42], diz que é uma honra participar dessa Festa e dessa tradição que respeita a hierarquia e acompanha a sua própria evolução na Festa. Sobre Hospitalidade ele diz que a Festa é hospitaleira e feita para doar em agradecimento a tudo que lhes é conferido em graça:

> *A Festa é hospitaleira... É união, solidariedade, graça recebida, paz de espírito, perpetuação de valores e de tradição. É manutenção tanto do corpo quanto da alma; a Festa tem vários sentidos. A cidade para o acontecimento*

[39] Em entrevista a Autora em 2016.
[40] Em entrevista a Autora em 2016.
[41] Em entrevista a Autora em 2016.
[42] Em entrevista a Autora em 2016.

> *da Festa, é puro acolhimento e doação; é um período em que as pessoas ficam mais abertas, o Divino tem esse poder de transformação, por mais que você esteja em uma fase ruim, ele consegue te transformar e fazer com que você possa passar essa energia positiva para as pessoas que chegam. É a maior Festa que se tem em Alcântara e em se tratando de Festa do Divino, creio que é a maior do Brasil.*

Alguém que se emociona ao falar da Festa e demonstra conhecimento sobre os meandros da manifestação alcantarense é *Antônio Anastácio de Lima*[43], conhecido por Totó: "*Em primeiro lugar, o acolhimento é tentar fazer tudo que for possível em prol do Divino, acolher a todos muito bem. O festeiro não faz a Festa sozinho, todos da comunidade se envolvem".* Denise Serejo[44], estudante de Turismo E participante assídua da Festa, diz sobre a atmosfera de Hospitalidade que permeia a prática cultural: "*Ficam preocupados em receber, em agradar de verdade, em ter aquela Hospitalidade de forma que os visitantes venham, participem da Festa e saiam falando bem, bons comentários, 'comi bem, bebi bem,' isso é Hospitalidade, entendeu?"* Há unanimidade na reflexão que fazem os entrevistados alcantarenses sobre a forma de receber o Outro nos dias de Festa. Lançam mãos de verbos como agradar, acolher, servir, doar e receber, sinonimizaram a Hospitalidade.

[43] Em entrevista a Autora em 2016.
[44] Em entrevista a Autora em 2016.

Figura 42 – Banquete na Casa do Divino de Alcântara – Mordomo Baixo – Bruno David

Fonte: Bruno David (2015).

Ao iniciar as entrevistas em Caxias do Sul, tanto na cidade quanto no Distrito de Criúva. Participei dos momentos que antecedem a Festa em si, dos treinamentos, das reuniões em preparatórias das primeiras entrevistas. Ele explicou as palavras do Padre Pedro sobre a Hospitalidade que esperava no Divino:

> *Nas palavras de Pe. Pedro, quando disse que esperava que o Divino Espírito Santo lhe fosse hospitaleiro no céu, referiu-se à confiança que tinha no Espírito Santo, de que ao morrer ele seria acolhido no céu, que lhe daria a Hospitalidade e a Comensalidade necessárias*[45]*.*

Interessante a colocação do Padre Pedro sobre a expectativa de que o Divino lhe conferisse Hospitalidade no céu, vários feitores da Festa em Criúva relacionaram a hospitalidade, o bem receber como característica da Festa do Divino Espírito Santo. Ainda com o Sacerdote, conjecturo sobre a Festa em Criúva, se necessariamente falamos de acolhimento, alimento e Hospitalidade e ele endossa essa conclusiva: "*No caso de Criúva sim! Se formos ver toda a Festa e a tradição que tem lá até hoje,*

[45] Padre Nodari, Em entrevista a Autora em 2016.

sempre tem a novena do Espírito Santo, depois tem evidentemente a refeição e tem também toda a perspectiva da diversão, então as pessoas rezam, jantam e dançam".

Em conversa com Padre Elói (quem me levou a Criúva pela primeira vez), para seguirmos nos feitos memoráveis do Pe. Pedro, que tanto significa na história da Festa do Divino de Criúva:

> *Padre Pedro, é um Padre que é humano e pede que seja acolhido no céu, ainda que seja pecador, mas foi um trabalhador e que o Espírito Santo lhe ajude, aceitando-o e acolhendo-o, dando Hospitalidade a este trabalhador cristão que praticou solidariedade e caridade apesar de ser um homem, passivo de erros.*[46]

Padre Elói fala também do estar à mesa em Criúva no período da Festa, fala da Hospitalidade explícita nesse ato:

> *A reunião em torno da mesa também leva a Hospitalidade, ao encontro das pessoas, não só no momento da fé, mas também no momento do alimento, porque é ali que as pessoas se encontram para conversar e ir ao encontro de outras pessoas, o que não se consegue fazer no dia-a-dia*

Em outro momento, converso com Quissini[47], um dos organizadores da Festa. Interessante dizer que na primeira vez que eu perguntei a ele sobre a Festa de Criúva ser hospitaleira, ele me parecera admirado com a indagação, com uma expressão de quase ofendido, me diz enfático: "*Com toda a certeza os membros que fazem a Festa de Criúva se esforçam para receber a todos da melhor forma possível. Desde 1889 quando a Festa surgiu trazida pelos imigrantes açorianos em Criúva quando pertencia a Santo Antônio da Patrulha"*.

Quando presenciei a Festa, no primeiro dia em frente à Igreja, havia uma grande mesa de doces, refrigerantes, uma cachacinha para espantar o frio e todo o povo em torno da mesa, comia, conversava, ria, retratos do acolhimento à medida que eles pareciam mesmo congraçar, (re) encontrar familiares e amigos, isso é acolher em nome do Divino Espírito Santo. Por tal, comento com Quissini que os elementos dispostos em frente à Igreja parecem representar acolhimento, ao que ele responde: "*Concordo. Eu não conheço outros lugares da Festa do Divino, só conheço aqui em Criúva e dos Açores, que eu participei lá, mas esse acolhimento tem lá também".*

[46] Padre Eloi, Em entrevista a Autora em 2017.
[47] Em entrevista a Autora em 2017.

Questiono Quissini sobre o Hino do Divino, criado por Boca de Sino, ao pedir que na mesa não falte o pão e Hospitalidade, o que aproxima mesa farta e Hospitalidade, ao que ele responde:

> *Com certeza. Concordo. Porque em todas as visitas que a gente chega é cantada essa música, né? E é desejado muita fartura na mesa de cada um. E o bem receber. A Hospitalidade, né? Que aqui em Criúva a gente tem, graças a Deus, muita Hospitalidade. Não só em Criúva, em toda a nossa região aqui. Precisa ver como a gente é recebido em qualquer lugar que a gente chega principalmente quando a gente estiver com a Bandeira do Divino.*

Marinez Grisan[48], participante há muito da Festa do Divino, também explica: "*O povo de Criúva é acolhedor, por si só. E quando tem as Festas mais ainda. Porque ele recebe as pessoas, não importa quando ele chega aqui, o ônibus está lotado, não tem lugar, mas o povo arruma lugar porque ele é bastante hospitaleiro. Ele quer receber as pessoas".* Converso, ainda com uma turismóloga que se autodenomina como criuvense, Guadalupe Traslatti[49]. Me interessam suas impressões sobre a Hospitalidade da Festa.

> *As pessoas já me narraram isso quando saio pra divulgar e pra falar da boa comida, enfim, eu acho que pode não conhecer a cozinheira, não conhecer quem assou aquela carne, mas o elo de ligação daquela energia boa se dá mesmo e as pessoas tem esse tempo, né, e aí a comida faz essa troca de energia que acaba sendo quente, mas muito mais que isso o amor mesmo que é uma forma de dizer assim: 'Nossa, como a gente tá feliz com vocês aqui' sem falar... Congraçamento... que venha e volte sempre e aí , né, tu não vai nunca parar de comer e aí o momento que tu parar vai ficar na tua memória e numa outra ocasião que tu vier, tu vai lembrar de novo o momento que tu viveu e tu vai te alegrar e tu vai sorrir e até os gestos e as expressões faciais são a melhor forma, na minha opinião de dizer que tu gosta de vir aqui.*

Guadalupe faz ilação direta entre a Hospitalidade e a Comensalidade, é a última a mesma que a primeira. Aqui, exemplo do ir além da Hospitalidade e da Comensalidade isoladamente. A empresária Claudia Traslatti[50], proprietária de uma agencia de turismo no local, perguntada sobre as práticas em relação às Festas e o receber em Criúva, é enfática:

> *Muito, muito. Ela é super. presente, porque quando a gente recebe a Bandeira, está acolhendo ela e eu, por exemplo, sirvo para a Bandeira, para*

[48] Em entrevista a Autora em 2018.
[49] Em entrevista a Autora em 2018.
[50] Em entrevista a Autora em 2018.

> *os festeiros. Parece que é uma obrigação minha porque eu não nasci aqui, casei com uma pessoa daqui e aprendi com ele a gostar da Festa e do local. E daí, como eu sou a última da família de meu marido aqui, parece que tem uma obrigação assim de servir um almoço para os festeiros que caminham com a Bandeira do Divino. Então isso, pra mim, é acolhimento. Estou acolhendo eles no meu lar, acolhendo a Festa, mesmo que eu não vá muito com a "lata" dos festeiros, nem eles com a minha. Não importa porque, eu tô acolhendo a Festa, o Divino. A sequência da história é a Festa do Divino.*

Para Claudia, as diferenças entre os sujeitos são deixadas de lado durante a Festa, porque é esta o que realmente importa.

Glória Romanni[51], proprietária do restaurante local, perguntada sobre sentir-se partícipe do acolhimento durante a Festa e a energia que o permeia, esclarece:

> *Sim. Sempre tem o abraço. Eu sirvo café no domingo da Festa... Sempre tem gente pra tomar café. Faço uma grande mesa de doce, tem queijo, tem salame... Das sete da manhã até terminar. Eu faço sapecado[52], tiro as panelas de cima do fogão, deixo os caras fazer o sapecado também. Aí assim tomam café com muita torta, né? E cada um dá o seu valor assim.*

Glória trata da questão em dimensão da dádiva, da troca, quando cada um oferta o que tem de especial e o ciclo se perpetua. Independente do negócio gerido por ela envolver alimentos, ela também se propõe a doar e receber com simpatia aos visitantes.

Conheci as pessoas que formam a brigada de cozinha para a Festa do Divino no andar de cima do salão paroquial. A quantidade de alimentos ali contida só poderia ser descrita em toneladas. Conversei com Helena Casagrande[53], uma das responsáveis pela feitura dos alimentos, expliquei sobre a pesquisa, a Comensalidade e a Hospitalidade como meu objetivo de pesquisa e a questionei: Se você pudesse resumir a Festa em uma palavra, o que diria? Ela respondeu: "*Assim, é uma Festa muito grande, um exemplo de Hospitalidade, né? Uma Festa que todo mundo ajuda, colabora e a gente trabalha unido'.* A Hospitalidade, na sua visão, se ajusta à ajuda, à soma, à colaboração, em mais um reforço ao dar, receber e retribuir. Sobre a fartura de alimentos, acrescenta: *"É sinônimo de muito acolhimento, né, as pessoas são muito bem acolhidas. A gente procura fazer o máximo pra agradar".* Para ela, ainda, a festa em uma palavra seria "*Hospitalidade e fé*".

---

[51] Em entrevista a Autora em 2018.
[52] Sapecado é quando o churrasco passa do ponto.
[53] Em entrevista a Autora em 2018.

Figura 43 – Preparação dos alimentos para a festa do Divino em Criúva

Fonte: Produzido pela autora (2018).

Lauri Zanella[54], encarregado da cozinha, entra na conversa, explicado a importância da comida, na comemoração:

> *Eu acho que é assim, ó, bastante é pela comida, também assim eles vêm pelo acolhimento, porque a gente acolhe bem as pessoas e tem muita gente que é devota do Divino Espírito Santo. Então, eles comparecem pelo fato de ter acolhimento, isso é muito importante. Nós, da diretoria, como todos os festeiros, a gente começou essa Festa, na verdade, em 24 de fevereiro, com a louvação de casa em casa, onde os devotos do Divino recebem em sua casa. Foram em torno de 1.200 louvações, 1.200 visitas este ano. Tanto que do dia 24 até hoje, dia 20 de maio, praticamente são três meses de Festa, que os festeiros saem durante a semana, três dias da semana e sábado e domingo. Eles visitam 22 a 23 casas por dia. Agora então, como essa semana começou a novena, então agora eles pararam de fazer louvações. Agora só ano que vem.*

Ainda para o senhor Lauri, a Festa é *acolhimento:*

> *É, é mais acolhimento (...) é o toque, a comunhão. Tem tanta coisa que a gente nem lembra. Mas é essa parte de acolhimento (...) comunhão, alegria, porque é uma Festa de bastante alegria. A gente faz bastante amizade, a gente forma uma família aqui dentro, tanto com os festeiros como a equipe. Então, é uma família e todo ano nos montamos uma família.*

[54] Em entrevista a Autora em 2018

Jorge Boca de Sino[55], o poeta autor do Hino e o último dos companheiros do Padre Pedro também destaca hospitalidade nos festejos de Criúva: *"Pe. Pedro dizia que a Festa do Divino necessitava três coisas (...), muita oração, uma comida farta e uma boa diversão com muito respeito, tradição,* família, catolicismo, ritual, e fé/confiança, *Isso são as coisas que ele deixou no legado pra nós".*

Figura 44 – Jorge Boca de Sino, um dos últimos companheiros do Padre Pedro

Fonte: Produzido pela autora (2018).

Mariana Festtugato, coordenadora geral da Festa em 2018, quando da entrevista[56] está, *pilchada*, ou seja, paramentada para a festa com trajes do tradicionalismo gaúcho, falou sobre a acolhimento:

> *As pessoas me pergunta como que é a Festa do Divino. Tu, vivenciando ela, saindo nas louvações, eles nos aguardam (...) eles arrumam a casa, eles perfumam, isso e acolhimento. Preparam o alimento, é mesa farta, é muita comida. Padre Pedro sempre falava e os padres de agora sempre pedem que a gente 'tem que dar uma beliscada!' Porque eles ficam esperando com muita ansiedade por essa visita, que é a mais importante, porque pra eles a visita do Divino, o Espírito Santo é a data mais importante do ano.*

De novo há ilação entre Hospitalidade e Comensalidade. A Festa do Divino Espírito Santo de Criúva, a cada depoimento, se mostra genuína em acolhimento. Marianna fala ainda sobre o Padre Rizzon, sobre sua competência empática, de estar

[55] Em entrevista a Autora em 2018
[56] Em entrevista a Autora em 2018

sempre pronto para ajudar e acolher, no caso dela, o que aliviou com um abraço, a dor de uma ausência:

> *O padre Pedro Rizon foi uma pessoa, uma figura muito importante na vida de todas as pessoas daqui. (...) e eu perdi minha mãe muito jovem e teve uma homenagem para as mães num domingo. No Dia das Mães... E o meu pai, viúvo, estava sentado na Igreja quando a professora disse: agora cada um de vocês vai ofertar essa flor que vocês fizeram, confeccionaram na escola. E as minhas outras duas irmãs foram e choraram para o meu pai, né, e foram abraçar o pai e eu não tinha para quem ir. Adivinha quem veio? O Padre Pedro de braços abertos no meio do corredor... E eu Guardo essa imagem do padre sabe... quando eu fui convidada para a Festa, para ser festeira de honra, eu lembrei dele, eu não posso dizer que não.*

Concluo que algumas palavras, elementares para a pesquisa em relação à Hospitalidade, aqui também aparecem constantemente: doação, servir, alimento, acolhimento, algumas vezes a palavra mesma Hospitalidade. Elas até surgem imbricadas, amalgamadas, não necessariamente hospedar alguém tem sentido primeiro em trocar conforto e alimento por dinheiro, como hospedagem a em um hotel.

Em Criúva, há compreensão intuitiva sobre Hospitalidade. Ali, quando pedia uma informação, por exemplo, sobre a localização de um restaurante, ouvi como resposta: *"Pena que eu já almocei, senão você almoçava comigo.* Mariana me disse:

> *Eu comentei com minha irmã e disse: eu queria receber a Cris na minha casa, tomar um café... Conversar contigo, entende? Assim conversando, tomando um café, meu jeito bem simples, mas te receber bem, esse é o jeito que nós recebemos, é o jeito criuvense. (...)Eu sai daqui depois que me casei (...) Voltei quando me aposentei e fui muito bem recebida pelo povo de Criúva. Eu tenho uma gratidão muito grande. Eles me demonstraram fazendo o convite, porque ser festeira de honra é um título que se dá a uma pessoa que trabalha na comunidade, que se doa, que não vai ter oportunidade pelo fato dela ser viúva ou solteira por opção. Ela nunca vai conseguir ser festeira, entende? Então foi um título criado exatamente por isso e olha só isso, o que me deram, isso é muito grande. Então pode ter certeza que isso tudo, também tem, tá no fundinho, no coração, dessas pessoas que tem o padre Pedro Rizzon e o Espírito Santo sempre.*

Penso, ao escrever no diário de campo: isso é puro acolhimento! -Você voltou e foi acolhida pela comunidade, já te deram um título desse, diz o quanto você é importante para eles. Nas palavras dela: "*Pra mim é uma benção, foi benção esse convite".* No depoimento de Mariana, a imediata imbricação entre a Festa, o Padre Pedro, a mesa farta, o acolhimento e a Hospitalidade.

As entrevistas sobre a Hospitalidade encontram sedimento em Lévinas, ao evidenciarem que a essência do humano está na capacidade de acolher o outro, e o resultante decorrente desse acolhimento ecoa nas sociedades com laços sociais que carecem de reforço constante e se consagram nas práticas de cidadania assentadas nos valores do acolhimento do outro, numa ontologia de respeito do Outro para com um Outro.

Para Lévinas (2005), no *'ser'*, em seu esforço de ser, está contido o verdadeiro humano. É no esforço de ser dos festeiros, membros do Império do Divino e demais colaboradores, que eles se colocam na condição ontológica do ser para além da mera existência, além do ser enquanto ser, para um ser em direção ao Outro. Assistem a quem precisa, a quem chega para louvar ao Divino, ao desfavorecido, aos participantes da louvação, locais ou estrangeiros que atravessam a soleira da porta no período da Festa.

À medida que os entrevistados dizem que a Festa do Divino é hospitaleira, denota aspectos peculiares do fazer da manifestação na perspectiva do acolhimento à Outrem. Hospitalidade transmitida pela capacidade de alteridade dos que fazem a Festa do Divino em relação aos visitantes.

5.3 COMENSALIDADE

Baseada em Soares e Camargo (2015, p. 42), "dividir o alimento com o próximo consegue superar a necessidade básica de saciar o apetite [...]". É mais do que isso, é congraçar, comungar. Tomaram Comensalidade, precipuamente como ato de comunhão e reciprocidade entre os convivas, analiso o ato de comer junto mediante os discursos sobre partilha. Partilhar é movimento solidário, ininterrupto de acolhimento e reafirmação dos laços sociais.

Diante do fomento da ida do Eu em direção ao Outro, em desejo e bondade, empatia e alteridade, ressignifica a relação para com quem atravessa a soleira da porta, calcada em ideias levinasianas, justapondo concepções que repousam sobre o amor, a justiça, simpatia e empatia, é que encontro, nas ações e interpretações dos sujeitos que dizem da Festa, outra vez evidências da Comensalidade interseccionada

com a Hospitalidade. Assim, volto a Alcântara, Haroldo Silva Junior[57] agora fala sobre o que é doado para a Festa: "*O alimento doado na Festa é doação sendo retribuída pelas graças recebidas e quanto mais você dá, mais você recebe".* Na fala de Haroldo, está contida a dádiva em um dar, receber e retribuir. Ao concordar com Haroldo, Moacir *Brito* afirma trata-se de "*uma Festa diferenciada onde, em todas as casas, você é recebido no almoço e no jantar com comida farta".* Karina Walesca complementa:

> *Tem os rituais de preparo de toda a Festa e também dos alimentos, pois não é um alimento qualquer, mas o alimento em prol do Divino, uma mesa do Divino Espírito Santo. Tem os doces e as pessoas certas que sabem o ponto exato do doce de espécie, toda a forma de preparo é considerada. Existem os materiais adequados, não pode ser qualquer material e nem qualquer pessoa.*

Figura 45 – Confraternização e acolhimento em casa de alcantarense durante festa do Divino Espírito Santo

Fonte: Serejo (2018).

Denise Serejo, explica o enredo da Festa, relativo a Comensalidade:

> *São doze dias de Festa, dias em que as pessoas almoçam nas casas, ainda tem as visitas com distribuição de doces e chocolates, tudo com doção, recebimento de 'jóias' que são doadas de coração e ajudam bastante para fazer a Festa porque é cara. Se recebe com bastante comida e Hospitalidade também.*

[57] Em entrevista a Autora em 2017.

É de comunhão e reciprocidade que ela fala. A Comensalidade impõe suas regras e normas na Festa, na visão da Mordoma Baixa Milena Moraes de 2017:

> *A mesa do Império é uma, a mesa das Caixeiras é outra. Na mesa do Império quem se serve primeiro são os mordomos, é o imperador e o mordomo régio e os mordomos baixos. E na mesa das Caixeiras são as Caixeiras, Bandeiras e bandeireiros. Bandeirinhas e bandeireiros. A mesa do Império é separada...*

Figura 46 – Mordoma 2016 da Festa do Divino de Alcântara

Fonte: Haroldo Junior (2018).

Nestes dois extratos tem-se que o alimento está presente nos momentos mais marcantes, é elemento agregador e mediador, ele organiza, hierarquiza na encenação do império, define os espaços, ao mesmo tempo que está à disposição de todos para o congraçamento e comunhão.

Dos achados em Criúva, sobre a Comensalidade contida na Festa, Padre Elói[58] se refere ao alimento como fato de se estar ao redor da mesa, como oportunidade para o partilhar e um veículo para a Hospitalidade e sociabilidade do grupo:

[58] Em entrevista a Autora em 2017.

> *Junto dessa Hospitalidade há o alimento que é servido, a partilha daquilo que a comunidade tem para dividir. É um momento de estar junto com outras pessoas que não se dá só à mesa, mas se dá num todo. Depois da janta ou do almoço tem aquela confraternização, troca-se de mesa, conversa com um e com outro, é um encontro, é Hospitalidade...*

Padre Elói me apresenta José Cavalli, experiente personagem da Festa criuvense que explica:

> *Tem o alimento doado, mas tem também a janta, que é paga e ajuda a cobrir as despesas. Teve época de se tirar do bolso... A partir dos anos de 1970 os almoços e jantares passaram a ser pagos e a ajuda é para a comunidade. Já arrecadamos até mais de 300 mil reais em doações, mas temos muitas despesas, de quase metade desse valor. Só de conjunto de música se gasta uns cinco mil reais, por aí vai. Trabalham cerca de onze festeiros e mais dois casais de mordomos e cinco pessoas na louvação. Têm os garçons, churrasqueiros, cozinheiros, umas trezentas pessoas ao todo. Só no cortejo são umas vinte pessoas, contando com as Aias. Usamos bombacha e lenço (os homens), as mulheres usam outras roupas porque essas são pesadas.*

Ele justifica as refeições pagas como necessárias para a continuidade do legado que, em Criúva, é de custo elevado. Ao ser indagado sobre o pagamento em troca de alimento, ele diz que o valor é para ajudar na festa e dá ênfase aos ajudantes que trabalham gratuitamente e recebem bem quem chega em agradecimento ao Divino Espírito Santo. Sobre o mesmo assunto, Quissini diz ser:

> *Uma Festa gastronômica onde se serve o que se tem de melhor e o que é típico do lugar para servir a todos que vierem, indiferente a origem ou religião. Os dias que servem alimento são vários, tem uma grande equipe que cuida de tudo para não faltar nada. [...]. Durante as visitas nas casas são sempre servidas jantas para todos que comparecerem, onde partilhamos a mesa e a fé. Tem os almoços dos mordomos (é o que recebe os visitantes e oferta uma refeição aos ex festeiros, crianças, grupos de oração, 30 dias antes do final da Festa), também gratuitos. Só são pagos almoços e jantas durante o período de novena, é dessa receita que pagamos os maiores custos da Festa que giram em torno de R$ 150.000,00, em média.*

Mais uma vez, questionado sobre a janta paga, Quissini diz ser necessário, mas enfatiza que o servido nas casas, momento de comunhão, é gratuito e fruto de acolhimento[59].

[59] Notas do diário de campo.

Quissini também dá exemplo do que será servido naquela noite: "*Janta, comida típica campeira. É um feijão tropeiro, é uma farofa de pinhão, comidas fortes inclusive. Outros dias terão: sopa de agnoline, galeto, churrasco, maionese, salada, pão e vinho, música até de madrugada".*

De volta à conversa, Guadalupe Traslatti, diz do sonho que as meninas da sociedade de Criúva nutrem, DE crescer e servir à mesa nas Festas ao Divino:

> *Servir as mesas na Festa do Divino era um sonho pra gente crescer, ser adolescente, ter altura pra entregar os pratos. Então, nós crescemos pra levar essa comida à mesa pras pessoas e não tinha coisa mais legal do mundo. E muito da minha pessoa era assim, não para ir depois no baile, porque eu sempre gostei de dançar e tudo mais, mas era principalmente aquela coisa de estar fazendo parte da sociedade de Criúva e bem recebendo as pessoas.*

Retorno à brigada de cozinha, tento descobrir as quantidades, busco mensurar, E para isso entrevisto Helena Casagrande[60] que não consegue responder com precisão: "*Não chegamos a fazer um cálculo, né. Durante esses 10 dias são muitos bois, sabe? (...) Mas o agnolline vai, tipo assim, uns 500, 600 quilos. (...) Frango, tipo 2.500 quilos no espeto, mais de 400 quilos de galinhas, né, pra fazer o caldo do agnolline... (...) E mais o molho, tem mais frango pra fazer os troteis.*

Silvana Sandri Biazus[61] enfatiza: "*Tem a noite dos troteis que a gente serve aproximadamente mais de 1.200 jantas. Tem a noite do macarrão também, que são 500 a 700 jantas. Então, assim, a gente não fez um cálculo, né, então é muita carne que vai, é muita massa".*

Volto a entrevistar o Jorge Boca de Sino e pergunto sobre a fartura:

> *É obrigado ter fartura sempre. Na Festa do Divino, por ser açoriana a tradição que veio de Portugal pra cá, né, trazidas pelos bisavós e avós aqui justamente em Criúva, mais é no Distrito de São Jorge da Mulada que se reencontraram ali os Pereira Froz, que era gente lá de Portugal, ele era da ilha dos Açores. Então, eles faziam a Festa do Divino e quando vieram para o Brasil, eles trouxeram a imagem do Divino, a Bandeira, que é a principal, mas porque o Divino a gente não enxerga ele, né? O Espírito Santo, né? Então eles vieram com uma Bandeira e fundaram aqui. Daí começaram a sair nas casas com aquela Bandeira, então, e quando era o dia de visitação das bandeiras, dia da louvação então eles já avisavam que naquele tempo era todo mundo a pé, à cavalo, não tinham condução, não tinha nada no tempo do meu pai e ainda era assim, né? Bem, então eles avisavam na linha assim e diziam que no dia tal eles iam visitar. Então eles saiam de manhã, chegando nas casas aquela comitiva, então todo mundo se preparava com comidas e bebidas, faziam o*

[60] Em entrevista em 2018.
[61] Em entrevista em 2018.

> *maior banquete esperando todo mundo. Tomavam banho lá na colônia, mudavam de roupa, as crianças ficava tudo limpinho pra receber a Bandeira porque a devoção era muito forte. Eu tô falando isso lá pelos anos 30, 40, que eu nasci. Eu ainda era neném mais ainda vi muito essas coisas porque eu era pequeno e tinha uns cinco ou seis anos foi quando eu vi a primeira vez. Então quando havia batida do tambor, a mãe já pegava uma moeda pra cada criança que tinha pra doar de oferta pra Bandeira e fazia era sequilhos, era merengue, era bolacha, era um café forte, um vinho que tinha pela região e todo mundo oferecia.*

Boca de Sino expõe a herança cultural açoriana na Festa marcada pela abundância de alimentos, pois é "*um sinal de fartura, né? Era muito bom e pra atender bem aquele povo. Então ali, nós virava os festeiros e aquele festeiro fazia a Festa ficava uma semana ali na casa que tinha aqueles fornos grandes, a lenha e ali fazia pão, sequilho, bolacha, assava leitão, galinha que ganhavam, uma ovelha, uma vaca, ganhavam uma vaca e aquilo ali todo mundo comia de graça, não cobravam nada de ninguém, né.*

Ele relaciona o alimento com o bem receber, voltamos às imbricações entre Comensalidade e Hospitalidade. Na organização da vida cotidiana, agora calcada em Carneiro (2005), considero que vários fatores influenciam nos hábitos alimentares, os critérios morais e tabus religiosos. Parece então, comum a relação entre Hospitalidade e Comensalidade, características que definem uma sociedade, ainda que haja variações sobre o que comer e quando comer justo pelos preceitos. A Comensalidade é comum a todas as religiões como momento de interação, festividade e alegria. Busquei maior compreensão junto a Sandra Alves[62], que participou durante algum tempo da Festa do Divino de Criúva, atualmente pesquisadora das tradições e da Festa:

> *Nós aqui sempre oferecemos um café, então a gente tem o costume de marcar de acordo com aquele horário para servir um bom café, comidas tradicionais da nossa casa: pinhão, pão, cuca, um café farto e depois eles ainda vão seguir viagem, entrar em várias casas para depois jantar, então nós temos esse costume, mas não é obrigatório.*

Questiono o que seria obrigatório, é o que apenas costumeiro, Sandra Alves é quem diz:

[62] Em entrevista no ano 2018.

> *A gente sabe que toda casa oferece alguma coisa para eles além de uma contribuição para a Festa e essa questão da alimentação está também ligada ao queijo do Divino, é que começou o costume de cada pequeno proprietário doar um pouco de leite para fazer o queijo gigante que será sorteado ao final da Festa. Então o vínculo com essa comida eu vejo relacionado a isso. Todos se juntam e doam o leite que é tirado naquele período de Festa para fazer o queijo e o queijo (que varia entre 180 e 150 kg é uma atração também), agora, o Luiz participou do bodo do Divino nos Açores e lá não tem custo nenhum, fazem os pães, a sopa, a procissão para as crianças, tudo gratuito e na Ilha Terceira (em 2005) eles fizeram a alcatra e os pães e aquilo eu identifico como o verdadeiro bodo servido para as pessoas carentes.*

A própria entrevistada, ao me receber em sua casa, nos três encontros que tivemos, providenciou farta mesa para nossa degustação, com café quente, chimarrão e o fogão à lenha aceso, devido ao frio que fazia.

Figura 47 – Casal Alves ao lado da Bandeira do Divino

Fonte: Produzido pela autora (2018).

O acolhimento e a Hospitalidade transmitidos aos visitantes indissociado da Comensalidade, numa reafirmação dos laços sociais e os princípios de alteridade, evidenciaram nas análises das narrativas sobre as trocas no decorrer da Festa. Forma das mais reconhecidas de Hospitalidade, em todas as culturas, é o compartilhar à mesa. Comer junto assume significado ritual e simbólico, superior à simples satisfação fisiológica. Essa forma de partilha, de troca e de reconhecimento, é quiçá Hospitalidade para além dela mesma. “Na acepção ordinária, o comensal assume, antes de tudo, a figura do hóspede. Ele se identifica, desse modo, sob o termo genérico de convidado ou, de maneira mais específica, de conviva, porque a noção de Comensalidade condensa os traços da Hospitalidade e os da mesa” (BOUTAUD,

2011, p. 1213). A Comensalidade então, enquanto processo de mediação do acolhimento, contém sua própria Hospitalidade ecoada pela comunicação interpessoal que é “carregada de conteúdos não verbais ou de conteúdos verbais que constituem formulas rituais que variam de grupo social para grupo social” (CAMARGO, 2004, p. 31), o que resulta em sociabilidade.

5.4 VISITAS NAS CASAS, FAMÍLIA

Inspirada em Cascudo (1983, p. 26) e Abreu et al. (2001) reflito agora sobre a “escolha de nossos alimentos diários ao estar intimamente ligada a um complexo cultural inflexível”. A família é o primeiro desses grupos de influência. O ambiente familiar se caracteriza por uma forma de vida, uma cultura própria influenciadora e reafirmadora da forma de relacionar-se com os alimentos, para simplesmente saciar a fome ou para festejar ou agradecer, repassam essas práticas culturais de geração em geração.

As visitas no seio familiar, durante os dias de Festa, são comumente citadas nas entrevistas alcantarenses, pulverizada nos discursos de inúmeras formas, referem-se ao momento do encontro, de cear com os pares, de recolher donativos e abrigar festeiros e outros personagens, que estão diluídas no corpo das narrativas oportunizadas em outros códigos aqui dispostos. Entretanto, mais do que o momento da ceia, outras questões que envolvem a sociabilidade dos grupos visitados e visitadores, são também ponderadas, pensadas e organizadas ainda no interior da Igreja Católica.

Em Caxias do Sul, é providenciado um curso preparatório para o grupo que visita as casas, o que afeta O Distrito de Criúva, já que alguns membros da organização circulam em ambas as Festas. Ainda na primeira entrevista com Padre Paulo César Nodari, ele explicou que estudos são feitos antes do período da Festa do Divino, época que preparam a equipe para as visitas nos lares dos devotos. Tive a oportunidade de participar do treinamento, melhor compreendi o compromisso cristão desses visitadores. O Padre me explica: “*Estudamos quem é Jesus Cristo (Kerígma), depois o tema foi a missão da Igreja (missão de evangelizar, levam a palavra de Jesus às casas) e por último a prática do que será feito nas casas durante a visita em seus*

aspectos práticos, informamos também sobre o tempo da visita e que não devemos ficar fazendo perguntas invasivas aos familiares".

Ao visitarem os lares, os alferes levam a Bandeira as casas e rezam. O grupo de músicos e imperadores acompanham todas as novenas, disse Cavalli[63]. Tais visitas se iniciam muito antes da abertura oficial da Festa, como explica Quissini[64]:

> *A louvação do Divino, que se inicia 60 dias antes do final da Festa, já tem o acolhimento presente nessas reuniões iniciais. Também visitamos, escolas, casas, repartições, distribuímos bênçãos e orações e até podemos recolher donativos, quando alguém se prontifica a oferecer ajuda (é uma característica da Festa). Aqui, nós só conseguimos fazer à noite as visitas, porque à noite as pessoas estão em casa e lá, vai de dia e vai todo dia, né. Fazer as visitas com a Bandeira das casas e aquela recepção... Essa visita vai ter todas as partes da Festa que começa com a visita nas casas.*

Quissini me sugere fazer as visitas junto com a equipe para que conheça o ritual da Festa e a Comensalidade ali envolvida. Silvana Sandi Biazus complementa: "*Ah, aqui na cozinha é muito bom. A gente é que nem uma família aqui. E a gente procura fazer o máximo pras pessoas... tem muitas qualidades pra se fazer comida e o pessoal gosta e se sente bem em vir aqui". S*eguindo Silvana, Helena diz: "*Eu acho que é do povo mesmo, né, até porque os festeiros, assim, a gente gosta sempre de pegar pessoas que gostam de acolher o pessoal. Bem família*", ao que Silvana complementa: "*A gente costuma dizer que aqui é bem família. Tem uma família que, além da nossa, lá em casa, a gente tem uma família aqui. Tipo assim a gente formou uma família mesmo de verdade, de coração".*

Sandra Alves é outra que reforça a participação da família: "*É que é uma Festa de muita família. Tudo é família. Família pra todo lado. Por ser 'responsabilidade é passada de pai pra filho há mais de cem anos na tradição da Festa'"* (CAVALLI).

> *A gente tinha que se separar daquele grupo que estava e... a gente chorava, todo mundo no dia da Festa era uma família só... É que o Divino tem uma força muito grande... É que ele une as pessoas... que parece mentira, né? (Boca de Sino)*

Glória Romanni, a dona do restaurante, me disse sobre o que mais gosta na Festa é justamente a visita: "*Ah, a Festa representa tudo pra nós. E a visita nas casas*

[63] Em entrevista ano 2018.
[64] Em entrevista ano 2018.

também representa bastante. Representa uma fé muito grande que cada pessoa tem, a gente tem alguma coisa pra oferecer pra eles. É uma forma de... Gratidão".

Figura 48 – D. Glória com as referências do Divino Espírito Santo que protegem seu lar

Fonte: Produzido pela autora (2018).

Mariana Festtugato, também respondeu sobre as visitas e o que acontece na ocasião:

> *É muita oração, a gente faz a visita nas casas, a gente chama de louvações. A gente é recebido - Assim; Começa com uma oração onde as pessoas ficam nos aguardando, esperando que a gente leve conforto, Esperança...É muito bonito e são várias formas de demonstração através do Choro eles nos aguardam assim com uma fé, uma mini Festa do Divino é muito lindo a gente chora a gente ri são vários sentimentos num dia só.*

Esperar com uma minifesta está relacionado aos acepipes servidos ao final do ritual de orações durante as louvações. Sandra Alves também falou, contou passo a passo e sobre a espiritualidade da Festa que está representada nas louvações nas casas:

> *Eu percebo da seguinte forma, é mais a parte espiritual, porque a Bandeira é passada de casa em casa e quando a Bandeira chega em uma casa ela vem para abençoar um doente, vem para pedir dinheiro para a Festa, mas vem todo o grupo cantando as músicas para limpar a casa de alguma*

> *espiritualidade negativa e trazer a força do Divino Espírito Santo através da Bandeira, tanto é que eles chegam, o casal recebe a Bandeira e o grupo fica cantando ali fora pedindo luz, pedindo força para aquela família e para aqueles vizinhos. Então, o Padre, ou a autoridade espiritual passa em todos os cômodos da casa com o casal e depois se faz uma oração final e uma cantoria e eles vão embora seguindo para levar a Bandeira a outras casas com o compromisso principal de levar a fé aos devotos do Divino. Quanto a questão da alimentação, ela não é o ponto principal e pagam por isso, não é um bodo sem custo, como nos Açores*

Sandra critica o fato de alguns jantares serem pagos e esse motivo afasta a ideia primeira da Festa do Divino, o que também a afastou da mesma, mas ela ainda guarda em casa a Bandeira do Divino.

Alimentação, família e sociabilidade são reforços à Hospitalidade significada na Festa do Divino de Criúva. Em Alcântara o termo Visita nas Casas é comumente utilizado e constantemente vinculado à alimentação, a exemplo dos recortes, dispostos em outros itens, que abrangem também essa questão.

> A festividade, o comemorar, o reencontrar memórias vividas, exemplificam experiências temporais em interação, identidades valorizadas, porém em geral, pouco historicizadas e contextualizadas; é, também, a partir da necessidade de ritos, símbolos e vivências de memórias coletivas que é possível imaginar uma ética e uma política de memória coletiva que têm, na experiência, nas vivências *vividas (de carne e osso*) ou inventadas, sua mediação. [...] memória como lugar de persistência, de continuidade, de capacidade de viver o insistente. (TEDESCO; ROSSETO, 2007, p. 36)

Muitas pessoas vêm para participar da Festa por questões religiosas. É na Festa que também congregam as famílias, é momento de reunir a todos para exemplificar as experiências, rememora-las e contextualiza-las para reafirmar seu lugar de persistência e resistência, momento de receber visita e agradecer. "*A cidade se programa para receber a todos*" (Karina Walesca).

A Festa alcantarense está fundamentada na família e é uma tradição herdada tanto por parte das Caixeiras, quanto por parte dos festeiros. Em Criúva, o sedimento também é familiar e é no seio da família que os convivas se reúnem para comemorar: comer, orar e celebrar mesmo diante da velocidade do mundo moderno, que impede ou dificulta o encontro para celebrações familiares. Ao que se percebe, ainda há uma busca por esse encontro, por esse momento, pois ao ser humano é importante o agregar-se e a agregação, substancialmente, sugere celebrar o momento. Entretanto, invariavelmente, representará um modo de ser, uma expressão cultural e

representação social em seu conjunto que em Criúva e Alcântara são mantidas no período da Festa.

5.5 DIVINO ESPÍRITO SANTO – SENTIDO DE VIDA

Religiosidade, segundo Geertz (1958, p. 4), é o "sistema de símbolos que estabelece sentimentos e motivações poderosos, penetrantes, duradouros, pela formulação de concepções de uma ordem geral de existência". E ainda, religião representa condição s*ine qua non* na construção do próprio mundo (BERGER, 1985), ela estabelece um cosmo sagrado, com poder de alienação. É construção ordenadora das atividades humanas e é nela que os homens se protegem contra mazelas do mundo.

Como possível descrição do sagrado, a religião dá sentido à vida do devoto, representa experiências, comportamentos e valores coletivos, em manifestações de alegria e fé, como nas Festas religiosas em que crença se revela como válvula de escape para abrandamento das dificuldades da lida diária, quiçá sentido para a existência humana. Não obstante, os devotos do Divino Espírito Santo colocam-no como o próprio sentido de suas vidas. No conjunto das falas, nos textos e contextos essa premissa esteve evidente. Em Alcântara, Moacir Brito Amorim disse que participar da Festa significa tudo: "*Peço a Deus que essa Festa nunca termine… A gente vive pra ele (para o Divino) e pra Festa. É a mais bonita festa, representa fé, partilha, comunhão. A doação é mais do que obrigação, é retribuição pelas graças alcançadas".* Outras frases e contextos denotam que a Festa do Divino é o próprio sentido de suas vidas ao se declararem dedicados à Festa "*o ano tod*o", ou que "*vivem para isso*", ou em relatos de que tiveram um chamado do Divino Espírito Santo, o que lhes compromete no fazer da Festa, etc.

Já em Criúva, para Boca de Sino, o sentido de vida está centrado na Festa, isso é fácil de compreender frente sua saga ao lado do Pe. Pedro.

> *[...] eu me criei na Festa do Divino. Eu nasci em 1960, então quando começou a Festa do Divino com o Padre Pedro, que foi em 70, ele assumiu a paróquia e 71 ele fez a primeira Festa e meu pai e minha mãe não faltavam uma Festa. Eles eram muito devotos, minha mãe ainda é devota, meu pai, infelizmente, partiu, né? Mas minha mãe ainda vive e é devota do Divino Espírito Santo. Aí seguimos essa tradição e sempre participei da Festa do Divino. Desde pequeno me criei trabalhando na comunidade, fui presidente, fui tesoureiro,*

> *trabalhei na equipe por vários anos e agora faz 15 anos que faço o transporte da louvação.*

Dedicar-se ao Divino Espírito Santo torna-se ato de fé e trabalho de vida:

> *É gosto, trabalho, amo e sou muito devoto do Divino Espírito Santo. Todo mundo se dedica. Elas trabalham na Festa como uma forma de pagar promessas? Para servir, gratidão? Algumas pessoas, muitas pessoas fazem isso: "Ah eu vou trabalhar uma noite na cozinha porque eu fiz uma promessa para o Divino Espírito Santo", outra diz: "Eu vou trabalhar a semana inteira porque fiz a promessa para o Divino Espírito Santo e não quero nada", e no dia da Festa, no domingo, tem gente que vai descalço pagando promessa também, porque fez uma promessa para o Divino Espírito Santo. Cada um faz do seu jeito.*

Helena Casagrande, ao ter que pensar sobre sua vida sem a Festa do Divino Espírito Santo, responde emocionada: "*Não. Não, não. Sem a Festa do Divino Espírito Santo não teria sentido".* Helena e Silvana Sandri Biasuz, deixam claro que a Festa é o que dá sentido à sua vida. Para o casal Roni, "*a gente até saiu da Criúva, voltou justamente por causa que aqui tem o Divino Espírito Santo e a gente se identifica muito com ele". A afirmação do casal impressiona:*

> *Por causa da Festa do Divino e é que a gente se sente bem aqui, né? A minha promessa de vida é o Divino Espírito Santo. A Festa do Divino é a principal aqui do Distrito, da comunidade e nós vivemos em função dessa Festa. Claro, tem outras também, né, mas o Divino aqui é... tudo o que é praticado aqui foi o Divino que colocou. Aqui todos os moradores são muito devotos do Divino e aí, todo mundo trabalha em função do Divino. Só se fala no Divino Espírito Santo e na Festa do Divino. Então a gente tem isso com nós. É vida. Não temos muita coisa, mas o Divino preenche tudo essas faltas de coisa que nós temos. Tudo o Divino está sempre com nós.*

Lauri Zanella também responde:

> *Olha, eu não sei, assim, mas depois que eu comecei a participar da Festa do Divino, eu não consigo mais ficar longe do Divino Espírito Santo. É que nem eu falei: a gente convive com uma família, a gente monta uma família e essa família é de gente conhecida, né? É uma coisa muito boa, muito importante eu acho a Festa do Divino, pra mim, tá? Muito gratificante.*

Para os criuvenses, a relação com o Divino é tão evidente que a emoção, presenciada por mim durante as entrevistas, legitima o compromisso e a dedicação durante a maior parte do ano. Ao conversar com qualquer um dos entrevistados, fica nítido o comprometimento, o respeito, a abnegação e doação.

5.6 DOAÇÃO, CARIDADE E PARTILHA

Consta que “na idade do Espírito Santo a vida seria vivida segundo os valores comunitários em que imperariam a caridade, a unidade e o partilhar” (RODRIGUES, 2006, p. 66). É na Festa do Divino que o propósito joaquimita se tangencia, na medida que a preocupação com os mais carentes, a união sem distinção e a partilha, instituem a própria manifestação popular. A Festa do Divino:

> *É o momento de partilhar com os que chegam para além do compromisso do Divino. Todos são convidados a mesa e de forma gratuita. O festeiro é uma representação do Divino Espírito Santo que é solidariedade, igualdade, humildade, partilha. E por isso quem chega é acolhido pelo Espírito Santo em igualdade, independente de classe, cor e religião. É mais pura doação. Quem sai como festeiro pede ajuda aos amigos, doa ao Espirito Santo o seu trabalho e a sua fé e recebe uma graça de volta e todos recebem o Divino, a doação não é apenas de bens materiais.* (Karina Walesca)

A descrição da diretora do Museu Casa Histórica de Alcântara resume a Festa, denota dádiva ao mesmo tempo em que resenha um viés joaquimita da Idade do Espírito Santo. Ernestina Boueres[65], aluna do IFMA-Alcântara, fala da partilha e do acolhimento. Diz crer que durante o banquete há caridade, gratidão e retribuição. Denise Serejo volta à cena para dizer sobre doação e partilha:

> *O brilhantismo da Festa do Divino de Alcântara vem da ‘doação’ para quase tudo que faz a Festa, diz também que a Festa do Divino Espírito Santo daqui é sinônimo de acolhimento e doação. Alcântara recebe contribuição do Governo Estadual, mas se sabe que essa contribuição não chega a suprir a necessidade de cada festeiro...*

A Imperatriz do Trono da Festa do Divino de Alcântara de 2018, Kessya Moreira, fala da recepção indiscriminada como própria da Festa, critica quem não tem a mesma compreensão: “*Acolhemos todos que vêm à Festa, aqueles que visitam. É partilha porque tudo que se consegue na Festa é dividido, é partilhado. Os momentos de partilha são: esmola, almoço na casa do festeiro que será o dono da visita na noite. A Festa é devoção e bem receber”.* Ao tratar de partilha a entrevistada fala ao mesmo tempo de alimento e acolhimento.

---

[65] Entrevista em 2017.

Figura 49 – Imperatriz do Trono 2018

Fonte: Serejo (2018).

Para a construção desta Tese, além de beber na fonte teórica de pesquisadores maranhenses, estive pessoalmente com o respeitado antropólogo e museólogo Sergio Ferretti[66]. Ele me falou dos princípios de Hospitalidade contidos na Festa do Divino maranhense, no tocante à troca entre quem recebe e quem é recebido. Ele também falou das joias doadas, ou donativos angariados para o sustento da Festa, que são revertidas em alimento para os brincantes e em agradecimento ao Espírito Santo, em um ato contínuo de um dar, receber e retribuir. Inclusive, ele cita preceitos da Dádiva em Mauss, enquanto conversamos, referiu-se ao dar, receber e retribuir. "*Em princípio é assim, na prática pode ser um tanto diferente. Há solidariedade em um dar e receber em troca de fatura, retribuindo com fé e continuidade da tradição". Ele também me explica em visão própria, como seria o dar,*

[66] Entrevista realizada em 2017, na que foi, provavelmente, a última entrevista desse professor da Universidade Federal do Maranhão, pois faleceu um mês depois do encontro. Foi uma honra privar desse momento de pura Hospitalidade com o professor Ferretti. Bastante adoentado, me recebeu em nome da ciência e por reconhecer em mim o legítimo outro que buscou nele alimento para a pesquisa. Rendo-lhe minha homenagem e sincero agradecimento.

receber e retribuir no interim da Festa: "dar a joia; receber o alimento e a graça; e retribuir a continuidade da prática".

Dar a joia, em sua visão, seria doação para a Festa, transmutada em nova doação retornada em forma de alimento para os visitantes e apropria comunidade; a comunidade recebe a graça e o alimento e retribuiria ao Divino Espírito Santo com a manutenção da Festa em um processo cíclico. Dr. Ferretti, ainda, narra um episódio em que visitou Alcântara por conta da Festa e que, na ocasião, não se sentira partícipe, mas acredita que pode ter sido uma questão pontual, pois os elementos intrínsecos à Festa parecem manter-se em movimento cíclico em direção ao outro e que esse fato isolado, não necessariamente, desmereceria a Hospitalidade que parece intrínseca à Festa alcantarense.

Da Festa criuvense e da visita nas casas, Padre Elói fala sobre a partilha, intrigante a relação direta que faz com a Hospitalidade: "*É Hospitalidade no momento que se encontram e se reúnem. Mesmo que passem dificuldades durante o ano, aquele é o momento de agradecer e festejar em fraternidade e partilha. Há nesses momentos também partilha de conhecimentos dos mais velhos para os mais jovens. É momento de ver e rever as tradições e em conjunto a gente vem e partilha".* Ao refletir sobre partilha, Padre Elói encontra representação de Hospitalidade, fraternidade e sociabilidade. As narrativas dos demais entrevistados, em muitas ocorrências, denotam o partilhar, diluído nos textos estratificados, próximos e anteriores.

Doação, Caridade e Partilha são elementos da doutrina trinitária que vem como "aquele elã, aquele impulso de amor que nos impele para o outro: daí o dom do Espírito Santo" (MOMMÉJA, 2014, p. 128). É pelo dom da doação da caridade e do amor ao próximo que as comemorações a Pentecostes carregarão consigo a intenção da assistência e do acolhimento. A experiência do amor ao próximo como a si mesmo, uma referenda de acolhimento e assistencialismo aos que carecem, em busca de equidade social são providenciadas nos afazeres da Festa em nome do Divino Espírito Santo.

5.7 TRADIÇÃO

Pelo fator agregador, hábitos podem contribui para reforço aos laços sociais, desenvolvido nos indivíduos sentido de pertencimento. Esses hábitos normalmente constituem as tradições nos indivíduos “outorga uma identidade, reafirmada pela memória [...]” (SANTOS, 2005, p. 5). A tradição expressa nas Festas, mantêm suas especificidades. São inúmeras as diferenças nas práticas da Festa do Divino Espírito Santo entre o Norte e o Sul do país. Tradição marcantes no Estado do Maranhão, as Caixeiras são consideradas *sacerdotisas do Divino*, mas, mesmo nesta condição, guardam práticas de lidas diárias próprias dos quilombos, mantem-se como agricultoras e chefes de família, enquanto dedicam parte dos afazeres diários à construção da Festa.

Para os alcantarenses, a tradição está implícita na forma de vestir em alusão ao Império português. A tradição é também o alimento doado em honra ao trabalho caridoso da Rainha Isabel, está também no Rei menino preconizado no sebastianismo e nas predições joaquimitas do Tempo do Espírito Santo, onde reinariam os inocentes infantes, que se renovam constantemente nas novas promessas, nos novos e infantes imperadores. “*Tem todo um viés de fundo que é o que embeleza a Festa e respeita o rito e a sequência da Festa. É uma Festa de regras e normas próprias. É uma tradição renovada anualmente*” (Karina Walesca).

De muitas outras formas e em outros contextos, a tradição é expressa nas falas dos alcantarenses, ao referirem que é herança, repasse entre gerações, assim como o modo de fazer a Festa, que mantêm as Caixeiras como sacerdotisas, lideram todo o período da Festa. Em Criúva se torna mais fácil estratificar os textos, por ter NO elemento tradicionalismo parte indissociável da Festa. Aqui também se marca uma forma de resistência do gauchismo. Em meio à entrevista com Cavalli, pergunto sobre as indumentárias dos imperadores e ele fala de associação ao tradicionalismo gaúcho: “*capa é do imperador. [...] Todos que fazem parte USAM. Os homens de gaúcho e as mulheres de camisa branca e sai vermelha. (...) É diferente o uniforme dos dias da Festa, das novenas e dos dias das visitas. Nas visitas elas vão mais à vontade. Mas é muito bom”.*

Sobre a Festa como forma de resistência das tradições do gauchismo Cavalli acredita nessa possibilidade. *“Eu acredito que seja resistente porque quando começou*

a Festa do Divino, aqui, era tudo a cavalo, né? Era o gaúcho que fazia, ainda hoje, pra tu ver que as vestes do homem ainda é gaúcha e da mulher vem com vestido... Quase prenda. Hoje elas não estão, mas amanhã elas vão estar todas de prenda, porque amanhã é a noite gaúcha, né? E durante as louvações todo mundo vai a rigor, o homem, principalmente, vai pilchado. E sempre foi essa tradição.

E ao buscar elementos mais científicos que corroborassem com a ideia de o tradicionalismo ser parte integrante da Festa, entrevisto Antônio Alves, pesquisador crítico, estudioso da genealogia açoriana no Brasil, profundo conhecedor do tropeirismo na região. Ele me diz: "*O Padre, aqui no interior, quando ele vai rezar a Festa do Divino Espírito Santo, ele prepara a mesa com todas as pilchas gaúchas para rezar a missa, até o cálice é um nó de pinho, por exemplo*". E faria isso para "*se aproximar dos gaúchos, das raízes. Por que na verdade, a Festa original não tinha isso e o Padre Osmar e o Padre Pedro, eles estendiam como toalha o couro de uma vaca e tudo ligava a fé ao tradicionalismo e aí nasceu a Missa Crioula, com linguajar diferente*".

Figura 50 – Padre Osmar celebrando missa Crioula, 1971

Fonte: Alves, 2018. (Arquivo pessoal).

Com tanto para inferir e apreender, me ocorre que é mais do que devoção ao Divino Espírito Santo, é mesmo uma forma de manter viva a tradição gaúcha que

adorna a Festa. Sobre isso, Alves acredita que a Festa aqui guarda elementos do gauchismo, consorciados aos elementos da tradição açoriana, resulta em Hospitalidade:

> *Isso de fato sempre vai ter aqui, com alguns elementos da Festa dos Açores. E os Padres formatam a tradição católica com a tradição gaúcha e formam o melhor cenário para comungar os mesmos ideais e os mesmos princípios de Hospitalidade, acolhimento e fé. E se a tradição não se unisse com a religião, aqui, não existiria a Festa do Divino. Os Padres entenderam que esse era um bom caminho a seguir e enquanto Padres da área urbana diziam que essa era uma Festa pagã, profana, ao contrário dos Padres do campo que tiveram a inteligência de aliar tradição e fé. Essa Festa, por muitas congregações diferentes, não era aceita. Havia um racha na Igreja católica de forma muito difícil e nos Açores aconteceu que o Rei começou a usurpar algum patrimônio dos franciscanos, porque eles entendiam que estavam dividindo o tesouro que seria para o rei e estava indo só para a Igreja. Então, eles confiscaram alguns templos nos Açores, porque achavam que o povo levava todas as suas doações para o Divino e não dava para o rei. Então, quando se criou aquelas histórias das Casas de Misericórdia, eles viram que aquilo era uma concorrência muito grande na arrecadação de impostos para o rei e que a Igreja estava tratando de forma diferenciada. Existia na Idade Média um acordo entre o poder político e o religioso, um acordo monetário, onde o principal era do rei e somente algumas propriedades e doações ficavam para a Igreja se sustentar. E com a Festa do Divino Espírito Santo tudo se reverteu e o povo estava ajudando mais a Igreja do que ao rei e o Papa da época renegou a Festa como sendo manifestação pagã. Somando tudo isso aí, vem da aqui [...].*

E ao tratar de tradicionalismo Antônio Alves abordou também religiosidade, acolhimento e Hospitalidade. Eis aí um exemplo da difícil tarefa de estratificar os códigos, eis que estão imbricados, amalgamados de tal forma que a separação manual se torna limitada.

5.8 RELIGIOSIDADE

A religiosidade evidenciada na Festa do Divino Espírito Santo reafirma o que disseram Oliveira e Casqueiro (2008, p. 68): “Mesmo as famílias que não rezam e não refletem sobre os valores da cristandade, preservam alguns elementos do ritual religioso, num sinal de lembrança e de respeito aos antepassados e aos mais velhos que são depositários da tradição”. Para alguns, é durante o período da Festa do Divino que suas práticas religiosas vêm à tona, é tempo de ressignificar as tradições em comunhão com os antepassados.

Diante do exercício de separar as falas, tenho limitação, dado que as mesmas aparecem em outros contextos, entretanto, grifo o que contou Denise Serejo:

> *O Mordomo desse ano de 2018, deu um depoimento muito interessante na Igreja, dizendo que ele não é morador de Alcântara, mas recebeu um 'chamado' do Divino para fazer a Festa, isso é uma prova de doação e retribuição ao Divino pelas graças alcançadas. Para mim, Festa do Divino significa fé e devoção. Receber um chamado, algo intrigante, mexe com o imaginário. Me ponho a imaginar como teria sido... O que importa é o depoimento em grau de importância... É alguém especial que o Divino convocou e a Ele não se nega um pedido.*

Denise me oferece uma fotografia em que está em visita a uma Mordoma da Festa do Divino do ano de 2018, em uma espécie de cortejo pelas ruas da cidade (Figura 51), onde carregam lanternas feitas artesanalmente emanam uma luz âmbar, o que confere um ar ainda mais dramático aos acontecimentos da festa do Divino alcantarense, conforme figura.

FIGURA 51 – Cortejo com lanternas artesanais durante a festa do Divino alcantarenses

Fonte: Serejo (2018).

A religiosidade em Criúva é mais facilmente identificada nos discursos. Os depoimentos foram claros quanto à questão. Exemplo disso se tem a fala de Cavalli: "*É uma Festa católica com a participação do Padre na Igreja e nas louvações também"*. Boca de Sino acrescenta: "*Não podia fazer o mal, porque era um troço que vinha trazer uma benção do Divino, que com muita crendice era forte e é que aqui a gente acredita muito no Divino, em milagres que fazia, então no dia da visita da Bandeira era uma Festa das maiores".*

Os devotos também relatam milagres:

> *Nesses dias mesmo, ouvi uma senhora dizendo: 'ah! Eu recebi a visita da Bandeira e no outro dia fui assaltada'.Eu perguntei: 'então não valeu a benção do Divino... Ela me respondeu: 'Valeu! Tentaram me assaltar mas não conseguiram levar nada'. Em outra ocasião, uma família há oito anos esperava a visita e quando chegamos lá, ficaram muito emocionados, choraram, se enrolaram na Bandeira. Sempre chorando, pediam que agradecessem ao Divino, porque o pai daquela família ficou curado. Rezamos junto... A gente vê muita coisa! Nas louvações já chegamos a 900 visitas de fevereiro a maio. Nós terminamos essa Festa e já começamos a organizar a próxima. Eu aprendi muita coisa em Portugal que eu fui em 2011, lá é tudo gratuito, lá eu vi mordomos e trouxemos mordomos pra cá também e outra coisa é a benção que dão a um pão que é partilhado, chamado de rosquilha e distribuído para todos que querem.* (CAVALLI)

Nessa fala, Cavalli inicia um pensamento sobre religiosidade e devoção ao Divino Espírito Santo e conclui com tradição açoriana e partilha do alimento, porque, ao final, está tudo intercruzado. Ainda sobre a religiosidade na Festa do Divino de Criúva, Quissini diz da dedicação, dos louvores e das orações: "*A Festa começa 60 dias antes e em Vila Seca, Sagrada Família e Criúva, se encontra uma Festa religiosa de fé e adoração".* E complementa:

> *A minha relação ela é fé. Ele se relaciona à minha religião e a fé que eu tenho em um Deus maior. A partir do Deus maior eu assumi uma identidade, que existindo um Pai, geralmente existe um Filho, geralmente existe um neto e o neto é o Divino Espírito Santo. Então, quando o Pai, isso colocando em termos práticos aleatórios, nada que isso seja uma corrente...é pra ser uma corrente de fé e não pragmática da religião. Então, uma corrente de fé, você imagina que o Pai botou o Filho no mundo, e o Filho gerou mais filho e ganhou o neto. E esse neto que foi designado para nos cuidar. Então esse neto é o herdeiro do Pai que é o Divino Espírito Santo. Então é uma relação religiosa. É de crença religiosa que me deixa muito satisfeito porque, não por recorrer ao Divino Espírito Santo, é porque todos os dias, na nossa religião, quando nós deitamos, quando nós levantamos, quando nós vamos para o almoço, para uma Festa, para uma celebração religiosa, nós vamos, sempre, em nome do Pai, do Filho e do Divino Espírito Santo. Isso é prática de toda a*

> *humanidade, o mundo inteiro faz isso. Então se nós vamos, se nós nos deitamos, levantamos e fazemos celebração em nome do Pai, do Filho e do Divino Espírito Santo, é esse Espírito Santo é que nos move naqueles dias pra aquela celebração, pra aquele evento, pra nosso descanso de trabalho para o dia seguinte. Isso aí que me faz festejar o Divino Espírito Santo, estamos festejando o Pai e o Filho e a nós mesmos que somos descendentes de um Pai, de um ser bem maior que a gente acredita.*

A Festa absorve os fiéis, mas para Quissini:

> *[...] deveria ser mais, mas quando eu entro numa programação de Festa, eu entro sempre pra colaborar. Existem sempre muitas pessoas que talvez alimente uma fé muito maior. Mas quando a gente entra numa sociedade pra ajudar, a gente sempre vai pra ajudar, pra servir e sempre que eu sou solicitado, mas todos os anos eu sou solicitado. E eu não me dedico muito, não. Algumas reuniões à noite, durante o ano, alguma programação, tem missa, até na programação pra Festa seguinte. Aí, daqui a dois ou três meses me chamam de novo. Então, eu não perco tempo nenhum do meu trabalho e dos meus afazeres e nada, eu só dedico aquelas horas vagas. Hoje, por exemplo, eu tô vindo aqui, mas eu já corri atrás de coisas da Festa, onde estou envolvido, e não tenha me custado tempo porque eu tirei tempo pra isso, esse tempo foi reservado pra isso.*

Para Quissini, acolhimento, Hospitalidade, Fé, família, religiosidade, catolicismo, todas "*elas fazem parte da Festa do Divino. Não poderia te dizer não é a religiosidade porque envolve religião, pois tem a missa, no caso a gente tem a parte espiritual. Agora, tem as refeições todas as noites, em datas diferentes. Tudo isso envolve e faz parte da Festa do Divino. Envolve acolhimento também, não é à toa que tá no hino. Então a gente procura seguir a letra do hino. A letra do hino foi feia e procuramos seguir. Penso que vá até... sei lá. Penso que não vá ter fim".*

> *Daí veio o Bispo, veio tudo e ele gostou tanto, tanto, e D. Benedito Zorzi era o Bispo da época, de Caxias, e ele gostou tanto que ele doou as imagens e o dinheiro da diocese para construir a Igreja do Santo Rei, a 7 km daqui, ali num tal de Boqueirão. Tem a Igreja de Santo Reis até hoje que ele ordenou aquilo por aquilo, nosso canto de Reis. E daí com a Festa do Divino, então inventaram tinha que fazer as três novenas, ...(pausa) Mas, aí na Festa então era fraco. Aí, passava a Bandeira. Mas só a Bandeira, não tinha cantoria, não tinha mais nada, tinha terminado aquilo tudo, né? E daí um festeiro exigiu que tinha que fazer as nove novenas, mas ele não era festeiro, um tal de Leovegildo Fidélis, botaram ele de festeiro, era festeiro só porque fazia as nove novenas. E daí eles falaram que precisava a música junto com a Bandeira, que não sei o quê, né? Aí eu tava ali, né? Não queria me meter. Era morador da vila e pensei: "Eu vou começar a dar palpite aí piora, né? Daí quando chegou o dia pra visitar aqui nas casas, eu disse para o Padre Pedro: 'Padre, vamos pegar nossa turma do terno de Reis e vamos cantar? Porque um dia não custa nada'. Ah, ele achou muito lindo. Então nós cantamos uma música que é sertanejo, 'Morena, moreninha', porque ainda não tinha música*

> *da Bandeira pra nós, né? Bom, cantemos e visitamos. Fizemos cem visitas naquele dia, aqui na vila.*

E foi assim que o Jorge Boca de Sino protagonizou o (re) avivamento da tradição da Festa do Divino, ao lado do Padre Pedro, com aquiescência da Igreja católica, institui, no início dos anos 1970, o modelo de Festa do Divino que se tem em Criúva. A religiosidade está intrínseca ao todo da festa, aparece imbricada nas múltiplas explicações sobre o fazer da manifestação tanto em Alcântara quanto em Criúva.

5.9 AÇORES, RAINHA, DE FIORE

A tradição da Festa, tanto em Alcântara quanto em Criúva, é reconhecida herança açoriana, legado isabelino, que toma os próprios contornos em terras brasileiras. Rossatto (2006), afirma que o culto ao Divino tem origem na relação direta entre a doutrina apócrifa de Di Fiore e a coroa portuguesa no período aragonês, sedimentado pelas investidas da Rainha Isabel em prol dos pobres e criação da Confraria do Espírito Santo de Alenquer (Portugal), onde se deu a expansão do franciscanismo:

> Afirma-se, que a origem do culto ao Divino Espírito Santo, advém da ligação entre a obra de Joaquim De Fiore, apócrifa e/ou autêntica, e a Coroa Portuguesa. Tal vinculação remonta ao tempo em que a Coroa de Aragão tomou posse do Sul do Sul da Itália em 1282. Foi nesse período que Isabel (1269-1336), a rainha Santa, [...] casou-se com D. Dinis, rei de Portugal, em 1282. A mesma rainha Santa será quem vai instituir em 1292 a Confraria do Espírito Santo de Alenquer em Portugal. E é precisamente a partir da Vila de Alenquer, então senhorio da rinha, que se dará a expansão do franciscanismo em Portugal. (ROSSATO, 2006, p. 11).

Em Alcântara, é Karina Walesca, quem me fala pela primeira vez sobe a ligação da Festa do Divino com o monge Di Fiore: "*A Festa é medievalista, ritualizada em fundamentos medievais, do período fiorista, havendo rituais de preparo de toda a Festa".* Naquele momento, intrigada, indaguei: Fiorista? Ela me respondeu rispidamente: "*Tu estudas a Festa do Divino e não sabe da relação com Joaquim Di Fiore?* Admiti não saber e, a partir de então, a Tese atingiu outro nível de investigação.

Numa conversa, Antônio de Lima me relata que a Festa, está relaciona diretamente aos Açores (não fez menção nem a Rainha D. Isabel, nem a Joaquim De

Fiore). Já Ernestina Boueres, perguntada sobre a relação da Festa com o Monge calabrês ou com a rainha santa, ela ressalta que o papel da rainha é principalmente o cuidado com os pobres. Todos os outros depoimentos que tive em Alcântara ignoram a legítima relação da Festa do Divino com o medievo.

A Imperatriz do Trono, da Festa do Divino de Alcântara de 2018, Kessya Moreira, diz da honra em representar o amor e a caridade da rainha santa: "*Ser Imperatriz do Divino Espírito Santo significa representar a Rainha Isabel de Aragão, a 'criadora' da Festa em Portugal. É o maior posto da Festa na hierarquia, eu apenas represento a Festa".*

Em Alcântara, a rainha Isabel ocupa o papel privilegiado de única criadora da Festa do Divino Espírito Santo. Em Criúva, entre os fiéis e pessoas comuns, não há nenhuma referência a Joaquim Di Fiore. Para os feitores da Festa, a única referência europeia é com a Rainha Isabel, criadora da Festa na compreensão deles. Com exceção do casal de pesquisadores, Antônio e Sandra Alves, é claro. Pergunto ao Casal sobre suas descobertas em torno da Festa do Divino Espírito Santo na sua relação com Di Fiore:

> *Sim, sim, sim, tem inclusive essa ligação aparece nesse DVD- Divino Espírito Santo Casa dos Açores do Estado do Rio Grande do Sul, que vou te emprestar e foi produzido pela RTP (Rádio e Televisão de Portugal), em um documentário que cita também a Festa de Alcântara no Maranhão, o Di Fiore na Idade Média e a Festa de Criúva, esse documentário faz uma triangulação entre a Festa do Divino dos Açores com a Festa de cima da serra gaúcha e o litoral do Rio Grande do Sul... A Festa do litoral tem muito mais elementos açorianos porque é no mar, assim como os Açores é um arquipélago (só lembrando) já aqui em cima da serra, distante do mar foram se adaptando. Portanto, dois vieses se marcam de maneira interessante e elementar: uma que tem origem nos açore e outra que tem origem no continente português, a do continente chegou em São Paulo e Rio de Janeiro, como os gaúchos, a maioria das famílias são de paulistas Bandeirantes, combinados com açorianos (o povo gaúcho é uma somatória de paulistas com açorianos que vieram 200 anos depois de Pedro Alvares Cabral, lógico! Então os tropeiros paulistas trouxeram para cá e o outro viés é aquele que os açorianos trouxeram diretamente para cá. Então eles têm uma influência do arquipélago que já mudou bastante na Festa do Divino dos Açores em relação ao continente, Lisboa-Portugal (eles já mudaram alguma coisa), e os que receberam a influência direta de Lisboa e de outras áreas do continente europeu, eles vieram com outra linha*.

A pesquisadora Sandra diz que já escreveu sobre esse tema. Nas práticas da Festa, ressalto o papel dos mordomos em fazer caridade a mando da Rainha Isabel, pois *D. Dinis era ateu*, o que leva a rainha a agir as escondidas.

> *Fazia tudo escondido. Então na época ele flagrou ela com o avental com os donativos e ela foi mostrar e se transformou em rosas. Foi um milagre, daí ele se converteu e autorizou a ela que fizesse, né? Então o mordomo foi a pessoa que ajudava a Princesa Isabel a levar os donativos para os pobres, então por isso a gente colocou eles também onde os mordomos aqui fazem um almoço, fazem uma janta, por enquanto foi só feito o almoço pra pessoas mais humildes, mais carentes. Esse ano foi feito pelos colégios, o clube de Festas que de repente não poderia participar da Igreja, da Festa do Divino, né? Sem.… a não ser nessa época. Então tem o transporte de graça, tem a comida de graça, então eles puderam participar da Festa também, né?* (JOSÉ CAVALI).

Fica claro para as pessoas, tanto em Alcântara quanto de Criúva, que a Festa nasce nos Açores por obra da rainha Santa Isabel e entre os estudiosos da Festa, maranhenses e sulistas, são feitas relações com Di Fiore e o Tempo do Espírito Santo e significa a instauração de um tempo de abundância, em que “as crianças exerceriam o poder, e triunfaria a igualdade social. [...] celebração antecipada do advento iminente dessa Idade. Na sua composição ritual [...] três passos principais: a coroação do imperador menino; o bodo; e a libertação de presos por ocasião da Festa” (LEAL, 2017. p. 35).

5.10 ALEGRIA E AMOR

Amor e alegria na Festa do Divino, aparecem em consonância com a Festa, com a música, o divertimento, o festejar e a honra em fazer parte de tudo isso. Estão também intrincados com as definições e representações da Festa nas falas dos entrevistados, que constantemente incluem Hospitalidade e práticas sociais durante a manifestação. Sobre a música na Festa, D. Enilde Amorim me fala da banda que irá tocar para o Divino: “*É compromisso especial e tradição desde a época de D. Pedro. A gente faz a Festa para recepcionar quem vem prestigiar o Divino”.* Um músico, presente na ocasião, se manifestou, disse da alegria e da paz que é tocar para o Divino: “*Sempre que faz tudo com amor para o Divino Espírito Santo, sempre dá tudo certo. Tudo que eu peço ao Divino Espírito Santo acontece”* (Enilde Amorim)*.* Além disso:

> *Mas é prazeroso... eu comecei indo junto com alguém porque eu não era de lá, mas é assim, era alegria, sabe? Porque a missa desde primeiro dia ali quando eles fazem aquele levantamento do mastro, eu nunca tinha visto*

> *aquilo e eles vão lá e fazem aquilo assim tão rapidinho, que tu pensa assim, que isso aí vai cair e não vai dar certo então e colocam aquilo. Depois a missa, cada dia é diferente a missa, cada dia vai um padre, que faz um sermão diferente, né? Esse ano será que tem o padre da gaita? Tem um padre que vai lá e toca gaita. É uma animação. Depois, a Festa, todas as noites... tu encontra amigos lá. Ah, fulano chegou dali também, chegou outro que foi festeiro e aquela coisa toda. Então é alegria sempre e o baile é melhor ainda.* (Casal Quissini)

Para os participantes trata-se de uma Festa de encontros. É uma Festa de acolhimento, uma Festa de comunhão e alegria que "*Acolhe as pessoas. Também é muito alegre".* Para o casal Grisan, O "*Divino Espírito Santo quer alegria e onde tem alegria, tem Festa sempre. Essas são as palavras do Padre Pedro que sempre tem que ter alegria".*

Figura 52 – Casal Grisan com a própria Bandeira do Divino

Fonte: Produzido pela autora (2018).

Lembro de outro relato importante, quando Guadalupe Traslatti falou da alegria de estar na Festa do Divino:

> *Alegria que nem se fala... porque tu vai comprar a melhor roupa.... Querer ser dessa sociedade, pra ser dessa sociedade, tu tem que estar bem como todo mundo vai estar, né? Enfim outras coisas que vêm na minha cabeça de quando eu era menor ainda e não tinha aquela condição de ir lá servir as pessoas na Festa do Divino, o Seu Aparício nos dava um adesivo branco com a pombinha do Divino vermelha e no domingo da Festa a gente saia botando na camisa das pessoas e carregava uma cestinha junto, se por acaso algum quisesse dar uma esmola dava, mas a intenção era colocar em todo mundo e não ver mais ninguém na rua sem o Divino Espírito Santo. Tem a questão da amizade, se tu não mora mais em Criúva, se ainda mora em Criúva, não interessa onde tu estejas em Criúva, quando tu participa ou não da Festa do*

> *Divino, as pessoas nesse período, elas se unem pra fazer uma grande Festa e pra quem não mora aqui pra perguntar sobre essa Festa, então ela faz uma ligação enorme entre as pessoas. Eu tinha uma amiga que há tempos eu não falava com ela e ela é aqui de Criúva e foi embora estudar e "Ah já ta no período da Festa do Divino, né?" e eu "Sim, tá no período da Festa do Divino.". Então é uma coisa assim que as amizades se juntam mesmo não sendo tão amigos, mas no momento da\ Festa se torna uma comunhão só...*

Guadalupe também retoma o acolhimento:

> *Não existe alguém que tu não queira receber. Então veja o comprometimento com o acolhimento. Por exemplo, nós sabíamos que tinha que decorar o queijo um dia antes pra não dar aquele tumulto, então eu não vou lá se eu não sou acolhida, então o acolhimento ela tá em todas e o comprometimento de se doar para o Divino.*

FIGURA 53 - Claudia e Guadalupe Traslatti ao lado da Bandeira do Divino

Fonte: Produzido pela autora (2018).

Quando estive com Mariana Festtugato, ela falou do amor à Festa e ao Padre Pedro. Além da ligação com o Divino Espírito Santo, eu percebi uma ligação com Padre Pedro de forma proporcional. Tanto quanto adoram ao Divino Espírito Santo, amam o Padre Pedro.

> *Muito! Porque o Padre Pedro fazia função do Mordomo, dos Imperadores dos Festeiros, porque ele fazia primeiro para observar, ele tinha o coração muito, muito puro. Ele observava e ele sempre dizia na fala dele: Ah! Como é que eu vou? Porque as pessoas, por mais simples que elas sejam, elas esperam o Divino com uma oferta também e às vezes a gente percebe, que as pessoas, dentro do contexto da impressão, que vai faltar para o remédio, vai faltar para comida, não sei se eu entrei no outro, mas sabe, tenho que te explicar... E aí, eles doam... Mas é com tanto amor. Entende? O Padre Pedro - Quando a gente saia nas visitas ele observava, quando as pessoas eram*

> *muito pobres, ao invés deles doarem, recebiam, o Padre recebia e ali mesmo devolvia, ele recebia de alguns e devolvia para outros. Deixava para quem não tinha - isso era um gesto de doação. Ele mostrava isso para nós - o amor. O amor tem que imperar. O amor acima de tudo e não sei se observou que a nossa Festa é toda organizadinha, nós só temos uma pessoa... Claro quê que comanda alimentação, a parte da culinária, mas o restante é todo doação. Ninguém cobra nada".*

E terminamos por falar de amor, gratidão, acolhimento e doação, de forma também indissociada. Logo, amor e alegria pelo Divino e pela própria Festa, engloba os fatores analisados anteriormente em uma bricolagem.

5.11 CULTURA E TURISMO

Condizente com Gastal, Costa e Machado (2010, p. 49), "o acolhimento possui sua origem nas relações sociais e na cultura, e cada povo a concebe de uma forma". As narrativas dos sujeitos falam da própria cultura, o que está posto na tradição da Festa do Divino. Sobre a tradição da Festa alcantarense, D. Fátima Lima marcou o que mais lhe emociona:

> *O melhor momento da Festa é quando Imperador com Mordomo Baixo são visitados, porque eles saem de dentro do reinado e vão para a rua para poder subir para a casa deles e a orquestra deles vem tocando com hinos militares. Quando o Império se aproxima daquele visitante mordomo, o visitante para a sua orquestra e a orquestra que continua tocando é a do Império que vai recebe-lo, ao se aproximar são trocadas as Bandeiras (no caso de Mordomo-baixo não tem Bandeira, só Mordomo-régio e Imperador) aí os santos são trocados, o Império recebe o santo do visitante e dá a sua coroa para o visitante e coloca o visitante à sua frente, à frente do cortejo do Império, o Império fica atrás. (Essa é uma forma de humildade como a que propõe o Espírito Santo, o casal se emociona, seguimos conversando sobre a importância de refletir sobre esses instantes e suas significâncias).*

Ela deixa claro que no momento em que o Imperador se iguala ao morador comum, ao pobre, espelhado aqui na figura do mordomo, é um momento marcante por não haver mais diferenças de classes. Ela parecia mesmo estar comovida com o próprio relato ao tratar das questões referentes às hierarquias, como se falasse, de forma análoga, das diferenças sociais que enfrentamos na sociedade atual. Ainda sobre a hierarquia do Divino, na visão da Mordoma Baixa, Milena Cristina Ribeiro Morais[67], de 2017, ela diz:

[67] Entrevista no ano de 2017.

> *O que eu sei mais ou menos é isso: o imperador é o Estado Maior, ele é que comanda tudo. Depois dele é o mordomo-régio...Ou a mordoma-régia. E nós somos os mordomos baixos. Então a gente atende as ordens de lá, né? A gente tem todo um processo de hierarquia mesmo. Tipo assim, se ele toca um foguete lá seis horas da manhã, todos os mordomos respondem pra ele com foguete também. Isso é hierarquia da Festa. Ainda há pouco ele tocou um pra dizer que ele tava saindo, que eles foram buscar os meninos e a gente já deu a resposta aqui, já tocou um nosso daqui, entendeu? Daí é uma coisa assim legal.*

No relato da mordoma, tem-se as questões hierárquicas colocadas cruamente. Essa é a tradição, é o Imperador quem dá as ordens. Ela oferece uma visão sobre a origem dessa Festa, a Mordoma diz:

> *Porque devido à guerra de Portugal, D. Pedro fez promessa, aí o povo que ficou com essa Festa, a maior Festa pra fazer devido que o Brasil se tornou liberto de Portugal. E foi só isso que ela esqueceu. Mas assim, ó, a Festa não veio para o Brasil porque a imperatriz D. Isabel fez uma promessa para o Divino para que o marido e o filho dela fizessem as pazes, aí ela trouxe essa Festa para o Brasil e aí, de acordo com a miscigenação com os negros que vieram da África, os índios que aqui viviam e os portugueses, houve uma junção que a gente chama de sincretismo religioso e a partir de então passou a haver uma Festa trazendo outros elementos, dos africanos, dos índios, juntou tudo e hoje nós temos a nossa Festa que Alcântara é a maior representante. São 12 dias de Festa, mas você já começam a se preparar desde o dia em que seu nome sai no "pelôro" no dia de Pentecostes.*

Na visão do pesquisador da Festa do Divino Espírito Santo, Sergio Ferretti, A "*Festa do Divino no Maranhão é uma manifestação da cultura popular, em Alcântara é unicamente católica com a presença marcante das Caixeiras à frente do ritual".* Em Criúva, pergunto ao Padre Nodari o que significa a Festa, ele volta a referir-se ao Padre Pedro como responsável pelo legado cultural existente: "*A tradição da Festa de Criúva deve-se ao trabalho do Pe. Pedro e foi ele quem deu toda a motivação e incentivo a comunidade para a manter a Festa do Divino Espírito Santo".* Quando interpelado, o Padre Elói, fala da cultura da Festa do Divino em Criúva implícita no sentimento de pertença: "*O mais velho vai repassar, remeter a sua época e contar como era feito, repassa e resgata tradições nessa conversa, mostra a partilha, o fazer da Festa e outras coisas".*

Volto ao depoimento de Luís Cavalli, ele rememorou a cultura da Festa e suas personagens:

> *Primeiro tem o capitão do mastro que é a pessoa que quando tem o envio da Bandeira ele recebe a benção da Bandeira, conduz a Bandeira na frente e*

> *leva até a Igreja para a missa. Desde o envio da Bandeira até o levantamento do mastro (quando começa a Festa e iniciam as novenas) os tambores acompanham o cortejo e o capitão do mastro cuida da Bandeira até ser entregue aos Imperadores e alferes. E tem também os Tambores que anunciam a chegada do Espírito Santo nas casas, também os casais festeiros que levam a Bandeira nas casas durante as visitas, temos os tambores que são levados pelos bandeireiros que também levam as Bandeiras para as comunidades. Todos os ritmos são tocados, qualquer ritmo, tem é que fazer barulho para anunciar a chegada da Bandeira, desde que bata... [pergunto se há ensaio] não, não, não... importa que faça barulho. São tambores comuns com uma baqueta só, comprados em lojas de instrumentos.*

Figura 54 – Casal de Capitães do Mastro

Fonte: Produzido pela autora (2018).

Cavalli acrescentou sobre o papel dos Imperadores que considerou residir no desempenho das personagens, o real legado da Festa herdada entre gerações:

> *É ele que vai levar a Bandeira em todas as procissões. Representam os imperadores... foram ideias que foram surgindo desde os Açores... é cultural... nossa Festa é feita há mais de cem anos... não sei muito sobre a Festa na origem.... Não se pede dinheiro, mas quem quer contribuir é bem-vindo. É uma Festa católica com a participação do Padre nas louvações também. A responsabilidade é passada de pai pra filho há mais de cem anos na tradição da Festa. A partir dos anos de 1970 os almoços e jantares passaram a ser pagos e a ajuda é para a comunidade, já arrecadamos até mais de 300 mil reais em doações, mas temos muitas despesas de quase metade desse valor, só de conjunto de música se gasta uns cinco mil reais, por aí vai. Trabalham cerca de onze festeiros e mais dois casais de mordomos e cinco pessoas na louvação. Têm os garçons, churrasqueiros, cozinheiros, umas trezentas pessoas ao todo. Só no cortejo são umas vinte pessoas, contando com as Aias. Usamos bombacha e lenço (os homens), as mulheres usam outras roupas porque essas são pesadas.*

José Cavalli destaca que a Festa do Divino, por tudo que representa culturalmente, é o que dá visibilidade a Criúva e garante demanda turística anual, projetam-na para além do próprio Estado:

> *É uma Festa turística sim, atrai muitos visitantes, já recebemos até caravana de pessoas vindas de Portugal só pra conhecer nossa Festa e fomos convidados para conhecer a de lá e fomos, mandamos um grupo pra lá. Creio que recebemos cerca de 300 visitantes, mais ou menos, de Passo Fundo, Santa Catarina, Brasília e vem pagar promessa, criança vestida de anjinho pagando promessa, gente de pé descalço. Temos um símbolo do Espírito Santo daqui de Criúva que é o queijo gigante desde 1992 e quem ganha o queijo acredita que é bento e partilham com os membros da família, virou tradição. Aqui também o Imperador leva o cetro e a Imperatriz usa o manto.*

Em última conversa com Quissini, falo do que representa a Festa para Criúva, fez questão de contabilizar os números expressivos gerados com a maior atração turística do lugar, a Festa, atrai cerca de 4.000 pessoas para o lugar.

> *O desenvolvimento da Festa, como se procede, né, e é mais ou menos uma cópia, inclusive uma cópia lá de Portugal, que a gente já conversou, então o que se faz aqui, se faz ainda lá em Portugal, se faz em algumas outras como Santo Antonio da Patrulha e assim por diante , né. Cada Festa em cada lugar tem a sua disponibilidade de programação em função da localização e das possibilidades de quem são os envolvidos, porque, lá em Crioula, por exemplo, tem muita gente do próprio campo envolvido que tem tempo disponível pra isso... Os trabalhadores das Festas, os festeiros, são gente da comunidade, às vezes fazendeiros, às vezes empresários... aqui todos têm uma dedicação enorme pra Festa, não se atrapalham em nada em termos financeiros. 4.000 pessoas participam dessa Festa. E no final da semana inteira vai uns 900.000 reais. Por exemplo, essa janta de quarta-feira, dá de 900 a 1.100 jantas àquela noite. É por isso que o teu trabalho, se você fizer lá nesta Festa, uma pena que eu não posso todo dia com você, porque eu gostaria, eu iria mesmo, mas dessa vez ara deu errado para nós nesse sentido, né? Então isso aqui é uma programação, tão, assim, não é exaustiva, ela vai se moldando uma com a outra: hoje é galeto, churrasco e tal, aí amanhã tu vais ter 300 pessoas, depois tu vais ter 800 pessoas, e depois 1.100 pessoas. Essa tem a turma da cozinha que são pagos para isso, a turma do salão, os garçons normalmente só ganham a janta.*

Figura 55 – Equipe de organização da Festa de Criúva

Fonte: Produzido pela autora (2018).

Quissini encerra sua participação ao ressaltar mais uma vez o papel das personagens, pois é isso que desperta o interesse do visitante, além da fé no Divino Espírito Santo:

> *Aqui o Imperador é o que manda, que impera no dia da Festa, representando o pilar da Festa, passa o ano trabalhando para a Festa. O capitão do mastro é o que carrega a Bandeira. Os alferes também levam Bandeiras e tambores e visitam as casas e saem fazendo a arrecadação e o convite para a Festa. Os fazendeiros se oferecem para fazer doações para a Festa, inclusive o leite, mais de 1.500 L de leite para fazer o queijo gigante. Homens e mulheres se congregam e somam forças para fazer a Festa distribuindo-se entre os inúmeros afazeres.*

Em conversa anterior com Cavalli, ele garantiu que um número expressivo de pessoas que ajudam na cozinha o faz de forma voluntária ou como promessa, pelo simples fato de contribuir com a Festa e com Criúva, Cavalli falava de fé e de orgulho em pertencer àquela comunidade. Rememoro a conversa com a Guadalupe Traslatti, que também me disse sobre a cultura local e o orgulho de ser criuvense:

> *Bom, eu enxergo a Festa do Divino como parte da minha aventura como criuvense e eu gosto de usar esse termo criuvense, porque um dos motivos de ser criuvense é participar do Divino Espírito Santo, é participar de muitos eventos, de muitas coisas que a comunidade faz, né? Então pra mim é isso, é me sentir parte dessa comunidade que eu tenho bastante orgulho. A minha participação como criuvense na Festa do Divino sempre foi ativa. Eu diria que hoje em dia, nesta idade adulta, sou um pouco menos do que quando criança. Então isso também faz parte da minha cultura desde criança a gente aprendeu a ir ao levantamento do mastro depois que saia da escola, a fazer as bandeirolas da Festa do Divino e a colocar nos canteiros da comunidade. Então era a escola, era o professor, era o pai, era a mãe, comprando roupa*

> *pra gente ir na Festa do Divino, pra ir nos momentos mais bonitos da Festa e, também, ajudar, né?.*

Guadalupe declara seu orgulho à cultura criuvense:

> *meus pais foram, por muitos anos, convidados a decorar o queijo do Divino Espírito Santo aquele que é rifado, e aí, então, para o queijo ser mais chamativo, pra as pessoas comprarem mais os ingressos, a gente faz uma decoração em torno do queijo. Então, também, sempre faz parte da minha cultura. Quando nós saíamos para divulgar Criúva, né, já entrando nessa parte, eu já com 18 anos, com uma empresa aberta junto com a minha mãe e movimentando o turismo na região junto com os familiares, sair e divulgar Criúva tinha alguns referenciais. A gente chegava e dizia assim: "Criúva é a terra dos Bertussi, é a terra onde se faz a Festa do Divino*

Ao tratar de orgulho de pertencer a essa Festa, ressalto mais um trecho do que me disse o Boca de Sino, fala da cultura da Festa do Divino rememora o que viveu ao lado do Padre Pedro:

> *No início da década de 70, veio pra cá o Padre Pedro Risson. Eu morava na Mulada ainda, então, naquele ano, eu também vim morar em Criúva, e o Padre Pedro, muito devoto do Divino, religioso, que gostava porque ele lembrava, ele era da freguesia de São Francisco, Santo Antonio da Patrulha, onde foi pároco lá, né, e é muito forte a Festa do Divino, e daí, como eu era neto desses Pereira Froz, que chamavam "mijicos", então eu vi, quando eu era pequeno eu via, mas depois aquilo morre. Eu não lembro mais, não lembro nem a música, nem coisa nenhuma, mas nessas alturas, eu tava com 30 anos mais ou menos. Mas, afinal, o Padre Pedro é que nós um dia saímos e eu não sabia que ele queria tanto levantar a Festa do Divino, como ele também não sabia que de alguma coisa eu entendia, né? E tinha os termos de Reis que ele cantava que era da Festa de Reis, depois do Natal até 6 de janeiro. Então, eu, como meu avô era cantador do terno de Reis, era improvisador, era cantador, era um Pereira Froz. E daí, eu vim morar aqui e tinha um senhor, o Seu Rogério de Oliveira, já morreu, e tinha o Eri Castilhos, os dois eram do dia 6 de janeiro, e eles falando que diz que quando iam cantar até luz de Reis, no aniversário deles, e daí me apareceram aqui justamente naquele dia. Daí eu disse "vamos fazer um terno de Reis de brincadeira, lá no Seu Olério, irmão do Eri. Aí eles disseram "vamos" e convidamos mais dois amigos, um já morreu o outro ainda ta vivo, são o Maneco e o Benício é conhecido, que cantavam o terno de Reis e eu e meu irmão também, só que a gente tinha desistido, né, e no dia 6 de janeiro, nós saímos daqui e fomos nas casas deles assim a pé e chegamos na casa do tal de Olério e fizemos um terno de Reis surpresa, né, cantamos até mais e meia noite e saímos de lá e viemos ali na casa do Eri, né, e fizemos também no Eri e saímos umas 4 da manhã de lá mas quase que não vamos embora dali da casa dele e daí tinha deixado os carros ali perto da Igreja. Tinha um presépio montado ali, um pinheirinho de Natal, e eu disse pra eles: "Ali em frente à canônica já está tarde, montaram, mas ninguém vi falar nada, então vamos cantar um terno de Reis pra esse pinheirinho? "e eles: "Vamos". Já tava tudo montado, já tinha tomado umas canas também e fomos ali e cantamos um terno de Reis.*

Apresento por último, entrevista com o pesquisador Luiz Antônio Alves, que também publicou sobre “Criúva: um povoado brasileiro” resultado da monografia da especialização em História. Nos três dias que o casal, Antônio e Sandra, me recebeu em sua casa, fiz uma imersão na cultura gaúcha, na história rio-grandense até chegada das Festas do Divino Espírito Santo em Criúva. De imediato, logo no primeiro encontro, ali na sala mesmo, após apressadas apresentações, o pesquisador e profundo conhecedor da Festa do Divino Espirito Santo de Criúva, começou a dissecar a história e suas multiplicidades, as que foram possíveis para o tempo que tivemos.

Foi difícil separar o enredo para usar na Tese, então início com a surpreendente revelação que ele me fez em um dos três dias de entrevista:

> *A principal Festa de Caxias do Sul até por volta de 1910 ou 1914 era a Festa do Divino Espírito Santo, porque aqui tinham famílias que não eram italianas e eles tinham essa prática de festejar o Divino... Um dia, um amigo meu, escritor mineiro, lançou um livro de postais, ele era colecionador de postais (uma coisa antiga) e um dos postais, ele conseguiu na Itália, datava de 1904 e era da Catedral de Caxias do Sul, de uma Festa do Divino, que não é essa que está Catedral como a que está aqui hoje, mas já tinha uma construção de pedra e lá em frente estava chegando a procissão com as Bandeiras do Divino para entrarem na Igreja... Fiquei pasmo ao receber aquele livro e identificar a data no postal que comprovava a antiguidade da Festa na cidade de Caxias... Eu tenho também documento, aqui da Igreja que reunia os fiéis para a Festa do Divino, mas eles não queriam saber de documentos, as pessoas querem saber e ver algumas outras coisas. ‘[...] a principal Festa de Caxias do Sul até 1910 e 1914 era a do Divino Espírito Santo, por que aqui tinham famílias não italianas, esses são aspectos preponderantes dos aspectos urbanos, agora indo para o interior, por Vila Seca e Criúva’*

Ele também me disse que os italianos assumiram a religiosidade local, eles eram por origem católicos, e encontraram uma configuração religiosa como a da Festa do Divino Espírito Santo, por isso incorporaram também como sua. Saem da área urbana, da cultura italiana dominante, e migram para o universo rural e ali assumem contornos que permitiu essa coalisão de culturas.

> *E os italianos aceitaram, vestindo-se inclusive igual aos outros, para desempenhar a mesma atividade (que era cuidar do gado) e essa forma de pensamento nos conduz a uma compreensão de que a adaptação da área rural de Caxias a Festado Divino Espírito Santo teve um ambiente mais propício. Aqui impuseram um certo ritual religioso com regras que veio da Europa, da Itália mais recentemente do que aquela outra que veio anterior, as pessoas aceitam ou não, determinadas condições, a Igreja ofereceu para eles, os Padres lá em Criúva essa forma de devoção do Divino e eles aceitaram. Então não foi uma coisa espontânea, foi algo trabalhado por determinadas congregações religiosas, principalmente os capuchinhos. Então eles aceitaram, perceberam que vinha de algum lugar aquela situação*

> *e se aproveitaram disso e pregaram que aquilo era importante, ao contrário da área urbana onde os Padres não acharam que era importante a manifestação do Divino Espírito Santo, porque eles não encontravam uma forma de atrair os fiéis, enquanto que ali em Criúva eles conseguiram, viram que tinham alguns vestígios culturais ligados à Festa do Divino por causa daquelas famílias mais antigas portuguesas/açorianas que estavam aqui, ou paulistas e etc. Então eles mapearam a população e viram que tinham alguns elementos que eram importantes, precisavam ser reunidos, reunir os fieis nessa linha religiosa do Divino Espírito Santo. E aí as pessoas seguiram. Os italianos seguiram junto com seus descendentes e temos fases de começar, parar e recomeçar. Mas a Igreja, os padres nessa região foram fundamentais para preservação da Festa do Divino Espírito Santo.*

Pergunto ao casal Antônio e Sandra Alves, sobre o ponto primeiro da Festa em Criúva, a gênese:

> *A Festa do Divino Espírito Santo em Criúva, a Festa teve um impulso quando veio uma professora de Santo Antônio da Patrulha, professora Zequinha, (quem levantou essa história foi a Sandra). Essa professorinha recebeu do pai dela uma Bandeira do Divino para trazer com as tralhas dela para vir dar aula aqui em Criúva, para proteção e por uma coincidência do Destino Criúva pertencia a São Francisco de Paula na época, que pertencia a Santo Antônio da Patrulha, então São Francisco era um Distrito de Santo Antônio da Patrulha e a Criúva era uma Vila pertencente ao Distrito de São Francisco, um ano depois são Francisco se emancipou de Santo Antônio e porque que a professorinha veio de Santo Antônio da Patrulha? Porque Criúva pertencia a Santo Antônio e as professoras municipais eram nomeadas para os Distritos de Santo Antônio, que era São Francisco e dentro de São Francisco tinha a capela da Criúva, aí veio a professorinha para cá e deixou entro do baú aquela bandeirinha do Divino. Anos depois alguém descobriu essa Bandeira, tiraram a história do baú e junto com a professora Zequinha e a família dela de Santo Antônio da Patrulha, com parte do que ela conhecia essa Festa do Divino mais antiga, trazida pelos açorianos a Santo Antônio da Patrulha e ela veio e uns 15 a 20 anos depois, quando tiraram do baú a Bandeira, um pároco, o Padre Pedro Rizzon viu que tinha elementos para conciliar e reunir os fiéis em torno da Bandeira e aconteceu todo esse fenômeno que é a Festa. Por que que aqui teríamos mais elementos de açorianos do que de paulistas? Porque a primeira bandeira que veio para cá era de açorianos que foram para Santo Antônio da Patrulha (a família Brito ainda tem a Bandeira original). Quando a Festa apresenta mais elementos paulistas, ela é muito ligada aos Bandeirantes e as cavalhadas, todo o ritual e ornamentação tem mais ligação com as cavalhadas. Mas aqui eles se uniram ao tradicionalismo a partir de 1950 o tradicionalismo se fundiu à Festa e eles esqueceram aquela parte de Santo Antônio da Patrulha que era parecido com o negócio dos alferes, todo mundo de roupa boa, de gravata e começaram a usar bombacha, lenço, gaita, quando antes a Festa do Divino era só com rabeca como nos Açores e no máximo uma viola*.

O Casal Alves, me conta que desde a morte do Padre Osmar, afastaram-se da Festa e passaram a se dedicar à pesquisa sobre a genealogia açoriana, mas me falem um pouco sobre o que viram nos Açores:

> *Nos Açores, onde o símbolo da Festa é a coroa, o cetro, o altar, a gente percebeu que existe uma fé muito grande no Divino e que aquela coroa ela passa uma noite em cada casa para depois ser levada ao altar e então ser consumada a Festa e aqui, na pesquisa que eu fiz para reconstruir a história da Festa do Divino, eu entrevistei algumas pessoas idosas e elas falaram que há muito tempo atrás houve a Festa do Divino aqui, inclusive a minha mãe casou no dia da Festa do Divino em Criúva e junto com a Festa do Divino tinha também as cavalhadas que era também a representação dos mouros e cristãos, só que por um bom tempo a Igreja cortou a Festa do Divino, porque as pessoas tinham muita fé nessa Festa e não estavam tendo muita aproximação da Igreja vinda da Itália, então a Festa estava uma certa concorrência.*
> *Então essa Festa saiu de dentro da Igreja e começou a acontecer fora da Igreja, nos salões paroquiais, CTGs e tal e agora, há poucos anos, é que ela começou a voltar, mas a Bandeira do Divino sempre foi cultuada pelos ancestrais, inclusive os nossos, tanto é que temos uma Bandeira em casa e a gente olha para a Bandeira e o sentimento que a gente tem é de que aquilo ali é uma simbologia de muito poder, de muita cura, né. E a minha mãe tinha o costume de fazer a "mesa de inocentes" e veio de um costume que era o bodo e o que que significava isso, quando alguém estava assim muito doente chamavam sete crianças e oferecia uma refeição a estas crianças pedindo a Deus que ajudasse na recuperação daquela doença e era também uma forma de agradecimento pelo restabelecimento da saúde da criança doente. E isso veio do bodo do Divino. Também preciso dizer que meu pai nasceu na Mulada, na terra dos Bertussi, a irmã do meu pai era casada com Adelar Bertussi, Criúva era zona urbana e Mulada era zona rural naquela época, né. Mas enfim sempre me disseram da grande rivalidade entre a Mulada e a Criúva e quando Criúva passou a pertencer a Caxias do Sul ficou junto no mesmo município da mulada, então houve alí uma grande diferença, o que era antes São Francisco de Paula e depois passou a ser Caxias do Sul".* (depoimento da Sandra)

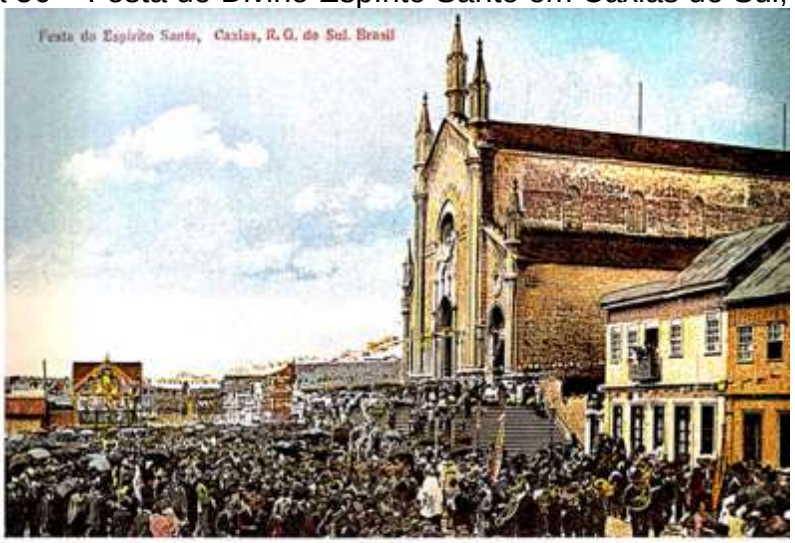
Eu aproveito e destaco as palavras: Hospitalidade, doação, acolhimento, fartura e digo que elas me surpreendem, no enredo dos dois pesquisadores, e a Sandra pergunta, mas porque te surpreende? Eu explico que logo no início me parecia que eles viam a Festa atual de Criúva como algo mais comercial, mas com o desenrolar da narrativa, o que tem de profundo aparece aos poucos, velado ou explícito, nessas singulares palavras destacadas. Ela diz: "*A propaganda maior que se faz do gaúcho, do tradicionalista é que ele é hospitaleiro e sempre vai haver um lugar para pousar, uma água, um banho, uma comida".* E então, só para confirmar mais algumas das investidas de Antônio Alves, conversei com Padre Mário Pedrotti, que nasceu no ano de 1933 e me disse lembrar de quando criança frequentar as Festas do Divino Espírito Santo em Caxias do Sul. Infelizmente não lembra do nome do suposto responsável por ter trazido a organização da manifestação, que seria D. Orestes Oliveira da Cunha, ele respondeu: "*Nunca ouvi falar desse nome".* D. Oreste teria vindo a pedido de D. João Batista Argenta: "E*le era um padre, não era bispo, era... o Argenta, o primeiro nome dele era... Dom João Batista Argenta era um*

sacerdote, não era padre, nem bispo. Era Dom porque os italianos se chamam de Dom".

Relatei que encontrara num jornal tal registro e o entrevistado retomou que "*realmente em Caxias a Festa do Divino era uma festa muito bonita. Quando eu era criança ainda tinha essa festa".* O Divino teria tido destaque entre as demais festas religiosas, na cidade: *"acho que até certo ponto foi porque a gente festejava todos os santos. A gente festejava Santa Teresa, o Divino, a Maria Menina, Santo Antônio..."*

Mesmo assim, a informação foi muito preciosa, saber que em Caxias do Sul, em algum momento, a Festa do Divino foi muito importante. Padre Mário Pedrotti acrescenta: "*A Catedral tem uma série de altares, eu não sei se no último altar, à esquerda, antes de chegar no altar do meio, devolveram uma imagem do Divino que tinha lá, mas eu acho que eles tiraram e puseram lá uma imagem de Santa Teresa".*

Figura 56 – Festa do Divino Espírito Santo em Caxias do Sul, 1905



Festa do Divino Espírito Santo, na Praça Dante Alighieri, diante da Catedral de Caxias do Sul, no Estado do Rio Grande do Sul, por volta de 1905. Festejo religioso que remonta às celebrações realizadas em Portugal, tendo florescido em colônias como a das ilhas dos Açores, de onde procediam os primeiros imigrantes da região sul do Brasil.

Fonte: Alves (2018).

6 CONCLUSÃO

Esta Tese objetivou estabelecer relações das práticas de Comensalidade e suas relações com a Hospitalidade, nas Festas do Divino Espírito Santo em Alcântara-MA e Distrito de Criúva, Caxias do Sul-RS, como expressão de diferenças culturais (Sul/Nordeste), culturalmente distintos, aproximados pela festa, pareadas por serem comunidades similares em ruralidade, religiosidade e devoção ao Divino Espírito Santo, decorrência de herança cultural-religiosa de tradição açoriana. As tramas teóricas fluíram de formas desafiadoras, pois à medida que tais universos sociais se aproximavam em questões referentes à prática cultural, se afastavam em modos de fazê-lo em suas práticas? Adaptar-me às formas, às falas, à medida que eu precisava me moldar, desprover-me dos arquétipos que trazia na bagagem nordestina, foi rico e engrandecedor.

Técnicas e procedimentos metodológicos envolveram coleta de informações resultante da convivência com as personagens das Festas. Para melhor compreender os legados, necessitei encetar mergulho na manifestação cultural, mantive conversas, entrevistas, no viver a Festa tanto em Alcântara, quanto em Criúva, para sentir o processo implícito. As comemorações do Divino Espírito Santo não são passíveis de aproximações meramente técnicas, mas necessitam também de uma experiência Sensorial, espiritual, histórico e cultural. Há um conhecimento tácito, por parte das pessoas que se comprometem em manter essa prática de adoração e reverência à terceira ‘pessoa’ da Trindade, com raízes no catolicismo popular, melhor dizer, nas tradições culturais populares de um povo, que as institui diferenciadas ainda que o tronco cultural herdado seja o mesmo.

Desta forma, definir o caminho teórico foi relativamente fácil. Surgiu no discurso dos entrevistados pistas para a trilha. Ao ouvir em Alcântara que não se conhece Festa do Divino sem compreender a perspectiva de Joaquim de Fiore sobre o Tempo do Espírito Santo e ali reconhecer: o papel da criança (que em algumas Festas representam o Imperador) que reina com pureza e justiça; o tempo de paz, amor e harmonia entre os humanos (o que também ocorre durante o período das Festas, quando os participantes se colocam recíprocos, hospitaleiros, receptivos ao Outro em nome do Espírito Santo); o Tempo em que a caridade é a premissa (assim como nas Festas atuais do Divino preservam a doação aos mais necessitados).

Ao conviver com os festeiros em Criúva, a ausência do nome do Abade calabrês, me soou como alerta para a necessidade de melhor conhecer a figura ícone presente nos discursos: a Santa Isabel (Rainha Isabel de Aragão). Ao visitar Alenquer, em Portugal, conheci os ambientes em que a Rainha viveu, seu castelo em Óbidos e o Hospital do Espírito Santo por ela fundado, assim como a capela, parte do sonho milagroso da rainha, construída em nome do Espírito Santo, e as muitas benesses resultantes da abnegação da Santa Isabel em prol dos pobres.

Nessa descida ao período medieval em digressão histórica ao tempo em que vivia Isabel de Aragão, encontrei perpendicular, práticas franciscanas de assistencialismo, evidencias da influência dos franciscanos nas decisões da família de Isabel. Ao perfilar a linha do tempo em que Isabel constituía seus predicados altruístas em moldes franciscanos, descobri que a base ideológica do franciscanismo bebe em fontes joaquimitas e aí se deu um loop teórico, ao reencontrar a ponta do fio que definia os extremos deste objeto de pesquisa, a Festa do Divino Espírito Santo, em Criúva, no Sul, e Alcântara, no Nordeste, o que, *a priore,* parecia diferenciá-los e defini-los por culturas constituídas em limites geográficos díspares. A essa percepção que unia Izabel, franciscanos e joaquimitas à Festa do Divino Espírito Santo, por um radical ideológico de doação e acolhimento ao Outrem, é que chamei de fio de Ariadne.

Percorri os caminhos entre a Baixa Idade Média até os feitos isabelinos, ao encontro dos povos açorianos que singraram para o Brasil e por ali se disseminaram, entre o Nordeste e o Sul brasileiro, garantido manutenção de algumas práticas culturais lusas e dentre elas, a Festa do Divino Espírito Santo e daí entendimento sobre as aproximações independente das distâncias entre os povos.

Fato é que as dissimilitudes entre as duas Festas limitam-se às diferenças econômicas entre ambas, Criúva se mostra com um poder aquisitivo significativo se comparada frente à realidade dos alcantarenses, o que implica em um aporte financeiro concedido à cada Festa e seu modo de constituir-se. Em Alcântara, a Festa é feita pelos festeiros ou pagadores de promessas, com recursos próprios; as Caixeiras, por sua vez, angariam (na peregrinação do esmolar) parcas contribuições nas humildes casas visitadas e toda a arrecadação é dividida entre quem faz a Festa e compartilhada em Banquetes para a sociedade em geral e visitantes, parte do compromisso que pela fé eles mantêm com o Espírito Santo. Em Criúva há doações, monetárias, alimentícias e mão de obra suficientes para produção de uma festa mais

cara, que providencia bailes dançantes com jantares elaborados a serem ofertados, mediante aquisição de ingressos, receita que retroalimenta o capital investido na manifestação.

É preciso dizer, principalmente, que durante o período das louvações e visitas da Bandeira às casas dos convivas, a partilha é feita gratuitamente, mostra-se veículo de reafirmações dos laços sociais e forma de manter um legado, por um fator expoente, o de estar ligado à família tanto em Alcântara quanto em Criúva.

Ao compreender então os elementos de aproximação e as diferenças entre as duas Festas, mais fácil se tornou a análise e exposição das impressões e resultados. Contudo, compartimentalizá-las não parecia viável, por várias vezes esses elementos se confundiam nos discursos. A utilização do software Max QDA facilitou a organização nos discursos registrados no trabalho de campo, a partir de palavras-chave. A organização das narrativas resultou em inúmeros dados que factuaram aproximações estatísticas entre as duas Festas.

Resultados similares margearam o objeto Festa do Divino em seus meandros singulares, ao considerar os expoentes em Alcântara e Criúva. O legado, de tradição açoriana-portuguesa, assim como o seu repasse para as gerações futuras, está presente tanto em uma como em outra, como caráter de resistência. Nos dois locais tê-la, como profissão de fé, e nela comungar com o igual, que crê e confia no Divino, em mesmo peso e medida, fica evidente nos discursos de todos os sujeitos, que a Comensalidade se revela propiciadora do acolhimento e congraçamento dos convivas na Festa.

Alcântara e Criúva apresentam aspectos relativos ao acolhimento através da Comensalidade que expressam Hospitalidade, cada uma à sua maneira, ao seu tempo e modo, o que atende à tradição. Em Alcântara o alimento ofertado durante os dias de Festa organiza-se no que é tratado como “banquete do Divino”. A palavra banquete, na atualidade, representa em geral requinte e sofisticação, mas sua origem semântica reporta ao italiano *banchetto***,** que significaria *banco ou banquinho*[68]. A mesma fonte diz que que banquete também poderia ser uma pequena refeição, a ser disfrutada sentados em um banco, dispensa o acomodar-se à mesa. Muito próximo, portanto, do que acontece em Alcântara, onde, independente das acomodações, os anfitriões

[68] http://origemdapalavra.com.br/palavras/banquete/

apresentam aos convivas o que de melhor têm para ofertar, ainda que o prato seja descartável e os talheres sejam de material plástico.

Baseando-me na ambiência da ética a que se referem Lévinas e Derrida, compreendo, ao final da pesquisa, que em Alcântara e Criúva a Hospitalidade oferecida não faz distinção de credo, nem de poder aquisitivo, entre os que chegam para festejar. Acolhem simplesmente, sem contrapartidas e inquéritos. Recepcionam a todos em nome do Espírito Santo. Doam o melhor alimento, a exemplo dos doces de espécie e licores, que só são fabricados em ocasiões especiais, em grandes Festas.

Criúva intitula de janta à refeição compartilhada. Busquei também nesse caso a origem da palavra, no latim *jantare*, que seria uma refeição feita à tarde, a mais importante do dia, associa a palavra a *jejunus, ou seja, a* 'vazio'. 'Janta'[69] era a refeição que acabava com o 'vazio do estômago.' (Origemdapalavra.com). Em Criúva, a refeição denominada como 'janta" apresenta-se como mesas de banquete com toalhas e guardanapos de tecidos, louça de cerâmica e porcelanas, talheres de qualidade, serviço completo, fartura, pratos de entrada, prato principal e sobremesas, além de taças para vinho. O cardápio inclui massas e galetos, sopa de agnoline, maionese de batata, pães e queijos, e comidas da tradição campeira, como o churrasco, com assados de gado e porco. Significa dizer que o criuvense também oferta o melhor que tem. Durante as louvações e visitas nas casas dos fiéis, mesas de doces, refrigerantes, sucos, chocolates e vinhos são servidas para quantos chegarem para comungarem da mesma fé.

Parti da ideia de que as duas Festas do Divino expressam Hospitalidade com mesa farta nas festivas receptivas aos fiéis, o acolhimento e partilha em ambas se evidenciou com especificidades locais. Cada lugar contou sua própria história e modo de fazer, evidenciou a Hospitalidade própria da manifestação. Desta forma, a investigação buscou saber quais são as práticas comensais e como os feitores da Festa as relacionam com a Hospitalidades nas comemorações do Divino Espírito Santo em Alcântara, no Pará, e Distrito de Criúva, no Rio Grande do Sul.

Na costura teórica para essa pesquisa, contei com as tessituras de Ferretti (2005) para compreender Festa do Divino no Maranhão. Apoiei-me em Pereira (2005),

[69] https://origemdapalavra.com.br/artigo/refeicoes/

sobre a constituição da Festa do Divino e a chegada ao Brasil. Coadunou entre esses autores fatores afirmativos de que tanto em Alcântara, quanto em Criúva é considerado legado açoriano, tem na Rainha Isabel a fundadora da manifestação pelo amor aos pobres e devoção ao Espírito Santo. O que consubstanciou com Leal (2017), que imputou à narrativa isabelina a feitura das Festas do Divino Espírito Santo, em honra aos desfavorecidos, à medida em que são acolhidos nas práticas de distribuição de alimentos (bodo do Divino), prática que ainda se mantém também no Brasil. Todavia, é necessário enfatizar que a beneficência aos pobres é mais evidente em Alcântara, o que se fundamenta até mesmo no poder aquisitivo, assim como no fato de que os feitores da Festa criuvense escolhem um dia para homenagear instituições ou pessoas que por algum motivo não puderam participar da Festa, (neste caso independe do poder aquisitivo da pessoa ou instituição homenageada). De qualquer forma, nos discursos destes feitores a caridade e a doação são palavras utilizadas em nome do Espírito Santo.

Maior congruência entre as duas Festas, está nas raízes açorianas. Entretanto em Alcântara as influências indígenas e africanas aparecem em uma forma de prática cultural híbrida, já em Criúva o legado é baseado exponencialmente na cultura europeia, o que resultou em marcas culturais muito próprias tanto de Alcântara quanto de Criúva. Ambas comprometem-se com a Festa que construíram, mantiveram a prática com as características que as difere, como a representatividade na indumentária do império português em Alcântara e a tradição gaúcha na indumentária gaúcha da Festa de Criúva.

Dos plurais e singulares da Festa do Divino entre o Nordeste e o Sul, considerei os aspectos identitários da Festa do Divino Espírito Santo, com enfoque no território brasileiro e os inúmeros elementos constituintes dessa prática cultural, é o caso das personagens presentes na Festa como ponto pacífico entre Alcântara e Criúva: Imperador, Imperatriz; festeiro, bandeireiro, aias e alferes, diferem em outras personagens como: casal de capitães do mastro (presente em Criúva) e Caixeiras (presentes em Alcântara) coube estas dissimilitudes no tocante a nomenclatura. Entretanto, no concernente aos papéis representados por eles, variam de um lugar para o outro, como explicitado anteriormente.

Em Alcântara há um marcante diferencial da Festa o qual envolve o papel desempenhado pelas Caixeiras, que representam atrativo singular da Festa, ao

tocarem as caixas para entoação de hinários ou binários, quando reafirmam o legado dos quilombos e garantem seu espaço de resistência e representação social ao ecoarem a própria história nos cânticos. São elas que asseguram a aquisição de boa parte dos alimentos para subsistência de seus familiares e da própria Festa. São as Caixeiras, enquanto elemento constituidor da manifestação, que conferem diferencial à Festa alcantarense, tanto por serem católicas como por tocarem de forma uníssona e diferenciada das demais do Maranhão.

No Distrito de Criúva, percebe-se também a presença constante e marcante de prática de adoração ao Divino Espírito Santo no ambiente católico, em rituais litúrgicos inseridos nas missas regulares. A Festa, em si, conta com personagens similares às maranhenses. A manifestação é carregada de minúcias em ambas as localidades, preparada em termos religiosos e festivos durante o ano todo, festejo também marcado pela presença de comida farta para um bem receber.

Das escutas diante dos que depuseram suas impressões sobre a Festa, coincidiu a relação direta com a Hospitalidade em Alcântara e Criúva, assim como a dedicação e abnegação dos envolvidos que assumem, em maioria, que suas vidas não teriam sentido sem o Divino Espírito Santo e é por esse motivo que dedicam a maior parte do ano em afazeres para a festiva. É pelo mesmo motivo que durante a Festa, transcendem as pendencias nas relações sociais praticando doação ao Outro, solidariedade, caridade e alteridade intercruzado ao dar, receber e retribuir. Dizem das graças alcançadas pela bondade do Espírito Santo para com eles a retribuam com amor e cuidado a quem chega para festejar. Por tais aspectos, fundamentei a teoria da Hospitalidade, do acolhimento e da dádiva principalmente em Lévinas, Derrida e Mauss.

Ao entrecruzar as relações na teoria fundante, ressaltou relação tal entre Comensalidade Hospitalidade em um passo além, sugerindo quiçá uma *alteridade* intrínseca à Festa, quando o ato de receber com mesa farta, ocupa o próprio espaço da Hospitalidade, a Comensalidade se confunde com a Hospitalidade na prática. Autodenominaram a Festa como acolhedora e hospitaleira, relacionaram o congraçamento alimentar a uma forma de dizer que visitantes são bem-vindos por comungarem da mesma fé e que o Espírito Santo, que é acolhedor e protetor dos humildes, eles benfazejam sua época de Pentecoste, no papel do doador, acolhedor

e abnegado. Preocupam-se, os festeiros e demais membros da corte do Divino, com os menos favorecidos, doam alimentos ou ofertam almoço específico.

Amalgamaram-se de tal forma, Comensalidade e Hospitalidade, que se fez difícil lê-los individualmente, indissociáveis da própria Hospitalidade. É a Hospitalidade que fala do ser hospitaleiro ao alimentar o outro. É a Comensalidade por ser acolhedora diante da responsabilidade sobre o Outro, que ultrapassa a soleira da porta em nome do Divino. Não existem limites definidos entre um e outro termo. Não há também diferença entre quem acolhe e quem é acolhido. Fundamentos que podem ser lidos na eucarísticos e repassados no imaginário à mesa, o pão e o vinho partilhados, permanecem como dois pilares do consumo ocidental, vetores essenciais de solidariedade e Hospitalidade como preconizou Boutaud (2011, p. 1217). Assim, as duas Festas se desenham em solidariedade e Hospitalidade em igual medida e valor.

Dos códigos resultantes: *doação; congraçamento; dádiva; retribuição; troca; comunhão; acolhimento; servir; partilha; receptividade; bem receber; encontro; Comensalidade; sustento; donativos; caridade; joia (doações); dar e receber; esmolar; confraternizar; retribuir; receber; e ser recebido; graça; conversa; alimento; pratos; alimentação paga, f*acilitou a compreensão das narrativas e a análise no Software Max QDA. Evidenciou em contexto geral, que os paradoxos, dado que em Caxias do Sul, segundo Atlas do Desenvolvimento Humano no Brasil (2010)[70] a renda per capta é de R$ 1.253,93, enquanto que Alcântara[71] conta com média de apenas R$ 209, 27. Além dos limites geográficos e culturas singulares, as duas Festas estão próximas pelos aspectos que a constituem na forma de receber o visitante com doação, caridade e partilha.

Outra diferença está no papel do Imperador que em Alcântara pode ser também Imperatriz, sempre desempenhados por adolescentes, faz alusão ao quinto império e em um casal adulto é quem desempenha esse papel sem relação ao rei menino. Entretanto, aproximam-se em fidelidade ao Divino Espírito Santo, em tradição, assemelha-se principalmente ao legado açoriano.

Rememoro a teoria alicerçante desta Tese para tratar desse Acolhimento, tido como Hospitalidade socialmente justa e humana, acolhe quem está de fora, que em

[70] Disponível em: http://atlasbrasil.org.br/2013/pt/perfil_m/caxias-do-sul_rs
[71] http://www.atlasbrasil.org.br/2013/pt/perfil_m/alcantara_ma

Lévinas e Derrida subsidiei na alteridade, sentido ético; incurso ainda, em uma “lei da Hospitalidade ilimitada (quando oferece a quem chega o seu *chez-soi* e seu si, oferece-lhe seu próprio, nosso próprio, sem pedir a ele nem seu nome, nem contrapartida, nem preencher a mínima condição)” (DUFOUNNANTELLE, 2003, p. 69).

A propriedade donde dantes reinava o Eu e suas necessitudes, diante da alteridade em direção ao Outro, da Hospitalidade incondicional, é um lugar desprovido de soberania frente a partilha com Outrem em detrimento do Eu. Passa a ser propriedade da Hospitalidade, propriedade do ‘em-si’ do ‘***entre’,*** entre os entes. A propriedade passa a ser o cenário onde os fios que constituem a alteridade se enodam, cabe alí o amor ágape, a caridade, a empatia, o servir e a dádiva.

A exemplo do que ocorre na Festa do Divino de Alcântara e Criúva, a troca suscita reciprocidade e possível sentimento de gratidão em um dar, receber e retribuir. As trocas e partilha vão do esmolar até a divisão entre os convivas em pura dádiva, pois a influência dos alimentos é frequentemente relembrada em festivas nos ambientes religiosos. Normalmente se apresenta como referência do que é sagrado. Esses rituais comensais, são dados aos deuses, em honra aos mesmos, a fim de propiciar auxílio em questões espirituais e materiais. São a restituição espiritual, espécie de força divina, que atua como suporte das experiências humanas: vem dos deuses e deve ser a eles restituída (HUBERT, 2011).

Como parte da cerimônia, em ritual religioso ou social, no âmbito da dádiva ou no ato de purificação, a Comensalidade é elemento fundante em momentos de acolhimento. E no em si da Comensalidade e da religiosidade há a partilha. Alimentam a alma e reforçam os laços sociais e religiosos. Comprazem-se, acolhedor e acolhido, divindade e devoto.

É, em torno da mesa, mais que mesa, são o próprio alimento como sinal de liberdade e vida. Destaque para o esmolar, para a doação e formas de distribuição dos alimentos que muito significam em acolhimento, em dádiva, em amor e caridade, a exemplo do que Lévinas nomeou acolhimento, e a exemplo também da compreensão da alteridade e os fios que a constituem em Derrida, quando passam pelo nó da Hospitalidade. Todos estariam na instância de uma Hospitalidade que precede a propriedade como sugeriu Lévinas, elenco agora novos condutores em um

dar, receber e retribuir que se encontram imbricados de forma indissociável nas trocas relacionais.

A pesar do acolhimento nas relações sociais, tanto em Alcântara, quanto em Criúva, não se dá no cotidiano de maneira ágape, no período da Festa os partícipes se dizem imbuídos dessa proposta em nome do Espírito Santo e por isso abnegação e caridade são a tônica da vez em expressão da partilha e dádiva.

Aqui, a Hospitalidade implícita e explícita nos objetos pesquisados, baseiam-se também no que os convivas pensam sobre a Festa na perspectiva do acolhimento: O acolhimento e a Hospitalidade estão implícitos na Comensalidade, dos que fazem a Festa do Divino, dos que a ofertam aos visitantes, percebe-se alí princípios de alteridade.

Encerro essa trilha de elucubrações sobre as Festas do Divino de Alcântara e Criúva com a percepção de ter percorrido caminhos de estudos que principiaram do acolhimento e da Hospitalidade, nos conceitos levinasianos e derridianos, na capacidade de acolher a Outrem que é própria reafirmação dos laços sociais humanos, ambientada na Hospitalidade; através de códigos sociais que consideraram o comer à mesa em nome do Divino, receber, agregar e congraçar, como forma de reforço aos vínculos nas dimensões da dádiva.

Ao passo que o Objetivo geral dessa Tese fora alcançado ao estabelecer relações das práticas de Comensalidade e as interligações com a Hospitalidade, nas Festas do Divino Espírito Santo como comemoradas em Alcântara e Criúva, estive diante de uma Comensalidade Religiosa à guisa de Hospitalidade, após aproximações e compreensão dos conceitos de Hospitalidade e Comensalidade, resgatada a origem da Festa do Divino portuguesa; descrevo as raízes históricas das comemorações da Festa em Alcântara e Distrito de Criúva; relaciono as práticas contemporâneas de Comensalidade associadas às relações com a Hospitalidade, diante do que disseram os sujeitos locais responsáveis pelas mesmas.

Tal resultado encontra conforto na maioria dos depoimentos dos festeiros e organizadores da Festa, em ambos os Estados, Nordeste e Sul, que a associam diretamente aos Açores, o que reafirmou o imaginário sobre suas origens. A exceção reside nos conhecimentos de alguns eruditos e pesquisadores da Festa, principalmente os pesquisadores europeus que têm aprofundado as ilações entre os aragoneses (no papel desempenhado pela rainha Isabel), os franciscanos e os

joaquimitas. Reside aqui a principal relevância da Tese, para além da compreensão de que a Comensalidade está imbricada à Hospitalidade no período de Pentecostes, alargando o passo para uma lógica que compreenderia possível *empatia*. A digressão histórica me levou aos nós incrustados no medievo entre joaquimitas, franciscanos, aragoneses e açorianos, me trouxe de volta à contemporaneidade com a inusitada descoberta de ter sido a Festa do Divino Espírito Santo em Caxias o Sul, por breve momento, a principal Festa da Igreja Católica no início do século XX.

Consideradas as teorias de Lévinas, Derrida e Mauss, e os nós entre a Comensalidade e a Hospitalidade, percebi natural simbiose na troca relacional entre os sujeitos.

Concluo então, que o anfitrião da Festa foi aquele que se colocou no lugar do Outro que ultrapassa a soleira da porta para reverenciar ao Espírito Santo. Tanto quanto, a comensalidade religiosa foi o imperativo da casa que se abriu para receber a Bandeira do Divino. Foi o Espírito Santo que os moveu em empatia e dádiva. A dádiva foi a retribuição à luz que entrou na casa pela graça do Espírito Santo, incitou harmonia, caridade e amor aos Outros que necessitaram. A Festa na dimensão da fé, foi a promoção da alteridade entre os convivas e que por isso congraçaram, alimentaram a alma, reforçaram os laços de fé e a sociabilidade.

REFERÊNCIAS

ABREU, E. S. de; VIANA, I. C.; MORENO, R. B.; TORRES, E. A. F. S. Alimentação mundial: uma reflexão sobre a história. **Saúde e Sociedade,** São Paulo, v. 10, n. 2, ago. /dez., 2001. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/sausoc/v10n2/02.pdf>. Acesso em: 10 abr. 2016.

ALMEIDA, A. W. B. **Os quilombolas e a base de lançamento de foguetes de Alcântara**: laudo antropológico. Brasília: MMA, 2006.

ALVES. L. A. Caxias do Sul: duas histórias. In: POSSAMAI et al. **Raízes de São Marcos e Criúva.** Porto Alegre: EST, 2005. p. 181-183.

ARTESANATO de Itamatatiua. **Itamatatiua**: um quilombo do Maranhão. 2007. Disponível em: <http://artesanatodeitamatatiua.blogspot.com/2007/06/itamatatiua-um-quilombo-do-maranho.html>. Acesso em: 15 jan. 2019.

ATLAS DO DESENVOLVIMENTO HUMANO NO BRASIL. **Alcântara, MA**. 2013. Disponível em: <http://atlasbrasil.org.br/2013/pt/perfil_m/alcantara_ma>. Acesso em: 15 jan. 2019.

ATLAS DO DESENVOLVIMENTO HUMANO NO BRASIL. **Caxias do Sul, RS**. 2013. Disponível em: <http://atlasbrasil.org.br/2013/pt/perfil_m/alcantara_ma>. Acesso em: 15 jan. 2019.

ATUASERRA. Associação de Turismo da Serra Nordeste. **Caxias do Sul**. 2019. Disponível em: <http://www.serragaucha.com/pt/paginas/caxias-do-sul/>. Acesso em: 15 jan. 2019.

BARBOSA, M. G. **Umas mulheres que dão no couro:** as Caixeiras do Divino no Maranhão. 2002. 219 f. Dissertação (Mestrado em História) - Programa de Pós-graduação em História, Pontifica Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2002.

BARRETO, L. A. **Um novo entendimento de folclore e outras abordagens culturais**. Sergipe: Sociedade editorial de Sergipe, 1994.

BERGER, P. L. **O dossel sagrado**: elementos para uma teoria sociológica da religião. São Paulo, Paulus, 1985.

BÍBLIA. **Bíblia Sagrada**: edição pastoral. Tradução Ivo Storniolo e Euclides Martins Balancin. São Paulo: Edições Paulinas, 2002.

BOFF, L. **A Santíssima Trindade é melhor comunidade.** Petrópolis: Vozes, 2009.

BOFF, L. **Direitos do Coração:** como reverdecer o deserto. São Paulo: Paulus, 2015.

BOFF, Leonardo. **A Trindade e a Sociedade**. Petrópolis: Vozes, 1999.

BORNET, P. Judaísmo: entre normas religiosas e imperativos éticos. In: MONTANDON. A. **O livro da Hospitalidade**: acolhida do estrangeiro na história e nas culturas. Tradução de Marcos Bagno e Lea Zylberlicht. São Paulo: Senac São Paulo, 2011. p. 131-144.

BOUTAUD, J. J. Comensalidade: compartilhar a mesa. In: MONTANDON, A. **O livro da Hospitalidade**: acolhida do estrangeiro na história e nas culturas. Tradução de Marcos Bagno e Lea Zylberlicht. São Paulo: Senac São Paulo, 2011. p. 1213-1230.

BUBLITZ, J. A Eco-História da colonização italiana no Rio Grande do Sul**. Métis**: História & Cultura, Caxias do Sul, v. 3, n. 6, 2004. Disponível em: <http://www.ucs.br/etc/revistas/index.php/metis/article/view/1165>. Acesso em: 10 jan. 2016.

BURSZTYN, I; BARTHOLO, R; DELAMARO, M. Turismo para quem? Sobre caminhos de desenvolvimento e alternativas para o turismo no Brasil. In: BARTHOLO, R.; SANSOLO, D. G; BURSZTYN, I. (Orgs.). **Turismo de base comunitária**: diversidade de olhares e experiências brasileiras. Rio de Janeiro: Letra e Imagem, 2009.

CAIRES, D. R. O barão republicano: Antonino da Silva Guimarães e a nova ordem em Alcântara na virada do século XIX. In: SIMPÓSIO DE HISTÓRIA DO MARANHÃO OITOCENTISTA, 2., 2011, São Luís. **Anais...** São Luís: UEMA, 2011.

CAMARGO, L. O. de L. A pesquisa em Hospitalidade. *In*: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 30., Santos. **Anais...** Santos: 2007. Disponível em: <http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2007/resumos/R1225-1.pdf>. Acesso em: 20 set. 2017.

CAMARGO, L. O. de L. **Hospitalidade**. São Paulo: Aleph, 2004.

CAMARGO, L. O. de L. Os interstícios da Hospitalidade. **Revista Hospitalidade**. São Paulo, v. 12, n. especial, p. 42-69, mai. 2015.

CARELI, S. S.; KNIERIM, L. C. (Orgs.). **Releituras da História do Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: Fundação Instituto Gaúcho de Tradição e Folclore, CORAG, 2011. Disponível em: <http://www.igtf.rs.gov.br/wp-content/uploads/2012/10/Livro-Digital.pdf>. Acesso em: 20 nov. 2015.

CARESTIATO, A. P. **Educação ambiental como estratégia de desenvolvimento local**: um estudo de caso. 2000. 270p. Dissertação (Mestrado em Geografia) - Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2000.

CARNEIRO, H. S. Comida e sociedade: significados sociais na história da alimentação. **História**: Questões & Debates, UFPR, Curitiba, n. 42, 71-80, 2005. Disponível em: <http://www.fecea.br/download/290_c48845d72c199598a8cf4139e5f8ab87.pdf>. Acesso em: 10 jan. 2016.

CARRÉ, J. Asilo de pobres: entre caridade e reclusão. In: MONTANDON. A. **O livro da Hospitalidade**: acolhida do estrangeiro na história e nas culturas. Tradução de Marcos Bagno e Lea Zylberlicht. São Paulo: Senac São Paulo, 2011. p. 575-582.

CASCUDO, L. da C. **História da Alimentação no Brasil.** São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1983.

CLIFFORD, J. **A experiência etnográfica**: Antropologia e Literatura no século XX. 3. ed. Rio de Janeiro: UFRJ, 2008. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/xmlui/handle/123456789/1361>. Acesso em: 17 mai. 2015.

COELHO NETTO, E. **História do sul do Maranhão**. Belo Horizonte: São Vicente, 1979.

COMANDULLI, S. P. E. **A ética da Hospitalidade no acolhimento do outro**. 2016. 104p. Dissertação (Mestrado em Filosofia) - Universidade de Caxias do Sul, Caxias do Sul, 2016.

CONGAR, Y. **Creio no Espírito Santo.** São Paulo: Paulinas, 2005.

CORTELETTI. **Patrimônio arqueológico de Caxias do Sul**. Porto alegre: Nova Prova, 2008.

DA MATTA, R. **O que faz o Brasil, Brasil***?* Rio de Janeiro: Rocco, 2001.

DAL CORNO. G. O. M. Localidades de Criúva: os topônimos como memória lexical. In: CONGRESSO NACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOLOGIA, 15., 2011, Rio de Janeiro. **Anais...** Cadernos do CNLF, v 15, n. 5, t. 2. Rio de Janeiro: CiFEFiL, 2011. Disponível em: <http://www.filologia.org.br/xv_cnlf/tomo_2/168.pdf>. Acesso em: 10 out. 2015.

DANIEL, J. M. P.; CRAVO, V. Z. Olhares antropológicos sobre a alimentação: valor social e cultural da alimentação. In: CANESQUI, A.; GARCIA, R. W. D. (Orgs.). **Antropologia e nutrição**: um diálogo possível. Rio de Janeiro: FIOCRUZ, 2005. Disponível em: <http://books.scielo.org/id/v6rkd/pdf/canesqui-9788575413876-04.pdf>. Acesso em: 15 fev. 2016.

DEL PRIORE, M. L. **Festa e utopias no Brasil colonial**. São Paulo: Brasiliense, 2000.

DERRIDA, J. **Adeus a Emmanuel Lévinas**. Tradução Fábio Landa e Eva Landa. São Paulo: Perspectiva, 2008.

DICIONÁRIO DE ÉTICA E FILOSOFIA MORAL. Organizado por Monique Canto-Sperber. v. 1. São Leopoldo, RS: UNISINOS, 2003. (Coleção Ideias. Dicionários).

DICIONÁRIO INFOPÉDIA DA LÍNGUA PORTUGUESA sem Acordo Ortográfico [em linha]. Porto: Porto Editora, 2003-2019. Disponível em: <https://www.infopedia.pt/dicionarios/lingua-portuguesa-aao/pelouro>. Acesso em: 16 out. 2018.

DICIONÁRIO ONLINE DE PORTUGUÊS**. Palavra Criúva [recurso eletrônico]**. Disponível em: <https://www.dicio.com.br/criuva/>. Acesso em: 25 out. 2016.

DICIONÁRIO ONLINE DE PORTUGUÊS. **Palavra Hospitalidade [recurso eletrônico]**. Disponível em: <https://www.dicio.com.br/Hospitalidade/>. Acesso em: 20 set. 2017.

DUFOURMANTELLE, A. **Anne Dufourmantelle convida Jacques Derrida a falar da hospitalidade**. Tradução de Antônio Romane. São Paulo: Escuta, 2003.
FARIAS, A. B. A Hospitalidade, Desconstrucionismo e Alteridade na filosofia do acolhimento de Derrida e Levinas. **Revista Filosofazer**, Passo Fundo, n. 38, jan./jun. 2011.

FÉ GAÚCHA – cultura e solidariedade. **Missa Crioula**. (n.d.). Disponível em: <http://www.fegaucha.com.br/missa.htm>. Acesso em: 15 fev. 2019.

FELIX, P. A controvérsia sobre a divindade do Espírito Santo no século IV (d.C.). **Revista de Cultura Teológica,** v. 20, n. 80, out-dez, 2012. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/culturateo/article/download/14407/10506>. Acesso em: 20 set. 2016.

FERRETTI, M. M. R. **De segunda a domingo**: etnografia de um mercado coberto; mina uma religião de origem africana. São Luis, MA: SIOGE, 1985.

FERRETTI, S. F. **Divino Toque do Maranhão**. [Texto Publicado no catálogo da Exposição]. Rio de Janeiro: Centro Nacional de Folclore e Cultura Popular, IPHAN, MEC, 2005. p. 9-29.

FERRETTI, S. F. Religiões afro-brasileiras na perspectiva de Gramsci. In: JORNADA SOBRE GRAMSCI, 1999, São Luis, MA. **Anais...** São Luis, MA: UFMA, 1999. Disponível em: <http://www.gpmina.ufma.br/arquivos/Religioes%20afro%20brasileiras%20na%20perspectiva%20de%20Gramsci.pdf>. Acesso em: 23 jul. 2015.

FRANCO; J. E. Joaquim de Flora e a sua influência na cultura portuguesa. **Revista Portuguesa de Ciência das Religiões**, v.1, n.1, p. 75-94, 2002.

GALANO, A. M. Iniciação à pesquisa com imagens. In: FELDMAN-BIANCO, B.; LEITE, M. L. M. (orgs.). **Desafios da imagem. Fotografia, iconografia e vídeo nas ciências sociais**. Campinas: Papirus, 1998. p. 173-193.

GARCIA, P. R. “Isto é o meu corpo”: rituais de alimentação e interação social no cristianismo primitivo. **Revista Caminhando**, São Paulo, v. 12, n. 20, p. 19-28, jul.-dez. 2007. Disponível em: <https://www.metodista.br/revistas/revistas-ims/index.php/Caminhando/article/view/1233>. Acesso em: 10 jan. 2016.

GASTAL, S. A.; COSTA, L. C. N.; MACHADO, F. C. Hospitalidade e acolhimento: o século XIX no Sul do Brasil. **Revista Hospitalidade**, São Paulo, v. 7, n.1, p. 43-64, jan.-jun. 2010.

GASTAL, S.; MARTINS, C. Hospitalidade e Festa do Espírito Santo: contributos da caridade, misericórdia e comensalidade. **Revista Hospitalidade**, v.15, n.1, p. 141-160, jan.-jul. 2018.

GAZETA MERCANTIL. **Guia do Executivo**: São Luís e cidades maranhenses. Melhoramentos, 1998. Disponível em: <http://www.integracao.gov.br/c/document_library/get_file?uuid=347a66e5-2e91-49b7-9bd5-5762d4ae3e02&groupId=24915>. Acesso em: 17 set 2016.

GERTZ, R. E. **Releituras da história dos Rio Grande do Sul. Fundação do Instituto Gaúcho**. Porto Alegre, RS: CORAG, 2011. Disponível em: <https://issuu.com/cultura_rs/docs/livro_digital>. Acesso em: 22 nov. 2018.

GOMES, C. M. **Turismo e Cultura no Maranhão:** as caixeiras da Festa do Divino Espírito Santo em Alcântara. 2013. 147 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Mestrado Profissional em Gestão de Negócios Turísticos, Centro de Estudos Sociais Aplicados, Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza, 2013. Disponível em: <http://www.uece.br/mpgnt/dmdocuments/GOMES,C.M.pdf>. Acesso em: 20 maio 2018.

GOMES, C. M.; BAPTISTA, M. L. C. Sacerdotisas do Divino e sujeito-trama do turismo: a Festa do Divino Espírito Santo, Alcântara, MA. *In*: SEMINÁRIO ANUAL DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO EM TURISMO. 12., 2015, Natal. **Anais do Seminário da ANPTUR**. Natal: ANPTUR, 2015. Disponível em: <http://www.anptur.org.br/anptur/anais/v.11/DCL1_pdf/11.pdf>. Acesso em: 17 jan. 2016.

GOMES, C. M.; GASTAL, S. A.; CORIOLANO, L. N. Hospitalidade na Festa do Divino: seu festejar em Alcântara e São Luís do Maranhão. **Revista Cenário**, v. 3, n. 5, p. 87-104, 2015. Disponível em: <http://periodicos.unb.br/index.php/revistacenario/article/view/15220>. Acesso em: 17 jan. 2016.

GOMES, M. S.; SANTOS, C. M.; VASCONCELOS, C.; ARAGÃO, H.; BRITTO, S.; ANDRADE, T. Turismo cultural, educação patrimonial e cidadania: uma experiência entre universidade, escola e museu em Sergipe. **Rosa dos Ventos**: Turismo e Hospitalidade, Caxias do Sul, v. 7, n. 3, p. 459-470, jul.-set. 2015. Disponível em: <http://www.ucs.br/etc/revistas/index.php/rosadosventos/article/view/3425>. Acesso em: 27 out. 2015.

GONÇALVES, J. R. A fome e o paladar: a antropologia nativa de Luis da Câmara Cascudo. **Revista Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 1, n. 33, p. 40-55, 2004. Disponível em: <http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/view/2210/1349>. Acesso em: 14 abr. 2016.

GOUVEIA, Cláudia Rejane Martins. 2001. **As Esposas do Divino**: Poder e prestígio feminino na Festa do Divino Espírito Santo em terreiros de Tambor de Mina de São Luís, Maranhão (Dissertação de Mestrado em Antropologia). Recife: UFPE.

GRASSI, M. C. Hospitalidade. Transpor a soleira. In: MONTANDON, A. **O livro da Hospitalidade**: acolhida do estrangeiro na história e nas culturas. Tradução de Marcos Bagno e Lea Zylberlicht. São Paulo: Senac São Paulo, 2011. p. 45-54.

HUBERT, S. Manjar dos deuses: as oferendas nas religiões afro-brasileiras. **Primeiros Estudos**, São Paulo, n. 1, p. 81-104. 2011. Disponível em: <http://www.fflch.usp.br/primeirosestudos/ojs/index.php/primeirosestudos/article/view/14/5>. Acesso em: 25 jan. 2016.

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Brasil em síntese:** Maranhão – Alcântara. Rio de Janeiro: IBGE, 2015. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/ma/alcantara/panorama>. Acesso em: 20 mai. 2018.

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Censo Demográfico 2010**. Cidades. Rio de Janeiro: IBGE, 2017. Disponível em: <https://censo2010.ibge.gov.br/resultados.html>. Acesso em: 20 mai. 2018.

IPHAN. Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. **Caixeiras do Divino Espírito Santo**: no bater da minha caixa estou convidando a folia. São Luis, MA: IPHAN, 2006.

LABRES, Ana Paula Vieira (2013**). Apaixonadas pela tradição gaúcha, elas se dividem entre a sala de aula e o CTG**. Lajeado, RS: Univates, 23 ago. 2013. Disponível em: <https://www.univates.br/noticia/11874-apaixonadas-pela-tradicao-gaucha-elas-se-dividem-entre-a-sala-de-aula-e-o-ctg>. Acesso em: 15 out. 2018.

LACROIX, M. de L. L. A criação de um mito. **Revista Virtual Outros Tempos: pesquisa em foco – História**, v. 2, n. 2, p. 54-80, 2005. Disponível em: <https://www.outrostempos.uema.br/OJS/index.php/outros_tempos_uema/article/view/381>. Acesso em: 27 ago. 2018.

LACROIX, M. de L. L. **São Luis do Maranhão**: corpo e alma. São Luis, MA: Lithograf, 2012.

LAMEIRAS, A. O alimento, a Festa e as relações sociais: a Festa de S. Sebastião numa aldeia de Barroso. **Revista de Guimarães,** n. 107, p. 219-242, 1997. Disponível em: <http://www.csarmento.uminho.pt/docs/ndat/rg/RG107_05.pdf>. Acesso em: 01 abr. 2016.

LAROQUE, L. F da S. **Releituras da história dos Rio Grande do Sul**. Porto Alegre, RS: CORAG, 2011. Disponível em: <https://issuu.com/cultura_rs/docs/livro_digital>. Acesso em: 22 nov. 2018.

LAVRADOR, J. L. P. **Ao sabor da Bíblia.** 2010. 227p. Dissertação (Mestrado da Faculdade de Letras) - Universidade de Coimbra, Coimbra, 2010. Disponível em: <https://estudogeral.sib.uc.pt/bitstream/10316/15381/1/Disserta%C3%A7%C3%A3o%20mestrado_Jos%C3%A9%20Lavrador.pdf>. Acesso em: 13 ago. 2016.

LAZARD, S. Ordem do Espírito Santo: a vocação das ordens hospitalárias. In: MONTANDON, A. **O livro da Hospitalidade**: acolhida do estrangeiro na história e nas culturas. Tradução de Marcos Bagno e Lea Zylberlicht. São Paulo: Senac São Paulo, 2011. p. 619-625.

LEAL, J. **As Festas do Espírito Santo nos Açores**: um estudo de antropologia social. Lisboa, Portugal: Dom Quixote, 1994.

LEAL, J. **O culto ao Divino, migrações e transformações**. Lisboa, Portugal: Edições 70, 2017.

LÉTOUBLON, F. Grécia arcaica: os deuses à mesa dos homens. In: MONTANDON, A. **O livro da Hospitalidade**: acolhida do estrangeiro na história e nas culturas. Tradução de Marcos Bagno e Lea Zylberlicht. São Paulo: Senac São Paulo, 2011. p. 353-378.

LÉVINAS, E. **Entre Nós**: ensaios sobre a alteridade. Tradução de Pergentino Pivatto. 2. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2005.

LOYN, H. R. (org.). **Dicionário Da Idade Média**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.

LUVIZOTTO, C. K. **Etnicidade e Separatismo no Rio Grande do Sul**. (Dissertação de Mestrado) - Faculdade de Filosofia e Ciências da Universidade Estadual Paulista. 2003. Disponível em: <https://repositorio.unesp.br/bitstream/handle/11449/88834/luvizotto_ck_me_mar.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 12 nov. 2018.

MARANHÃO. Secretaria de Estado de Turismo. **Maranhão único**. São Luís, MA: Secretaria de Estado de Turismo, 2011.

MARTINI, M. de; ROSSATO, N. D. Milenarismo na obra profética de Padre Antonio Vieira. **Letras**, Santa Maria, v. 21, n. 43, p. 171-196, jul.-dez. 2012. Disponível em: <http://www.revistamirabilia.com/sites/default/files/pdfs/2012_01_14.pdf>. Acesso em: 25 ago. 2017.

MARTINS, J. B. Observação participante: uma abordagem metodológica para a psicologia escolar. **SEMINA - Ciências Sociais e Humanas**, Londrina, v. 17, n. 3, p. 266-273, set. 1996. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.5433/1679-0383.1996v17n3p266>. Acesso em: 31 de out. 2015.

MATTOS, C. L. G. A abordagem etnográfica na investigação científica. In: MATTOS, C. L. G.; CASTRO, P. A. (orgs.). **Etnografia e educação**: conceitos e usos [online]. Campina Grande: EDUEPB, 2011. p. 49-83. Disponível em: <http://books.scielo.org>. Acesso em: 13 out. 2016.

MAUSS, M. Ensaio sobre a dádiva: forma e razão da troca nas sociedades arcaicas. In: **Sociologia e antropologia.** São Paulo: Cosac e Naify, 2008.

MAUSS, M. **Sociologia e antropologia**. São Paulo: Cosac & Naify, 2003.

MEDEIROS, A. Entre ficção e história: Isabel, a rainha Santa de Portugal. **Revista Graphos - Estudos Medievais**, João Pessoa, PB, v. 15, n. 1, p. 1-11, 2013. Disponível em: <http://www.periodicos.ufpb.br/ojs/index.php/graphos/article/view/16313>. Acesso em: 09 jan. 2018.

MEDEIROS, F. R. As origens de vila oliva em santo Antônio da Patrulha. In: POSSAMAI, O. J. et al. **Raízes de São Marcos e Criúva.** Porto Alegre: EST, 2005. p. 85-186.

MENDONÇA, M. L. A base de Alcântara e as comunidades remanescentes de Quilombos. *In*: PRIMER ENCUENTRO HEMISFÉRICO FRENTE A LA MILITARIZACIÓN, 1., 2003, San Cristóbal de Las Casas, México. **Ponencias.** San Cristóbal de Las Casas, México: [*s.n.*], 2003. Disponível em: <http://chiapas.laneta.org/desmilitarizacion/encuentro/ponencias/mlm04.htm>. Acesso em: 28 mar. 2013.

MINISTÉRIO DO TURISMO. **Maranhão tem novo mapa turístico**. Disponível em: <http://www.turismo.gov.br/%C3%BAltimas-not%C3%ADcias/6469-maranh%C3%A3o-tem-novo-mapa-tur%C3%ADstico.html>. Acesso em: 22 mai. 2018.

MOMMÉJA, E. **As Festas cristãs**: história, sentido e tradição. São Paulo: Paulus, 2014.

MORIN, E. **Os sete saberes necessários à educação do futuro**. São Paulo: Cortez; Brasília: UNESCO, 2005.

NASCIMENTO, C. R. do. Joaquim De Fiore: Trindade, história e milenarismo. **Mirabilia Journals**, v.1, p. 88-99, 2012. Disponível em: <http://www.revistamirabilia.com/sites/default/files/pdfs/2012_01_04.pdf>. Acesso em: 24 set. 2017.

NASCIMENTO, M. R. Religiosidade e cultura popular: catolicismo, irmandades e tradições em movimento. **Revista da Católica**, Uberlândia, v. 1, n. 2, 2009. Disponível em: <http://catolicaonline.com.br/revistadacatolica2/artigosv1n2/09-HISTORIA-01.pdf>. Acesso: 04 out. 2016.

OLIVEIRA, N.; CASQUEIRO, A. S. Ritos da Comensalidade festiva na Bahia**.** In: FREITAS, M. C. S., FONTES, G. A. V.; OLIVEIRA, N. (Orgs.). **Escritas e narrativas sobre alimentação e cultura**. Salvador: EDUFBA, 2008. p. 55- 88. Disponível em: <http://static.scielo.org/scielobooks/9q/pdf/freitas-9788523209148.pdf>. Acesso em: 10 mai. 2016.

ORNELLAS, C. P. As doenças e os doentes: a apreensão das práticas médicas no modo de produção capitalista. **Rev. Latino-Am. Enfermagem [online]**. v. 7, n. 1, p. 19-26,1999. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-11691999000100004&lng=pt&tlng=pt>. Acesso em: 15 jan. 2019.

PAIVA, L. P. F. **A Comensalidade dos rituais na Festa do Divino Espírito Santo de Alcântara/MA e sua potencialidade turística**. 2015. 226p. Dissertação (Mestrado em Turismo e Hotelaria) - Universidade do Vale do Itajaí, Balneário Camboriú, Santa Catarina, 2015.

PANZINI, R. G.; ROCHA, N. S.; BANDEIRA, D. R. FLECK, M. P. A. Qualidade de vida e espiritualidade. **Revista de Psiquiatria Clínica**, v. 34, supl.1, p. 105-115, 2007. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-60832007000700014&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 15 jan. 2019.

PASSOS, A. A. P. **Uma leitura acerca das interações culturais presentes na formação do Distrito de Criúva no município de Caxias do Sul**. 2016. 168p. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade de Caxias do Sul, Caxias do Sul, 2016. Disponível em: <https://repositorio.ucs.br/xmlui/handle/11338/1238>. Acesso em: 14 jun. 2016.

PEIRANO, M. Etnografia, ou a teoria vivida. **PontoUrbe [online]**, v. 2, fev. 2008. Disponível em: <https://pontourbe.revues.org/1890>. Acesso em: 14 jan. 2016.

PERCÍLIA, E. **Brasil Escola:** Aspectos naturais do Rio Grande do Sul. 2018. Disponível em <https://brasilescola.uol.com.br/brasil/aspectos-naturais-rio-grande-sul.htm>. Acesso em 14 jan. 2019.

PEREIRA, C. R. **Devoção e identidade**: a Festa do Divino Espírito Santo da Colônia Maranhense no Rio de Janeiro. 2005. 205p. Dissertação (Mestrado em Sociologia e Antropologia) - Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2005. Disponível em: <http://livros01.livrosgratis.com.br/cp008573.pdf>. Acesso em: 26 out. 2015.

PEREZ, D. G. et al. Para uma imagem não deformada do trabalho científico. **Ciência & Educação**, Bauru, v. 7, n. 2, p. 125-153, 2001. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ciedu/v7n2/01.pdf>. Acesso em 21 out. 2016.

PÉROL, C. Comércio: Ao javali azul. In: MONTANDON, Alain. **O livro da Hospitalidade**: acolhida do estrangeiro na história e nas culturas. Tradução de Marcos Bagno e Lea Zylberlicht. São Paulo: Senac São Paulo, 2011. p. 1251-1258.

PERROT, D. Dádiva: hospitalidade e reciprocidade. In: MONTANDON, A. **O livro da Hospitalidade**: acolhida do estrangeiro na história e nas culturas. Tradução de Marcos Bagno e Lea Zylberlicht. São Paulo: Senac São Paulo, 2011. p. 63-72.

PINHEIRO, T. R. O Turismo étnico de base comunitária e a reconstrução da cultura quilombola: o caso do quilombo do campinho da independência, Paraty, Rio de Janeiro. *In*: FÓRUM INTERNACIONAL DE TURISMO DO IGUASSU, 8., 2014, Rio de Janeiro. **Anais 2014**. Rio de Janeiro: [s.n.], 2014. Disponível em: <https://www.anaisforumturismoiguassu.com.br/2015/11/anais-2014.html>. Acesso em: 17 out. 2015.

PIVATTO, P. S. **Machado & Pivatto**: Ética e diferença no pensamento contemporâneo - 2ª SAEFIL da PUCRS, 2010. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=usbBdOaDg2Y>. Acesso em: 23 out. 16.

PIVATTO, P. S. Visão de homem na educação e o problema da humanização. **Revistas eletrônicas PUCRS**, Porto Alegre, v. 30, n. 2, p. 337-363, mai.-ago. 2007. Disponível em: <http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/faced/article/viewFile/562/392>. Acesso em: 23 out. 2016.

PNAD. **Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios 2017**. Rio de Janeiro: IBGE, 2017.

POSSAMAI, O. J. [Texto assinado pelo padre João O. Possamai divulgando a Festa do Divino Espírito Santo no ano de 2007]. Caxias do Sul: Jornal Pioneiro, 2007.

POSSAMAI, O. J. Formação étnica de São Marcos e das comunidades circunvizinhas. In: POSSAMAI et. al. **Raizes de São Marcos e Criúva.** Porto Alegre: EST, 2005. p. 38-47.

POSSAMAI, O. J.; BOSSARDI, L. T. R.; BARROSO. V. L. M. Padre Pedro Rizzon: um notável são-marquense. In: POSSAMAI et. al. **Raizes de São Marcos e Criúva**. Porto Alegre: EST, 2005. p. 351-369.

PREFEITURA DE CAXIAS DO SUL. 2016. Disponível em: <https://www.caxias.rs.gov.br>. Acesso em: 19 jan. 2016.

PREFEITURA MUNICIPAL DE ALCÂNTARA. **Festejo do Divino Espírito Santo**. Alcântara, MA: Prefeitura Municipal de Alcântara, 2017. 1 cartaz.

PREFEITURA MUNICIPAL DE SANTO ANTONIO DE PATRULHA. **História do município**. 2017. Disponível em: <http://www.santoantoniodapatrulha.rs.gov.br/pmsap/historia-do-municipio>. Acesso em: 24 jun. 2017.

QUADROS, A. H. de. A Hospitalidade e o diferencial competitivo das empresas prestadoras de serviço. **Revista Hospitalidade**, São Paulo, v. 8, n. 1, p. 43-57, jan.-jun. 2011. Disponível em: <https://www.revhosp.org/hospitalidade/article/view/346>. Acesso em: 15 jan. 2019.

RAMÔA, J. Isabel de Aragão, rainha e santa de Portugal: o seu jacente medieval como imagem excelsa de santidade. **Cultura:** Revista de História e Teoria das Ideias, v. 27, p. 63-81, 2010. Disponível em: <https://journals.openedition.org/cultura/356>. Acesso em: 25 fev. 2019.
REIS, L. G. G. dos. Criúva: um elo entre Caxias do Sul e São Marcos. In: POSSAMAI et al. **Raízes de São Marcos e Criúva**. Porto Alegre: EST, 2005. p. 84-185.

RIBEIRO, D. **O Povo Brasileiro**: a formação e o sentido do Brasil. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1995. Disponível em: <http://www.usp.br/cje/anexos/pierre/ribeiro_darcy_povo_brasileiro_formacao_e_o_sentido_do_brasil.pdf>. Acesso em: 15 jan. 2016.

RIO GRANDE DO SUL. **Boletim Geográfico do Rio Grande do Sul**. n. 32. Porto Alegre, RS: Secretaria de Planejamento, Gestão e Governança – RS, dez. 2018. Disponível em: <https://revistas.fee.tche.br/index.php/boletim-geografico-rs>. Acesso em: 5 jun. de 2018.

ROCHA, M. F. S. **A Festa do Divino Espírito Santo no Maranhão**: uma proposta de glossário. 2008. 163p. Dissertação [Mestrado em Linguística] - Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2008.

RODRIGUES, H. **Entre o espetáculo e a devoção**: a Festa do Divino Espírito Santo em Mogi das Cruzes (SP)**.** 2006. 182p - Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) Universidade de São Paulo, São Paulo, SP, 2006. Disponível em: <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8134/tde-29012007-160024/pt-br.php>. Acesso em: 26 out. 2015.

ROSSATO, Ricardo. **Século XXI:** saberes em construção. 2. ed. Passo Fundo: UPF, 2006.

SANTOS, C. R. A. A alimentação e seu lugar na história: os tempos da memória gustativa. **História**: Questões & Debates, Curitiba, n. 42, p. 11-31, 2005. Disponível em: <http://revistas.ufpr.br/historia/article/view/4643/3797>. Acesso em: 23 mai. 2016.

SANTOS, L. A. S. A questão alimentar na trajetória do pensamento antropológico clássico. In: FREITAS, M. C. S., FONTES, G. A. V.; OLIVEIRA, N. (Orgs.). **Escritas e narrativas sobre alimentação e cultura**. Salvador: EDUFBA, 2008. Disponível em: <http://static.scielo.org/scielobooks/9q/pdf/freitas-9788523209148.pdf>. Acesso em: 10 mai. 2016. p. 77-303.

SANTOS, M. M. C.; PERAZZOLO, O. A. Hospitalidade numa perspectiva coletiva: o corpo coletivo acolhedor. **RBTur - Revista Brasileira de Turismo**, São Paulo, v. 6, n. 1, p. 3-15, jan.-abr. 2012. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.7784/rbtur.v6i1.484>. Acesso em: 14 jul. 2015.

SANTOS, Miriam de Oliveira. A imigração italiana para o Rio Grande do Sul no final do século XIX. **Histórica:** Revista online do Arquivo Público de São Paulo, São Paulo, v. 2, n. 9, p.1-11, abr. 2009. Disponível em: <http://www.arquivoestado.sp.gov.br/site/publicacoes/revista_historica/ver/revista-historica-09>. Acesso em: 15 jan. 2019.

SAULE JÚNIOR, N. et al. A situação dos direitos humanos das comunidades negras e tradicionais de Alcântara. O direito à terra e à moradia dos remanescentes de quilombos de Alcântara, MA - Brasil. In: **Relatório da Missão da Relatoria Nacional do Direito à Moradia Adequada e à Terra Urbana.** São Paulo: Instituto Pólis, 2003.
SAVARIS, M. C. **Rio Grande do Sul história e identidade**. Porto Alegre: Fundação Cultural Gaúcha-MTG, 2008.

SCHEMEIL, Y. Banquetes públicos: redes de sociabilidade no mundo. In: MONTANDON. A. **O livro da Hospitalidade**: acolhida do estrangeiro na história e nas culturas. Tradução de Marcos Bagno e Lea Zylberlicht. São Paulo: Senac São Paulo, 2011. p. 1195-1212,

SELISTRE, M. I.; BEMFICA. C. R. Santo Antonio da Patrulha e Criúva: laços de família. In: POSSAMAI et al. **Raízes de São Marcos e Criúva.** Porto Alegre: EST, 2005.

SILVA, G.; MELO, S. F. B. Análise religiosa e cultural das comunidades quilombolas na atualidade. *In*: COLÓQUIO DE HISTÓRIA, PERSPECTIVAS HISTÓRICAS, 5., 2011. Disponível em: <http://www.unicap.br/coloquiodehistoria/wp-content/uploads/2013/11/5Col-p.1371-1384.pdf>. Acesso em: 05 out. 2016.

SILVA, P. A. **O príncipe perfeito e a saúde do reino (Portugal, século XV)**. 2012. 309 f. Tese (Doutorado em História) - Universidade Federal Fluminense, Niterói, Rio de Janeiro, 2012.

SOARES, F. C.; CAMARGO, L. O. L. Produção científica sobre Comensalidade no Brasil: estudo documental de teses e dissertações (1997- 2011). **Revista Rosa dos Ventos – Turismo e Hospitalidade**, Caxias do Sul, v. 7, n. 2, p. 191-204, abr.-jun. 2015. Disponível em: <http://www.ucs.br/etc/revistas/index.php/rosadosventos/article/view/3410>. Acesso em: 24 jun. 2016.

SYDOW, E. **Alcântara**: Vida e Resistência: comunidades Remanescentes de Quilombos de Alcântara, Maranhão. São Paulo: Rede Social de Justiça e Direitos Humanos, 2004.

TEDESCO, J. C.; ROSSETO, V. **Festas e saberes**: artesanatos, genealogia e memória imaterial na região colonial do Rio Grande do Sul. Passo Fundo: Méritos, 2007.

TOPARKOV, A. L. Império russo: cerimonial à mesa e troca de dádivas. In: MONTANDON, A. **O livro da Hospitalidade**: acolhida do estrangeiro na história e nas culturas. Tradução de Marcos Bagno e Lea Zylberlicht. São Paulo: Senac São Paulo, 2011. p. 207-220.

VAN GENNEP, A. **Os ritos de passagens**. Petrópolis: Vozes, 1977.

VILLANOVA, W.; PELEGRINI, S. C. A. E dos devotos do Espírito Santo. Fé e devoção: o alimento sagrado na Festa do Divino em SP. *In*: CONGRESSO INTERNACIONAL DE HISTÓRIA, 5., Maringá, PR. 2011. **Anais...** Maringá, PR, 2011. Disponível em: <http://www.cih.uem.br/anais/2011/trabalhos/373.pdf>. Acesso em: 10 mar. 2016.

VIVEIROS, J. de. **História do comércio do Maranhão**. São Luís, MA: Associação Comercial do Maranhão, 1992. (Reedição Fac-similar).

ZAMBERLAN, L. et al. Do churrasco à Parrilla: um estudo sobre a influência da cultura nos rituais alimentares de brasileiros e argentinos. *In*: ENCONTRO DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA EM ADMINISTRAÇÃO, 33., 2009, São Paulo. **Anais...** São Paulo: ENAPAD, 2009. Disponível em: <Scartonhttp://www.anpad.org.br/diversos/trabalhos/EnANPAD/enanpad_2009/MKT/2009_MKT2833.pdf>. Acesso em: 21 mai. 2016.

ZANELLA, A. V. Atividade, significação e constituição do sujeito: considerações à luz da psicologia histórico-cultural. **Psicologia em Estudo**, Maringá, v. 9, n. 1, p. 127-135, jan.-abr. 2004. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1413-73722004000100016&script=sci_arttext>. Acesso em: 7 jul. 2015.

ZAVARIZE, A. [sem título]. In: OLIVA, C. L. Quilombo e praias primitivas em Alcântara. **Revista Qual Viagem [digital]**, 24 mar. 2017. 2 fotografias. Disponível em: <http://www.qualviagem.com.br/quilombo-e-praias-primitivas-em-alcantara/>. Acesso em 15 mar. 2018.

ZEZINHO, P. **De volta ao catolicismo**: subsídios para uma catequese de atitudes. São Paulo: Paulinas, 2009.

APÊNDICE A

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

Estou desenvolvendo uma pesquisa sobre “A Hospitalidade na Festa do Divino Espírito Santo em Alcântara (MA) e Distrito de Criúva no Rio Grande do Sul” e tenho interesse em conhecer como se dão os entrelaçamentos entre a comensalidade e a hospitalidade na Festa do Divino Espirito Santo. A pesquisa faz parte do programa de Pós-Graduação em Turismo e Hospitalidade (Doutorado) da UCS – Universidade de Caxias do Sul. O estudo objetiva compreender as similitudes e diferenças entre as Festas do Divino Espírito Santo em lugares extremos do Brasil. Assim, gostaria de entrevista-la para obter informações sobre a sua percepção sobre esse tema. A sua participação é voluntária, bem como qualquer informação a mim disponibilizada. As informações da entrevista serão utilizadas na pesquisa. Se tiver qualquer dúvida, poderá interromper a entrevista e solicitar os esclarecimentos que quiser. Disponibilizamos também um telefone para qualquer dúvida que surgir após o término da sua entrevista (098-984181733).

Data:

Nome:

Função na Festa:

Assinatura da entrevistada: _____

Assinatura do entrevistador: _____

APÊNDICE B

5.3 NARRATIVAS DE QUEM FAZ E VIVE A FESTA DO DIVINO

5.3.1 Em Alcântara

O Huntó chefe da Casa das Minas em São Luis, Elsébio Pinto, diz sobre Alcântara:

..Promessa

Em Alcântara a festa é católica e de promessa, diferente da Casa das Minas e toda feita pelas caixeiras e as doações que recebem. Na Casa das Minas o custo é outro, não tem patrocínio garantido, dependendo de uma série de eventos preliminares que irão garantir alguma arrecadação que contribua para a execução.As joias do império não dão conta de bancar a festa. Apesar de concorrer a projetos financeiros e federais e ganhar alguns, o dinheiro não chega imediatamente e as contas só acumulam o que no final não resulta em grandes ganhos. Agora... sobre hospitalidade e o alimento que é servido nas Festas do Divino, as duas são hospitaleiras, pois se preocupam em receber os fiéis com atenção e cuidado em fazê-lo sentir-se em casa.

..Cuidado
..Comensalidad Hospitalidade
..Atenção

Pergunto porque os brincantes ou simpatizantes da festa se sentiriam em casa e ele imediatamente responde que:

- “O simples fato de crerem no Divino Espírito Santo já os irmana, tornando-os uma mesma família.”

Família

O Professor Francisco das Chagas, do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Maranhão da cidade de Alcântara, diz que:

A festa representa tradição e que o alimento presente na festa representa gentileza, partilha, troca, hospitalidade, é como dizer seja bem vindo. O povo é gentil com qualquer um que chegue independente de ser rico ou pobre. Só acho que a festa deveria vir para dentro da escola ou que a escola deveria ir para dentro da festa para que dessa forma pudesse sensibilizar o aluno sobre a importância dessa tradição, pois a festa do Divino de Alcântara é ímpar.

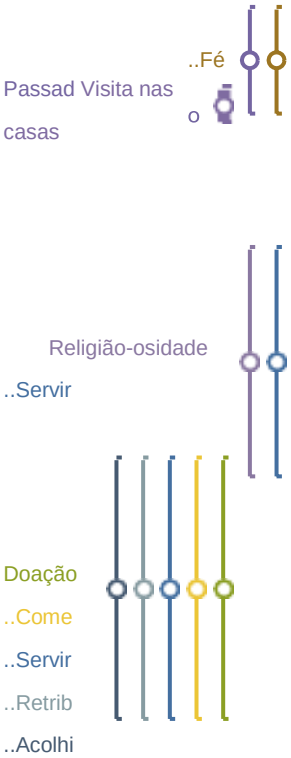
Tradição da Fes
..Partilha
..Gentileza
..Troca

Léa Silva, ajuda na preparação dos alimentos para a festa e diz que compreende a função do alimento servido como agradecimento ao Divino e procura ser gentil com os peregrinos que vem de longe,

- “... É doação que se dá para os que querem receber e vem das joias, do que é arrecadado para a festa. Tem donativos para os mais carentes também.”

Sandra Pinheiro, também de Alcântara, já prepara há oito anos os alimentos para a festa e diz que:

Doação



12

O alimento retrata o congraçamento com o passado, com a senzala, com os que morreram açoitados. Congraça também com quem visita e tem fé. Na hierarquia... tem imperador, mordomo régio, mordomo baixo, a mesa do império é uma que serve o imperador e os mordomos, e na... das caixeiras que servem elas e as bandeirinhas... Ser Festeira significa servir ao Divino, praticar religiosidade e cultura ao mesmo tempo. Eu sempre quis ser festeira, é uma festa que sempre esteve na alma do alcantarense, são doze dias vivendo o Espírito Santo. As pessoas vem em nossa casa comer e beber com alegria, é gratificante. É uma festa para dar de comer e beber aos pobres e continuamos fazendo isso. Sirvo a comida retribuindo ao Divino tudo que me deu, é também uma forma de agradar quem visita, acolher, alimentar e doar. A festa é acolhimento e doação. Tudo que você recebe doa de volta, não adianta guardar para sí, se ganha precisa doar sempre.

A festeira D. Maria Guilhermina, me diz que, como a netinha dela nasceu com problemas do coração, fez uma promessa e como alcançou a graça: Passamos dois anos nos preparando para ser festeiros, compramos formas, panelas, 6.000,00 de custos com músicos e pretendo continuar sendo festeira em agradecimento. Sirvo a todos que vem a minha casa, carne, frango, torta de camarão, arroz de cuxá, etc. É comida que serve o dia todo um número grande de pessoas, sirvo também licor e doce como é de tradição. A gente sai esmolando em um tempo e depois devolve em alimento tudo que ganhou e ainda partilha o que sobra com todos que trabalharam para o Divino.

O Mestre Sala Wisley Santos, da festa de Alcântara de 2017 diz o que pode e o que não deve fazer ao receber os visitantes em sua casa:
Cuido da ordem e do respeito e cuido da parte religiosa do ritual da casa, a comida é dada pelo festeiro e quem chega, precisa ser recebido com alimento, é isso que faz um festeiro digno, o que se recebe é para dar, gratificar, dar o que tem. Quem ganhou foi o Divino e por ele é preciso distribuir. Quem chega precisa se sentir em casa, se sentir bem e é isso que o Divino quer de mim.

Edil James de Jesus Nascimento, funcionário do IMPE de Alcântara, costuma ver a festa anualmente e é uma festa, segundo ele, que junta o religioso com o costume local.

13

Ele vê a hospitalidade presente na receptividade dos festeiros e na partilha dos alimentos. A festa para eles é o momento de ser acolhedor e receptivo com quem visita e compartilha com eles esse momento de celebração, afinal a viagem é longa.

Karina Walesca, diz que:

Muitas pessoas vem para participar da festa por questões religiosas e é na festa que também congregam as famílias, é momento de reunir a família, é momento de receber visita e agradecer. A cidade se programa para receber a todos. Tem uma questão de hospitalidade ai, apesar de não ter uma infraestrutura própria para isso. Mas a acolhida é própria da festa tanto a quem se diverte como a quem professa a fé. É o momento de partilhar com os que chegam para além do compromisso do Divino. Todos são convidados a mesa e de forma gratuita. O festeiro é uma representação do Divino Espírito Santo que é solidariedade, igualdade, humildade, partilha e por isso quem chega é acolhido pelo Espírito Santo em igualdade, independente de classe, cor e religião. É mais pura doação. Quem sai como festeiro pede ajuda aos amigos, dar ao Espirito Santo o seu trabalho e a sua fé e recebe uma graça de volta e todos recebem o Divino, a doação não é apenas de bens materiais. A festa é medievalista, ritualizada em fundamentos medievais, do período fiorista, havendo rituais de preparo de toda a festa e também dos alimentos, pois não é um alimento qualquer, mas o alimento em prol do Divino, uma mesa do Divino Espírito Santo. Tem os doces e as pessoas certas que sabem o ponto exato do doce de espécie, toda a forma de preparo é considerada. Existem os materiais adequados, não pode ser qualquer material e nem qualquer pessoa. Tem todo um viés de fundo que é o que embeleza a festa e respeita o rito e a sequencia da festa. É uma festa de regras e normas próprias. É uma tradição renovada anualmente.

18

19

Seu Moacir Brito Amorim, coordenador da Festa do Divino em Alcântara, diz dos cinquenta anos que ele participa da Festa:

- “Não há o que duvidar da hospitalidade da Festa onde todos se reúnem para servir e ser servido, é uma festa diferenciada onde em todas as casa você é recebido no almoço e no jantar com comida farta. É partilha, é doação e hospitalidade.”

A esposa de seu Moacir diz que participar da Festa significa:

- “Tudo. Peço a Deus que essa Festa nunca termine… É

a mais bonita, representa fé, partilha, comunhão. A doação é mais do que obrigação, é retribuição pelas graças alcançadas."

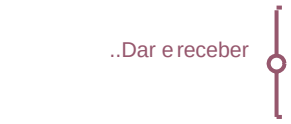
O Mordomo Régio, Haroldo Silva Moraes Junior, diz que subiu de posto, de Mordomo Baixo para Mordomo Régio que é a primeira pessoa depois do Imperador em grau de hierarquia e que já pode assumir o cargo de Imperador doravante e fala também da honra que é participar dessa festa e dessa tradição respeitando a hierarquia e acompanhando a sua própria evolução na Festa. Sobre hospitalidade ele diz que:

24

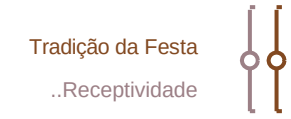
A Festa é hospitaleira e feita para doar em agradecimento a tudo que lhes é conferido em graça. A Festa é união, solidariedade, graça recebida, paz de espírito, perpetuação de valores e de tradição. É manutenção tanto do corpo quanto da alma; a Festa tem vários sentidos. A cidade para para o acontecimento da Festa, é puro acolhimento e doação; é um período em que as pessoas ficam mais abertas, o Divino tem esse poder de transformação, por mais que você esteja em uma fase ruim, ele consegue te transformar e fazer com que você possa passar essa energia positiva para as pessoas que chegam. É a maior festa que se tem em Alcântara e em se tratando de Festa do Divino, creio que é a maior do Brasil. O alimento doado na festa é doação sendo retribuído pelas graças recebidas e quanto mais você dá, mais você recebe".

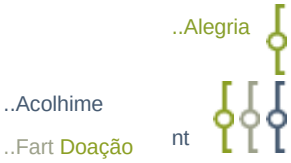
Sobre a música na festa, D. Enilde Amorim me fala sobre a banda de música que irá tocar para o Divino, explica:

- "É compromisso especial e tradição desde a época de D. Pedro. A gente faz a festa para recepcionar quem vem prestigiar o Divino".



25





Um músico passando por alí se manifesta dizendo da alegria e da paz que é tocar para o Divino e também fala de acolhimento e fartura; eles sempre tem algo para doar a quem visitar.

- "Sempre que faz tudo com amor para o Divino Espírito Santo, sempre dá tudo certo. Tudo que eu peço ao Divino Espírito Santo acontece".

Senhor Totó, Antônio Atanásio de Lima, alcantarense e experiente participante da festa, participou como festeiro e relata suas impressões sobre a festa: "é de acolhimento", ele diz que os mordomos e festeiros do ano em questão tem exatamente essa pretensão:

..Acolhimento
..Partilha
..Dar e receber

31 - “Ah, é acolher quem visita suas casas, partilhar e acolher principalmente com a comunidade, mas também recebemos muito bem todos que vem de fora.”

Eu grifo a pergunta, a pretensão é justamente essa, como assim?

- “Em primeiro lugar, o acolhimento é tentar fazer tudo que for possível em prol do Divino, acolher a todos muito bem. O festeiro não faz a festa sozinho, todos da comunidade se envolvem.”

32 Uma curiosidade sobre seu Antônio e sua visão sobre a festa é que ele relaciona diretamente aos Açores, não fazendo menção nem a Rainha D. Isabel, nem a Joaquim de Fiore.

..Açores

33 Da mesma forma, Ernestina Boueres, estudante do Ifma- Alcântara e Comerciante da cidade, perguntada sobre de Fiore ou Santa Isabel, ela ressalta o papel da rainha e por causa da caridade para com os pobres, fala da partilha e do acolhimento, ela diz crer que durante o banquete há caridade, gratidão e retribuição.

..Caridade
..Acolhimento..
Partilha
..Retribuição

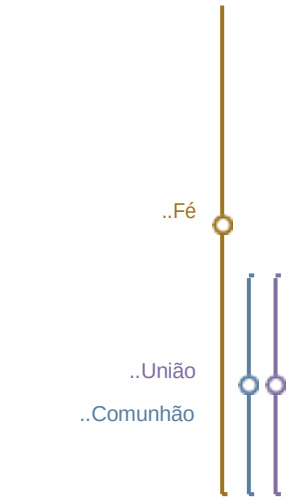
..Gratidão

34 Seu Antônio faz questão de contar o passo a passo da festa do Divino (na visão dele) e aí identifica vários elementos de humildade e partilha:

- Meses depois do final da festa, no mesmo ano, ainda na praça da Matriz, entre quinze e dezoito de agosto, com missa solene na Igreja de Nossa Senhora do Carmo às 19:00 h, logo após a celebração, o festeiro do próximo ano receberá a coroa das mãos do Imperador do última festa (esse é um momento importante que pouca gente conhece, na verdade a festa já começa aí, é a passagem, a transferência da responsabilidade).
- Iniciam-se os trabalhos na Páscoa seguinte no dia da ressurreição, mordomos e festeiros estarão todos na igreja, vestidos de branco, acompanhados de caixeiras, bandeirinhas, mestre-salas, bandeireiros, bandeira do império (vermelha), bandeira do Mordomo Régio (verde). Após a celebração será feita a cerimônia de entrega dos santos de cada um dos festeiros (pombas do Divino) e convida o público para ir às casas tomar chocolate e comer doces. (Aqui é momento primeiro de comunhão entre os convivas da festa do Divino alcantarense, momento de partilha, de comunhão, de união e de alegria).
- Dez dias antes do mastro ser levantado, um

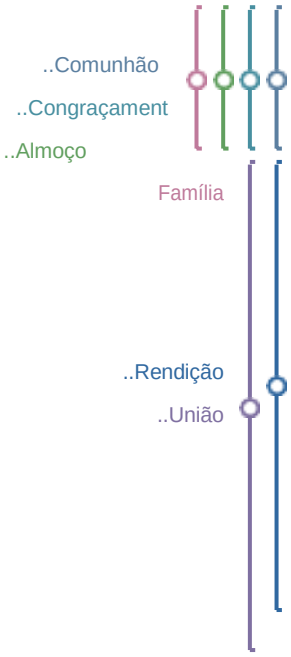
35

..Comunhão
..Alegria
..Servir
..Dar e receber



número expressivo de pessoas se dirigem à mata (Pepital- reserva ambiental) com permissão da Aeronáutica para fazer retirada da madeira exclusivamente para a manutenção dessa prática cultural (segundo Sr. Antônio Lima). São 20 ou 30 homens só para a derrubada do mastro e retirada da casca da madeira e sete dias após a derrubada na mata haverá o buscamento em carroceria de caminhão, muita gente, muita animação e vibração, acompanhada agora por caixeiras, bandeiras e fieis, chegando na Praça do Cemitério por volta do meio dia. (Outro importante momento de comunhão das famílias que comungam da mesma fé).

- Todas as bandas e orquestras se reúnem em torno do mastro principal que fica depositado no Porto do Jacaré, fazem o roteiro pela cidade e chegam a Praça d Matriz para decorar o mastro e defuma-lo. As caixeiras vêm com as bandeiras tocar ao pé do mastro e as 19:00 h todos descansam. E na quinta da ascensão será o primeiro dia de festa de fato. As 07;00 h os Mestre-sala de cada festa vão à casa dos mordomos que estão preparados pelos seus responsáveis e acompanhados de orquestras se dirigem à casa do Império para caminharem juntos à igreja, com o cortejo as 09:00 h e após a missa saem em novo cortejo pela cidade, retornando para a casa do Império para um almoço para a comissão da festa e seus familiares. (Outro momento de congraçamento, alegria, mesa farta e partilha).
- Ainda na quinta feira da Ascensão as 15:00 h tem a prisão do Mordomo, que é um vassalo que vai em busca do Mordomo festeiro (o de cada casa) momento que sempre causa uma emoção, um suspense... (diz seu Totó), é posta uma fita vermelha no braço do Mordomo representando dominação, está rendido. (Vermelho é a cor do Império), todos seguem-no, em direção ao mastro e por lá ficam ao som da cantoria das caixeiras e seus versos e o público assistindo. Esse momento dura cerca de uma hora. (Elas cantam seus versos e tocam suas caixas, louvam e contam histórias... momento de muita emoção e união).
- Na sexta feira é o levantamento do mastro do Mordomo Régio, esse ato só começou de 1986 para cá e foi incorporado à festa e hoje já é reconhecida como parte da tradição.
- No sábado, todos os Mordomos levam os Mestres–Sala para a Ladainha com missa as 19:00 h.



44

Depois passam na casa do Império e voltam para suas casas para recepcionar o povo e servir-lhes doces e bebidas. (mais congraçamento, partilha. Todos comem e bebem com alegria).

- Cada festeiro tem uma data específica para o esmolar e saem de casa em casa, na comunidade. O Imperador e a Imperatriz saem com as caixeiras para o ato de esmolar e também pela comunidade, podendo partilhar como quiserem o apuro, mas normalmente tudo é revertido para a festa mesmo. (O esmolar faz parte da nossa cultura, da tradição e é assim que angariamos ajuda para fazer uma festa cara como essa e é aqui que recebemos e o que recebemos que doamos de volta, dando graças ao Divino).
- Ele diz que o momento mais bonito da festa para ele é o dia da visita e na hora que vão visitar o Império e a uma distância de uns cem metros da casa do Império, o Império desce com toda a sua corte e vem receber seu mordomo aqui fora “esse momento aqui para mim é”... (ele se emociona e mareja os olhos). Ele diz que não vive para o Divino, mas é uma alegria dedicar um tempo de sua vida para a festa. (Esse é um dos maiores expoentes de troca, humildade e partilha, como o que D. Fátima, esposa de seu Antônio explicará a seguir).
- D. Fátima diz que:

O melhor momento da festa para ela é quando Imperador com Mordomo Baixo vão visitados, porque eles saem de dentro do reinado e vão para a rua para poder subir para a casa deles e a orquestra deles vem tocando com hinos militares. Quando o Império se aproxima daquele visitante mordomo, o visitante para a sua orquestra e a orquestra que continua tocando é a do Império que vai recebe-lo. Ao se aproximar são trocadas as bandeiras (no caso de Mordomo-baixo não tem bandeira, só Mordomo-régio e Imperador) aí os santos são trocados, o Império recebe o santo do visitante e dá a sua coroa para o visitante e coloca o visitante à sua frente, à frente do cortejo do Império, o Império fica atrás. (Essa é uma forma de humildade como a que propõe o Espírito Santo, o casal se emociona, seguimos conversando sobre a importância de refletir sobre esses instantes e suas significâncias).

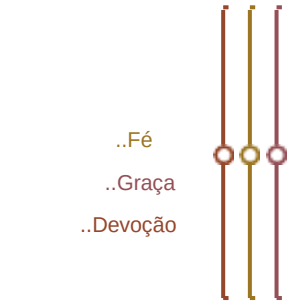
45

Estudante do Instituto Federal de Educação Ciência e

49

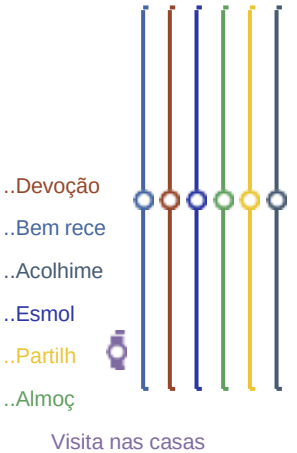
Tecnologia de Alcântara, Denise Serejo diz:

O brilhantismo da festa do Divino e Alcântara vem da “doação” para quase tudo que faz a festa, diz também que a Festa do Divino Espírito Santo daqui é sinônimo de acolhimento e doação. Alcântara recebe contribuição do Governo Estadual, mas se sabe que essa contribuição não chega a suprir a necessidade de cada festeiro, são doze dias de festa, dias em que as pessoas almoçam nas casas, ainda tem as visitas com distribuição de doces e chocolates, tudo com doção, recebimento de “jóias” que são doadas de coração e ajudam bastante para fazer a festa porque é cara. “se recebe com bastante comida e hospitalidade também, preocupados em receber, em agradar de verdade, em ter aquela hospitalidade de forma que os visitantes venham, participem da festa e saiam falando bem, bons comentários, ‘comi bem, bebi bem,’ isso é hospitalidade, entendeu? O Mordomo desse ano de 2018, deu um depoimento muito interessante na igreja, dizendo que ele não é morador de Alcântara, mas recebeu um ‘chamado’ do Divino para fazer a festa, isso é uma prova de doação e retribuição ao Divino, pelas graças alcançadas. Para mim, festa do Divino significa fé e devoção”.



A Imperatriz do Trono, da Festa do Divino de Alcântara de 2018 Kessya Moreira diz:

Ser Imperatriz do Divino Espírito Santo significa representar a Rainha Isabel de Aragão, a ‘criadora’ da festa em Portugal. É o maior posto da festa na hierarquia, eu apenas represento a festa. Acolhemos todos que vêm à festa, aqueles que visitam. E de partilha porque tudo que se consegue na festa é dividido, é partilhado. Embora várias pessoas não tenham consciência sobre os significados, momentos de partilha são: esmola, almoço na casa do festeiro que será o dono da visita na noite. A festa é devoção e bem receber.
Sobre a hierarquia, o imperador é o Estado
Maior, ele é que comanda tudo. Depois dele é o mordomo-régio... Ou a mordoma-régia. Tem também as bandeireiras e as caixeiras que são os que completam a festa. A gente tem todo um processo de hierarquia mesmo. Toda vez que eu saio (enquanto Mordoma) é obrigatório tocar um foguete avisando que estou saindo, faz parte da tradição. Isso é hierarquia da festa. Às vezes o foguete significa agradecimento às joias, ou também



..Jóia

..Caridade Doação

..Fé

..Comida

porque o Mordomo está saindo, se sai toca um foguete para avisar. A festa representa espiritualidade, caridade, tradição e engloba mais doação mesmo e situações que precisam de doação. Não é só colocar uma roupa bonita, mas há uma entrega, andar no sol quente, um monte de anáguas, roupa pesada, atender as pessoas, isso que é o essencial. As pessoas têm uma fé muito grande e tudo que a gente faz é pensar no santo (Divino) e pensa no que o santo vai fazer com a gente. Por isso tratamos bem as pessoas para agradar ao Divino espírito Santo.

E na mesa tem hierarquia ou todas são iguais?

Tem. A mesa do Império é uma, a mesa das Caixeiras é outra. Na mesa do Império quem se serve primeiro são os mordomos, é o imperador e o mordomo régio e os mordomos baixos. E na mesa das Caixeiras são as caixeiras, bandeiras e bandeireiros. Bandeirinhas e bandeireiros. A mesa do Império é separada... Porque devido à guerra de Portugal, D. Pedro fez promessa, aí o povo que ficou com essa festa, a maior festa pra fazer devido que o Brasil se tornou liberto de Portugal. E foi só isso que ela esqueceu.Mas assim, ó, a festa veio para o Brasil porque a imperatriz D. Isabel fez uma promessa para o Divino, para que o marido e o filho dela fizessem as pazes, veio também para o Brasil e aí, de acordo com a miscigenação com os negros que vieram da África, os índios que aqui viviam e os portugueses, houve uma junção que a gente chama de sincretismo religioso e a partir de então passou a haver uma festa trazendo outros elementos, dos africanos, dos índios, juntou tudo e hoje nós temos a nossa festa que Alcântara é a maior representante. São 12 dias de festa, mas você já começam a se preparar desde o dia em que seu nome sai no “pelôro” no dia de Pentecostes.

Seu nome sai no “Pelôro” e você já começa a se preparar? Então vocês trabalham o ano todo? Terminam uma festa e já começam a outra.

- “Ïsso mesmo”.

Com esses depoimentos é possível perceber a doação do alcantarense

à festa relevante de seu calendário católico e a abnegação e resistência

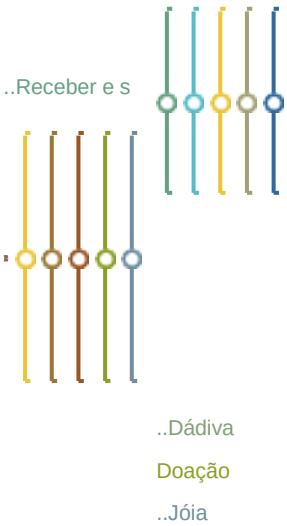
das

caixeiras para manter um legado que lhes confere mais do que tradição, respeitabilidade junto à comunidade local e aos visitantes. Sua história rompe os muros alcantarenses, impressiona músicos treinados e profundos conhecedores de festa do Divino e de cultura maranhense como o Dr. Sergio Ferretti. O grande nome da pesquisa em nosso estado que nos deixou este ano acometido de grave patologia, mas ainda assim contribuiu com nossa pesquisa.

Assim, por último, nas declarações sobre Alcântara, deixo a entrevista com o pesquisador Dr. Sergio Ferretti, que mesmo debilitado não se furtou em contribuir com esta pesquisa, e ainda que por apenas quinze minutos, me concedeu aquela que foi sua ultima entrevista, poucos meses depois ele viera a falecer e mesmo com muita dificuldade para respirar, em seu apartamento, me recebeu, apresentou obras portuguesas sobre o assunto-Festa do Divino Espírito Santo- e expôs suas ideias.

Iniciou me afirmando categoricamente que a Festa do Divino no Maranhão é uma manifestação da cultura popular com princípios de hospitalidade no tocante à troca entre quem recebe e quem é recebido. Quanto às jóias doadas, ou donativos angariados para o sustento da festa, são revertidas em alimento para os brincantes em agradecimento ao Espírito Santo, em um ato contínuo de um dar, receber e retribuir, inclusive ela cita textualmente

o Mauss enquanto conversamos, referindo-se à dádiva.



..Comensalidade

..Retribuir

..Receber

..Dar

..Jóia

..Comensalidad

..Graça

Tradição da Fes

60

- “Em princípio é assim, na prática pode ser um tanto diferente... Há solidariedade em um dar e receber em troca de fatura, retribuindo com fé e continuidade da tradição.”

Ele também me explica em visão própria como seria o dar, receber e retribuir no interim da festa:

- "É o doar a jóia; é receber o alimento, receber a graça; e retribuir na continuidade da prática, mantendo a tradição da festa.”

61

Dar a Jóia em sua visão, seria doação para a festa, transmutada em nova doação retornada em forma de alimento para os visitantes e apropria comunidade; a comunidade recebe a graça e o alimento e retribuiria ao Divino Espírito Santo com a manutenção da festa em

62

um processo cíclico. Dr Ferretti, ainda conta um episódio em que visitou Alcântara por conta da Festa e que na ocasião não se sentira partícipe, mas também acredita que pode ter sido uma questão pontual, pois os elementos intrínsecos à Festa parecem manter-se em movimento cíclico em direção ao outro e que este fato isolado, não necessariamente desmereceria a hospitalidade que parece

63

intrinseco à festa alcantarense.

5.3.2 Em Criúva-Distrito de Caxias do Sul

Primeira entrevista com Padre Paulo César Nodari

Estudamos quem é Jesus Cristo (Kerígma), depois o tema foi a missão da Igreja (missão de evangelizar, levando a palavra de Jesus às casas) e por ultimo a prática do que será feito nas casas durante a visita em seus aspectos práticos, informamos também sobre o tempo da visita e que não devemos ficar fazendo perguntas invasivas aos familiares.

Visita nas casas

Pergunto ao Padre o que significa a festa de Criúva em relação à hospitalidade, ele diz que nas palavras do Pe. Pedro Rizzon:

A tradição da festa de Criúva deve-se ao trabalho do Pe. Pedro e foi ele quem deu toda a motivação e incentivo a comunidade para a manter a Festa do Divino Espírito Santo. Nas palavras de Pe. Pedro quando disse que esperava que o Divino Espírito Santo lhe fosse hospitaleiro no céu, referindo-se à confiança que tinha no Espírito Santo de que ao morrer ele seria acolhido no céu que lhe daria a hospitalidade e a comensalidade necessárias. O Pe. Pedro costumava dizer que uma festa precisa ter oração, boa comida e depois uma boa diversão, esses componentes básicos eram para qualquer festa.

Conjecturo sobre a Festa do Divino Espírito Santo em Criúva, se necessariamente estamos falando de acolhimento, alimento e hospitalidade e ele endossa essa conclusiva:

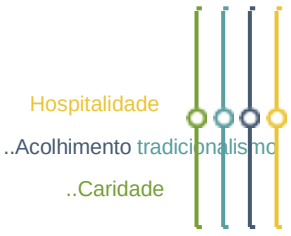
- "No caso de Criúva sim! se formos ver toda a festa e a tradição que tem lá até hoje, sempre tem a novena do Espírito Santo, depois tem evidentemente a refeição e tem também toda a perspectiva da diversão, então as pessoas rezam, jantam e dançam."

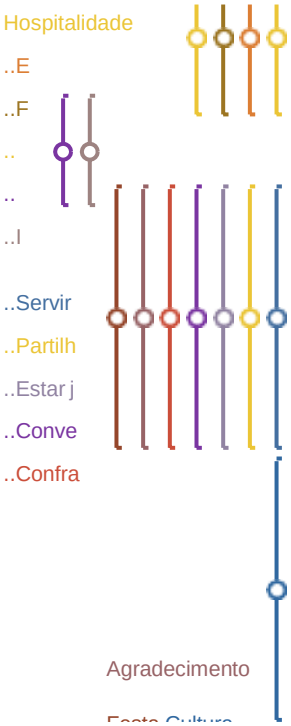
Por hora deixo minhas conversas com o Padre Nodri por aqui, sigo com o Padre Eloi para seguirmos falando do Pe. Pedro que tanto significará na hitória da festa do Divino de Criúva:

- "Um Padre que é humano e pede que seja acolhido no céu, ainda que seja pecador mas foi um trabalhador e que o Espírito Santo lhe ajude, aceitando-o e acolhendo-o, dando hospitalidade a este trabalhador cristão que praticou solidariedade e caridade apesar de ser um homem, passivo de erros."

O Padre também diz:

Sobre Criúva, a reunião em torno da mesa





também leva a hospitalidade, ao encontro das pessoas, não só no momento da fé, mas também no momento do alimento, porque é ali que as pessoas se encontram para conversar e ir ao encontro de outras pessoas, o que não se consegue fazer no dia-a-dia, e junto desse hospitalidade há o alimento que é servido, a partilha daquilo que a comunidade tem para dividir. É um momento de estar junto com outras pessoas que não se dá só à mesa, mas se dá num todo. depois da janta ou do almoço tem aquela confraternização, troca-se de mesa, conversa com um e com outro, é um encontro, é hospitalidade no momento que se encontram e se reúnem. Mesmo que passem dificuldades durante o ano, aquele é o momento de agradecer e festejar em fraternidade e partilha, com sentimento de perteça. Há nesses momentos também partilha de conhecimentos dos mais velhos para os mais jovens. é momento de ver e rever as tradições e em conjunto a gente vem e partilha.

Pergunto se nesse momento de encontro é o mesmo instante de repasse de conhecimentos e tradições pela oralidade:
- "sim, com certeza, o mais velho vai repassar, remeter a sua época e contar como era feito, repassando e resgatando as tradições nessa conversa, mostrando a partilha e o fazer da festa e outras coisas".

Agora pergunto sobre os gestos de hospitalidade no rito da igreja já que não se dá mais o abraço da paz:

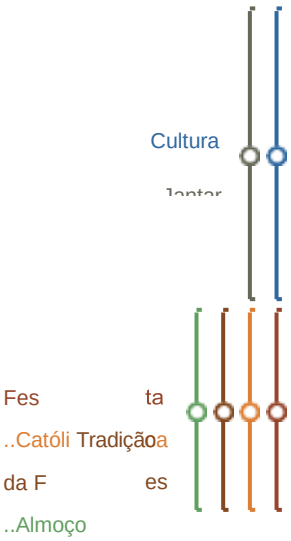
Só por estarmos reunidos numa mesma fé e juntos, recebendo a todos sem distinção, todos têm direito ao corpo de Cristo e ainda que não se dê o abraço da paz, todos recebem a benção final onde se deseja que se vamos em paz e o senhor vos acompanhe [...] e ainda com o abraço do envio que é também o abraço da paz dado no final da celebração, representando que como irmãos possamos estar reunidos e de certo modo este gesto se torna um gesto de acolhimento de quem está ao lado, que faz parte da mesma celebração e do mesmo encontro na fé.

O coordenador da festa do Divino Espírito Santo do Distrito de Criúva do ano de 2016, Luis Cavalli, fala com muita propriedade sobre tudo na festa, sobre os papéis destes personagens.

Pergunto sobre o papel dos Imperadores:
- "*É ele que vai levar a Bandeira em todas as procissões*."

Insisto em saber se há um referencial ligado à origem da

festa nos Açores:



Representam os imperadores, só isso, foram ideias que foram surgindo desde os Açores, é cultural, nossa festa é feita há mais de cem anos... não sei muito sobre a festa na origem... Os alferes levam a Bandeira nas casas e rezam. O grupo de músicos e imperadores acompanham todas as novenas. Não se pede dinheiro, mas quem quer contribuir é bem vindo. Mas tem a janta que é paga e ajuda a cobrir as despesas. Teve época de se tirar do bolso. É uma festa católica com a participação do padre e as louvações também. A responsabilidade é passada de pai pra filho há mais de cem anos na tradição da festa. A partir dos anos de 1970 os almoços e jantares passaram a ser pagos e a ajuda é para a comunidade, já arrecadamos até mais de 300 mil reais em doações, mas temos muitas despesas de quase metade desse valor, só de conjunto de música se gasta uns cinco mil reais, por aí vai. Trabalham cerca de onze festeiros e mais dois casais de mordomos e cinco pessoas na louvação. Têm os garçons, churrasqueiros, cozinheiros, umas trezentas pessoas ao todo. Só no cortejo são umas vinte pessoas, contando com as Aias. Usamos bombacha e lenço (os homens), as mulheres usam outras roupas porque essas são pesadas.

Pergunto então sobre a festa enquanto atrativo turístico e ele me responde:

É uma festa turística sim, atrai muitos visitantes, já recebemos até caravana de pessoas vindas de Portugal só pra conhecer nossa festa e fomos convidados para conhecer a de lá e fomos, mandamos um grupo pra lá. Creio que recebemos cerca de
300 visitantes, mais ou menos, de Passo Fundo, Santa Catarina, Brasília e vem pagar promessa, criança vestida de anjinho pagando promessa, gente de pé descalço. Temos um símbolo do Espírito Santo daqui de Criúva que é o queijo gigante desde 1992 e quem ganha o queijo acredita que é bento e partilham com os membros da família, virou tradição. Aqui também o Imperador leva o cetro e a Imperatriz usa o manto.

Pergunto sobre os milagres que relatam os devotos:

Nesses dias mesmo, ouvi uma senhora dizendo ‘Ah! Eu recebi a visita da Bandeira e no outro dia fui assaltada’, eu perguntei: então não valeu a benção do Divino? Ela me

respondeu: Valeu! Tentaram me assaltar mas não conseguiram levar nada. Em outra ocasião, uma família, há oito anos esperava a visita e quando chegamos lá ficaram muito emocionados, choraram, se enrolaram na Bandeira, sempre chorando, pediam que agradecem ao Divino porque o pai daquela família ficou curado, rezamos junto e a gente vê muita coisa! Nas louvações já chegamos a 900 visitas de fevereiro a maio. Nós terminamos essa festa e já começamos a organizar a próxima. Eu aprendi muita coisa em Portugal que eu fui em 2011, lá é tudo gratuito, lá eu vi mordomos e trouxemos mordomos pra cá também e outra coisa é a benção que dão há um pão que é partilhado, chamado de rosquilha e distribuído para todos que querem e ainda vamos implantar isso aqui também.

..Gratidão

Gratuidade

Benção

A festa também é espaço de negócios, devotos e comerciantes percebem o nicho e trazem *souvenirs* do Divino Espírito Santo e fazem negócios.

O Sr Antonio Quicine, outro responsável pela festa do Divino em Criúva explica os meandros da manifestação:

... a festa começa 60 dias antes. É um povo que te recebe com alegria, (cita as festas de Vila Seca, Sagrada Família e a de Criúva como festas acolhedoras, e que nelas se encontram uma festa religiosa de fé e adoração) uma festa de lazer para congregar com os amigos e a família, uma festa gastronômica onde se serve o que se tem de melhor e o que é típico do lugar para servir a todos que vierem indiferente a origem ou religião. Os dias que servem alimento são vários, tem uma grande equipe que cuida de tudo para não faltar nada. Durante as visitas nas casas são sempre servidas jantas para todos que comparecerem, onde partilhamos a mesa e a fé. Tem os almoços dos mordomos (é o que recebe os visitantes e oferta uma refeição aos ex festeiros, crianças, grupos de oração, 30 dias antes do final da festa), também gratuitos e algumas vezes convidam uma instituição para homenagear e ceiam juntos (pessoas incapacitadas de locomoção ou com saúde afetada são aí recebidas em especial). A louvação do divino que se inicia 60 dias antes do final da festa, já tem o acolhimento presente nessas reuniões iniciais, também visitamos, escolas, casas, repartições, distribuimos bençãos e orações e até podemos recolher donativos quando alguém se prontifica a oferecer ajuda (é uma característica da festa. Só são pagos almoços e jantas durante o período de novena, é dessa receita que pagamos os maiores custos da festa que giram em torno

..Ale

Relig

..Aco

..Partilha

..Almoço

25

..Donativos

26

de R$ 150.000,00 em média. Aqui o Imperador é o que manda, que impera no dia da festa, representando o pilar da festa, passa o ano trabalhando para a festa. O capitão do mastro é o que carrega a bandeira. Os alferes também levam bandeiras e tambores e visitam as casas e saem fazendo a arrecadação e o convite para a festa. Os fazendeiros se oferecem para fazer doações para a festa, inclusive o leite, mais de 1.500 L de leite para fazer o queijo gigante. Homens e mulheres se congregam e somam forças para fazer a festa distribuindo-se entre os inúmeros afazeres.
Começou há dois meses. Começaram em
março e termina em... três dias antes da festa. É eles fazem duzentas visitas. Ás vezes tem algumas que ficam pra trás, então essas que ficam pra trás elas são feitas posteriormente em função da festa, por exemplo, a festa começa aqui agora dia 11 de maio lá em Criúva, a nossa também aqui olha dia 11 de maio...

28 Lá em Criúva, então, às 18:30 levantamento do mastro, às 19:30, a missa e depois vem o jantar, após a missa tem o jantar e os músicos são Os Feras, que é um baile até de madrugada, amanhã. Isso aqui, sábado, nós temos uma missa em São Jorge e um partilhado (onde as pessoas levam de casa os prtos de comi) depois da missa...

29

30 - “Então dia 12 de maio, sábado, noite gaúcha, missa crioula, que é uma missa diferente, que é uma missa rezada com palavras mais chulas...”

31 A missa é campeira?

32 É campeira e da missa crioula a novena dedicada..Isso, na Crioula, então o que vai ser: janta, comida típica campeira. É um feijão tropeiro, é uma farofa de pinhão, comidas fortes inclusive. Música, os Bertussi, vai ser música muito boa, esse baile vai termina lá pelas três da manhã de domingo. Tá, e nós o quê que temos? Temos o partilhado às sete horas e às sete e meia todo mundo vai embora porque todo mundo vai longe. Dia 13 de maio, domingo, domingo, 13 de maio, São João Borja, às dez horas da manhã só. Nós temos uma missa, não tem partilhado, não tem nada por causa do dia das mães, domingo, dia das mães o pessoal vai almoçar com suas famílias então não tem nada. O quê que vai ter lá em Criúva? À noite, tudo às 19:30, novena, padre, janta, sopa de agnoline, galeto, churrasco, maionese, salada, pão e vinho, música, os Vacarianos e isso vai até

Família

..Jantar

de madrugada. Então, todas as noites têm uma janta, que é paga, um baile e isso têm a partilhar. Essa aí é a programação de Criúva. O quê que isso faz? Isso representa uma festa completa, uma festa que a localidade permite você fazer isso, você fazer baile toda noite, ter um jantar diferente, um jantar com pratos típicos diferentes, diferentes pratos, vai ter uma noite aqui na festa de Criúva que vai ter só tortéi, dia 16 de maio, completa, então isso aqui vai ter uma música, a música é uma bandinha e vai ter uma comunidade, por exemplo, a novena de sexta é dedicada aos ex-festeiros, capitães do mastro, aias, imperadores, festeiros de honra, mordomos, comunidade e devotos, isso aqui é no primeiro dia. No segundo dia noite gaúcha, missa dedicada ao Centro de Tradições Gaúchas, piquetes de laçadores e devotos. No dia 13 de maio, domingo, novena dedicada às mães e às capelas Santa Catarina e outras. Dia 14, segunda-feira, novena dedicada à sede de Criúva, São Manoel e São Bernardo e outras localidades vizinhas, né? Outros municípios vizinhos.

Isso quer dizer que quem vai comprar a entrada desses jantares também são pessoas que vêm de outras comunidades?Ou também da própria comunidade.

- “Sim. Essa dedicação...”

Quantas pessoas em média vocês têm nesses jantares? Quantas pessoas em média?

- “O de amanhã vai ter umas 350 pessoas.”

Para vocês conseguirem vender 350 ingressos, porque, por exemplo, na festa que eu estudo lá no Maranhão, nem de longe nós conseguiríamos pensar em vender ingresso porque o povo não tem poder aquisitivo pra isso, então vocês têm um público que trabalha. Então esse público trabalha normalmente com o quê? Só pra eu poder colocar na tese. Eles vivem do quê basicamente?

Entrevistado: Os trabalhadores das festas, os festeiros, são gente da comunidade, às vezes fazendeiros, às vezes empresários... aqui todos têm uma dedicação enorme pra festa, não se atrapalham em nada em termos financeiros.

No dia da festa, no domingo, 20 de maio, nós temos uma festa que nós vamos cobrar 40 reais por pessoa, lá talvez eles cobrem de isso aìpra menos, só que vai ter 2.000 pessoas porque lá eles têm dois salões cheios.

No final da festa dá para apurar quanto, mais ou menos?

4.000 pessoas participam dessa festa. E no final da semana inteira vai uns 900.000

..Comensalidade

reais. Por exemplo, essa janta de quarta- feira, dá de 900 a 1.100 jantas àquela noite… É uma programação, tão, assim, não é exaustiva, ela vai se moldando uma com a outra: hoje é galeto, churrasco e tal, aí amanhã tu vais ter 300 pessoas, depois tu vais ter 800 pessoas, e depois 1.100 pessoas. Essa tem a turma da cozinha que são pagos para isso, a turma do salão, os garçons normalmente só ganham a janta.

E o pessoal que cozinha, eles fazem gratuitamente ou...

- "Não. Eles são pagos."

E quem trabalha gratuitamente?

- "Os garçons, os festeiros e todos da organização da festa, por exemplo, a diretoria da comunidade, porque tem uma diretoria pra comandar isso aí, né? Isso aí é um serviço que é tudo gratuito, né? É boa vontade."

Gratuidade

..Boa vontade

Tá, é muito importante isso. Quem é pago é só o pessoal de cozinha, os músicos são pagos também, quem mais?

- "Sim, toda noite vai ter um evento. Toda noite. Agora isso aí, você vai saber valores com eles lá depois."

S. Quissine, o senhor também já fez um hino, né, pra essa festa.

- "Não propriamente pra essa festa, foi pra Sagrada Família."

42 Ah! O senhor fez para a Sagrada Família, esse aqui? Mas me diga, o que lhe move? O que lhe leva a, inclusive fazer a letra da música em homenagem ao Divino? Qual sua relação

43 com o Divino? Falando do Antonio Quissine e o Divino Espírito Santo? Que relação é essa?

44 A minha relação ela é fé. Ela se relaciona à minha religião e a fé que eu tenho em um Deus maior. A partir do Deus maior eu assumi uma identidade, que existindo um Pai, geralmente existe um Filho, geralmente

45 existe um neto e o neto é o Divino Espírito Santo. Então, quando o Pai, isso colocando em termos práticos aleatórios, nada que isso seja uma corrente...é pra ser uma corrente de fé e não pragmática da religião. Então, uma corrente de fé, você imagina que o Pai botou o Filho no mundo, e o Flho gerou mais filho e ganhou o neto. E esse neto que foi designado para nos cuidar. Então esse neto é o herdeiro do Pai que é o Divino Espírito Santo. Então é uma relação religiosa. É de crença religiosa que me deixa muito satisfeito porque, não por recorrer ao Divino Espírito Santo, é porque todos os dias, na nossa religião, quando nós deitamos, quando nós levantamos, quando nós vamos para o almoço, para uma festa, para uma celebração religiosa, nós vamos, sempre, em nome do Pai, do Filho e do Divino Espírito Santo. Isso é prática de toda a

..Fé

Religião-osidade

46

47

humanidade, o mundo inteiro faz isso. Então se nós vamos, se nós nos deitamos, levantamos e fazemos celebração em nome do Pai, do Filho e do Divino Espírito Santo, é esse Espírito Santo é que nos move naqueles dias pra aquela celebração, pra aquele evento, pra nosso descanso de trabalho para o dia seguinte. Isso aí me que festejar o Divino Espírito Santo, estamos festejando o Pai e o Filho e a nós mesmos que somos descendentes de um Pai, de um ser bem maior que a gente acredita.

Quanto tempo da sua vida durante o ano o senhor dedica ao Divino Espírito Santo?

Não é muito, pois deveria ser mais, mas quando eu entro numa programação de festa, eu entro sempre pra colaborar. Existem sempre muitas pessoas que, talvez alimente uma fé muito maior. Ou sei lá, do que eu ainda porque a minha fé existe , mas ele é muito pequena ainda, deveria ser maior ainda. Mas quando a gente entra numa sociedade pra ajudar, a gente sempre vai pra ajudar, pra servir e sempre que eu sou solicitado, mas todos os anos eu sou solicitado. E eu não me dedico muito não. Algumas reuniões à noite, durante o ano, alguma programação, tem missa, até na programação pra festa seguinte, aí lá daqui a dois ou três meses me chamam de novo, então eu não perco tempo nenhum do meu trabalho e dos meus afazeres e nada, eu só dedico aquelas horas vagas. Hoje, por exemplo, eu to vindo aqui, mas eu já corri atrás de coisas da festa, onde estou envolvido, e não tenha me custado tempo porque eu tirei tempo pra isso, esse tempo foi reservado pra isso.

..Servir

D. Marlene Rizzom, o que é para a senhora se dedicar ao Divino, uma parte do ano?

52 Mas é prazeroso, porque alguém ali... eu comecei indo junto com alguém porque eu não era lá, mas é assim, era alegria, sabe? Porque a missa desde primeiro dia, ali quando eles fazem aquele levantamento do mastro, eu nunca tinha visto aquilo e eles vão lá e fazem aquilo assim tão rapidinho que tu pensa assim que isso aí vai cair e não vai dar certo então e colocam aquilo. Depois a missa, cada dia é diferente a missa, cada dia vai um Padre, que faz um sermão diferente, né? Esse ano será 53 que tem o Padre da gaita?Tem um Padre que vai lá e toca gaita. É uma animação. Depois, a festa, todas as noites tu encontra amigos lá. Ah, fulano chegou dali também, chegou outro que foi festeiro e aquela coisa toda. Então é alegria sempre e o baile é melhor

..Alegria

..Encontro

ainda.

..Acolhimento

..Comunhão

..Partilha

56 Então é uma festa de encontros. É uma festa de acolhimento?
- “Acolhimento. Acolhe as pessoas.”
É uma festa de comunhão?
- “Também.É muito alegre.”
E é uma festa de partilha onde se come, se bebe...

57 E no último dia ainda quando eles convidam os outros festeiros que vão ser, então, teve uma época agora, não sei se ainda é assim, eles diziam que era tudo segredo e tal pra ver quem is ser o próximo. Ah quem vai
58 ser o próximo festeiro e aquela coisa toda. Mas agora acho que a maioria toda sabe, né?

59 Sr. Quissine:

60 Isso que a Marlene está falando quer dizer que é uma honra ser festeiro. Pessoas estão na fila pra serem convidados, então é uma honra ser festeiro, não é um cargo, não é um pesadelo, é uma honra ser festeiro,
61 mesmo que isso custe dinheiro, tempo...Sempre tem custos. Sempre tem uma despesa. Por exemplo, no nosso tempo não tinha as vestimentas que elas inventaram agora que eu achei bonito, por exemplo, elas têm um uniforme que elas fazem durante as visitas, nas casas, nas empresas.

Não é só mais aquela capa? Que a imperatriz...
- “Não, capa é do imperador. Mas a mulher de saia acha que esse ano usou saia vermelha comprida...”
Quem é que usa? A festeira ou o festeiro...
- “Todos que fazem parte. Os homens de gaúcho e as mulheres de camisa branca e sai vermelha.”
Os homens vão pilchados, as mulheres que vão com esse uniforme?
“É diferente o uniforme dos dias da festa, das novenas e dos dias das visitas. Nas visitas elas vão mais à vontade. Mas é
62 muito bom.”
Sr. Quissini detalha a programação:

63 Então é o seguinte: amanhã o levantamento do mastro é às 18:30 às 19:30, e depois vem a programação toda,. Sábado vai ter uma cavalgada que vai sair de São Marcos, do túmulo do Padre Pedro e vai terminar lá em Criúva por volta das seis horas da tarde, ou 18 horas e às 19:30 vai ter a missa, né? E depois a programação toda com comidas típicas e etc.D. Marlene: E domingo de manhã que começa a... no dia da festa que começa cedo, eles fazem uma procissão na rua com o divino esplendor, esse daí você não pode faltar.

..Comida

72 Em outra conversa com José Cavalli, ele fala do papel do capitão do mastro e da capitã do mastro. Me explique qual é o papel deles na festa?

O capitão do mastro é a figura principal da festa durante as louvações. É ele que conduz a bandeira, que sai na frente com os festeiros, conduzindo a bandeira, fazendo a visita nas casas, fazendo a visita nas empresas, nos hospitais, nos estabelecimentos comerciais. Os alferes eles também levam a bandeira, mas de outra forma. Os alferes são assim: durante as louvações é feita uma missa em cada capela, que fazem parte da matriz que é Nossa Senhora do Carmo, então em cada capela é feita uma missa onde é entregue uma bandeira ao alferes passar na comunidade dele. Então o alferes leva a bandeira em cada casa, entrega para o dono da casa, ou quem estiver em casa, for responsável da casa e ele leva essa bandeira em todas as dependências da casa, faz os pedidos, agradece a benção da forma que cada um desejar. Aí que é o funcionamento do alferes.

73

E o mordomo faz o quê?

O mordomo é... foi nessa ida que eu fui aos Açores que eu trouxe essa idéia do mordomo, porque o mordomo na época da Princesa Isabel (Rainha Isabel), ela tinha o... como que é o nome do... afinal de contas ele era ateu, ele não acreditava, não aceitava que ela fizesse caridade, porque ela era muito caridosa e levava alimentos, mercadorias para os pobres... D. Dinis proibia, o mordomo era quem ajudava ela a fazer isso.

Hum, então o papel dos mordomos era fazer caridade a mando da Rainha Isabel?

- “Sim, porque na época D. Dinis era ateu, né? Ele não acreditava...”

Então ela fazia tudo escondido dele?

Fazia tudo escondido. Então na época ele flagrou ela com o avental com os donativos e ela foi mostrar e se transformou em rosas. Foi um milagre, daí ele se converteu e autorizou a ela que fizesse, né? Então o mordomo foi a pessoa que ajudava a Princesa Isabel a levar os donativos para os pobres, então por isso a gente colocou eles também onde os mordomos aqui fazem um almoço, fazem uma janta, por enquanto foi só feito o almoço pra pessoas mais humildes, mais carentes.Esse ano foi feito pelos colégios, o clube de festas que de

Gratuidade

repente não poderia participar da igreja, da festa do Divino, né? Sem... a não ser nessa época. Então tem o transporte de graça, tem a comida de graça, então eles puderam participar da festa também, né?

E o imperador? Qual o papel de um imperador já que aqui o capitão do mastro tem o papel principal, então o imperador está em que papel?

- "Até hoje o capitão tinha o papel principal de conduzir a bandeira, conduzir os festeiros e a festa. Hoje, depois do levantamento do mastro, o capitão passa para o imperador. De hoje até o dia da festa é o imperador que comanda."

80

A partir de agora a festa é do imperador?

- "A partir de agora a festa é do imperador. Ele é quem comanda até o dia 20, que é o último dia da festa. Foi feita aqui agora pouco antes do levantamento do mastro...na hora que eles colocaram a capinha vermelha no imperador.
- "E ele carrega o cetro também.Pois foi naquele momento que foi passado."

81

Então nesse momento é passado o poder do capitão do mastro para o imperador?

- "Isso. Então a partir de hoje ele que comanda a festa. Continua o mesmo capitão da festa, os festeiros também, mas é comandada pelo imperador."

Entendi. Agora eu tenho uma coisa a lhe perguntar: o que eu pesquiso na festa é partilha, hospitalidade ou acolhimento, através da comensalidade, do comer junto. Hoje, quando acabou aquela manifestação toda, havia uma grande mesa de doces, refrigerantes, uma cachacinha para espantar o frio e todo o povo em torno da mesa, se alimentando, conversando, rindo, isso é acolhimento. Isso é acolher em nome do Divino Espírito Santo, então eu pesquiso, tanto a festa daqui, quanto lá na do Maranhão, esses elementos que remetem ao acolhimento. O senhor concorda comigo?

..Doces
Hospitalidade
..Comensalidad
..Acolhimento

82

83

- "Concordo, concordo. Eu não conheço outros lugares da festa do Divino, só conheço aqui em Criúva e dos Açores que eu participei lá, mas esse acolhimento tem lá também."

Então a festa do Divino apresenta esses vieses de acolhimento nas que o senhor conhece?

É. E até então antes de 70, aqui em Criúva também não era... não tinha ingresso de almoço e de janta, na verdade não tinha janta, tinha só festa durante o dia. Mas depois veio crescendo, veio aumentando o número de pessoas e ficou inviável dar comida pra todo mundo. Daí começaram a cobrar, né? Mas até então era só

84

..Acolhimento

acolhimento como tem até hoje na ilha dos Açores. Lá ninguém paga nada também.

91 Lá é os mordomos e os festeiros, porque lá não chamam de festeiro, lá chama mordomo também. São essas pessoas que organizam a festa recolhem donativos pra o dia da festa que é o dia de Pentecostes, né? Que lá eles fazem a festa do Divino é no dia de Pentecostes, na ilha dos Açores e lá ninguém cobra nada, é tudo gratuito.

No hino do Divino, que Seu Boca de Sino fez, fala exatamente que na mesa de vocês não falte o pão na mesa e que não falte hospitalidade. Então isso é sinal de que a festa de Criúva é mesa farta e hospitalidade. Certo?

Com certeza. Concordo. Porque em todas as visitas que a gente chega é cantada essa música, né? E é desejado muita fartura na mesa de cada um.E o bem receber. A hospitalidade, né? Que aqui em Criúva a gente tem, graças a Deus, muita hospitalidade. Não só em Criúva, em toda a nossa região aqui. Precisa ver como a gente é recebido em qualquer lugar que a gente chega principalmente quando a gente estiver com a bandeira do Divino.

..Fartura
..Bem receber
Hospitalidade

O senhor acha também que a festa é uma forma de resistência da tradição gaúcha?

92 É. Eu acredito que seja. Eu acredito que seja resistente porque quando começou a festa do Divino aqui era tudo à cavalo, né? Era o gaúcho que fazia, ainda hoje, pra tu ver que as vestes do homem ainda é gaúcha e da mulher vem com vestido... Quase prenda. Hoje elas não estão, mas amanhã elas vão estar todas de prenda, porque amanhã é a noite gaúcha, né? E durante as louvações todo mundo vai a rigor, o homem principalmente vai pilchado. E sempre foi essa tradição.

Tá certo. O senhor imagina sua vida sem a festa do Divino Espírito Santo?

Tradição da Festa

Pois, olhe, é como te disse antes, eu me criei na festa do Divino. Eu nasci em 1960, então quando começou a festa do Divino com o Padre Pedro, que foi em 70, 70 ele assumiu a paróquia e 71 ele fez a primeira festa e meu pai e minha mãe não faltavam uma festa. Eles eram muito devotos, minha mãe ainda é devota, meu pai, infelizmente, partiu, né? Mas minha mãe ainda vive e é devota do Divino Espírito Santo. Aí seguimos essa

93 tradição e sempre participei da festa do Divino. Desde pequeno me criei trabalhando na comunidade, fui presidente, fui tesoureiro, trabalhei na equipe por vários

..Devoção

anos e agora faz 15 anos que faço o transporte da louvação.

O que é o transporte da louvação? É que leva o povo de uma cidade para outra?

- “É que leva o povo. Eu tenho um microônibus e levo os festeiros e o grupo da louvação. Esse ano foram feitos 4.000 e... passou um pouco de 4.000km, fazendo visitas nas casas. Então eu, quando termina essa festa, já estou me preparando para outra.”

É. Então o senhor basicamente vive pelo Divino Espírito Santo?

É e gosto, trabalho, amo e sou muito devoto do Divino Espírito Santo. Todo mundo que se dedica. Elas trabalham na festa como uma forma de pagar promessas? Para servir, gratidão? Algumas pessoas, muitas pessoas fazem isso: “Ah eu vou trabalhar uma noite na cozinha porque eu fiz uma promessa para o Divino Espírito Santo”, outra diz: “Eu vou trabalhar a semana inteira porque fiz a promessa para o Divino Espírito Santo e não quero nada”, e no dia da festa, no domingo, tem gente que vai descalço pagando promessa também, porque fez uma promessa para o Divino Espírito Santo. Cada um faz do seu jeito.

Se o senhor pudesse resumir a festa numa palavra, o senhor escolheria que palavra?

- “Bah... agora você me pegou.”

Se eu lhe desse algumas palavras para o senhor escolher: acolhimento, hospitalidade, Fé, família, religiosidade, catolicismo, o que o senhor escolheria?

Todas elas fazem parte da festa do Divino. Não poderia te dizer não é a religiosidade porque envolve religião, pois tem a missa, no caso a gente tem a parte espiritual agora, tem nas refeições todas as noites, em datas diferentes.Tudo isso envolve e faz parte da festa do Divino.
Envolve acolhimento também, não é a toa que tá no Hino. Então a gente procura seguir a letra do hino. A letra do hino foi feia e procuramos seguir. Penso que vá até... sei lá. Penso que não vá ter fim.

Agradeço e me despeço deste senhor que é sempre prestativo e imbuído das causas da festa em Criúva, mas já me direcionando ao casal Roni e Marinez Grisan que já foram Festeiros, Imperadores e Mordomos, na Festra Criuvense. Possuem uma pousada no lugar e para lá se mudaram por um único motivo, a Festa do Divino. Iniciei a entrevista ouvindo um pouco da historia do casal, o senhor Roni me diz,

..Devoção

108 - “sou natural aqui da Criúva e muito devoto do Espírito Santo.”

Pergunto se a sua vida teria sentido sem a festa do Divino Espírito Santo?

F.D.E.S. sentido de vida

109 - “Não. Justamente, a gente até saiu da Criúva, voltou justamente por causa que aqui tem o Divino Espírito Santo e a gente se identifica muito com ele.”

Então o senhor voltou pra Criúva por causa da festa do Divino?

110 - “Por causa da festa do Divino e é que a gente se sente bem aqui, né? A minha promessa de vida é o Divino Espírito Santo.”

O Hino de vocês fala de fartura, pede o tempo todo que não falte mesa farta e diz também, de hospitalidade. O senhor concorda que a festa é farta e que há muita hospitalidade?

111 - “Exatamente. A festa do Divino é a principal aqui do Distrito, da comunidade e nós vivemos em função dessa festa. Claro, tem outras também, né, mas o Divino aqui é... tudo o que é praticado aqui foi o Divino que colocou.”

E esse acolhimento todo se dá devido a que, ou a quem? O senhor acredita que seja por quê? Pela devoção?

112 Exatamente. Mas aqui todos os moradores são muito devotos do Divino e aí, todo mundo trabalha em função do Divino. Só se fala no Divino Espírito Santo e na festa do Divino. Então a gente tem isso com nós. É vida. Não temos muita coisa, mas o Divino preenche tudo essas faltas de coisa que nós temos. Tudo o Divino está sempre com nós.

..Devoção

Agora converso com com Dona Marinez Grisan que foi professora e hoje inicia uma coleção de obras e relíquias sobre o divino Espírito Santo, expondo-as em uma das salas do sua pousda, principiando um mini museu do Divino de Criúva. A senhora acha que a hospitalidade, existe mais na

113 festa do Divino ou qualquer festa que vocês façam é o mesmo tipo de acolhimento?

O povo de Criúva é acolhedor, por si só. E quando tem as festas, mais ainda. Porque ele recebe as pessoas, não importa, quando ele chega aqui, o ônibus está lotado, não tem lugar, mas o povo arruma lugar porque ele é bastante hospitaleiro. Ele quer receber as pessoas.

..Acolhimento

..Receber

Hospitalidade

E na festa do Divino Espírito Santo, quando se servem aquelas mesas enormes, tão fartas de comida, a senhora acha que naquela mesa, durante aquela troca de alimento,

114 durante a partilha, diante daquela alegria toda, o

acolhimento é diferente porque é para o Divino Espírito Santo ou não?

120 Sim. Tudo é voltado ao Divino Espírito Santo, desde o início, na novena, nas jantas, tudo é devotado ao Divino Espírito Santo. O Divino Espírito Santo quer alegria e onde tem alegria, tem festa sempre. Essas são as palavras do Padre Pedro que sempre tem que ter alegria.

E isso emana da fé, retribuição pelo o que o Divino dá a vocês?

121 - "Sabe que isso aí vem dos Açores, né? Foram os açorianos que trouxeram essa crença. Acho que dentro

122 dessa devoção a gente pode dizer que é por causa do Divino que tudo acontece."

Então, essa alegria toda, essa fé é a retribuição a tudo o que o Divino dá a vocês?

123 - "Exatamente. Ele consegue fazer muita coisa por nós."

A festa do Divino Espírito Santo numa palavra?

124 - "Fé. "

125 E o senhor Roni, qual palavra elege?

126

127 Fé e devoção. Nós, na verdade, fomos pra festeiros, mordomos e imperadores, né, e a gente tem isso no coração da gente, é a festa do Divino. Hoje inicia a gente já vem no início da festa. Não vem todas as

128 noites, né, porque é difícil, mas a nossa idéia é sempre vir na festa.

Qual foi o papel que a senhora mais gostou de desempenhar? A ser mordomo, ser imperador ou ser festeiro?

Eu considero festeiro que foi assim uma surpresa pra nós, porque a primeira coisa que nós fizemos foi ser festeiro, então pra mim foi a coisa mais importante, que com isso eu consegui conhecer as comunidades que eu não conhecia tudo.

129

Então a grande diferença é: o festeiro visita todas as comunidades de Criúva, levando a bandeira fazendo a

130 visitação nas casas, ok?

- "Isso. O imperador vai no grupo todo que faz as visitas."

O imperador vai junto com os festeiros?

- "Sim."

Mas ele não tem obrigação de ir. O festeiro tem?

131

132

133

134

135

136 - "Não precisa, mas, aqui na Criúva, o imperador vai também."

137 Mas qual é o grande papel do imperador? E da imperatriz?

..Acolhimento Visita nas casas

..Almoço

..Jantar

é o imperador e a imperatriz que vai acolhendo todos os outros. E eles vão acompanhando a festa. E depois a gente tem os alferes, que tem o papel de levar a bandeira... Isso é durante o período que é feita as visitas, pois os componentes da festa não podem ir em todos os lugares, então os alferes vão em várias comunidades."

E os mestres... os mordomos,..

- "Os mordomos foi criado não faz muito tempo. Foi criado eu acho que umas cinco ou seis festas mais ou menos. Eu já tive do mordomo a oferecer um almoço, uma janta, alguma coisa pra comunidade ou alguns elementos, às vezes são crianças, às vezes são idosos..."

Pessoas com dificuldade de locomoção, por exemplo?

- "É, mas não exatamente isso aí. Dessa vez, por exemplo, foi para crianças carentes."

139 Aí tem também o capitão do mastro, não é assim?

- "Esse sim é sempre ele que leva a bandeira nas

140 caminhadas. Nas visitas não são eles.Eles praticamente não podem faltar."

E o papel das aias, a senhora sabe?

"Não, exatamente não sei."

Ela auxilia na igreja...

- "Ela auxilia na igreja, acompanha a santa e, no caso, os festeiros, as damas, o capitão do mastro."

Fomos conhecer as minúcias que eles acumularam das festas do Divino que já participaram durante a vida de casados e posaram para a foto com a própria bandeira que guardam no restaurante de sua pousada como aparece na figura...

141 Com isso, passamos a conhecer as relíquias, fotos e livros, que o casal vem colecionando sobre Festas do Divino Espírito Santo no Brasil e me indicaram vários nomes a quem eu deveria entrevistar em Criúva e por isso, a coordenadora da festa era a de maior urgência para os

142 primeiros passos investigativos. Encontrei-a, mas como foi difícil conseguir a entrevista, ocupada por todo o dia e noite, marcamos para o dia seguinte. Enquanto isso, me dirijo à Casa Verde, propriedade de Guadalupe e Claudia Traslatti, com quem tenho um encontro inusitado em um pedaço de chão replicante das raízes gaúchas.

143 Inicio com a Guadalupe TraslattiPante. Então, Guadalupe, o

144 que representa a festa do Divino pra ti, enquanto alguém que é uma pessoa expressiva em Criúva, não é só filha do lugar, aliás, é também alguém que estudou Turismo, que representa o turismo em Criúva, como é que tu enxergas a festa do Divino em Criúva?

152

Cultura

..Servir

..Sonho

..Pratos

..Bem receber

Bom, eu enxergo a festa do Divino como parte da minha aventura como criuvense e eu gosto de usar esse termo criuvense, porque um dos motivos de ser criuvense é participar do Divino Espírito Santo, é participar de muitos eventos, de muitas coisas que a comunidade faz, né? Então pra mim é isso, é me sentir parte dessa comunidade que eu tenho bastante orgulho. A minha participação como criuvense na festa do Divino sempre foi ativa. Eu diria que hoje em dia, nesta idade adulta, sou um pouco menos do que quando criança. Então isso também faz parte da minha cultura desde criança a gente aprendeu a ir ao levantamento do mastro depois que saia da escola, a fazer as bandeirolas da festa do Divino e a colocar nos canteiros da comunidade. Então era a escola, era o professor, era o pai, era a mãe, comprando roupa pra gente ir na festa do Divino, pra ir nos momentos mais bonitos da festa e, também, ajudar, né? A servir e era um sonho pra gente crescer, ser adolescente, ter altura pra entregar os pratos nas mesas, porque essa forma de servir foi à mesa, então nós crescemos pra levar essa comida à mesa pras pessoas e não tinha coisa mais legal do mundo. E muito da minha pessoa era assim, não pra ir para ir depois no baile, porque eu sempre gostei de dançar e tudo mais, mas era principalmente aquela coisa de estar fazendo parte da sociedade de Criúva e bem recebendo as pessoas. Além disso, os meus pais foram, por muitos anos, convidados a decorar o queijo do Divino Espírito Santo aquele que é rifado, e aí, então, para o queijo ser mais chamativo, pra as pessoas comprarem mais os ingressos, a gente faz uma decoração em torno do queijo. Então, também, sempre faz parte da minha cultura. Quando nós saíamos para divulgar Criúva, né, já entrando nessa parte, eu já com 18 anos, com uma empresa aberta junto com a minha mãe e movimentando o turismo na região junto com os familiares, sair e divulgar Criúva tinha alguns referenciais. A gente chegava e dizia assim: “Criúva é a terra dos Bertussi, é a terra onde se faz a festa do Divino e agora nós estamos trabalhando com o turismo de aventura lá, ou turismo de natureza ou ecoturismo, enfim, mas sempre tinha, alguma das referências era o Divino, era conhecido. Ou a pessoa dizia: “Ai, claro a terra de Criúva, a terra dos Bertussi”, ou outro “Ah, a festa do Divino, já fui lá”, e muita gente que já veio a Criúva justamente por causa da festa do Divino. Nunca mais tinha voltado ou veio duas, três vezes, via as nossas fotos nas divulgações de Criúva e diz assim: “Bah já

..Alimento
..Alegria

estive lá tantas vezes, mas só na festa do Divino, então a gente tem que voltar pra ver isso aí que vocês estão expondo". Pra dormir, pra comer, enfim, e sempre com essa alegria que eu estou dizendo pra você, sempre as pessoas vinham com entusiasmo. Então, só de novo frisando quão bom a festa era tanto pra mim, participando e servindo as pessoas, como pras pessoas que vinham. E aí um detalhe também, dizer que vinham, o dia que vinham e o que comiam e chamava a atenção delas que elas comiam, né, então diziam assim: "Meu Deus, eu comi um dos melhores tortéis", "Nossa aquele galeto de Criúva é muito bem temperado" e aí começavam o prazer e aí muito isso de dizer o quê que comeram. Aí se tu perguntar se foi a algum baile específico, eles vai dizer "Ah eu acho que eu fui a um baile assim", mas, enfim, não vai saber dizer o conjunto, mas o que ela comeu, sempre, na maior parte das vezes as pessoas narram. Deixa eu ver o que mais da festa do Divino. Aqui em Criúva a gente tem a cultura de dizer que namoros que começam na festa do Divino, terminam em casamento e eu tive essa felicidade de dançar com o meu, depois namorado, na festa do Divino, e virou casamento também.

..Comida

E assim, tu falaste muito do alimento e, como é que tu enxergas o alimento, a fartura do alimento dentro da festa? Tu fazes alguma relação dessa fartura de alimento, toda essa comercialidade com o acolhimento?

Ah, total. Principalmente porque as pessoas já me narraram isso quando saio pra divulgar e pra falar da boa comida, enfim, eu acho que pode não conhecer a cozinheira, não conhecer quem assou aquela carne, mas o elo de ligação daquela energia boa se dá mesmo e as pessoas tem esse tempo, né, e aí a comida faz essa troca de energia que acaba sendo quente, mas muito mais que isso o amor mesmo que é uma forma de dizer assim: "Nossa, como a gente ta feliz com vocês aqui" sem falar.

Então é uma forma de partilha de comunhão? De congraçamento?

Congraçamento, que venha e volte sempre e aí , né, tu não vai nunca parar de comer e aí o momento que tu parar vai ficar na tua memória e numa outra ocasião que tu vier, tu vai lembrar de novo o momento que tu viveu e tu vai te alegrar e tu vai sorrir e até os gestos e as expressões faciais são a melhor forma, na minha opinião de dizer que tu gosta de vir aqui.

..Comida
Amor

..memória
..Alimento
..Congraçamento

157 No teu discurso eu também percebo que tem muita coisa relacionado à família, na festa de Criúva. Cultura, família, fé, sociedade, partilha, acolhimento, são palavras que eu to pescando assim no teu discurso.

..Alegria

158 É isso aí. E o que mais? Bom, alegria que nem se fala... porque tu vai comprar a melhor roupa... Ah eu já tô me sentindo à toa pra festa de daqui a pouco. Estou desarrumada pra festa de daqui a pouco. Querer ser dessa sociedade, pra ser dessa sociedade, tu tem que estar bem como todo mundo vai estar, né? Enfim outras coisas que vêm na minha cabeça de quando eu era menor ainda e não tinha aquela condição de ir lá servir as pessoas na festa do Divino, o Seu Aparício nos dava um adesivo branco com a pombinha do Divino vermelha e no domingo da festa a gente saia botando na camisa das pessoas e carregava uma cestinha junto, se por acaso algum quisesse dar uma esmola dava, mas a intenção era colocar em todo mundo e não ver mais ninguém na rua sem o Divino Espírito Santo.

159 Mais uma forma de comungar a todos? Todo mundo em comunhão? Todo mundo, de uma certa forma, abençoado pelo Divino, né?

160 Ver em todas as pessoas, até o final do dia todo mundo com o Divino Espírito Santo. Olha a simbologia disso? Era nosso dever como criança, eu e mais uma menina que fazia isso. De ver todo mundo voltado pra ele. E agora, então, ontem à noite, eu tive a oportunidade de ajudar a Mariana, que é a festeira atual, a colocar as medalhinhas, mil pombinhas que eles vão entregar no dia da festa,.. Aí então já é outro formato, né? De mostrar que outras pessoas também sejam divinas.

Tem algo que tu queiras me dizer? Por exemplo, se tu fosses dizer uma palavra para resumir a festa do Divino de Criúva, seria qual?

161 Seria amizade. Por que amizade? Porque se tu não mora mais em Criúva, se ainda mora em Criúva, não interessa onde tu estejas em Criúva, quando tu participa ou não da festa do Divino, as pessoas nesse período, elas se unem pra fazer uma grande festa e pra quem não mora aqui pra perguntar sobre essa festa, então ela faz uma ligação enorme

162 entre as pessoas. Eu tinha uma amiga que há tempos eu não falava com ela e ela é aqui de Criúva e foi embora estudar e “Ah já ta no período da festa do Divino, né?”e eu “Sim, ta no período da festa do Divino.”. Então é uma coisa

..Comunhão

assim que as amizades se juntam mesmo não sendo tão amigos, mas no momento da\ festa se torna uma comunhão só...

..Estar junto de

Amizade nesse sentido de reunião?

..Acolhimento

- “De reunião, de ta junto fazendo alguma coisa...”

Reunião, estar junto é acolhimento?

- “Exatamente.”

Então a gente volta para o acolhimento que é a minha pesquisa.

..Acolhimento

Doação

Não existe alguém que tu não queira receber. Então veja o comprometimento com o acolhimento. Por exemplo, nós sabíamos que tinha que decorar o queijo um dia antes pra não dar aquele tumulto, então eu não vou lá se eu não sou acolhida, então o acolhimento ela t a em todas e o comprometimento de se doar para o Divino.

Guadalupe essa entrevista foi ótima. Tudo que me disseste vem ao encontro da pesquisa, aproveito par perguntar à Cláudia Traslatti, quando a senhora pensa em festa do Divino Espírito Santo, qual a primeira palavra que vem à sua cabeça?

..Fé

- “A minha fé.”

A sua fé... A festa do Divino de Criúva representa o quê para senhora?

..Alegria

- “Alegria.”

E... em se tratando das práticas de Criúva em relação às festas, o receber de Criúva, a senhora acha que ACOLHIMENTO é uma palavra que representa a festa de Criúva?

Muito, muito. Ela é superpresente, porque quando a gente recebe a bandeira está acolhendo ela, e, eu, por exemplo, sirvo para a bandeira, para os festeiros. Parece que é uma obrigação minha porque eu não nasci aqui, casei com uma pessoa daqui e aprendi com ele a gostar da festa e do local. E daí, como eu sou a última da família de meu marido aqui, parece que tem uma obrigação assim de servir um almoço para os festeiros que caminham com a bandeira do Divino. Então isso, pra mim, é acolhimento. Estou acolhendo eles para o meu lar, acolhendo a festa, mesmo que os festeiros... eu não vá muito com a “lata” deles, nem eles com a minha, não importa porque eu to acolhendo a festa, o Divino. A seqüência da história é a festa do Divino.

..Acolhimento

Certo. E as jantas? Aquele clima de festa, muita comida, a senhora acha que é uma forma de acolhimento e hospitalidade?

..Acolhimento

..Comensalidade

176 Mas com certeza, toda a certeza. Porque daí, como a cada dia é uma capela que vem, dá 20, 30,18, 15 km da sede da festa, eles precisam vir pra cá e saem tarde porque a novena, a missa em si, demora em torno de quase duas horas e essas duas horas com a barriga vazia? Então eu acho que é um acolhimento sim de uma pessoa que veio trazer a sua bandeira lá, representada lá e representada aqui e tem o prazer em... quer mostrar aquele sapato novo, aquela roupa nova, aquele cabelo bem lavado e daí, só pra entrar na igreja e sair? Não, ela quer entrar, vai no jantar... exibir-se e ser acolhida pelos outros, porque geralmente os outros vão elogiar é uma forma de alimento, não achas?

E é uma forma de resistência também? A festa é uma forma de resistência da cultura local?

Com certeza. Absoluta certeza eu tenho disso. Porque tentaram derrubar ela e diminuir as datas porque acharam eu o custo era muito alto e ela envolvia muitas pessoas porque hoje tudo é financeiro. Ninguém mais trabalha gratuitamente. Eles trabalham para ganhar dinheiro também. Eles, às vezes, estão até de férias, tem a esposa do presidente da igreja que ela trabalha na prefeitura, ela tira férias para trabalhar na festa do Divino e essa eu acho que ela é remunerada bem pouquinho, mas, como é que eu podia te colocar isso, tem mudanças, né? São evoluções. Respondi?

Encerro com Claudia e Guadalupe. A narrativa de Guadalupe me enchia de confiança, dada a coalisão das impressões dela, turismóloga como eu, com as minhas. Ao mesmo tempo, a passionalidade que ela demonstrava, o orgulho em utilizar o termo “criuvense”, ainda que Criúva não seja cidade e portanto não lhes garanta naturalidade, há um sentimento de pertença inquestionável, inegável e relevante, que a própria Gradalupe, a Claudia, o Jorge Boca de Sino, o Sr Roni e tantos outros não abrem mão de pertencer, precedendo diretamento da Festa do Divino.

D. Glória, proprietária do restaurante de Criúva me diz:

- “Ah, a festa representa tudo pra nós. E a visita nas casas também representa bastante.
- “Representa uma fé muito grande que cada pessoa tem, a gente tem alguma coisa pra oferecer pra eles. É uma forma de... Gratidão.”

177 E de acolhimento também?

-“Também.”

É uma forma de vocês ficarem bem um com o outro?

F.D.E.S. sentido de vida

..Fé

..Gratidão

..Acolhimento

178

186 - “Sim... É, eu não sei a fé de cada um, porque eu tenho a minha, tu tens a tua.”

187 Criúva vive basicamente o ano todo se preparando para essa festa?

188 - É. Tem as colônias, tem as lavouras de cenoura, de beterraba, de caqui, de... tem macieira também, tem mais a uva. Tem a cantina do vinho do AndrigoLorandi, o vinho dele também está presente na festa.”

Doação

189 Todos fazem doações para a festa?

190 - “Sim, a cantina faz a doação dele, depois ele bota à venda o vinho dele.”

191 E a senhora é visitada durante o período de visitação da bandeirada de vinho?

192 - “Sim. Todo ano

193 Para a senhora, é importante?

194 - “Sim. É o sinal de que o Divino tá entrando dentro da tua casa.”

F.D.E.S. sentido de vida

195 Existe vida para a senhora sem a participação do Divino na sua casa?

196 - “Não.”

197 A senhora espera o ano todo pela festa?

198 - “Sim.”

199 Existe sentido na vida de Criúva sem a festa do Divino?

200 - “Não. É uma das partes.”

201 É um dos principais aspectos de Criúva?

202 - “Sim.”

203 A senhora já teve algum papel na festa? Já foi festeira?

204 - “Não, não. Nunca.”

205 Nunca? Não quer. Dá muito trabalho?

..Receber

206 - “Dá muito trabalho. Eu gosto de estar dentro da minha casa, fazendo minha comida, fazendo meu serviço... E recebo os visitantes, gosto disso, vem muita gente boa, gente querida que a gente nem conhece e que são gente muito legal.”

207 Por último, lhe pergunto, a senhora se sente participando do acolhimento durante a festa?

..Comensalidade

..Servir

208 Sim. Sempre tem o abraço. Eu sirvo café no domingo da festa... Sempre tem gente pra tomar café. Faço uma grande de doce, tem queijo, tem salame... Das sete da manhã até terminar. Eu faço sapecado, tiro as panelas de cima do fogão, deixo os caras fazer o sapecado também. Aí assim tomam café com muita torta, né? E cada um dá o seu valor assim. Alguns até exagera, porque geralmente ela passa o café e põe o biscoito assim.

Qual palavra representa a festa do Divino pra

Criúva se torna uma cidade. E a gente vê mais gente, né? Quando termina a festa termina tudo. Não tem mais ninguém."

Em termos de: fé, acolhimento, alegria, festa, qual palavra a senhora escolheria?

- "Acho que nenhuma."

Nem a fé?

211 - "Festa, eu não vou na festa. Eu só trabalho. Só fico preparando as coisas, né?

Talvez acolhimento fosse uma palavra pra senhora?

- "Pode ser."

A senhora me disse que gosta de receber as pessoas, né?

..Receber

..Servir

212 - "A receber eu gosto. Chegou, pede uma xícara de café, eu ajudo, pediu uma água quente pra descongelar, eu arrumo também, quer tomar banho, ajudo também. Então

213 servir as pessoas que precisam."

Então servir é uma palavra boa pra senhora.

214 - "Tudo o que a pessoa pedir, que está ao meu alcance, eu ajudo."

A senhora faz de bom grado? É sua forma de contribuir com a festa?

- "Sim. Até um chá, se alguém chegar e pedir eu faço.

215 Tudo depende da pessoa. Depende de mim e da pessoa que chega. Eu espero ter ajudado."

216 Por f im consegui encontrar com Mariana Festugatto, a coordenadora que me cederia cinco minutos que se

217 tornaram dez de tão prazerosa que foi a prosa.

Acoordenora da festa de Criúva de 2018 me diz

- "Sou Mariana Casal Festtugato e sou festeira de honra."

218

E pergunto, se a senhora pudesse resumir a festa do divino em uma palavra, qual escolheria? Seria possível resumi-la em uma só?

..Comida

Eu acho que a festa do Divino é um casamento assim com oração, boa comida e diversão. Acredito que a festa é um casamento entre oração, boa comida e diversão Esse é o que eu entendo pela festa do divino! É muita oração a gente faz a visita nas casas, a gente chama de louvações. A gente é recebido - Assim; Começa com uma oração onde as pessoas f icam nos aguardando, esperando que a gente leve conforto Esperança é muito bonito e são várias formas de demonstração através do Choro eles nos aguardam assim com uma fé, uma mini Festa

Visita nas casas

..Receber

219 do Divino é muito lindo a gente chora a gente r i são vários sentimentos num dia só.

220 Neste misto de sentimentos, nessa troca que

..Fé

acontece; será que a palavra acolhimento é cabível?

Acolhimento? É um acolhimento assim... oh as pessoas me pergunta oh como que é a festa do Divino, tu vivenciando ela saindo nas louvações.

229 Eu digo assim: - eles nos aguardam, não é não... são os festeiros, o Divino, a bandeira, o símbolo, com muita alegria, eles arrumam a casa eles perfumam, isso e acolhimento – preparam o alimento é mesa farta é muita comida e Padre Pedro sempre falava e os padres de agora sempre pedem que a gente que, 'tem que dar uma beliscada!' Porque eles ficam esperando com Muita ansiedade por essa visita que é a mais importante porque pra eles a visita do Divino o Espírito Santo é a data mais importante do ano.

..Alegria
..Acolhimento
..Comensalidad
..Comida
..Fartura

O Padre Pedro Rizzon também falava de hospitalidade, ele disse numa nota de jornal que está guardado nos relicários da festa do Divino Espírito Santo: "espero que o Divino Espírito Santo me dê lá no céu a mesma hospitalidade que eu dei a ele aqui na terra". Então eu pergunto, a festa do Divino Espírito Santo de Criúva, significa hospitalidade também?

Hospitalidade... as pessoas acolhem também os visitantes... eles chamam através... agora tem a mídia... mas assim a com os amigos as pessoas são muito bem recebidas aqui e vem uma vez para para festa do Divino e nunca mais deixe de vir.

E a sua vida existiria sem a festa do Divino Espírito Santo?

Hospitalidade
..Acolhimento
..Bem receber

is é! Eu estava pensando exatamente isso... assim... como eu via... Como fala, como eu via a festa do Divino Espírito Santo e a diferença em enciar sendo a festeira de honra... eu quando era mais jovem eu sempre aí muito à igreja. A espiritualidade sempre foi minha luz, minha frente, s eu sempre gostava de me organizar, arrumada, sempre de roupa erente. E hoje vejo totalmente diferente a festa do Divino assim; o amor, gria se eu receber bem as pessoas... eu vou chorar (ela foi às rimas). [CHORE, QUE BOM – É LINDO!]

ceber bem as pessoas e eles virem nas

..Bem receber
..Receber
Amor

venas e dizer assim: Ei, eu estou aqui! Eu vim! Vocês foram me convidar,

230 estou... eu te dou a resposta... isso é muito lindo."

ão resisto, desfiro uma profusão de impressões sobre os sultados prévios da pesquisa saltado das lágrimas daquela ulher- Eu: Isso é acolhimento! isso é acolhimento! Isso é olher e ser acolhido. Você acolhe no seu coração e é acolhido coração de quem você

convida. Acolhimento puro. A festa do Divino Espírito Santo de Criuva, me prova em cada depoimento que é genuína em acolhimento.

235

Eu vou te falar outro depoimento, porque assim, o padre Pedro Rizon foi uma pessoa, uma figura muito importante na vida de todas as pessoas daqui e numa passagem eu perdi minha mãe muito jovem e teve uma homenagem para as mães num domingo. No Dia das Mães... E o meu pai viúvo... Estava sentado na igreja quando a professora disse agora cada um de vocês vai ofertar essa flor que vocês fizeram, confeccionaram na escola, e as minhas outras duas irmãs foram e choraram para o meu pai né e foram abraçar o pai e eu não tinha para quem ir. Adivinha quem veio? Minha ex sobrinha veio de braços abertos no meio do corredor... e eu guardo essa imagem do padre sabe... quando eu fui convidada para festa, para ser festeira de honra, eu lembrei dele, eu não posso dizer que não, de forma alguma, quando veio a pergunta: aceita? Aceito!

Nem pensou?
- “Nem pensei.”

Além da ligação com o Divino Espírito Santo, eu percebo uma ligação com Padre Pedro também. Parece- me que de alguma forma muito proporcional. Tanto quanto amam o Divino Espírito Santo, parece que amam o Padre Pedro em igual proporção.

Muito! Porque o Padre Pedro fazia função do Mordomo, dos Imperadores dos Festeiros, porque ele fazia primeiro para observar, ele tinha o coração muito, muito puro. Ele observava e ele sempre dizia na fala dele: Ah! Como é que eu vou? Porque as pessoas, por mais simples que elas sejam, elas esperam o Divino com uma oferta também e às vezes a gente percebe, que as pessoas, dentro do contexto da impressão, que vai faltar para o remédio, vai faltar para comida, não sei se eu entrei no outro, mas sabe, tenho que te explicar... E aí, eles doam... Mas é com tanto amor. Entende?O Padre Pedro - Quando a gente saia nas visitas ele observava, quando as pessoas eram muito pobres, ao invés deles doarem, recebiam, o Padre recebia e ali mesmo devolvia, ele recebia de alguns e devolvia para outros.” Deixava para quem não tinha
- isso era um gesto de doação. Ele mostrava
isso para nós - o amor. O amor tem que imperar. O amor acima de tudo e não sei se observou que a nossa festa é toda organizadinha, nós só temos uma pessoa... Claro quê que comanda

Doação
..Caridade
Humildade
Amor

alimentação, a parte da culinária, mas o restante é todo doação. Ninguém cobra nada."

Em nossa conversa eu concluo que algumas palavras que são elementares para a pesquisa, aqui também aparecem constantemente... doação, servir, alimento, acolhimento, algumas vezes hospitalidade... Elas até surgem imbricadas, amalgamadas, não necessariamente
240 hospedar alguém tem sentido primeiro em trocar conforto e alimentodinheiro, comohospedagem de hotel e em Criúva há uma leve compreensão sobre isso. Explico à dona Mariana que o que eles fazem aqui é hospitalidade. Dou-lhe como exemplo que quando eu passo na casa de alguém e pergunto – Por favor, me diga onde encontro o restaurante? - A pessoa responde: "Pena que eu já almocei, senão você almoçava comigo!" Com isso, você está sendo hospitaleira comigo. Então eu percebo uma palavra-chave, que aparece aqui em imbuida de predicadosfamiliares que levam ao acolhimento. Logo, tem serviço tem tudo é uma lição de bem receber, estou encantada em falar de hospitalidade.

Tem mais uma coisa que eu quero dizer... mas eu vou dizer assim... eu sai daqui depois que me casei fiquei até os 28 anos aqui fui embora para estudar para trabalhar Voltei quando me aposentei fui muito bem recebida pelo povo de Criúva, eu tenho uma gratidão muito grande, eles me demonstraram fazendo o convite porque ser festeira de honra é um título que se dá uma pessoa que trabalha na comunidade, que se doa, que não vai ter oportunidade pelo fato dela ser viúva ou solteira por opção. Ela nunca vai conseguir ser f e s t e i r a . Entende? Então foi um título criado exatamente por isso e olha só isso, o que me deram, isso é muito grande. Então pode ter certeza que isso tudo, também tem tá no fundinho, no coração, dessa pessoas que tem o padre Pedro Rizzon e o Espírito Santo sempre.

Doação

Isso é puro acolhimento! Você voltou e foi acolhida pela comunidade, já te dando um título desse dizendo o quanto você é importante para eles.

Benção

- "Pra mim é uma benção, foi benção esse convite. Então! E conversar contigo foi um prazer imenso."

Saindo dessa entrevista com dona Mariana, encantada no encantamento dela, visito a cozinha do salão de festa e me deparo com visões inimagináveis para mim à respeito de quantidades de alimentos, tamanhos de panelas e numero de pessoas trabalhando duro. Inicio a conversa com duas ajudantes experientes, as ajudantes de cozinha: Silvana e Maria Helena.

Maria Helena Casagrande, há quanto tempo a senhora trabalha aqui ajudando a fazer a comida pro

Divino?

246 -“Eu já estou aqui desde 2012, seria então o sexto ano esse ano de 2018. Trabalho todo ano na manipulação da alimentação.”

247 Bom, então, se você pudesse resumir a festa em uma palavra, acolhimento, hospitalidade, fé. Qual delas você escolheria?

Hospitalidade

248 -“Assim, uma festa muito grande, um exemplo de hospitalidade, né? Uma festa que todo mundo ajuda, colabora e a gente trabalha unido.”

249 E eu vejo que tem muito alimento, muita fartura... A senhora diria que esse alimento todo é sinônimo de acolhimento?

..Acolhimento

-“Sim. É sinônimo de muito acolhimento, né, as pessoas são 250 muito bem acolhidas. A gente procura fazer o máximo pra agradar.”

Quantas pessoas mais ou menos vocês recebem

251 aqui por noite?

252 -“Aproximadamente umas 700 pessoas por noite.”

F.D.E.S. sentido de vida

253 A senhora imagina sua vida sem a festa do Divino Espírito Santo?

254 -“Não. Não, não. Sem a festa do Divino Espírito Santo não teria sentido.”

255 Muito obrigada.

256 Continuo agora com outra ajudante que tem muitos anos de intimidade com a festa do Divino de Criúva, Silvana SandiBiasuz: Silvana, há quanto tempo trabalhas pra a festa do Divino Espírito Santo?

Família

257 Ih, há vários anos. Eu sempre ajudo aqui. Acho que uns 10, 12 anos. Ah, aqui na cozinha é muito bom. A gente é que nem uma família aqui. E a gente procura fazer o máximo pras pessoas... tem muitas qualidades pra se fazer comida e o pessoal gosta e se sente bem em vir aqui.

Gratuidade

258 E vocês trabalham gratuitamente ou, ou...?

259 - “Sim, gratuito. A gente faz parte aqui da equipe. Sempre é gratuito. A gente faz esse trabalho aqui e a gente tem em troca saúde e tudo que é de bom.”

F.D.E.S. sentido de vida

260 Existe vida sem a festa do Divino Espírito Santo aqui em Criúva?

261 - “Não.”

Hospitalidade

..Fé

262 Você consegue resumir a festa numa palavra?

263 Helena: “Hospitalidade e fé.”

Família

264 Família também, né?

aqui, quantos bois?
- “Não chegamos a fazer um cálculo, né, durante esses 10 dias quantos bois, mas enfim, são muitos bois, sabe? Eu acho...”
Mais de 20 animais?
..Fartura
Sandra: “É. Aproximadamente, acho que sim.”
Helena: “Mais tipo, o agnolline que vai, tipo assim, uns 500, 600 quilos de agnolline.”
Quantos frangos?
Sandra: “Frango tipo 2.500 quilos no espeto, mais de 400 quilos de galinhas pra broto, né, pra fazer o caldo do agnolline...”
Helena: “E mais o molho, tem mais frango pra fazer os tortéis, da massa...”
Sandra enfatiza:
Tem a noite dos tortéi que a gente serve aproximadamente mais de 1.200 jantas. Tem a noite do macarrão também, que são 500 a 700 jantas. Então, assim, a gente não fez um cálculo, né, então é muita carne que vai, é muita massa.

Agora, deixa eu perguntar uma coisa pra vocês duas: acolhimento e hospitalidade, então, é uma coisa típica do Divino Espírito Santo ou típica de Criúva?
Helena: “Eu acho que é do povo mesmo, né, até porque os festeiros, assim, a gente gosta sempre de pegar pessoas que gostam de acolher o pessoal. Bem família.”
Sandra: “A gente costuma dizer que aqui é bem família. Tem uma família que, além da nossa, lá em casa, a gente tem uma família aqui. Tipo assim a gente formou uma família mesmo de verdade, de coração.”
Então tem a família de casa e a família do Divino?
Sandra: “É isso. Entendeu?”
Então, muito obrigada. Foi um prazer conversar com vocês.
Aproveitando o metiê da cozinha, procuro Lauri Zanella, coordenador dos trabalhos relativos à comensalidade dos dias de festa que me diz que já está inserido naprogramação da festa há bastante tempo:
-“Hã... na verdade eu estou há três anos. Em 2016 eu fui festeiro. Em 2017 me pediram pra atender à equipe da paróquia aqui de Criúva, né? Participei na verdade, três anos com esse.”
E o senhor percebe que a festa continua acrescendo?
A festa está crescendo cada ano mais, cada noite mais. Toda noite tem 20, 30 pessoas diferentes a mais, nas janta, no baile, no domingo também dá bastante, só que a gente não tem espaço.Dá muita gente a

..Fartura
..Jantar

mais. Mais de 1.600 pessoas, nós não conseguimos colocar no salão.

Mas, constantemente vocês recebem 1.600 pessoas?

286 -"A gente... assim, na quarta-feira tem a tortelada, e nessa quarta-feira, praticamente, a gente enche o salão. Nessa

287 janta da quarta-feira, Então é uma festa que vem crescendo bastante."

E o senhor acha que as pessoas vêm mais pra essa festa atraídas pelo quê? Simplesmente pela comida ou pelo

288 acolhimento que recebem aqui?

Eu acho que é assim, ó, bastante é pela comida, também assim eles vem pelo acolhimento, porque a gente acolhe bem as pessoas e tem

289 muita gente que é devota do Divino Espírito Santo, então eles comparecem pelo fato de ter acolhimento, isso é muito importante. Nós, da diretoria, como todos os festeiros, a gente começou essa festa, na verdade, em 24 de fevereiro, com a louvação de casa em casa, onde os devotos do Divino recebem em sua casa. Foram em torno de 1.200 louvações, 1.200 visitas...Esse ano. Tanto que do dia 24 até hoje, dia 20 de maio, praticamente são três meses de festa, que os festeiros saem durante a semana, três dias da semana e sábado e domingo. Eles visitam 22 a 23 casas por dia. Agora então, como essa semana começou a novena, então agora eles pararam de fazer louvações. Agora só ano que vem. Tem muita gente devota do Divino Espírito Santo, principalmente em São Marcos, em Feira do Meio, Campestre, São Bernardo, Vacaria, Antonio Prado, Porto Alegre, Gramado...

..Comensalidade

..Acolhimento

E vocês visitam até aonde? Até Caxias vocês visitam?

- "A gente visita até Porto Alegre."

Visita nas casas

290

291

292 Vocês saem daqui em comitiva até Porto Alegre?

293 - "Até Porto Alegre. Tem um ônibus especialmente..."

Doação

294 Quais os benefícios dessas caminhadas e visitas?

Vocês ganham doação?

295 - "A gente ganha doação."

296 Mas vocês vão independente de doação?

297 Independente de doação. Tem gente que dá ou não dá doação é a mesma coisa. Nós da equipe não, né, só os festeiros. A equipe então fica aqui programando a festa, né, e eles trabalham fazendo essa parte ali, os festeiros. Daqui a pouco deve estar chegando já. Então que nem você falou em doação, a gente ganha bastante. Aqui no

interior de campo, a gente ganha 21 terneiros... gado. Vai ser sorteado e feito um leilão na frente do salão, no dia da festa, quem arrematar a ordenha, leva as terneiras. Então isso aí, a terneira, é uma doação, doado vindo do pessoal do campo. Na cidade a gente ganha mais é em valores, tá? Então cada um dá o que pode dar. Dá 5, dá 10, dá 15 reais, a gente não... Tem gente que dá, então é assim é pela devoção em nome do Divino.

..Devoção

Então é pelo poder aquisitivo. Tem gente que pode dar mais, né?

- "É, isso. Então é feito essa parte dos festeiros, convidar o pessoal pra participar da festa do Divino Espírito Santo, porque aonde eles vão e que fale em louvação, é tudo em volta do Divino. Então é feita essa parte ali."

Agora, depois que passa toda essa parte de angariar os produtos, o alimento, depois de tudo, vem a partilha, comunhão e acolhimento?

- "Acolhimento."

Então se o senhor pudesse resumir a festa do Divino em uma palavra, que palavra o senhor escolheria?

- "A festa do Divino pra mim é... pra mim? Eu sou um devoto do Divino. Pra mim... nem sei que palavra ajudaria... ótima."

298 Acolhimento seria uma palavra?

É. Acolhimento é... como se diz? É, é mais acolhimento. É. Eu não tenho muito o que...é o toque, a comunhão, tem tanta coisa que a gente nem lembra. Mas é essa parte de acolhimento, comunhão, assim... não sei se... alegria, porque é uma festa de bastante alegria, a gente faz bastante amizade, a gente forma uma família aqui dentro, tanto com os festeiros como a equipe, então é uma família e todo ano nos montamos uma

299 família.

..Comunhão

..Alegria Família

Sua vida existe sem a festa do Divino Espírito Santo? Tem sentido a sua vida?

Olha, eu não sei, assim, mas, depois que eu me conheço assim como, que eu comecei a participar da festa do Divino, eu não consigo mais ficar longe do Divino Espírito Santo. É que nem eu falei: a gente convive com uma família, a gente monta uma família e essa família é de gente conhecida, né? É uma coisa muito boa, muito importante eu acho a festa do Divino, pra mim, tá? Muito gratificante.

300 Tem mais alguma coisa que o senhor queira me dizer, que eu não tenha abordado?

F.D.E.S. sentido de vida

Assim, eu só queria, assim, mencionar mais ou menos quantas pessoas passam por

301

aqui, na festa do Divino, em torno de 25.000 pessoas a 20.000 pessoas, agora uma coisa importante que eu vou passar, vou falar, tinha o Padre Pedro Risson que, nos anos 70, ele começou a festa do Divino Espírito Santo aqui em Criúva. Se ele tivesse vivo hoje, ele faria 100 anos, completaria 100 anos de vida. Então, agora, dia 19 de agosto, vai ter a inauguração da estátua dele em frente à igreja aqui em Criúva. No dia 19 de agosto, de manhã, às 10 horas, 10 e meia, vai ter a missa, a colocação da imagem em cima da pedra mesmo que é pedra, que nem é feita a igreja e depois vai ser servido um almoço tradicional, aqui no salão com um cardápio...

Assim me despedi do Senhor Lauri Zanella, se quer as contas batiam, pelo menos em minha cabeça, mas isso não importa para a pesquisa muito além de me mostrar quão astronômica se faz essa festa em números, considerando alguns pares de ruas a se considerar geograficamente no que compreende o centro de Criúva, e algo mais de extensão para o campo, de onde vem a grande doação. É mesmo muito impressionante!

Muito em breve, eu redimensionaria o adjetivo "impressionante", ao conhecer o Sr. Jorge de Oliveira Rodrigues (para os íntimos), porque ele faz questão de ser chamado de "Boca de Sino". Ingenuamente ouso perguntar porque e ao abrir a boca em um retumbante: "VOCÊ JÁ VAI DESCOBRIR" (risos) eu fico embasbacada com a potencia e extensão de sua voz. Isso sim, é impressionante! Na figura... Jorge Boca de Sino, em raro momento sem indumentária de gaúcho, mas sob os auspícios do Divino Espírito Santo na soleira da porta do próprio comércio.

Descubro estar diante do último dos companheiros do Padre Pedro Rizzon, dos mais inventivos, com quem mais o Padre contou para criar o "modelo" de festa que Criúva sustenta até o momento.

Explico ao Boca de Sino que eu estou pesquisando a festa do Divino Espírito Santo aqui e também no Maranhão, em Alcântara. Pergunto se ele já ouviu falar?

- "Eu já ouvi falar que lá se faz a festa do Divino."

Então, eu estou colhendo algumas informações aqui e as pessoas que me concedem entrevista eu peço que assinem uma autorização pra eu colocar na minha Tese, tudo bem. Tudo o que o senhor disser e me permitir gravar, eu coloco na Tese. Se o senhor me permitir, tá certo?

- "Eu quero saber o que você precisa saber..."

Certo, eu vou lhe dizer. Então, o senhor concorda

que aqui em Criúva, através do alimento que é servido, tem fartura de alimento? Em quase todos os momentos da festa que são servidos alimentos, não é verdade?
- “Ah com certeza.”
Desde a visitação nas casas até nas jantas, mesmo sendo vendidos ingressos, o senhor percebe muita fartura?
É obrigado ter fartura sempre. Na festa do Divino pode ser frango, por ser açoriana a tradição que veio de Portugal pra cá, né, trazidas pelos bisavós e avós aqui justamente em Criúva, mais é no Distrito de São Jorge da Mulada que se reencontraram ali os Pereira Froz, que era gente lá de Portugal, ele era da ilha dos Açores. Então, eles faziam a festa do Divino e quando vieram para o Brasil, eles trouxeram a imagem do Divino, a bandeira, que é a principal, mas porque o Divino a gente não enxerga ele, né? O Espírito Santo, né? Então eles vieram com uma bandeira e fundaram aqui. Daí começaram a sair nas casas com aquela bandeira, então, e quando era o dia de visitação das bandeiras, dia da louvação então eles já avisavam que naquele tempo era todo mundo a pé, à cavalo, não tinham condução, não tinha nada no tempo do meu pai e ainda era assim, né? Bem, então eles avisavam na linha assim e diziam que no dia tal eles iam visitar. Então eles saiam de manhã, chegando nas casas aquela comitiva, então todo mundo se preparava com comidas e bebidas, faziam o maior banquete esperando todo mundo. Tomavam banho lá na colônia, mudavam de roupa, as crianças ficava tudo limpinho pra receber a bandeira porque a devoção era muito forte.
Eu to falando isso lá pelos anos 30, 40, que
eu nasci. Eu ainda era neném mais ainda vi muito essas coisas porque eu era pequeno e tinha uns cinco ou seis anos foi quando eu vi a primeira vez. Então quando havia batida do tambor, a mãe já pegava uma moeda pra cada criança que tinha pra doar de oferta pra bandeira e fazia era sequilhos, era merengue, era bolacha, era um café forte, um vinho que tinha pela região e todo mundo oferecia.

E porque que se faz tanto alimento para o Divino?
Sei lá. É um sinal de fartura, né? Era muito bom e pra atender bem aquele povo. Não podia fazer o mal porque era um troço que vinha trazer uma benção do Divino que com muita crendice era forte e é que aqui a gente acredita muito no Divino, em milagres que fazia, então no dia da visita da bandeira era uma festa das maiores. Isso aí corria o

318
319
320

..Fartura
..Açores
Visita nas casas
..Comida
..Bebida
..Banquete
..Devoção
Doação
..Fartura
Festa

Gratuidade

município todo aí por uns 60 dias e até depois das doações vinham pra festa do Divino aqui em Criúva, né? Então ali, nós virava os festeiros e aquele festeiro fazia a festa ficava uma semana ali na casa que tinha aqueles fornos grandes, a lenha e ali fazia pão, sequilho, bolacha, assava leitão, galinha que ganhavam, uma ovelha, uma vaca, ganhavam uma vaca e aquilo ali todo mundo comia de graça, não cobravam nada de ninguém, né? E depois, ali pelos anos de 50 e pouco, é que foi baixando nossa festa aqui. Essa festa de comer foi esquecida, trocou os padres, não deram força. Aqueles mais velhos desistiram, né? Mas, no início da década de 70, veio pra cá o Padre Pedro Risson. Eu morava na Mulada ainda, então, naquele ano, eu também vim morar em Criúva, e o Padre Pedro, muito devoto do Divino, religioso, que gostava porque ele lembrava, ele era da freguesia de São Francisco, Santo Antonio da Patrulha, onde foi pároco lá, né, e é muito forte a festa do Divino, e daí, como eu era neto desses Pereira Froz, que chamavam “mijicos”, então eu vi, quando eu era pequeno eu via, mas depois aquilo morre. Eu não lembro mais, não lembro nem a música, nem coisa nenhuma, mas nessas alturas, eu tava com 30 anos mais ou menos. Mas, afinal, o Padre Pedro é que nós um dia saímos e eu não sabia que ele queria tanto levantar a festa do Divino, como ele também não sabia que de alguma coisa eu entendia, né? Etinha os termos de Reis que ele cantava que era da festa de Reis, depois do Natal até 6 de janeiro. Então, eu, como meu avô era cantador do terno de Reis, era improvisador, era cantador, era um Pereira Froz. E daí, eu vim morar aqui e tinha um senhor, o Seu Rogério de Oliveira, já morreu, e tinha o Eri Castilhos, os dois eram do dia 6 de janeiro, e eles falando que diz que quando iam cantar até luz de Reis, no aniversário deles, e daí me apareceram aqui justamente naquele dia. Daí eu disse “vamos fazer um terno de Reis de brincadeira, lá no Seu Olério, irmão do Eri. Aí eles disseram “vamos” e convidamos mais dois amigos, um já morreu o outro ainda ta vivo, são o Maneco e o Benício é conhecido, que cantavam o terno de Reis e eu e meu irmão também, só que a gente tinha desistido, né, e no dia 6 de janeiro, nós saímos daqui e fomos nas casas deles assim a pé e chegamos na casa do tal de Olério e fizemos um terno de Reis surpresa, né, cantamos até mais e meia noite e saímos de lá e viemos ali na casa do Eri, né, e fizemos também no Eri e saímos umas 4 da manhã de lá mas quase que não vamos embora dali

da casa dele e daí tinha deixado os carros ali perto da igreja. Tinha um presépio montado ali, um pinheirinho de Natal, e eu disse pra eles: “Ali em frente à canônica já está tarde, montaram mas ninguém vi falar nada, então vamos cantar um terno de Reis pra esse pinheirinho?”e eles: “Vamos.” . Já tava tudo montado, já tinha tomado umas canas também e fomos ali e cantamos um terno de Reis

Ele continua falando das firulas da época.

Daí diziam que iam fazer no outro ano. Daí veio o bispo, veio tudo e ele gostou tanto, tanto e D. Benedito Zorzi era o bispo da época, de Caxias, e ele gostou tanto que ele doou as imagens e o dinheiro da Diocese para construir a igreja do Santo Rei, a 7 km daqui, ali num tal de Boqueirão. Tem a igreja de Santo Reis até hoje que ele ordenou aquilo por aquilo, nosso canto de Reis. E daí com a festa do Divino, então inventaram tinha que fazer as três novenas, ...(pausa) Mas, aí na festa então era fraco. Aí, passava a bandeira. Mas só a bandeira, não tinha cantoria, não tinha mais nada, tinha terminado aquilo tudo, né? E daí um festeiro exigiu que tinha que fazer as nove novenas, mas ele não era festeiro, um tal de Leovegildo Fidélis, botaram ele de festeiro, era festeiro só porque fazia as nove novenas. E daí eles falaram que precisava a música junto com a bandeira que não sei o quê, né? Aí eu tava ali, né? Não queria me meter. Era morador da vila e pensei: “Eu vou começar a dar palpite aí piora, né? Daí quando chegou o dia pra visitar aqui nas casa, eu disse para o Padre Pedro: “Padre, vamos pegar nossa turma do terno de Reis e vamos cantar? Porque um dia não custa nada”. Ah, ele achou muito lindo. Então nós cantamos uma música que é sertanejo, “Morena, moreninha”, porque ainda não tinha música da bandeira pra nós, né? Bom , cantemos e visitamos. Fizemos cem visitas naquele dia. Aqui na vila.

324

O senhor pode cantar pra mim? Podemos fazer o registro para a Tese?

325

- “Nós cantamos...(risos). Não tem nem instrumento aí...”

Não, mas não tem problema. O senhor canta aqui e eu boto na tese pra depois eu analisar a letra também.

- “Não, mas a primeira eu não me lembro muito, Morena, moreninha, tinham gravado, deve ter em disco e dizia:”

A bandeira do Divino Chegou aqui nessa morada
Veio guiando a bandeira Na poeira da estrada

Visita nas casas

Visita nas casas

Doação Benção

..Fartura

Veio pedir uma oferta
Por Deus sempre abençoada
Pedindo para o Divino
Que aqui não lhe falte nada
Salve o Divino Espírito Santo

- “Mas eu não lembro toda essa letra. Nós cantamos assim. Mas aí, no outro ano, teve um povo que todo mundo quais fazer com cantorias, e nós pegamos outra música que eu não lembro também, era do Ivan Lins que tem o Espírito Santo também.”

Foi Salve a Bandeira do Divino...

É, nós cantamos aquela, mas como daí ficou muito grande a nossa visitação, daí começou a se espalhar, nós começamos aqui na vila e depois nos passamos a pra São Marcos e depois fomos a Flores da Cunha, e começaram a convidar, Vacaria, no São Francisco, por aí pro lado de Porto Alegre, palácio do governo, assembléia e coisa, né? Então daí uma noite nos chegamos e eu disse: “Padre, nos estamos cantando música alheia. Eu vou compor uma música pro Divino.” E ele: “Ah é uma boa. Tu compõe?” Eu: “Sim.”, mas tava todos juntos, então, daí ele foi dormir, os outros vingaram e eu disse não passa lá em casa. Então passamos aqui no porão, né? Eu com meus parceiros de cantoria, né? Eu disse arruma o violão e vamos tomando uma cachaça que eu vou escrever a letra, nós escrevia e eu disse: “e vamos botar uma música já”. Tava o falecido Eli, o falecido Natalino, que já morreram todos, que isso são 50 anos atrás quase, né? E eu fiz a tal da letra e cantamos e gravamos numa fitinha de cassete ainda pra nós não esquecer e no outro dia chegamos e cantamos e o padre gostou muito e tornou-se o hino das nossas festas do Divino e até hoje cantam essa música em todas as casas que chegam e essa é de minha autoria, né?

E o senhor vai cantar agora pra mim?

Visita nas cas

Benção Amor

Família

A bandeira do Divino
Vai entrar nessa morada,
Visitar a sua casa
Pra que seja abençoada
A bandeira do Divino
Veio trazer paz e amor
Convidar vossas famílias
Para a festa em seu louvor.

Festa

Família

Desejamos que a bandeira
Seja a estrela que brilha
Que traga paz e saúde

..Comensalidade

A toda sua família.

Queremos paz e perdão
À família e seus parentes
Trazendo muita alegria
E dando saúde aos doentes

O Divino Espírito Santo
Veio lhe dar proteção
Veio pousar o pombinho
Pra saudar sua procissão

..Comensalidade

O Divino vem pedir
Que aqui não tenha tristeza

Viva somente alegria
E bastante pão na mesa.

Hospitalidade

A bandeira se despede
Desta casa hospitaleira
Dos devotos do Divino
Que estão beijando a bandeira.

Uns devotos estão chorando
Outros sorriem contentes
Se Deus quiser para o ano,
Voltaremos novamente.

Que coisa linda! Deixa só eu lhe dizer uma coisa: enquanto o senhor cantava, eu analisava os versos e percebi duas coisas, o senhor fala sempre em pão na mesa.

- “Isso. É fartura, né?”

E hospitalidade. O senhor fala exatamente daquilo que eu pesquiso. Porque eu pesquiso que a festa do Divino Espírito Santo é fartura e hospitalidade

- “É isso mesmo.”

E Padre o Pedro Rizzon, ele, antes de morrer, ele disse algo que, é até numa nota de jornal aí, que se tem guardada, que ele diz assim: que ele esperava que quando morresse, que o Divino Espírito Santo desse pra ele a mesma hospitalidade lá no céu, que ele dera para o Divino aqui na Terra. Então foi diretamente relacionada à hospitalidade e à fartura.

Hospitalidade

..Fartura

A fartura e a hospitalidade elas... tanto é que os festeiros são uma turma que vem pedir louvação. Saem por 60 dias, 90 dias de andança, porque eu andei 45 anos sendo um dos pioneiros depois que nós vivemos lá, né? Eu acompanhei 40 e tantos anos aí, todos os anos batendo, agora que eu não vou mais porque eu já to com a idade meio avançada, já não alcanço mais tanto pique, né? Mas a gente fazia isso quando era novinho, a gente tinha que se separar aquele grupo que estava e a gente chorava, todo mundo no dia da festa era uma família

Família

só e que o Divino tem uma força muito grande que ele une as pessoas que parece mentira, né? Então, tanto é, que faz 4, 5 anos que eu não saio mais, eu tive doente, um problema de , mas ainda sigo nas novenas aqui, eu ainda participo cantando com a turma, porque de vez em quando eles vem me chamar pra cá, pra lá, em outro município, São Manoel, São Bernardo, né? Vamos com eles cantar. Amanhã no temos que fazer uma missa e de novo eles querem eu, então eles não me dão muito descanso... (risos)

É, eu estou sabendo. Em todo lugar que eu vou me perguntam: “Já entrevistou o Boca de Sino?”, eu digo que vou entrevistar.

E daí esse negócio. A gente continua assim com esse Padre e tudo e a coisa ficou muito grande e nos tinha quatro edições muito bonitas, né? Que se usava, né? Era o terno de Reis, a missa Crioula, Louvação do Divino e a Dança de São Gonçalo. Então a gente tinha essas quatro edições e eu sempre participando junto, né? Eu e ele. Quarenta dias, mas cada uma era uma, então são coisas que como a missa Crioula que se estende por todo o Rio Grande e agora até Santa Catarina fomos fazendo missa Crioula. E era muito linda nossa missa Crioula.É, mas o nosso padre velho fazia tudo. Aqui tem umas fotografias lá do nosso grupo lá com a bandeira, que eu ainda to ali também.

Então tá certo. Se eu lhe perguntasse, já que sua música fala de alimento, fala de partilha, de família, de hospitalidade, qual dessas palavras o senhor elegeria pra representar a festa do Divino aqui em Criúva?

Em primeiro lugar hospitalidade pelo o que o Pe. Pedro dizia que a festa do Divino necessitava três coisas, em todos os lugares que ele ia, ele dizia: muita oração, uma comida farta e uma boa diversão com muito respeito. Essas são as três coisas que Pe. Pedro dizia e podia vir que tinha: oração, comida boa e respeito nas diversões. Isso são as coisas que ele deixou no legado pra nós.

381

Então para o senhor hospitalidade é uma palavra que define a festa do Divino?

- “Define muito, a hospitalidade.”

Hospitalidade

..Fartura

..Comida

Seu Boca de Sino, para terminar nosso assunto, quero que o senhor saiba que para mim foi um privilégio, uma honra, uma alegria mesmo, ter estado aqui hoje e te- lo ouvido. O senhor cantar só pra mim…Foi dos mais

382

singulares momentos que eu vivi em minha pesquisa e não tenho palavras para definir e agradecer.

388 Das mais relevantes contribuições para esta pesquisa, apresento por último a extensa entrevista que fiz com o pesquisador Luiz Antônio Alves, que também publicou sobre“Criúva: um povoado brasileiro” resultado da monografia da especialização em história. Nos três dias que o casal me recebeu em sua casa, fiz uma imersão na cultura gaúcha, na história rio-grandense chegando à entronização das Festas do Divino Espírito Santo em Criúva.

De imediato, logo no primeiro encontro, alí na sala mesmo após apressadas apresentações, o pesquisador e profundo conhecedor da Festa do Divino Espirito Santo de Criúva, começou a dissecar a história e suas multiplicidades, as que foram possíveis para o tempo que tivemos. Foi difícil separar o enredo para usar na Tese, então inicio com a surpreendente revelação que ele me fez em um dos três dias de entrevista:

389 *a principal festa de Caxias do Sul até por volta de 1910 ou 1914 era a Festa do Divino Espírito Santo, porque aqui tinham famílias que não eram italianas e eles tinham essa prática de festejar o Divino*... Um dia, um amigo meu, escritor mineiro, lançou um livro de postais, ele era colecionador de postais (uma coisa antiga) e um dos postais, ele conseguiu na Itália, datava de 1904 e era da Catedral de Caxias do Sul, de uma festa do Divino, que não é essa que está Catedral como a que está aqui hoje, mas já tinha uma construção de pedra e lá em frente estava chegando a procissão com as bandeiras do Divino para entrarem na Igreja... Fiquei pasmo ao receber aquele livro e identificar a data no postal que comprovava a antiguidade da festa na cidade de Caxias... Eu tenho também documento, aqui da Igreja que reunia os fieis para a Festa do Divino, mas eles não queriam saber de documentos, as pessoas querem saber e ver algumas outras coisas. ‘[...] a principal festa de Caxias do Sul até 1910 e 1914 era a do Divino Espírito Santo, por que aqui tinham famílias não italianas, esses são aspectos preponderantes dos aspectos urbanos, agora indo para o interior, por Vila Seca e Criúva’

Ele também me diz que os italianos assumiram também a religiosidade, eles eram por origem católicos, e encontraram uma configuração religiosa como a da festa do Divino Espírito Santo, por isso incorporaram também como sua, saindo da área urbana, da cultura italiana

390

392

dominante, migrando para o universo rural e alí assumiu contornos que permitiu essa coalisão de culturas,
e os italianos aceitaram, vestindo-se inclusive igual aos outros, para desempenhar a mesma atividade (que era cuidar do gado) e essa forma de pensamento nos conduz a uma compreensão de que a adaptação da área rural de Caxias a Festado Divino Espírito Santo teve um ambiente mais propício. Aqui impuseram um certo ritual religioso com regras que veio da Europa, da Itália mais recentemente do que aquela outra que veio anterior, as pessoas aceitam ou não determinadas condições, a igreja ofereceu para eles, os Padres lá em Criúva essa forma de devoção do Divino e eles aceitaram. Então não foi uma coisa espontânea, foi algo trabalhado por determinadas congregações religiosas, principalmente os capuchinhos. Então eles aceitaram, perceberam que vinha de algum lugar aquela situação e se aproveitaram disso e pregaram que aquilo era importante, ao contrario da área urbana onde os Padres não acharam que era importante a manifestação do Divino Espírito Santo, porque eles não encontravam uma forma de atrair os fieis, enquanto que alí em Criúva eles conseguiram, viram que tinham alguns vestígios culturais ligados à festa do Divino por causa daquelas famílias mais antigas portuguesas/açorianas que estavam aqui, ou paulistas e etc. Então eles mapearam a população e viram que tinham alguns elementos que eram importantes, precisavam ser reunidos, reunir os fieis nessa linha religiosa do Divino Espírito Santo. E aí as pessoas seguiram. Os italianos seguiram junto com seus descendentes e temos fases de começar, parar e recomeçar. Mas a igreja, os padres nessa região foram fundamentais para preservação da festa do Divino Espírito Santo.

Açores, Rainha, Fiore

Pergunto sobre suas descobertas em torno da festado do Divino Espírito Santo na base, se chegaram a encostar na existência do monge calabrês Joaquim de Fiore (por que no Maranhão os brincantes fazem essa ilação e eu gostaria de descobrir algum resquício de veracidade por aqui), só para ter certeza de que estamos falando de uma mesma festa com uma mesma raiz açoriana, medievalista com base joaquimita e imediatamente ele me responde:
Sim, sim, sim, tem inclusive essa ligação aparece nesse DVD- ***Divino Espírito Santo Casa dos Açores do Estado do Rio***

..Açores Cultura

Grande do Sul, que vou te emprestar e foi produzido pela RTP (Rádio e Televisão de Portugal), em um documentário que cita também a festa de Alcântara no Maranhão, o de Fiore na Idade Média e a festa de Criúva, esse documentário faz uma triangulação entre a festa do Divino dos Açores com a festa de cima da serra gaúcha e o litoral do Rio Grande do Sul... A festa do litoral tem muito mais elementos açorianos porque é no mar, assim como os Açores é um arquipélago (só lembrando) já aqui em cima da serra, distante do mar foram se adaptando. Portanto, dois vieses se marcam de maneira interessante e elementar: uma que tem origem nos açore e outra que tem origem no continente português, a do continente chegou em São Paulo e Rio de Janeiro, como os gaúchos, a maioria das famílias são de paulistas bandeirantes, combinados com açorianos (o povo gaúcho é uma somatória de paulistas com açorianos que vieram 200 anos depois de Pedro Alvares Cabral, lógico! Então os tropeiros paulistas trouxeram para cá e o outro viés é aquele que os açorianos trouxeram diretamente para cá. Então eles têm uma influência do arquipélago que já mudou bastante na festa do Divino dos Açores em relação ao continente, Lisboa-Portugal (eles já mudaram alguma coisa), e os que receberam a influencia direta de Lisboa e de outras áreas do continente europeu, eles vieram com outra linha.

..Açores

Ele ainda fala de quando esses portugueses chegaram aqui no Rio Grande do Sul, somaram-se às culturas, implicando em questões, principalmente a questão dos casamentos entre açorianos e bandeirantes paulistas que demarca bem as duas linhas. Sobre a festa ser paga ou gratuita em Criúva, Sr. Luiz diz que, como em qualquer lugar do Brasil, os vários grupos sociais que a constituem explicam a problemática:

Tem vários tipos de pessoas ou grupos sociais. Então tem aquelas que realmente entendem as festas religiosas como um todo, não só como a festa do Divino, mas como outras festas: de Nossas Senhora de Fátima, de Nossa Senhora de Lourdes, Corpus Christi, que vão imbuídos da fé, então eles são crentes e vivem uma religiosidade grupal e existe outro grupo que vai participar só pela diversão. Tem um grupo que entende o significado da festa do Divino como uma manifestação religiosa de fé, sagrada e a outra que vai se aproveitar para a festança e nessas festas eles fazem bailes e quando programam a novena com missas diárias todas as noites, vai um

..Manifestação religiosa

..Festa pagã

pequeno grupo de pessoas, mas para o jantar depois da missa e o baile com conjuntos e bandas, aí enchem o pavilhão; pouca gente na missa e muita gente na festa. Tem ainda o viés econômico, são três forças que se digladiam para obter esse dinheiro que é arrecadado porque vai muita gente. Há pouco tempo atrás ainda, quando um dos padres que mais trabalhava com essa festa que era o Padre Osmar Possamai, que era o vigário lá em São Marcos, era muito amigo nosso, vinha aqui em casa, a gente pesquisava, ele era arqueólogo... Ele ficou muito chateado com o interesse das pessoas em ir à festa e não irem à missa e aí ele começou a cobrar dos festeiros que eles teriam que organizar essa parte religiosa e criou uma divisão em Criúva e teve gente que começou a não gostar do Padre Osmar por isso". Eles queriam movimentação financeira e turismo e o Padre não queria isso e por isso se afastou à medida que foi delegando mais poder aos festeiros. "Criou uma dificuldade, que o Padre Osmar foi se afastando aos poucos da festa, assim ele delegou mais poderes aos festeiros para que eles administrassem melhor isso aí. A receita era desde a administração da catequese até cursos para pessoas mais velhas, distribuição de agasalhos a pessoas mais velhas e outras obras de assistência social. Aí aconteceu essa divisão onde que essas pessoas queriam era arrecadar o ambiente turístico de Criúva. Uma das dificuldades que se queixava o Padre Osmar na época era de que sobrava pouco dinheiro, em torno de somente 10 a 15% da arrecadação, porque as pessoas iam lá pedir que tivesse um ou dois bailes para reunir as pessoas e queriam conjuntos caros de 15.000,00 enquanto a arrecadação geral era de 20 a R$ 25.000,00 sobrava muito pouco, e contou para nós, como amigo intimo nosso, então como eles começaram a fazer rifa de automóveis que dava inclusive para pagar o automóvel e ainda sobrava receita, então isso criou uma divisão e a partir dai então, pouco antes do Padre Osmar morrer, sair lá da paróquia, houve uma mudança na festa do Divino, nós tínhamos um envolvimento com a festa junto ao Padre Osmar, e queríamos fazer um intercâmbio com os Açores, com o apoio da Casa dos Açores de Gravatai, fazendo uma aproximação das pessoas daqui de Criúva e Vila Seca que iam para os Açores com tudo pago por lá, o que só acabou quando veio a crise financeira europeia, ficaram uns 10 anos enviando as equipes para lá, só que com o racha (entre grupos de interesses) que

houve, nunca mais se interessaram em fazer esse intercâmbio... Tanto é verdade que ninguém te falou do DVD que foi produzido pela RTP, nem da Revista, porque não houve interesse cultural dessas pessoas, somente o turístico e o financeiro.

Pergunto sobre o ponto primeiro da festa em Criúva, a gênese,

397

398

A Festa do Divino Espírito Santo em Criúva, a festa teve um impulso quando veio uma professora de Santo Antônio da Patrulha, professora Zequinha, (quem levantou essa história foi a Sandra). Essa professorinha recebeu do pai dela uma bandeira do Divino para trazer com as tralhas dela para vir dar aula aqui em Criúva, para proteção e por uma coincidência do Destino Criúva pertencia a São Francisco de Paula na época, que pertencia a Santo Antônio da Patrulha, então São Francisco era um Distrito de Santo Antônio da Patrulha e a Criúva era uma Vila pertencente ao Distrito de São Francisco, um ano depois são Francisco se emancipou de Santo Antônio e porque que a professorinha veio de Santo Antônio da Patrulha? Porque Criúva pertencia a Santo Antônio e as professoras municipais eram nomeadas para os Distritos de Santo Antônio, que era São Francisco e dentro de São Francisco tinha a capela da Criúva, aí veio a professorinha para cá e deixou entro do baú aquela bandeirinha do Divino. Anos depois alguém descobriu essa bandeira, tiraram a história do baú e junto com a professora Zequinha e a família dela de Santo Antônio da Patrulha, com parte do que ela conhecia essa festa do Divino mais antiga, trazida pelos açorianos a Santo Antônio da Patrulha e ela veio e uns 15 a 20 anos depois, quando tiraram do baú a bandeira, um pároco, o Padre Pedro Rizzon viu que tinha elementos para conciliar e reunir os fiéis em torno da bandeira e aconteceu todo esse fenômeno que é a festa. Por que que aqui teríamos mais elementos de açorianos do que de paulistas? Porque a primeira bandeira que veio para cá era de açorianos que foram para Santo Antônio da Patrulha (a família Brito ainda tem a bandeira original). Quando a festa apresenta mais elementos paulistas, ela é muito ligada aos bandeirantes e as cavalhadas, todo o ritual e ornamentação tem mais ligação com as cavalhadas. Mas aqui eles se uniram ao tradicionalismo a partir de 1950 o tradicionalismo se fundiu à festa e eles esqueceram aquela parte de Santo Antônio da Patrulha que era parecido com o negócio dos alferes, todo mundo de roupa boa, de gravata e começaram a usar

Tradição da Festa

..Açores

bombacha, lenço, gaita, quando antes a festa do Divino era só com rebeca como nos Açores e no máximo uma viola.

- “O Padre, aqui no interior, quando ele vai rezar a festa do Divino Espírito Santo, ele prepara a mesa com todas as pilchas gaúchas para rezar a missa, até o cálice é um nó de pinho, por exemplo. Por que ele faz isso? Para se aproximar dos gaúchos, das raízes. Por que na verdade a festa original não tinha isso e o Padre Osmar e o Padre Pedro, eles estendiam como toalha o couro de uma vaca e tudo ligava a fé ao tradicionalismo e aí nasceu a missa crioula com linguajar diferente.”

Deveras impressionada com tanto para ilaçar, apreender, me ocorre a questão da tradição e todo o ritual gaúcho que adorna a festa e sobre isso ele me diz:

Isso de fato sempre vai ter aqui, com alguns elementos da festa dos Açores. E os Padres formatam a tradição católica com a tradição gaúcha e formam o melhor cenário para comungar os mesmos ideais e os mesmos princípios de hospitalidade, acolhimento e fé e se a tradição não se unisse com a religião, aqui, não existiria a festa do Divino. Os Padres entenderam que esse era um bom caminho a seguir e enquanto Padres da área urbana diziam que essa era uma festa pagã, profana, ao contrário dos Padres do campo que tiveram a inteligência de aliar tradição e fé. Essa festa, por muitas congregações diferentes, não era aceita. Havia um racha na igreja católica de forma muito difícil e nos Açores aconteceu que o Rei começou a usurpar algum patrimônio dos franciscanos porque eles entendiam que estavam dividindo o tesouro que seria para o rei e estava indo só para a Igreja. Então eles confiscaram alguns templos nos Açores porque achavam que o povo levava todas as suas doações para o Divino e não dava para o rei, então quando se criou aquelas histórias das Casas de Misericórdia, eles viram que aquilo era uma concorrência muito grande na arrecadação de impostos para o rei e que a Igreja estava tratando de forma diferenciada. Existia na Idade Média um acordo entre o poder político e o religioso com um acordo monetário onde o principal era do rei e somente algumas propriedades e doações ficavam para a Igreja se sustentar. E com a Festa do Divino Espírito Santo tudo se reverteu e o povo estava ajudando mais a Igreja do que ao rei e o Papa da época renegou a festa como sendo manifestação pagã. Somando tudo isso ai, vem dar aqui [...].

A pesquisadora Sandra Maria Schmith Alves, me

diz: “vou te mostrar uma série de revistas com várias matérias sobre a festa do Divino Espírito Santo, ... inclusive, em uma delas, há uma afirmativa de que é o Joaquim de Fiore que dá origem a essa manifestação,” ela também diz que em uma delas, de sua autoria consta a parte histórica da festa. Há também matéria sobre a bandeira do Divino (A Revista é do Irtituto Cultural Português de Porto Alegre, Luis Antônio Alves é um dos editores).

Pergunto sobre o acolhimento e a hospitalidade na festa de Criúva, através do alimento, ela fica pensativa e depois conclui que não percebe assim.

Eu percebo da seguinte forma, é mais a parte espiritual, porque a bandeira é passada de casa em casa e quando a bandeira chega em uma casa ela vem para abençoar um doente, vem para pedir dinheiro para a festa, mas vem todo o grupo cantando as músicas para limpar a casa de alguma espiritualidade negativa e trazer a força do Divino Espírito Santo através da bandeira, tanto é que eles chegam, o casal recebe a bandeira e o grupo fica cantando alí fora pedindo luz, pedindo força para aquela família e para aqueles vizinhos. Então, o Padre, ou a autoridade espiritual passa em todos os cômodos da casa com o casal e depois se faz uma oração final e uma cantoria e eles vão embora seguindo para levar a bandeira a outras casa com o compromisso principal de levar a fé aos devotos do Divino. Quanto a questão da alimentação, ela não é o ponto principal e pagam por isso, não é um bodo sem custo, como nos Açores.

Visita nas cas
Família
..Fé
..Devoção
Benção

403

Pergunto agora sobre o alimento que normalmente, as donas de casa servem ao final das visitas, e ela me responde que não é obrigatório. Eu insisto que não é obrigatório mas é costumeiro e ela acaba por dizer:

- “Nós aqui sempre oferecemos um café, então a gente tem o costume de marcar de acordo com aquele horário para servir um bom café, comidas tradicionais da nossa casa: pinhão, pão, cuca, um café farto e depois eles ainda vão seguir viagem, entrar em várias casa para depois jantar, então nós temos esse costume, mas não é obrigatório”.

404

Eu endosso dizendo que não é mesmo obrigatório, é só costumeiro. Ela continua:

A gente sabe que toda casa oferece alguma coisa para eles além de uma contribuição para a festa e essa questão da alimentação está também ligada ao queijo do Divino, é que começou o costume de cada pequeno

..Fartura

Doação

proprietário doar um pouco de leite para fazer o queijo gigante que será sorteado ao final da festa. Então o vinculo com essa comida eu vejo relacionado a isso. Todos se juntam e doam o leite que é tirado naquele período de festa para fazer o queijo e o queijo (que varia entre 180 e 150 kg é uma atração também), agora, o Luiz participou do bodo do Divino nos Açores e lá não tem custo nenhum, fazem os pães, a sopa, a procissão para as crianças, tudo gratuito e na Ilha Terceira (em 2005) eles fizeram a alcatra e os pães e aquilo eu identifico como o verdadeiro bodo servido para as pessoas carentes.

Vocês me contaram que desde a morte do Padre Osmar vocês foram se afastando da festa e passaram a se dedicar à pesquisa sobre a genealogia açoriana, mas me falem um pouco sobre o que viram nos Açores dizendo:

Nos Açores, onde o símbolo da festa é a coroa, o cetro, o altar, a gente percebeu que existe uma fé muito grande no Divino e que aquela coroa ela passa uma noite em cada casa para depois ser levada ao altar e então ser consumada a festa e aqui, na pesquisa que eu fiz para reconstruir a história da festa do Divino, eu entrevistei algumas pessoas idosas e elas falaram que há muito tempo atrás houve a festa do Divino aqui, inclusive a minha mãe casou no dia da festa do Divino em Criúva e junto com a festa do Divino tinha também as cavalhadas que era também a representação dos mouros e cristãos, só que por um bom tempo a igreja cortou a festa do Divino, porque as pessoas tinham muita fé nessa festa e não estavam tendo muita aproximação da igreja vinda da Itália, então a festa estava uma certa concorrência.
Então essa festa saiu de dentro da igreja e
começou a acontecer fora da igreja, nos salões paroquiais, CTGs e tal e agora, há poucos anos, é que ela começou a voltar, mas a bandeira do Divino sempre foi cultuada pelos ancestrais, inclusive os nossos, tanto é que temos uma bandeira em casa e a gente olha para a bandeira e o sentimento que a gente tem é de que aquilo alí é uma simbologia de muito poder, de muita cura, né. E a minha mãe tinha o costume de fazer a “mesa de inocentes”e veio de um costume que era o bodo e o que que significava isso, quando alguém estava assim muito doente chamavam sete crianças e oferecia uma refeição a estas crianças pedindo a Deus que ajudasse na recuperação daquela doença e era também uma forma de agradecimento pelo

409

410

restabelecimento da saúde da criança doente. E isso veio do bodo do Divino. Também preciso dizer que meu pai nasceu na Mulada, na terra dos Bertussi, a irmã do meu pai era casada com Adelar Bertussi, Criúva era zona urbana e Mulada era zona rural naquela época, né. Mas enfim sempre me disseram da grande rivalidade entre a Mulada e a Criúva e quando Criúva passou a pertencer a Caxias do Sul ficou junto no mesmo município da mulada, então houve alí uma grande diferença, o que era antes São Francisco de Paula e depois passou a ser Caxias do Sul." (depoimento da Sandra)

Eu aproveito e destaco as palavras: hospitalidade, doação, acolhimento, fartura e digo que elas me surpreendem, no enredo dos dois pesquisadores e a Sandra pergunta, mas porque te surpreende? Eu explico que logo no início me parecia que eles viam a festa atual de Criúva como algo mais comercial, mas com o desenrolar da narrativa, o que tem de profundo aparecere aos poucos velado ou explícito nessas singulares palavras destacadas. Ela diz

- "A propaganda maior que se faz do gaúcho, do tradicionalista é que ele é hospitaleiro e sempre vai haver um lugar para pousar, uma água, um banho, uma comida."

Eis o cerne do inegável e cada vez mais óbvio. E com uma boa janta ao pé do fogão de lenha nos despedimos. No terceiro dia de entrevista com muitos empréstimos de livros e revistas, além do acesso ao acervo particular dos dois, sobre as viagens aos Açores e o cabedal de experiências em pesquisas sobre a genealogia açoriana.

Hospitalidade

..Comida

E então, só para confirmar mais algumas das investidas de Antônio Alves, (já finalizando as entrevistas), conversei com PadreMário Pedrotti que nasceu no ano de 1933 e me disse lembrar de quando criança frequentar as festas do Divino Espírito Santo em Caxias do Sul. Infelizmente não lembra do nome do suposto responsável por ter trazido a organização da manifestação que seria D. Orestes Oliveira da Cunha, ele me disse "Nunca ouvi falar desse nome"

412

Em nossa conversa eu lhe disse que este veio pra cá, pra instituir a festa do Divino Espírito Santo quando aqui ainda era vila?

- "Quando era o quê?"

Aqui ainda era vila. Aqui em Caxias?

- "Não sei sobre isso."

Ele veio a pedido de D. João Batista Argenta.

- "Ele era um padre, não era bispo, era... o Argenta, o

primeiro nome dele era... Dom João Batista Argenta era um sacerdote, não era padre, nem bispo. Era Dom porque os italianos se chamam de Dom."

Eu encontrei no jornal desta forma, aí eu queria tirar essa dúvida. Eu só queria saber que ano era esse, mas ninguém sabe me falar.

422 - "Realmente em Caxias a festa do Divino era uma festa muito bonita. Quando eu era criança ainda tinha essa festa."

O senhor ouviu dizer que em algum momento ela foi uma das principais festas religiosas?

- "Acho que Até certo ponto foi porque a gente festejava todos os santos. A gente festejava Santa Teresa, o Divino, a Maria Menina, Santo Antônio..."

423 Mas em que ano começou o senhor não tem muita lembrança?

- "Ah não faço idéia. Tu não conheces aquele livro do Padre Brandalise que ele escreveu sobre as histórias de Caxias, não?"

Eu soube dessa informação que pra mim foi muito preciosa, que em Caxias em algum momento a festa o Divino foi muito importante. Isso nos idos de 1902...

424 Ah, não sei por que eu não tinha surgido ainda. Inclusive eu tenho um livro que Padre Brandalise escreveu, o padre que me mandou pra o seminário, e me botou nessa fria, ele escreveu um livro sobre o histórico de Caxias, e eu não sei se ele trata desse assunto. Esse livro eu tenho, só que agora eu não posso procurar, se tu passar outra hora... E porque tu ta fazendo essa pesquisa?

425 Porque nós temos essa festa no Maranhão e aqui no Sul. E agora eu quero encontrar as aproximações. Eu faço Doutorado em Turismo e Hospitalidade na UCS.

APÊNDICE C

Cor	Código de origem	Código	Pseudónimo de código	Segmentos codificados de todos os documentos
	Cuidado	Atenção		1
	Gentileza	Cuidado		1
	Esmolar	Distribuir		1
	Agradecimento	Rendição		1
	Troca	Receber e ser recebido		1
	Doação	Sustento		1
	Dádiva	Retribuir		1
	Conversar	Ir ao encontro do outro		1
	Congraçamento	Confraternizar		1
	Religião-osidade	Adoração		1
	Gratuidade	Boa vontade		1
	Visita nas casas	Peditório		1
	Promessa	Sonho		1
	Passado	memória		1
	Alimento	Banquete		1
	Cultura	Festa pagã		1
	Humildade	Ceder o seu lugar		1
	Passado	Gentileza		1
	Hospitalidade	Dádiva		1
	Religião-osidade	Católica		1
	Comensalidade	Pratos		1
	Cultura	Manifestação religiosa		1
	Cultura	Cultura popular		1
	Dádiva	Dar		1
		Passado		1
	Banquete	Refeição		2
	Encontro	Conversar		2
	União	Estar junto de		2
	Doação	Donativos		2
	Hospitalidade	Encontro		2
	Hospitalidade	Congraçamento		3
	Alegria	União		3
	Comensalidade	Alimento		3
	Hospitalidade	Retribuição		3
	Religião-osidade	Promessa		3
	Doação	Esmolar		3
	Alimento	Bebida		3
	Alimento	Doces		3
		Humildade		3
		tradicionalismo gaúcho		3
	Agradecimento	Gratidão		4
	Doação	Jóia		4

•	Doação	Dar e receber	4
•		Açores, Rainha, Fiore	4
•	Troca	Graça	5
•	Doação	Caridade	5
•	Hospitalidade	Troca	5
•		Gratuidade	5
•	Hospitalidade	Receptividade	5
•	Hospitalidade	Bem receber	5
•		Amor	5
•	Açores, Rainha, Fiore	Açores	6
•	Dádiva	Receber	6
•		Cultura	6
•		F.D.E.S. sentido de vida	6
•		Benção	6
•		Religião-osidade	6
•	Alimento	Almoço	7
•	Hospitalidade	Comunhão	7
•		Festa	7
•		Agradecimento	7
•	Alimento	Jantar	8
•	Religião-osidade	Devoção	10
•	Amor	Alegria	11
•	Alimento	Fartura	11
•		Tradição da Festa	11
•	Hospitalidade	Servir	12
•		Família	12
•	Alimento	Comida	13

ANEXO A – LETRA DA MÚSICA “MINHA CRIÚVA”, DE JORGE BOCA DE SINO

Da paixão do povo de Criúva sobre a própria história, imbricada na fé e nas práticas religiosas, surgem manifestações como a letra da música “Minha Criúva” da autoria de Jorge Boca de Sino:

MINHA CRIÚVA – letra e música (Jorge Boca de Sino)

Lá onde eu moro
É um recanto do meu país
Onde se vive feliz
Com saúde e alegria
Quantas belezas
Que existem na minha terra
Os campos de Cima da Serra
Pertinho de Vacaria
Na minha terra
Quando o dia vem clareando
É lindo estar escutando
A passarada que canta
Se ouve a voz
De todos os bichos da mata
E o murmúrio da cascata
No Vale do Rio das Antas.

No CTG
Que cultua a tradição
A peonada e o patrão
São puro e hospitaleiro
Chegue em Criúva
Pendure o pala e o mango
Entre para dança o fandango
Na pousada dos tropeiros
E a mulherada
Que vive no meu rincão
É uma fonte de paixão
Prenda senhora e viúva
E a gauchada
Que do perigo não correm
Se for preciso até morrem
Missa crioula
Terno de Reis no rincão
São Gonçalo e louvação
Do Divino Espírito Santo

No ponto alto
A nossa Igreja matriz
É o que todo mundo diz
Que é uma das mais bonitas
Feita de pedra
No braço da nossa gente
Fica gravada na mente
Do povo que nos visita
Velha Criúva
Encontro dos carreteiros
E entre os velhos tropeiros
Faziam suas pousadas
Mas o progresso
Que veio para melhorar
Nunca mais se viu passar
Em Criúva uma boiada

Pra defender a Criúva.
Minha Criúva.

Quem não conhece, visite
Por isso deixo um convite

Deste gaúcho teatino
Venha chegando
Divertir-se em nosso meio
Assistir nossos rodeios
E as Festas do Divino

O Padre Pedro
Patrão espiritualista
Baita tradicionalista
Pessoa que eu amo tanto